

Marco
VALENTINO

OS MAFIOSOS - LIVRO 4

STEPHÂNIA DE CASTRO



Marco
VALENTINO

OS MAFIOSOS - LIVRO 4

STEPHÂNIA DE CASTRO

Copyright © 2020 Stephânia de Castro

Capa e projeto gráfico: Stephânia de Castro e Jéssica D. Santos

Revisão: Elaine da Silva

Revisão Final: Gláucia Padiar

Imagens: Adobe StockPhotos e Freepix

Marco Valentino – Os Mafiosos – Livro 4

1. Romance Contemporâneo
2. Ficção Romance

Edição Digital

Criado no Brasil. 1ª edição / 2020

Esta obra segue as Regras do Novo Acordo Ortográfico

REGISTRADA E PATENTEADA NO REGISTRO DE OBRAS E NA
CBL

Todos os direitos reservados Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes datas e acontecimentos reais é mera coincidência. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Este livro possui um selo de rastreamento digital criado pela startup Flocky, essa tag monitorada junto ao aplicativo de mensagens como Telegram, Whatsapp e sites de compartilhamento ilegal. Assim que descoberto, é possível identificar o usuário origem do compartilhamento e todos os demais que possuem a cópia de pirataria, assim como a quantificação de arquivos reproduzidos.

Dedicatória

Quero dedicar este livro primeiramente Deus e a todos que estão ao meu redor. Sejam eles família, amigos e leitoras. Que apoiam incondicionalmente meu trabalho, me incentivando a continuar sempre nessa caminhada.

Playlist



Clique em um dos ícones para ser direcionado



Nota da autora

Bom... Vamos para uma jornada com nossos mafiosos, teimosos e cheios de sedução e marra?

Então primeiro antes de iniciarmos essa leitura queria ter um bate-papo com vocês.

Vamos lá...

1. Já disse anteriormente que não costumo fugir do que o personagem propõe.
2. Neste livro teremos algumas licenças poéticas, então tente compreender o fluxo da história.
3. Uma coisa que tem me chamado muita atenção é que ultimamente as pessoas andam procurando vê-las dentro do livro. A leitura é uma viagem para um mundo fictício, então não tem como as pessoas, no caso, os personagens, serem e agirem com as nossas concepções. Eles assumem o papel da vida deles e agem conforme tal. Na vida ninguém é perfeito como nós não somos também.
4. Os personagens dessa história têm a vida deles, portanto quando estiver lendo lembre-se que se trata de uma história e não sua vida pessoal.

5. Ainda teremos pontas soltas para encerrarmos nos dois livros restantes que estão para vir.
6. Ao final do livro deixe sua avaliação isso me ajuda muito a propagar meu trabalho.
7. Obrigada por estar aqui. Se está é que tem me acompanhado desde o primeiro.

Epigrafe

“Tolerância é você dar para todas as pessoas os mesmos direitos que você reivindica para si mesmo.”

- Autor Desconhecido

Síntese

Todos têm suas histórias, seus medos e seus defeitos.

Marco é o terceiro dos quatro irmãos.

Sério, concentrado, observador e muito metódico, ele é o mais tentador dos Valentino. Um verdadeiro predador e estrategista, que esconde o seu EU das pessoas a sua volta mais do que elas possam imaginar. Como Luca, o Valentino de olhos verdes, ora azuis, também cultiva suas marcas do passado, fruto do tratamento que recebeu de seu pai durante a infância. Marcado por alguns traumas, Marco não quer e se recusa a se envolver em relacionamentos duradouros, prefere ficar sozinho, dentro da sua própria bolha. Egocêntrico e sexy, usa e abusa de jogos sexuais para levar sua vida, e se realiza nesse mundo de prazeres, entretanto uma brincadeira de "apenas uma noite" coloca em risco sua pose de bom moço. E o leva a ter que replanejar toda sua vida, porém se recusa amar alguém.

Mas será mesmo que até o Valentino mais sexy e sedutor será imune as armadilhas do amor?

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Epílogo](#)

[Spoiler Rafaello Valentino](#)

Prólogo

**DOIS DIAS DEPOIS DO BAILE
DE CARIDADE DE BELLA**

MARCO

Gostava desses poucos momentos de paz, onde só escutava as latentes e vertinosas lembranças dentro do meu cérebro. Elas gritavam e pediam para que pudesse escutá-las. Por isso procurava o recanto da minha cobertura no *Upper East Side*, era bem aqui que conseguia meu tempo sozinho, sem ninguém me pedindo para cumprir regras ou mesmo me contando seus problemas. Tinha os meus em demasia superiores para ficar sendo conselheiro ou um “ouvido amigo”. Já não bastava meus irmãos que tinham o péssimo hábito de não serem racionais, que tudo despejavam em mim, desde os dilemas em seus casamentos até seus problemas sexuais. Me sentia perto deles como uma caçamba de lixo, onde tudo era despejado em mim.

Por parte isso era minha culpa.

Desde que percebi que só me destacaria entre eles por ser o mais controlado, — quando é que você vai se destacar em uma família onde se tem um primogênito com o coração mais nobre do mundo e que também tem um *pavão* como caçula? Também tinha Raf, mas esse estava em seu canto quieto cuidando de seu casamento exemplar — por isso tomei a atitude de sempre observar, pensar, reanalisar e depois de ter tudo extremamente pensado e arquitetado agir calmo e controlado.

Sim esse era eu. O terceiro filho, o qual nunca seria nada. Que não passaria de mais um dos lacaios do irmão poderoso. Contudo não me conformei que seria apenas Marco Valentino. Teria que ser algo de especial, já que meu nascimento não foi algum evento apoteótico.

Vim ao mundo para ajudar Giovani a reger a cadeira do velho e se esse era meu papel faria dele o melhor e me faria indispensável.

Não que isso fosse para ser glorificado. Mas era assim que eu mostraria quem eu era e não as sombras dos outros.

Alguns podem achar que sinto inveja dele, porém a uma percepção muito grande do que pensam de mim e do que realmente EU SOU e penso. E não tenho nenhum sentimento pesado contra Gio. Simplesmente o admiro por ter lutado de maneiras diferentes por tudo que pensa. Muitos o acham fraco, por ser mais coração que razão, um tanto passional, entretanto nunca vi um homem lutar por aquilo que ele quer da maneira que faz. Ele sempre nos protegeu à sua maneira. Esse é o problema das pessoas; em achar que as coisas eram e sempre serão. Portanto, foi a minha necessidade de mostrar que sempre precisariam de mim que me fez admirá-lo e querer estar ao seu lado.

Não serei um falso moralista ao dizer que sou um homem perfeito, me faço de perfeito é diferente, porém tenho gostos e atitudes que dizem ao contrário. Planejo e vivo muito bem, sempre traçando perfeitamente todas as linhas do meu amanhã, sou bom em tudo que faço... — em qualquer âmbito —, seja ele profissional ou sexualmente. Aprendi desde cedo que preciso ser cauteloso e meticoloso, uma verdadeira ave de rapina, um completo caçador e predador ao mesmo tempo, porém me controlo muito para não dar vazão a minha vontade de mandarem todos se ferrarem, por vários motivos.

Amo minha família, quebrada e torta. Pois me acho o mais torto deles.

Gosto de sexo, muito por sinal e não sou um santo quando se trata de suprir minha necessidade mais básica — que para alguns é comer, respirar, dormir e ser amado —, a minha não. Preciso de sexo e mais sexo e, não me importo da forma como ele vêm — claro que faço minhas ressalvas sobre o que gosto —, todavia o que me farta é a liberdade de sentir a mais

poderosa sensação primitiva do homem: o orgasmo. Uma palavra que para alguns tem definições de amor e de compartilhamento, mas para mim é de liberdade. É onde eu sou Marco, simples e reto. Gosto dessas variações que sinto quando estou dentro de uma boceta, ou uma boca ou até mesmo em um rabo apertado. Também de mãos, ou até mesmo pés. Desde que eu goze não me importa como seja.

E para que não pensem o contrário; sou heterossexual e completamente doido nas mulheres... minha diversão perfeita para solucionar quaisquer das minhas inquietudes. Gosto de ver, de participar e não me preocupo com a quantidade e sim com a qualidade do momento. Se é baunilha, se é rapidinho, se é sacana, se é orgia ou BDSM estou dentro. Claro que já pratiquei de tudo e por isso tenho minhas predileções. Não me considero sádico, mas gosto de uma mulher submissa, que me deixa fazer tudo que quero, só não curto esse lance de infligir dor, mas que é delicioso ver uma mulher aos seus pés e ser sua... Ah! Se é... e como gosto do fruto de *Eva*, quero várias, cada uma com seu jeito. Para falar que não causo dor, o que faço é deixar bundas branquinhas bem vermelhas quando me pedem, caso contrário quero chupar e foder muito suas bocetas.

Outras preferências da minha louca sexualidade é que prefiro não me envolver com mulheres novas e solteiras. Elas se tornam exaustivas e muitas até fúteis, gosto das que querem sexo livre e não querem se comprometer. Geralmente são casadas ou já estão em um nível de sua vida que só querem sexo. Não que não saio com mulheres solteiras, mas evito muito as mais novas, até por que já tenho mais de 35 anos e o que menos preciso nesse momento é de confusão com as famílias delas.

Confesso que evito, a não ser que meu tesão supere essa linha que costume não ultrapassar.

E hoje, particularmente, me dei o luxo de sumir por algumas horas, apenas para ficar deitado e esticado em uma das espreguiçadeiras ao redor da piscina, sentindo o leve sol de primavera, aproveitando um dos meus lugares preferidos.

Queria poder ter mais desses breves momentos, quando está só eu e meu interior gritante. Que pede para sair e ser liberto da jaula que o prende dentro de mim; porém quando o deixo livre, não só coisas boas saem, junto com elas extravaso todas lembranças que durante anos tentei expurgar. Não que isso me fizesse mal, mas revela o quanto tóxico eu posso ser. De como me sinto, partindo desde minha infância opressiva até quando vi seu corpo imóvel ao meu lado, depois que compartilhávamos dos nossos desejos sujos.

Foram tantas coisas nesses anos que não deixariam de existir de uma hora para outra e quando essas cadeias de sensações começam apertar minha garganta me fazem esquecer o bom moço e acabo deixando o monstro sair para um passeio.

Fico cego, como nesse momento que a maior lembrança vem com tudo e me toma.

Quero torná-la real e nessa cadeia que sucede já esqueço de tudo ao meu redor, me ligando só no que sentirei.

Sou guiado pelo único instinto que não reprimo quando novamente deixo o espaço externo e entro no interior do duplex. Vou para o quarto que mantenho em segredo, logo atrás do meu, escondido por uma porta falsa, bem feita na parede, ali abrigo um íntimo e perverso eu. É neste quarto que ninguém sabe quem realmente sou.

Sinto-me ansioso e eufórico, com todas sucessões hormonais, sentindo meu pau se enchendo de sangue e pulsar, preso pelo tecido da cueca.

Desespero-me e penso só nas sensações que vão vibrar em meu corpo. Ali, dentro do cômodo, onde chamo de meu pequeno paraíso, tiro toda minha roupa, observando a cama larga arrumada, na parede, preso está o dispositivo que mandei desenvolver — nada que poderia ser encontrado no mercado —, só assim não passaria de novo o que passei anos atrás, quando voltei e a vi parada sem vida ao meu lado.

Aproximei pelado, fechando os olhos, procurando no que me concentrar enquanto peguei meu pau em minha mão, fechando os dedos ao redor, sentindo a quentura e as veias fartas mais cheias ainda, sustentando o falo longo. Me masturbei, mas não cheguei ao fim, queria o melhor e ainda movendo a pele sobre a glândula vermelha ajeitei a corda e o laço. Parei de me tocar para poder passar pelo pescoço e sentei na cama. Tudo já estava ao meu alcance quando abri as pernas e encostei as costas no respaldar e com uma das mãos peguei o controle do aparelho e antes de começar a *brincadeira* coloquei a bola maciça na boca, para mantê-la aberta, caso algo pudesse sair fora de novo.

Quando pratiquei pela primeira vez a *asfixiofilia* ou *asfixia auto-erótica*^[1], nunca mais parei. É a forma mais potente do orgasmo, é quando seu cérebro fica com restrições de oxigênio, o que ocorre um aumento do dióxido de carbono no seu organismo e o leva a sentir prazer e vertigens e, isso potencializa quando está gozando. Praticamente um *nirvana*.

E eu adorava quando o monstro dentro de mim saía e brincava dessa maneira.

Fechei os olhos e tornei a *punhetar* meu pau enquanto acionava o timer e a força com que a corda estrangularia meu pescoço. A corda era feita de seda e revestida toda com algodão *pima*^[2] — feito no Peru —, ela começava a encurtar fechando no meu pescoço, estrangulando. Depois de

muito tempo praticando sei que logo estaria gozando, entrando num estágio pleno de sensações, diferente de uma simples trepada.

Acelerei o movimento da minha mão, fechando os olhos, lembrando de como era deliciosos o cheiro de sexo da boceta melada da loira de olhos verdes daquela noite — ao me ver fodendo a Léo —, era delicioso. Uma pena, por que era nova e muito fútil, sem contar que um envolvimento seria criar muitos problemas para Giovani, mas desde aquele dia seus olhos gatunos não saem da minha mente, deixando o monstro desesperado para brincar, querendo aproveitar o que seu belo corpo teria a oferecer.

Ri, me imaginando fodendo — *arrebentando* —, sua bocetinha refinada de filhinha do papai, ou melhor, de submissa com sua coleira de diamantes.

Urrei quando senti meus sacos incharem e logo minha mão estar repleta de porra. Mesmo atordoado a via na minha alucinação, sentada em cima de mim, rebolando e gemendo, me olhando cheia de luxúria. Porém aos poucos ela foi sumindo em um borrão e fui recobrando o ar que voltava para meus pulmões quando a força afrouxava a pressão.

O mecanismo projetado que estava na parede, era controlado por um time e toda sua função era apertar e relaxar a corda na hora certa. Sem marcas e sem danos maiores. Não era a mesma coisa quando estava acompanhado, mas era mais seguro.

Ainda trêmulo, um minuto depois, joguei a cabeça para trás, não satisfeito, mas relaxado e o melhor, com o monstro de novo na gaiola. Agora poderia vestir meu terno caro e voltar a ser o que acham que sou...

Pois é... alguns precisam da heroína para sentir muito mais um orgasmo, o meu, só é preciso faltar oxigênio e uma compressão exata nas carótidas, aí toda magia acontece e me leva ao paraíso.

CAPÍTULO 7

LEAH

— Por favor, Romano, poderia esquecer, faz alguns anos que isso aconteceu...

— Nunca se sabe do que você é capaz, Leah. Não quero outro escândalo atrapalhando meus negócios...

— Nosso — lembrei de que éramos sócios.

— Sim, nosso.

Romano era meu irmão. Meses atrás assumiu a cadeira de nosso pai na máfia, logo quando ele faleceu decorrente de um câncer de próstata que há anos tratava, ele foi vencido ao ter uma metástase no fígado e pâncreas. Não aguentou e morreu meses depois do péssimo prognóstico da doença. Desde então meu irmão assumiu os negócios na Camorra e com isso se acha meu dono em tudo, até na empresa em que fundamos juntos. Compramos e aumentamos os espólios que havíamos herdado de nossa mãe em ações de uma empresa. Pouco a pouco nos tornamos donos gerais de 100% das ações da *Corporatian Telecommunication Software*. Porém, agora Romano acha que

devo ficar afastada dos negócios e fazer o bom e velho social midiático. Cansativo, mas que me deixou longe de São Francisco e de suas paranoias.

Paranoias essas, que agora estavam piores. Desde que virou o novo Don Canttaneo. A todo momento me ligava e repetia todo seu discurso: de que agora mais do que nunca os olhos do país estavam nos irmãos, sem contar que precisávamos mascarar o esquema sujo herdado através do nosso pai. Que era essencial manter tudo dentro do lugar certo e evitar escândalos, ou mesmo uma exposição chamativa. Nossa empresa de telecomunicação estava dominando o mercado e Romano acha que associarem nosso nome a algo de cunho criminoso atrapalharia muito. Sem contar que participávamos de um grupo elitizado em São Francisco, no qual estava a filha do prefeito, a paixão platônica dele. E como queria ser imaculado para a "*princesinha de SF*" exigia de mim, que me comportasse.

Não que eu saísse fora dos trilhos, mas por que no passado me envolvi com um dos seguranças de papai e isso acabou me resultando fotos nuas com Maison nos tabloides, atrapalhando um pouco os negócios e com isso fui forçada a casar e viver por seis anos sustentando uma relação dentro de um jogo de aparências. Minha sorte foi o otário ser pego com uma amante alguns meses atrás, anulando assim nosso contrato pré-nupcial. Quase um ano para ser mais exata.

O que me fez voltar a ser livre e o melhor: vivendo longe de Romano e seus desmandos. Agora estava em Nova Iorque, pousando ao lado dos Valentino, e de quebra vivendo. Ia para onde queria, inclusive já estava em uma relação bem gostosa com um corretor da bolsa, sócio de um dos maiores escritórios correntista do país.

— Leah, sei que está saindo com alguém e por isso peço que vá com calma, não nos coloque em situações complicadas de novo, você não é a

mesma jovem de anos atrás. É uma mulher. Me ajude a te ajudar ao invés de derrubar nosso nome.

— Romano, sem problemas, um dia precisarei namorar e o bom que ele é sócio de um dos maiores escritórios correntista de Nova Iorque. Então não se preocupe, que não estarei me envolvendo com ninguém que possa sujar o bom moço que você é.

— Fico tranquilo, estarei lhe dando um voto de confiança. Agora vou desligar, preciso que mostre aos Valentino que nossa família é confiável. E sei que você se encarregará de fazer isso. — Revirei os olhos, contando os segundos para que Romano com sua arrogância me esquecesse um pouco e desligasse a droga da ligação.

Não consigo entender esse desespero dele para que Giovanni o visse como o menino de ouro e muito menos essa ambição de querer nos colocar dentro da casa de Don Valentino. Essa sua mania me deixava com nojo. Já não bastou me jogar em cima do Capo em seu aniversário, agora queria que eu fosse a melhor amiga da esposa dele. Todo esse jogo me fazia sentir constrangida pela forma como fui atirada e dei a entender que queria algo com Giovanni daquela vez, porém Bella era uma mulher incrível e jamais tocou no assunto e eu fingia que nunca fiz nada.

Meu irmão fez com que eu me tornasse uma das benfeitoras de sua instituição, patrocinando sua fundação. Sendo essa a única coisa boa em que gostava nesse meio arquitetado deles. Amava crianças e o projeto da primeira dama da Camorra era incrível e sem dúvidas me cativou a ponto de fazer meu papel muito bem feito.

— Diga a Bella e peça desculpe pela minha ausência no baile.

— Sim! Pode deixar.

— *Ciao* irmã e juízo.

— *Até mais, Romano* — disse sem paciência alguma, porém grata de alguma forma ao encerrar a ligação.

Voltei para a frente do espelho, pegando a delicada coleira de brilhantes que ganhei de Travis Trimes, — um empréstimo na verdade —. Estávamos saindo já fazia alguns meses quando me apresentou a práticas bem peculiares de prazer e uma delas foi o BDSM, ele era um dominador. Não que eu gostasse... mas também não rejeitava. Era gostoso e como gostava muito de sexo, para mim era só mais uma peculiaridade para ser sentida e vivida e, também porque estava bem afim dele, por isso deixei que me usasse como sua submissa, mas com uma troca, de que participássemos com mais pessoas.

No dia que me fez a proposta, disse a ele que não tinha muito conhecimento, mas que sempre gostei de fazer trocas e até transar com mais pessoas e que não me importava que fossem do mesmo sexo. Ele não disse de cara que não gostava, mas sei que não curtia e como estávamos tendo um lance bem legal acabou cedendo ao fetiche meu e eu ao dele. Estávamos na mesma vibração, querendo foder como gostávamos. Ele querendo praticar suas técnicas comigo e eu querendo transar livremente, mas com um único adendo igualitário: Exclusividade!

Travis exigiu um contrato de exclusividade, que enquanto estivéssemos juntos tínhamos que ser só nós dois a não ser quando fôssemos partilhar, desde que fosse de seu conhecimento e consentimento.

Como queria trepar não me importei e assinei o contrato.

Nossa primeira — eu sendo submissa e ele satisfazendo meus prazeres — vez foi dentro de um Clube seletto de sexo em Nova Iorque, onde era sócio. De início até me assustei com a quantidade de frequentadores, mas logo estava descontraída e muito excitada. Ali éramos todos iguais, vivenciando as fantasias sexuais sem amarras. Por isso

ninguém te olhava com repreensões ou mesmo abominando, se olhassem era para demonstrar tesão.

Embora um pouco envergonhada, por ser minha primeira vez no BDSM como uma submissa, Travis me fez vestir de gatinha, usando peças em renda branca e com um plug anal, este que tinha um longo rabo branco, no pescoço estava a coleira cravejada de brilhantes e na cabeça uma tiara de orelhinha.

" — Vem gatinha, vem com o papai... — e eu fui, ajoelhada, engatinhando pelo enorme cômodo. Travis já tinha me apresentado alguns amigos que faziam parte do local, na maioria sádicos como ele. Contudo percebi que a ética entre eles era bem maior que na sociedade em que vivíamos. Eram seletivos, cada um com sua parceira, ou melhor sua submissa.

Meu dominador me esperava sentado de pernas aberta e seu pau delicioso em pé, me esperando.

— Mereço um bom banho de gatinho — sorriu malicioso.

Sim! Ele merecia, tanto que, com prazer o lambi inteiro, brincando principalmente na glândula vermelha e salgada.

— Como minha bichana é boazinha agora vem e senta no seu dono e vem beber seu leitinho com essa bocetinha deliciosa. — Me ordenou e fui sentando sobre seu colo e não só fazendo o que queria. Travis me deixou cavalgar livre e para me agradar trouxe um outro bichinho para entrar na brincadeira e como ele disse: " estava cuidando da gatinha dele". Quando vi estava sendo penetrada pelo homem vestido como se fosse um touro e Travis como meu dono."

O pet play ^[3] naquele dia foi incrível, porém cada encontro nosso é diferente. Igual seria o de hoje.

Travis me encontraria após o baile, me prometendo que iríamos para uma festa diferente e que deveria usar a coleira que havia colocado em mim. Obedecendo fiz como queria. Contudo, essa coisa de ser submissa, só recebendo ordens, já estava se tornando maçante. Não bastava Romano, agora tinha outro homem mandando no único espaço da minha vida que eu era livre. Em breve daria um jeito de sair desse contrato e viver como queria.

Terminei de me arrumar.



Que loucura, nem para verificar se o banheiro estava totalmente vazio.

Não me contive naquele momento, ao ter o vislumbre de vê-los assim: todos primitivos, ela gemendo sentada sobre a pia de mármore travertino com as pernas abertas, com o vestido todo para cima, enrolado no quadril e ele entre ao seu meio, arremetendo, forte e viril. De certo a vagabunda da Eleonora estava sem calcinha ou afastada para o lado, recebendo poderosamente um dos Valentino.

A cena e toda a sensualidade, me fez apertar minhas coxas, uma contra a outra, sentindo-me toda lubrificada e mais ainda; cega de vontade e encharcada de desejo por ele. E para ter mais da deliciosa cena quente, abri um pouco da porta do box em que estava e os ouvi gemendo e vi melhor suas silhuetas. Mas ao olhar pelo espelho, no reflexo, encontrei com seus olhos de gato, me vendo ali os espiando. Mesmo que eu quisesse não conseguiria sair dali ou tornar a fechar a portinhola, ainda mais ao assistir a

passada que deu com a língua por cima dos seus lábios, lambendo-os, se insinuando enquanto bombeava um vai e vem agitado com seu quadril, sem perder contato visual comigo...

Jamais vou me esquecer da proibida imagem de ver Marco Valentino, todo duro, fodendo deliciosamente uma mulher.

Arfei sentindo minha respiração travar e incontrolavelmente levei a mão no meio das minhas pernas e deixei meu vestido subir um pouco. Ultrapassei a calcinha e me toquei. Estimulando meu botão, imaginando seu pau cheio se esfregar todo entre meus grandes lábios.

Sendo tão intenso e me vendo, ainda o vi sorrir, parecendo o próprio diabo ao contemplar em mim a luxúria desvairada em que me deixou. Uma selvagem, querendo-o desesperadamente dentro de mim. Não pensaria duas vezes ao trocar de lugar com a mulher ali na pia.

— Deliciosa e quente. — Marco Valentino disse para a mulher, mas que rebatia como se fosse para mim.

Mediante a sua voz sexy e de palavras sacanas intensifiquei a fricção sobre meu clitóris inchado e dolorido, até sentir os tremores do meu abdome aparecer e, para não gritar levei a *clouch* na boca, mordendo-a para conter meus gemidos enquanto gozava com Marco e Eleonora ali no banheiro trepando.

Quando dei por mim, ele ainda estava sorrindo e olhando em direção ao vão entreaberto, exatamente onde eu estava. Recuei fechando os olhos, caindo em si do que acabei de fazer...

Assustada sentei sobre a tampa do vaso fechado, me escondendo novamente ao fechar a porta lentamente. Era uma intimidade dele, não minha... E o que fiz? A invadi como se eu fosse parte ativa daquela *transa*.

Ele gozou!

Quieta, ainda sentindo toda onda de prazer flutuar por mim escutei seus gemidos em sussurros, deliciosamente para um homem daqueles. E logo eu que achava que Giovanni era o *fodedor* poderoso do pedaço — pelo menos era o que corria de sua fama por aí —, entretanto, ver Marco *comendo* a advogada foi fenomenal, me fazendo mudar de ideia.

Escutei o som de suas risadas e logo o barulho das torneiras sendo abertas e água escorrendo.

— Como sempre suas *rapidinhas* são as melhores. — Fechei os olhos pensando que essas *rapidinhas* poderiam ser uma delas comigo.

— Sempre as ordens Léo. — Franzi todo meu rosto ao ouvi-lo chamá-la por um apelido.

— Que cafona! — sussurrei para mim mesma.

— Está ótima. — Ele disse e em seguida ouvi um beijo estalando. — Vai na frente assim ninguém nos vê.

Pois é bonitão, se Bella, sua cunhadinha, sonhar que você anda *fodendo* uma de suas funcionárias dentro do banheiro, na sua gloriosa noite de gala da Instituição, você está completamente *fodido* pela mafiosa.

Vagando pelos meus pensamentos a porta escancarou a minha frente e não acreditei que aquele abusado estava ali, me olhando com uma das mãos dentro do bolso, tentadoramente com seu sorriso sexy no rosto.

— Acho que está perdida. — Ele afirmou e fiquei congelada sem saber como agir.

— Desculpa. — Quase não consegui falar.

— Não tem o que se desculpar. — Ele estendeu sua mão, oferecendo-se para me ajudar a levantar. Sem pensar aceitei e assim que fiquei em pé — bem próxima dele —, pegou minha mão — logo a mão que usei para me masturbar — e passou por seu nariz, esfregando a abertura das suas narinas, aspirando o cheiro da minha boceta.

— Seu cheiro é maravilhoso. Mas infelizmente hoje não vou *foder* você. — Com o sorriso e com os olhos turquesas brilhantes — ora verde esmeralda — soltou minha mão e me achegou em seu corpo, pressionado contra meu ventre o seu pau ainda inchado. — Vamos ter outra oportunidade, Srta. Canttaneo. — Respondeu encurvando-se até chegar no meu ouvido, falando pesado e sensual, deixando o timbre raspar em minha pele.

Fechei meus olhos, sentindo toda minha vagina se contrair em desejo só por escutar sua voz sedutora, me prometendo coisas das quais jamais poderia imaginar que Marco Valentino fosse capaz de fazer. Ou melhor, que fosse capaz de fazer comigo.

Após me deixar cheia de tesão se foi; altivo e imponente, me dando as costas, me deixando ali, literalmente de pernas bambas e pingando de vontade de *dar* para ele.

Logo depois, ao me recompor saí, retornando para a mesa ao lado de sua cunhada e irmão. E para meu inferno pessoal a noite inteira meu olhar parava no seu.

O filho do diabo sorria ciente de que estava me afetando, fazendo com que me sentisse como se fosse uma freira correndo do pecado, tentada a aceitar o convite para dançar no inferno.

Inerte e descompensada sob o peso da sua presença não escutei Bella me chamar por duas vezes.

— Perdoa-me Bella. — Sorri numa tentativa sem graça de me desculpar com a mulher.

Hoje eu e Bella éramos amigas, no início até me ressentia, sem motivo algum, era mesmo pela atração que sempre senti por Giovani, mas com o tempo vi que não passava de um recalque meu e que toda aquela fascinação que sentia por Don Valentino não passava de uma ilusão absurda

minha. Romano tinha colocado na minha cabeça que deveria conquistar Don Valentino e isso fixou em mim, mas o homem mais poderoso da nossa casa era apaixonado pela linda esposa e isso me fez admirá-lo pela devoção que tinha a ela e seus filhos. Os dois eram perfeitos e agora ao invés de torcer contra torcia para quem nenhum mal atingisse aquela linda família.

Desde então, passei a querer estar sempre presente, aprendendo com Bella o que pudesse e acabei me tornando não só uma amiga pessoal, mas também uma das benfeitoras de sua fundação, não só porque foi o que meu irmão mandou. Sim! Ele queria que eu sempre estivesse próxima deles, ainda não sabia seus motivos, mas os meus com certeza era diferente dos dele.

— Está longe por que? Posso saber! — Tentei na mesma hora não olhar em direção a Marco, mas fui pega e traída pelo meu próprio desejo obscuro ao deixar meus olhos de relance irem na sua direção antes de voltar para a primeira dama da Camorra.

— Estou pensativa só e ansiosa para que tudo dê certo.

— Sei... — Ela disfarçou com um sorriso ao acompanhar o meu olhar para onde a segundos de milésimos estava olhando... Para seu cunhado.

— Espero que os fundos arrecadados essa noite sejam muito maiores que nossa expectativa. — Como fui uma das apoiadoras iniciais, Bella me deixou como membro do conselho da fundação, além de que fiz vários investidores de São Francisco vir comigo para esse projeto. Quem mais gostou foi Romano.

— Me dê licença as duas... — Giovani nos interrompeu estendendo a mão para Bella sem me olhar. — Carinho, me conceda essa dança! — Só olhou na minha direção, se desculpando quando Bella segurava em sua mão, se levantando para sair com ele para a pista de dança.

— Sem problemas, já estou indo também. Amanhã tenho um compromisso bem cedo — informei uma desculpa para não os deixar constrangidos por me deixar ali sozinha. Na verdade, eu tinha um compromisso logo mais e não pela manhã como inventei.

— Não se preocupe Giovani, eu farei companhia para a Srta. Canttaneo.

Pronto! Marco até então não estava observando e do nada, surgindo como um fantasma à espreita ofereceu para ser minha companhia. O que na mesma hora me trouxe um leve calafrio por todo o corpo, me afetando, só de pensar que ficaríamos sozinhos, já me fazendo pensar em várias coisas.

Era impossível não ficar na presença dele sem se sentir atraída. Algo que nunca senti até hoje, ou melhor, minutos atrás; quando o flagrei trepando no banheiro. Agora que sabia qual era o gemido e urro que fazia ao gozar minha boceta pulsava só de ouvir o som grave e imperativo da sua voz, me atiçando.

— Fiquem tranquilos, tenho mesmo que ir e agradeço Sr. Valentino.
— Dei qualquer desculpa e neguei a presença de Marco.

Prudência deveria ser meu resquício de sanidade, já que o restante começava a gritar seu nome.

"Leah não complique, já tem Travis. Um deve lhe bastar!"

— É cedo e a noite só está começando. — Marco disse quando me levantei assim que Giovani e Bella saíram se despedindo de mim.

Aproximou-se, parando a minha frente. Sem pudor algum deslizou a ponta do dedo do meio descendo do meu ombro até a palma da minha mão. Em um gesto decadente e promíscuo circulou me convidando, reafirmando a promessa que me fez mais cedo, quando seu olhar me prendeu e me fez tornar prisioneira dessa atração, que revirou em segundos minha mente.

— Obrigada, mas preciso realmente ir. — Recuei tentando aumentar o espaço entre nós, saindo de seu toque.

— Está fugindo! — Riu levando o copo com *bourbon* aos lábios grossos e bem traçados. — Gosto desse jogo de gata e rato. — Mostrando-se perigoso seu olhar se estreitou assim como o riso que mantinha em seu rosto. Engoli em seco, além de um perfeito sedutor agora estava me lendo nas entrelinhas.

Cuidado era pouco o que precisava tomar.

Marco Valentino deveria vir com um pisca sobre sua cabeça, com os dizeres em neon alertando: "PERIGO IMINENTE".

Precisava urgente ficar o mais longe dele, era o mais certo a se fazer.

CAPÍTULO 2

MARCO

Meus olhos varriam cada metro quadrado, do bem decorado salão. Observava cada ser humano hipócrita daquele local, bebendo e regozijando a pura devassidão novaiorquina. Políticos com suas esposas a tira colo, alguns com acompanhantes de luxo e empresários com seus títulos de CEO. Uma infinidade de personalidades pretenciosos e arrogantes. Mas fazer o que? Se Bella quer o dinheiro deles... Nós aproveitaríamos e venderíamos nossos olhos a tudo isso, ainda mais eu... que de santo não tenho nada, talvez fosse o pior de todos.

Não é à toa que sou Marco Valentino, os olhos de Giovani e hoje um dos braços de sua esposa. Aquela que um dia desejei, mas vi o quanto o amor dos dois era puro e sublime, desde então criei uma imagem imaculada de minha cunhada.

É isso mesmo... Um dia senti desejo por Bella, mas consegui esconder muito bem, pois via meu irmão babando em cima dela e por lealdade a ele e, vê-los como se completam aprendi que minha cunhada é uma santa no altar da igreja, apesar que isso não rogaria para mim, mas a

forma como se completam me fez ver que sempre vão existir algumas mulheres das quais preciso ter outro certo tipo de olhar.

Ainda mais por sermos família.

É assim que somos. Nos unimos nas fraquezas de cada Valentino, nos tornando fortes. Cada um de nós tem suas falhas e empresto ao meu *Capo* o que tenho de melhor, para que ele mantenha nossa família de pé. Por isso me coloquei como um verdadeiro escudeiro de Bella, pois ela sempre foi e sempre será o *tendão de Aquiles* do meu irmão e se para que tudo ande na linha reta eu tenha que me sacrificar, assim será feito. Ainda mais agora, que a primeira dama cismou sobre melhorar a nossa imagem de ricos e importantes, sendo indiferente para os que estavam ali.

A escória de Manhattan não tinha nada de atrativo, só mesmo uma chance de mostrar que o poder hoje era de uma sociedade repleta de hipócritas e mentirosos. Mas como queríamos o dinheiro deles, pouco nos importava o que pensariam e entendi a jogada de mestre da rainha. Ela se tornaria como uma igual dando a eles o que mais gostavam: a vaidade do ego super valorizado e não me faria de rogado, ao ver que a brilhante ideia dela de se fazer de boba e ingênua, só para se infiltrar no meio deles foi incrível. Mas o que Bella não sabia: é que sei dos segredos mais sujos de muitos ali.

Sim... alguns já encontrei em algumas festinhas — que posso dizer com o lacre de segurança —, que não seriam vistas com bons olhos se soubessem o que fazem quando ninguém os estão vendo. Ou pelo menos acham que não...

— Apreciando o show da elite podre de Manhattan, Marco? — Estava no canto, atrás de todos observando cada mesa, reconhecendo rostos, pensando em qual delas seriam minha presa nessa noite quando Eleonora se aproximou sorradeira, como uma cobra, deixando seus lábios próximos a

minha orelha ao sussurrar. — Tem alguém em mente, ou poderei ter a oportunidade com você?

— Ah minha cara... — Não a olhei, mas sorri com os lábios, estreitando meu olhar ao pensar que Léo era sempre meu socorro quando me sentia exausto de jogar no sexo.

A morena sabia meus gostos e há anos nos fartamos um no outro, sem amarras ou sentimentos, até por que ela era casada com meu melhor amigo, o que para mim sempre foi um abono especial. Não queria relacionamentos onde as cobranças o tornavam maçantes e me fazia perder o tesão em continuar. Por mais que a mulher fosse linda, gostosa e o diabo a quatro não me atraía se fosse solteira, gostava que fossem compromissadas, o que me dava liberdade para fazer o que bem entendesse e não ter que prestar nenhuma satisfação. Claro que ainda tinha as casadas, que se achavam no direito de me questionar e como sempre, se me encurralassem eu as deixava sem aviso prévio algum. Era simples e básico... era sexo e nada mais, além do que, meus gostos eram diferentes e não era qualquer uma que topava.

Por isso meus jogos com a Léo eram os melhores, gostávamos de sexo nu e cru, que envolvesse qualquer tipo e quantidade de pessoas e seu marido também, o que nos proporcionava essa liberdade, Robert não se importava com essa abertura, ele adorava e sabia que eu *fodia* sua esposa gostosa sempre que ela quisesse abrir as pernas para mim.

Como agora... quando chegava de mansinho.

— Ainda não achei um alvo, mas quero te *foder* em qualquer canto desse lugar. — Deixei minhas mãos irem para trás e tocá-la, subindo e traçando o músculo de sua coxa por cima da delicada seda vermelha até parar sobre a pelve. Aprofundei a pressão dos dedos procurando meu local nela predileto, sua boceta. Contudo tentei ir com cautela, mantendo a

discrição e por sorte estávamos na penumbra dos jogos de luzes, que mantinha o local mais escuro, o que impediria de alguém ver o que estava fazendo.

— Achei que estava procurando quem iria seduzir e arrancar os segredos mais descabidos. — Correspondendo, a advogada, minha parceira na empresa, espalmou sua mão sobre a minha forçando-a para descer um pouco mais, deixando e pressionando sobre seu púbis.

— Ainda não... Mas vou te comer agora. — Virei decisivo, colando meu corpo ao seu, posicionando-me de frente e me esfregando, mostrando que já estava duro, sob a calça de alfaiataria.

— Gosto dessa sua disposição...

— Vai ser rápido — falei em seu ouvido no mesmo tempo que procurava o local que eu a foderia e me aliviaria.

Essa coisa do proibido sempre foi comigo, ainda mais quando o lance era gozar sendo discreto ao mesmo tempo.

— Vamos para o banheiro feminino, vá na minha frente e veja se está tudo tranquilo. — Não foi preciso falar mais que uma vez e obedientemente Eleonora sorriu e me deu as costas, saindo e indo na direção do local que mencionei.

Passos atrás a acompanhei, observando a forma como andava elegante em cima da sandália dourada de saltos finos. O tecido se recolhia no rebolado e isso só deixava meu pau mais duro — lembrando do corpo delicioso que tinha —. Acho que Eleonora foi a mulher com quem mais trepei em toda minha vida. Era casual e desprendido de sentimentos, era só sexo e nada demais. Prazer e mais prazer de todas as formas possíveis, mas nada que uma rapidinha escondida com ela deixasse a desejar.

Parei próximo a porta, disfarçando e entrando sem ser visto, quando abriu uma fresta da porta, me dizendo que estava vazio.

— Me *come* agora, já estou pingando... — Ela disse ao travar a porta, girando o trinco na fechadura fixa, fechando nós dois.

— É muito cretina. — Em resposta disse e segurei em seu cabelo, juntando firme trazendo seu rosto até mim.

— Uma cretina que gosta muito de dar para você.

— Tem certeza que está vazio, Léo?

— Sim, olhei os box's e não vi ninguém. — Acreditei nela e traguei sua boca, puxando-a mais pelo cabelo até meus lábios se apossarem dos seus e encontrar sua língua afoita.

Tudo para mim no sexo começava com um bom beijo, nesse samba de línguas se enroscando, trocando o sabor das bocas e do calor que elas tinham, era a premissa perfeita da boa trepada, mesmo que seja dentro de um banheiro.

Eu a beijava firme e ávido. Calando-a a trouxe para meu corpo, colando-a em mim ao pressionar sua coluna vertebral com minha outra mão.

Fiquei completamente ativado e inerte em Eleonora, no tesão que sentia por ela e na forma como sua boca exigia mais de mim. Essas eram as únicas vezes que deixava uma mulher requerer algo e com prazer eu as dava sem me importar ser um escravo de seus prazeres.

A levei para a pia, deixando-a encurralada entre a pressão do meu corpo contra o mármore pressionando sua bunda redonda.

— Vai ser tão rápido dessa vez que não vou me satisfazer e precisarei de você ainda essa noite. — Ela disse ao se afastar e deixar minhas mãos irem para outro ponto do seu corpo.

Sem desprender meu olhar gatuno do seu abaixei puxando para cima a seda vermelha, enrolando-a na minha mão ao subir amontoando tudo na sua cintura, deixando suas coxas á mostra.

— Você não vale nada Léo, já estava sem calcinha. Mas é muito vagabunda e gostosa — rimos.

— Robert está com ela, disse a ele que queria você me *fodendo* ainda essa noite. Ele só disse para ser rápido que depois ele terminará o serviço e mandou dizer a você que se quiser se juntar a nós dois... — As nossas entrelinhas eram as melhores. Várias vezes eu, Eleonora e Robert passamos o fim de semana a três, ou até com mais pessoas e essas sempre foram nossas diversões casuais.

Sim... Já falei que eu era adepto a qualquer forma de ter e dar prazer. E a morena a minha frente sabia de todas e havia participado de algumas delas.

Passando a mão e parando na polpa da sua bunda a ergui, colocando-a sobre a bancada de mármore.

— Vadia gostosa da porra — disse antes de apertar seu queixo e me colocar no meio das suas pernas.

— Então me *come* logo — apertei mais seu rosto e coleí meus lábios no seu enquanto minha outra mão desafivelava o cinto e abria minha calça, deixando somente o espaço para meu pau em *riste* pular para fora, pronto para meter em sua boceta iluminada.

— Cadê o preservativo, Léo? — perguntei abafado, interrompendo o beijo.

— Está aqui? — Eleonora retirou do decote dos seios fartos o envelope metalizado, me oferecendo, levando aos meus lábios para eu rasgar o invólucro com a boca.

— Fico de cara como ainda me surpreendo com você. Você é muito premeditada.

— E como não? Sei que você não transa sem camisinha e eu te conheço a um bom tempo para saber que com você sempre tem que andar

prevenida.

Tirei da sua mão o látex e revesti todo o comprimento esticando até a base. Jogando cabeça e corpo para trás Eleonora se abriu mais quando a penetrei de uma vez. Mas ao invés de me atrair e sentir o regozijo de sua boceta me apertar, outra coisa me chamou atenção através do espelho fixado na parede sobre a bancada atrás de nós.

Algo brilhou da fresta de um dos box's sanitários, atraindo meu olhar para o local, onde vi o par de olhos verdes de gata nos observando, em um delicioso *voyerismo*, o que me fez ritmar forte a cada estocada. Era uma novidade para mim, ser espiado dessa maneira. Logo eu, que gostava de ver antes de entrar na farra junto. E sem conseguir desviar meus olhos da sua direção ondulei meu quadril, criando algumas ilusões.

A sensação de estar sendo observado tirou toda minha concentração em Eleonora e no tesão que estava antes. Não conseguia me concentrar, só conseguia era investir por instinto. A rapidez como meu corpo reagia não era pela contração muscular da vulva onde eu metia, era na loira que me vigiava. Será que deveria ir até ela e envolvê-la? Um *ménage à trois* agora não seria uma má ideia, porém se tratando de quem se tratava talvez não daria em nada.

A mulher só estava ali por um mero acaso e nada mais. Era melhor voltar a me concentrar na minha acompanhante do que ficar criando suposições, mas estava impossível não encará-la através do espelho.

Quanto mais via seu olhar preso em nós, mais meu pau se enchia de sangue.

Essa sensação de ter a presença de alguém me observando foi o ápice para investir com força e fazer Leó gozar logo. Em seguida, imaginando e desesperado para saber mais da tal mulher ali me liberei, sentindo meu saco se repuxar e meu falo regurgitar toda minha porra.

Pela primeira vez não fui eu quem observou e sim fui observado e, foi espetacular. Bem diferente dos clubes que frequentava; ali foi lúdico, proibido e pudico, nada como uma vontade controlada e assistida voluntariamente. Era amistoso e isso me fascinou a ponto de ser rápido e ficar sozinho para descobrir quem era os olhos de gato que me sustentou e me fez sentir seu corpo, ali no lugar de outra pessoa.

Não demorou muito e fiquei sozinho após a saída de Eleonora. Sem pestanejar, fui até o box e qual não foi minha surpresa ao vê-la ali, sentada sobre o vaso fechado, olhando para o alto, encontrando-se no meu rosto com a expressão espantada de uma condenada pega em flagrante.

Ou melhor, uma ninfeta vestida com carcaça de puritana.

Ela estava tão imaculada e ao mesmo tempo atrativa. Uma presa fácil com sua coleira de brilhantes, submissa e exalando a sexo. O forte cheiro cítrico me atraiu e a puxei, segurando sua mão, levando-a até meu rosto e guiado pelo odor, esfreguei seu dedo nas minhas narinas e por breves segundo fechei os olhos, me deleitando, reconhecendo que não só havia me observado, mas que havia se masturbado, deixando seu dedo cheirando a boceta excitada e para mim não tinha perfume melhor que esse.

Queria enfiá-lo na boca e chupá-lo, só para sentir o gosto de bocetinha refinada, imaginando o que faria com ela, entretanto não seria ali que me fartaria no corpo jovial da irmã do Don Canttaneo. Até por que a jovem loira gostosa era problema, por três motivos: Protegida de Bella, muito nova e solteira. Requisitos esses para eu me afastar dela. Porém, foi mais forte que eu.

Leah era linda, corpo moldado, de linhagem italiana e exalava sofisticação por todos seus poros, mas ainda assim era perigosa e um envolvimento ali seria aquela coleira que usava vir parar no meu pescoço.

Contudo já me vi enforcado, desejando uma mulher totalmente diferente do que sempre busquei e gostava de brincar.

A *ninfeta* mexeu com minha libido de tal maneira, que após deixá-la com uma promessa feita de ímpeto passei o restante da noite excitado e sentado à sua frente, controlando a vontade de fodê-la.

O que estava acontecendo comigo?

Estava incontrolável, ensandecido e só percebi que toda minha postura havia ruído quando avancei como um predador rondando a presa, assim que ficamos sozinhos e gostei mais ainda que Leah jogou comigo, sendo difícil e prevenida. Ao menos um estava sendo prudente enquanto o outro queria era satisfação e problema. Na verdade, foi o monstro em mim, que urrou por ela e na certa ele era mais problema que a *socialite* quando estava solto.

CAPÍTULO 3

LEAH

— Leah! — Já era a segunda vez que Bella me chamava pelo meu nome.

Estávamos em reunião quando ele chegou dentro do seu terno azul de riscas brancas, entrando na sala como se fosse um deus, mas que de celestial não tinha nada, estava mais para o perfeito diabo vestido de *Emeregildo Zenga*^[4]. Lindo, com aquele sorriso torto, de quem sabe o quanto sua beleza desestabiliza qualquer mulher, contudo ao seu lado estava a advogada, a mesma que há dois dias vi com ele no banheiro.

Sim... Fiquei sim, relembrando a imagem dele trepando com ela no meio de uma festa. E por favor me digam como não conseguir ficar pensando naquela noite? O homem é bonito, rico, charmoso e pelo jeito fode como um deus do sexo.

Qual mulher em sã consciência não abriria suas pernas facilmente para Marco Valentino?

Eu? Posso tentar ser essa!

Além do feromônio sexual que exalava, também emanava problemas por seus poros. Se envolver com um homem como ele era

assinar a sentença perpétua de que não sobreviveria. Romano me mataria. Por mais que fôssemos da mesma organização, ele, depois do fadado fracasso que teve ao tentar me empurrar atrás de Giovani pediu que eu não me envolvesse com nenhum dos irmãos, até por que só sobrava Marco agora. E esse não seria uma escolha sábia, ao contrário, ele era um trem em descarrilhamento e eu precisava andar nos trilhos, só para ter ainda uma pequena porção da minha vida. Um mínimo pedaço calmo e tranquilo, onde poderia extravasar minhas emoções contidas, sem que meu irmão tivesse conhecimento. Ele não era um homem fácil e sei que qualquer coisa que fugisse do que queria me trancaria e tiraria tudo de mim.

Evitando seu olhar voltei a analisar a pauta da nossa reunião ali na minha frente enquanto os dois cumprimentavam Bella. Segurei a caneta em minha mão firme ao sentir sua presença cruzando o restante da sala se sentando a minha frente.

Marco não era sinal de problema, ele era a confusão inteira. Não sei por que, mas meu sexto sentido acusava constantemente isso. Era melhor seguir a intuição do que quebrar a cara, mesmo que minha boceta quisesse o contrário.

— Boa tarde senhorita Canttaneo.

— Boa tarde! — tentei mostrar parcialidade e cordialidade, mas estava revirada e pingando já de tesão. Isso por que o Valentino em si, mal entrou na sala e sentou à minha frente.

Parecia possuída por um espírito maligno que queria foder com ele.

“Se acalma Leah, não esqueça do bonitão Travis Trimes, que te fode tão bem quanto o demônio a sua frente”.

— Boa tarde! — Foi a vez de Eleonora e a cumprimentei igualmente.

— Bom que todos estão presentes. — Bella na ponta da mesa começou a falar e ao invés de ficar encarando Marco Valentino, que tentei a todo custo firmar minha atenção para ela. Até por um tempo conseguimos dialogar e a interagir na reunião, mas acabei me desestabilizando ao sentir o poliéster da meia e o pé subindo pela minha panturrilha.

Assustei quase caindo da cadeira e quando olhei na sua direção estava complacente e mantinha-se como se nada estivesse acontecendo.

Queria olhar embaixo do móvel e me certificar que era seu pé mesmo ali em minha perna, mas precisava manter a postura. Me controlando ao máximo aguentei o roçar de seu pé pelo restante da reunião. Assim que terminou me levantei despedindo de todos e quando estava próximo ao carro que me esperava na porta da fundação escutei sua voz de trovão nas minhas costas.

— Senhorita Canttaneo! — esperei que estivesse próximo quando me virei e o vi parado logo atrás, me olhando como se fosse me dar um bote diferente do olhar sensual e atrevido que hoje me deu.

— Pois não? — engoli em seco, sustentando seu olhar.

Marco ao invés de falar logo o que queria ficou parado a minha frente como um carnívoro faminto me olhando, medindo cada pedaço do meu corpo, analisando qual atacaria primeiro.

— Queria convidá-la para jantar. — Foi bem objetivo ao ir direto com o convite, mostrando-se bem tranquilo, mantendo suas mãos dentro dos bolsos da calça.

— Obrigada, mas creio não poder aceitar. Tenho namorado — disse impensadamente, recusando.

Não tinha namorado algum. Travis era um contrato sexual muito gotoso, nada mais.

— E peço que não faça o que fez hoje. Não confunda alguém que viu por breves minutos em uma situação inusitada com o que sou. — Ao contrário do que queria dizer e aceitar o convite, não para jantar com ele, mas para ser seu prato principal controlei-me para falar e pedir de maneira sutil que não me tentasse como havia feito mais cedo.

— Me desculpa, senhorita, me equivoquei, não irá se repetir. — Marco mudou a forma como me olhava e sorriu tranquilamente.

Acho que não ficou com raiva por rejeitar seu convite, mas para minha prévia liberdade era melhor me manter afastada de problemas como ele.

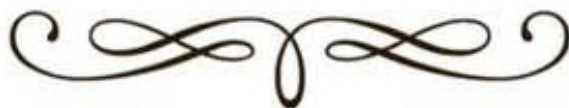
— Desculpa, não queria ser indelicada.

— Jamais. Só acho que realmente a confundi.

Não... ele não me confundiu. Se fosse 5 anos atrás com certeza me jogaria e deixaria ele fazer tudo e mais um pouco, mas agora era diferente e faltava pouco para me tornar livre. Era só esse casamento de Romano dar certo para parar de ficar com dedos em tudo. Inclusive na minha vida.

Despedi-me, maneando a cabeça antes de entrar no carro.

Uma etapa resistida com sucesso. E por mais que minha recusa fosse da boca para fora me senti surpreendida com seu convite.



MARCO

Marco o que está acontecendo com você?

Desde quando me deixei ser levado pelo monstro em mim? Já faz tempo que não tenho esses impulsos, ainda mais por uma mulher que nem preenche meus padrões de escolha.

Até agora estou aqui parado na calçada, olhando para a direção em que a limusine preta foi, me questionando, que a cada dia está mais difícil de me segurar e que dessa vez não foi minha escolha e sim a dele quando rocei suas pernas.

Era perigoso e mesmo que minha fachada cobrisse o que realmente sou há tempos consigo mantê-lo calmo, mas Leah Canttaneo acordou a fera e isso não resultaria em algo bom. Com toda certeza, como foi da última vez.

Voltei para dentro da fundação e terminei de tratar os assuntos pertinentes com Bella quando recebi a ligação de Giovani.

— *O que aconteceu Giovani?* — Ganhei o olhar preocupado de minha cunhada quando atendi o telefone e mencionei seu marido.

— Preciso que venha com urgência e traga Eleonora. — Mais cedo quando saímos do escritório disse a Giovani que passaríamos a tarde toda na fundação em uma reunião com sua esposa. — E não diga nada para Bella. É importante que venha o mais rápido possível.

Desliguei o telefone após confirmar que já estaria indo para lá, mas antes foi impossível não ser questionado por sua esposa.

— O que aconteceu Marco?

— Nada Bella. Só um pedido de Giovani que fôssemos para a Sede.

— Verdade? — Ela me olhou com uma pontada de desconfiança.

— Sim, não esconderia nada de você. — Olhei e sorri, tentando omitir o que realmente senti na voz apreensiva de meu irmão. Porém, não pontuaria isso. A conheço bem para saber que se intrometeria e se Giovani pediu para não falar nada não falaria.

— Marco se for algo urgente não me deixe no escuro. — Acreditou, pois disse e sorriu voltando sua atenção aos papéis sobre sua mesa.

Eleonora ao meu lado observava a situação e despediu de Bella quando indiquei com a cabeça que ela também iria comigo e dentro do carro voltamos a nos falar com mais clareza.

— O que está acontecendo com você, Marco?

— Nada, só uma ordem apressada de Giovani. Ele quer você junto lá.

— Sim, quanto a isso entendi. O que fiquei sem entender foi o que te deu para sair que nem um louco quando a loira saiu. — Olhei para o lado e por breves segundos observei e analisei a expressão de cobrança que Léo me enviava.

— Não foi nada. Só fui agradecê-la pelo apoio dado a minha cunhada.

— Você quer foder ela. Te conheço bem e sei quando quer ter uma mulher.

— Está equivocada, não está sendo coerente. — E se fosse isso mesmo? O que ela tinha a ver com isso?

— Você que está sendo incoerente. Não notei até te ver sair da sala sem dar uma explicação e logo mais voltar pensativo e aéreo.

— Eleonora, só por que você foi a mulher que mais *comi* na vida, isso não lhe dá o direito para me questionar. Se estou falando que não foi isso que está afirmando é por que não foi. Até por que Leah foge de tudo que busco em uma mulher.

— Se diz... — Ela deu de ombros como se aceitasse minha explicação, mas não acreditando.

Chegamos até que rápido na sede e pelo percurso inteiro evitei tocar nesse assunto, mas a infernal loira estava impregnando cada espaço dentro

da minha cabeça, ainda mais depois de negar meu convite e ainda dizer que era comprometida.

O que fiz?

Hoje liberei o bicho pensando nela, desejando seu corpo, só por que a safada me espiou e ainda por cima se masturbou enquanto me assistia.

Quantos anos ela tinha mesmo? Acho que 25 anos.

Tão nova, que não faço ideia alguma por que meu corpo reagiu a ela dessa maneira. Como fiz minha lista de quesitos esse era o primeiro do topo que me faria não querer nada, porém era linda como uma boneca. Os verdes dos seus olhos ora azuis como os meus, vibravam em excitação. Até mesmo hoje mais cedo, quando recusou meu convite. Sua boca era pequena quando estava fechada, mas sorrindo era enorme e já a imagino me chupando, mamando em mim ajoelhada aos meus pés.

Caralho de mulher.

— Marco, o que está acontecendo com você meu irmão? — Senti o aperto em meu ombro quando Giovani chamou minha atenção.

— Nada! — Respirei fundo.

Giovani me chamou junto com Léo com urgência, pois estavam alguns membros do FBI na sede da Camorra — cinco no total —, ali, onde mantínhamos a empresa de fachada com a placa escrito bem grande *Entrepise Corporation Valentino* na entrada do edifício de 14 andares. Não sabemos ainda o que estão fazendo ali, mas todos estavam em pé reunidos na antessala e quando passei por eles, antes de entrar na sala de Giovani vi uma Andrea pálida que nem um papel.

— Marco o que eles estão fazendo aqui? Mandeí chamar Raf, mas ele está resolvendo umas coisas importantes com Alícia. — Giovani me perguntou, mas para isso não tinha ideia, só imagino que coisa boa não poderia não.

— Vou averiguar. O que mandou dizer a eles? — perguntei tentando entender o grau da situação e encontrar um porque antes mesmo de falar com a polícia.

— Que estava em uma reunião importante por telefone e que logo os atenderia. Mas não posso ir lá no escuro. Cadê nosso informante da polícia?

— Pode ser algo simples. — Eleonora até então quieta se colocou no meio da conversa.

— Como também não. Nunca tivemos a visita de nenhum deles — disse ainda sem ter alguma ideia.

— Que inferno. Me chamem Russel. — Giovani não deu ouvidos e foi até a janela, dando as costas para nós.

— Giovani não é aconselhável deixá-los esperando.

— Como também não ter um aviso dessa visita. Quero todos os responsáveis e informantes na minha sala até o fim do dia.

— Não acha melhor um de nós dois ir lá e ver do que se trata? — Eleonora perguntou.

— Vá você Eleonora, Marco é meu irmão e não seria uma boa.

— Gio, fica tranquilo — disse menos informal quando ficamos só eu e ele.

— Marco, desde a queda do Pascollato nunca recebemos sequer a visita de um policial de bairro, agora imagina o FBI estando a metros e perguntando por você. — Não conseguia pensar rápido no que dizer e no que fazer diante da voz pesada e preocupada que Giovani me respondeu.

— Calma, Léo já foi ver logo saberemos, enquanto isso vou pedir que Andrea localize Russel.

— Faça! — assenti e fui para o canto da sala ligando exatamente para a secretária.

— *Andrea, sou eu Marco, sem que percebam localize Russel e o mande vir para cá. Giovani precisa dele.* — Após passar todo o recado desliguei o telefone no mesmo momento que Eleonora retornava.

— O que eles querem? — Giovani apreensivo perguntou.

— Estão com o pedido para analisar os arquivos contábeis. E você está sendo acusado pelo crime de lavagem de dinheiro. Eles querem levá-lo para prestar depoimento.

Giovani respondeu ao jogar o peso de papel contra a parede, frustrado e nervoso.

— Pode chamar o restante do seu escritório Léo — ordenei por minha conta, pois, mesmo com Raf sendo meticuloso em esconder o excesso de dinheiro que entrava estávamos declaradamente com sérios problemas.

CAPÍTULO 4

MARCO

— Aquela desgraçada vai me pagar. — Giovanni disse ao deixar a inspetoria do FBI.

Ele estava sendo acusado de lavagem de dinheiro e teve que vir prestar depoimento no envolvimento do crime de colarinho branco.

— Giovanni, o que lhe disseram? — perguntei quando ele se juntou a mim na saída da delegacia.

— Júlia e Ricco armaram para me denunciar. Eles não têm provas, usaram recibos antigos como base da denúncia de sonegação de impostos. Não sei se fiz certo, mas neguei meu envolvimento empresarial com eles.

— Por parte sim, mas não me deixaram entrar para acompanhá-lo, Marco.

— E vão nos dar acesso no processo investigatório quando?

— Só quando terminarem. — Eleonora me respondeu.

— E Russel? — Giovanni desabotoava o paletó do terno antes de entrar no carro.

— Ele achou melhor ficar acompanhando alguns agentes e me informou que os mesmos estão separando algumas caixas com documentos.

— Não acho que vão achar nada ali, Raf sempre foi muito cuidadoso. E por falar nele, cadê?

— O celular dele está desligado — respondi.

Permiti que Léo fosse na minha frente e depois que entraram no carro entrei e me acomodei ao lado da morena.

Giovani estava com cara de poucos amigos. Mas também não era para menos. Júlia e o primo armaram para ele. E o pior é que não podíamos fazer nada por enquanto, até sair e a polícia apurar os fatos.

— Tente falar com Rafaello pelo telefone de Alícia. — Novamente com o olhar longe Giovani dava suas ordens ao ar, para um acatar e obedecer. Nesses momentos que foram raros, vê-lo assim era presenciar o mesmo que um vulcão entrando em erupção. Melhor correr para longe ou a lava quente escorre em você e te atinge.

— Também está desligado, senhor — disse um dos homens sentado no banco da frente, ao lado do motorista.

— Que raios está acontecendo que eles sumiram logo hoje? Será que não pensa que ele tem que estar com o celular ligado para quando eu precisar?

— Calma, irmão.

— Calma, Marco? — Me olhou firme e com os lábios crispados. — É a porra da minha cabeça que está em jogo.

— Sim, mas precisamos ser calmos e pensar. Russel disse que conseguiu guardar muitas coisas a tempo, antes de conseguirem algo.

— Só consigo acreditar depois que essa *merda* toda passar, fora isso, estarei bem apreensivo.

Era nítido o tanto que estava aborrecido e não por menos. Consequia compreender a gravidade exata de que estava sentindo. Um crime de colarinho branco com certeza daria no mínimo 2 anos de reclusão fechado.

Era a sujeira em baixo do tapete aparecendo, a mesma que por anos escondemos.

Agora estava começando a aparecer.

Nada que é oculto permanece assim para sempre.

Após retornarmos ficamos por horas procurando e armando planos de fuga, ainda mais quando Bella apareceu. Minha cunhada farejava algo a quilômetros e por um lado contar com sua sagacidade era fundamental nesse momento. Não só ela estava presente, Luca apareceu. Nessas horas a família é mais importante que problemas secundários. Contudo, o único que tomou um chá de sumiço foi Raf, não conseguíamos falar com ele e nem com sua esposa. Não estavam em casa e, pelo visto algo, estava estranho, mas logo conseguimos contato quando nos mandou uma mensagem alegando que precisava ficar dois dias fora e que estava tudo bem.

Desconfio que ele e Alicia não estão em uma fase boa do casamento. É bem assim, depois de anos de casados com filhos que o relacionamento começa a desandar. Por isso ainda acho que a melhor solução é a solteirice.

Depois do dia tenso de hoje fui para casa e antes de me concentrar para a noite, precisava ver minha mãe. Dona Ana não andava bem. Há dias venho achando-a estranha, pode ser pelo fato de Luca estar com Mellaine e os dois estarem nesse impasse e a velha pressionando-o por causa do menino, mas prefiro não me meter, somente cumprir meu papel de filho.

A rápida passagem pelo seu quarto rendeu quase uma hora e com pena da sua solidão acabei ficando mais do que pretendia. Agora precisava pensar em relaxar um pouco. Toda essa situação já estava me pesando e me cansando. Meu apartamento começava a fazer falta para esses momentos que precisava relaxar. Talvez seja por isso que quando fui convidado para a Apple Privê não pensei duas vezes e confirmei minha presença.

Apple Privê era uma das casas mais famosas de sexo da cidade. Ela, nossa querida Maçã Dourada, abria suas portas do paraíso babilônico sexual uma vez por ano para os solteiros de Manhattan e novos e futuros sócios. O esquema funcionava simplesmente para casais e, quando abria para mais convidados, os sócios solteiros podiam ir, desde que confirmassem sua presença. Só ficava sabendo que fariam a festa no dia, quando enviavam o convite, o mesmo que recebi ainda estando na delegacia com Giovani via *sms*. Acabei confirmando sem ter certeza de que iria, mas agora meu corpo pedia para estar lá. Embora com todos os problemas nos acercando me dei um tempo para aproveitar a noite, me vestindo conforme a exigência, que seria estar todo de preto.



LEAH

— Aonde vai me levar, meu senhor?

— Você está muito inquieta. — Travis sussurrou provocador em meu ouvido. — Não vou falar, para saber vai precisar me agradar muito. Está entendendo?

— Sim, amo. — Ajoelhada no chão e de cabeça baixa, confirmei, dizendo as palavras que ele tanto exigia e que para mim já estava se tornando sem graça, mas antes de vir como havia e prometido que me levaria a uma casa de swing acabei entrando no seu jogo.

— Leah, olha para mim. — Ergui somente o olhar e busquei jogar mais ainda esse jogo de submissão. — Nessa noite vou deixar você escolher quem vai fodê-la, mas não quero que goze com ele. Seus orgasmos são todos meus.

Custei a concordar não acreditando que ele fazia esse joguinho de punição porque gostava de orgias e de estar com várias pessoas ao mesmo tempo. Até entendo esse lance, dessa possessão de dominador, mas desde quando começamos ele sabia sobre os meus gostos e eu os dele. Não foi nada omitido e, como forma de ter que fazer o que eu gostava ao menos uma vez por mês, Travis me punia dessa forma, o mais idiota possível. Onde já se viu me proibir de gozar com outra pessoa? Se vamos fazer a troca, isso se torna incoerente. Mas antes disso do que ficar aqui brincando de bichinho ou ganhando surras em troca de ser fodida. O que estava me segurando era a falta “dessa” liberdade que Romano não me deixava ter.

Por mais que me prendia a Travis e a um papel — que na hora que eu quisesse poderia dar um fim —, por enquanto era o que tinha e de certa forma era livre, era perverso e eu gostava. Gostava de sentir a reverberação de todo meu corpo quando atingia o orgasmo.

— Está entendido? — Segurando firme em meu queixo, Travis ergueu me rosto na direção do seu.

— Sim, mestre. — Ele soltou dando um leve tapa em meu rosto.

— Boa menina. — Sua mão bruta passou e parou atrás do meu pescoço e de uma vez me puxou para perto, me colocando de pé. Mal pude me equilibrar quando senti novamente o polegar e o indicador segurar meu maxilar e apertar, antes de sua boca apossar da minha. — Antes de ir vou te foder, Leah, só para você não conseguir gozar no pau de ninguém.

Revirei os olhos e quando fiz isso ativei mais ainda o seu lado dominador. Ele foi seco e rápido, ao me virar de costas e me jogar de rosto

na parede. Só escutei o zíper da sua calça descer.

Mais cedo, quando cheguei, Travis exigiu que ficasse nua, estávamos em seu apartamento, uma outra exigência minha. Não queria levá-lo ao apartamento que ficava. Romano era esperto e provavelmente ali deveria ter câmeras escondidas por cada canto a mais do que já tinha. Queria manter esse lado da minha vida o mais distante possível de qualquer pessoa. O dominador ali me fodeu, duro e forte, contra a parede antes de sairmos, me dando um dos únicos prazeres que tinha na minha vida. O sexo livre!

Arrumada ao seu lado, com a coleira de brilhante envolta ao meu pescoço, chegamos a uma casa em um local bem afastado do centro urbano.

O movimento era intenso e na longa fila observava as luzes vermelhas dos carros a nossa frente, indo lentamente e parando diante do imóvel para descerem. Ao longe também conseguia vislumbrar o fogo subindo e quando avançamos um pouco mais notei alguns malabaristas fazendo pirofagia.

— Que lugar é este? — perguntei olhando para o belo homem ao meu lado.

— Aqui é Apple Privê, um clube de sexo, só entra convidados e uma vez por ano eles abrem para novos membros e solteiros. Consegui um bilhete dourado com um cliente da bolsa — toquei seu rosto agradecida.

Não dividíamos a relação dom/sub o tempo todo, só deixava livre esse lado quando os animais dentro de nós precisavam serem expurgados.

Sem que ele soubesse eu o ajudava e ele a mim.

— Obrigada!

— Tem sido uma ótima submissa, merece esse agrado do seu dono.

— Se Travis soubesse o quanto havia me agradado cobraria caro de mim.

O carro avançou mais um pouco e parou diante dos manobristas e, com a ajuda de um deles, que segurou minha mão ao abrir a porta, desci.

Todos estavam de preto, funcionários e convidados.

Enquanto esperava Travis caminhar ao redor do carro para me encontrar, fiquei observando o longo gramado que se estendia até a enorme casa de três andares. Casais, trisais e solteiros chegavam e, pelo visto, não se importavam muito com outras pessoas.

— Vamos, minha bonequinha, a noite é nossa — concordei, segurando em seu braço. Mas retesei e quase não saí do lugar quando segurei a barra do meu vestido para subir os degraus da entrada e vi seu olhar no alto, cruzando com o meu em uma mera coincidência.

CAPÍTULO 5

MARCO

Meu corpo e minha fera avançaram primeiro quando a vi. Estava terminando de subir os degraus quando olhei para trás, somente para observar as pessoas que chegavam ao mesmo tempo que eu e fiquei parado, não acreditando no que meus olhos viam. Era ela e não tinha como não a reconhecer com seus cabelos loiros platinados soltos.

Leah era o sinônimo da deusa pagã, usando uma túnica preta solta que ia até seus pés, o corte deixava sua perna à mostra e no pescoço ela usava novamente a coleira de brilhantes e, nesse momento, entendi quando recusou meu convite, não existia um namorado e sim um dominador, que provavelmente era o que a acompanhava ao seu lado.

O cara que segurava sua mão era Travis Trimes, o magnata dos números e das correções. Já havia visto seu perfil na *Forbes*; sócio de uma das maiores corretoras de Manhattan, foi considerado um dos mais novos corretores a ganhar seus milhões em ações. Mas isso não me chocou o tanto que havia me deixado perplexo ao vê-la ali.

Senhorita Canttaneo em um lugar como esses... quem te viu quem te vê!

Para quem convive quase todos os dias em reuniões e eventos de caridade com a recatada irmã de Romano — uma quase freira — jamais a veria em um lugar como esse. Não para quem só se veste com grifes e está mais preocupada com o cabelo alinhado do que ter prazer. Assim foi o que aparentou. Porém, essa não era a primeira vez que me chocava. Teve a noite do banheiro, mas achei que aquele momento só teria sido uma mera casualidade, não como aqui e agora, com sua presença no vale da perversidade sexual.

Só de estar nos portões de Apple Privê significa que esconde mais que uma pose casta do que pensamos.

É... o ser humano é capaz de mascarar coisas e pintar uma bela fachada, só para esconder quem realmente é. Era o que eu fazia, e com certeza a mulher sexy e maravilhosa que subia as escadas na minha direção também fazia.

Novamente, após erguer seu rosto e me encarar tornou abaixá-lo e terminar de subir a escada. Intrigante e enigmática, passou por mim como se não me conhecesse e entendi o sinal enviado. O problema seria o animal interior se conter, ainda mais por estarmos na verdadeira Sodoma sobre a terra. Se tinha um local onde tudo acontecia, esse lugar era aqui. Os prazeres dentro dessas paredes não tinham limites, ainda mais hoje, na festa anual aberta para mais convidados.

As poucas vezes que vim, se alternavam na maioria em dias como o de hoje. Minha primeira vez aqui foi a convite de Léo e Robert, para participar da festa de aniversário de um dos membros fundadores. Adorei o lugar. Ainda só não tinha me tornado ativo pois exigiam que fosse casado ou tivesse em um relacionamento de união estável e, como corria desses dois estágios da vida, aproveitava mesmo para vir em dias como esses e só. Contudo hoje não poderia ter sido melhor que qualquer expectativa que

criei e de quebra tive a grata surpresa de encontrar com a loira do banheiro — não aquele mito colegial — mas sim a recatada Leah.

Farejei como um animal, que sente a quilômetros de distância o cheiro da sua presa e o perfume marcante que senti quando entrou na minha frente, tão perto. Foi como um potente feromônio e não consegui mais segurar o monstro dentro de mim. Precisava saber mais dela. Leah seria minha próxima caçada, mesmo não se encaixando em nenhuma das minhas especificações.

Após passar por mim, ainda passei segundos contemplado seu torso até entrar. Fui me misturando entre as pessoas no enorme salão, por mais difícil que estava distinguir cada um na massa preta eu a vi, e consegui ficar um pouco mais atrás, observando e analisando. O cara ao seu lado deslizava a mão por suas costas e sem pudor algum — que seria bem incoerente ter um aqui — descia moldando o tecido em sua bunda.

Ao invés de sentir ciúme e possessão por minha nova conquista eu gostei e queria ver alguém fodendo-a. Só para depois ela me sentir e ver que qualquer um que encostasse em seu corpo não faria o mesmo efeito.

Pode soar prepotente isso, mas esse é o lance do *voyerismo*. É o fato de assistir e ter prazer em partilhar, mas, no meu caso, ser o melhor depois era o ápice de sensações que meu corpo produzia.

— Boa noite sócios e convidados. Para quem não me conhece sou Caim, o fundador, e essa aqui é Apple, minha esposa. — A voz no alto do mezanino da casa bradou pelo sistema de som do local.

Estávamos em um grande salão central, mal se entrava na casa e já caía nesse lugar, era grande, estilo a essas casas antigas e era assim desde a fachada e por dentro do seu interior, menos os quartos. Assemelhava-se a uma casa campal, com o hall enorme e o pé direito alto, duas escadas ao lado, bem teatral, ladeavam uma de cada lado se encontrando no mezanino.

Já conhecia a casa e, atrás do homem agarrado a sua linda esposa, — mais conhecida como Apple — estavam as salas que eram separadas pelo longo corredor. Ali era o segundo andar. O terceiro andar eram salas maiores com longas camas que praticamente tomavam quase todo o espaço, onde funcionava o sexo em grupos maiores. Algumas eram abertas para quem quisesse assistir. No andar acima do que estávamos ao longo do corredor também tinha formas de assistir em espécie de vitrines de vidro, que só eram abertas quando o casal da sala permitia.

Eles tinham suas políticas e todos que frequentavam respeitavam tranquilamente sem ter engraçadinhos que pulassem as regras. Afinal, todos que estavam aqui sabiam exatamente como deveriam se portar.

— Quero agradecer a presença de todos aqui nessa linda noite e dizer algumas das nossas regras. Amber e Cherry, nossas ruivas deliciosas — ele apontou para as lindas mulheres de cabelos vermelhos, que seguravam uma bandeja prateada a frente dos seus corpos, bem no mini palco, abaixo da marquise do mezanino —, elas distribuirão as pulseiras dos solteiros. Esse ano permitiremos que quem está aqui sem acompanhante possa interagir entre os casais, mas lembrando que não poderão se convidar e sim esperar que o convidem. Para os novos casais só é permitido a troca consensual, se a parceira topa. Para os dominadores que costumam fazer a troca estarão suspensos os jogos dessa noite. Peço que entendam que abrimos essa modalidade do prazer somente para os sócios ativos, então novos sócios poderão experimentar em breve — escutava atentamente as regras que já sabia, sem deixar de observá-la atentamente. A cada segundo que passava minha boca secava e meu coração acelerava, ansioso, liberando adrenalina em doses superiores, pronto para o jogo.

— Mais uma coisa: — o homem, um dos fundadores tornou a falar. — Todos aqui buscamos prazer e diversão, não será permitido o ato sem

proteção, por isso teremos em cada cômodo da nossa casa preservativos de todos os jeitos e gostos para a escolha de vocês. E não esquecendo que no subsolo, onde chamamos de Sodoma e Gomorra estará aberto em minutos. Não tumultuem as escadas e que todos brinquem e se divirtam nessa noite! Às 6h estaremos fechando as portas, todos terão que sair, então aproveitem e não durmam. — Antes de beijar sua esposa, Caim mexeu em seu relógio no pulso, como se o zerasse. — Teremos 10h de prazer e está aberto.

— Meu solteiro preferido. — Eleonora surgiu me abraçando por trás e ao meu lado surgia Robert, me estendendo a mão e me puxando para um abraço.

Tínhamos essa liberdade, além do sexo aberto, fomos amigos de faculdade e, quando tudo aconteceu com Louise, era ele que estava ao meu lado. Além dessa amizade eu era padrinho de casamento dos dois e parte ativa quando faziam trocas ou queriam alguém mais no espaço deles. Acho que eu era o único com quem Robert dividia a esposa sem medo algum de que ela o abandonasse. Só assim conseguia se sentir livre para aproveitar também com algumas amigas de Léo.

— Hoje será meu solteiro. — Léo deixou minhas costas e veio à minha frente e começou a ajeitar o blazer.

— Acho que hoje não, Léo.

— Eu te falei, querida, que quando Marco tem esse olhar estreito ele já tem alguém em mente — ri dando um tapa no ombro do meu amigo.

— Me conhece melhor que minha mãe. — Se tinha um lugar onde eu não me escondia era em locais assim como esse. Aqui era livre para ser venerado e desejado, me destacando.

— Desde quando me rejeita assim de cara? — A linda morena me perguntou.

— Não estou te rejeitando, Léo, simplesmente já encontrei alguém na porta e a quero.

— Querida, vá andar e procure outro. — Robert sorriu para a esposa e quando a mesma se virou acertou um tapa em seu traseiro. — E também procure minha acompanhante.

— Vamos descer e beber algo — propus e, antes de descermos, ao chegar na entrada, Amber piscou quando me viu e veio toda faceira para meu lado, só para colocar a pulseira em meu braço. Na festa do ano passado, acabei minha noite com ela e algumas vezes, durante esse ano, saímos quando a via com seus clientes. Ou quando quis ter as gêmeas em minha cama. Queria ter feito esse *ménage* na última orgia aqui, porém Cherry estava com um cliente e não tivemos a oportunidade, mas saí daqui naquele dia já pensando em como teria as duas. E, digamos, que foi memorável, não digna de repetir a dose, mas foi sacana como eu gosto.

— Olá, Marco Valentino, como tem passado? — Ela sorriu e afetuosamente retribuiu ao me encurvar e demorar no beijo próximo ao seu ouvido e pescoço.

— Bem, minha querida.

— Marco, você não presta, não deixou nem escapar nossa menina apimentada. — Robert olhando para Amber fez o breve comentário.

— Não me culpem. Não resisto a mulheres que tem fogo desde o cabelo até na sua boceta.

— Esse ano ainda vai colocar a pulseira de solteiro? — Sua pergunta era dupla e entendia muito bem o porquê dela. Amber deveria estar pensando que poderia muito bem essa noite assumi-la como par e passar por um casal. Mas não...

— Sempre. Ainda pretendo ser... — Para o resto da vida, só não completei a frase.

Decepcionada, a mulher travou a pulseira branca em meu braço e sorriu antes que passássemos por ela.

— Diga a Eleonora, se a vir, que estamos em Sodoma. — Já o tinha deixado para trás quando escutei Robert fazer o pedido à ruiva.

Essa noite só tinha uma única pessoa em mente e conforme fui descendo a ampla escadaria procurava pelos fios platinados, com o único intuito de conseguir me aproximar, porém seria difícil, pela regra ela teria que vir até mim. E, pela forma como fingiu não me conhecer na entrada, seria difícil fazê-la me pedir para fodê-la essa noite.

Como? Foi onde comecei a traçar um plano e não existe melhor lugar que este, para fazer o que eu quisesse e da maneira como bem entendesse.

CAPÍTULO 6

LEAH

Sentia seus olhos de rapina presos em mim e a melhor maneira que encontrei de evitar qualquer situação constrangedora foi fingir que não o conhecia quando passei por ele, por mais que dentro de mim rugia a curiosidade para saber mais daquele homem.

Há meses tenho convivido próximo e, depois da cena, daquela noite no baile, não consigo parar de pensar no magnetismo sexual que ele tem. Marco Valentino era perigoso e exalava isso por todos os seus poros. Não era porque eu tinha apenas 25 anos que não conhecia nada da vida. Desde muito nova sempre gostei de sexo e foi muito difícil de lidar com isso, pois havia perdido minha mãe aos 7 anos de idade e nunca tive ninguém para me ensinar sobre sexualidade, aprendi com as colegas e por curiosidades. Busquei saber porque me excitava tanto com um simples beijo, e aos 14 anos perdi minha virgindade. Mesmo com a experiência desagradável que foi, sempre quis mais e até os meus 18 anos busquei dentro de casa, às escondidas com seguranças do meu pai. Era a melhor forma de ter o que

queria sem ser descoberta. Por fim, depois de Maison, nunca mais se teve um funcionário com menos de 30 anos e que fosse solteiro.

Quando a merda toda veio à tona com Maison, acabaram descobrindo todos com quem transei bem embaixo do nariz de Don Canttaneo. As fotos que vazaram foram parar nos jornais de toda São Francisco. E, aos 18 anos, fui obrigada a casar e ter que me conter com Maison que, aos poucos, quando o dinheiro subiu na sua cabeça me deixou de lado. Foram quase 6 anos vivendo com ele na cama, fora os brinquedos que utilizava dentro de mim. Sei que sou doente e, por isso, trato minha *parafilia*^[5] com terapias, conseguindo me segurar ao longo desses anos. Agora estava livre em partes, quase um ano depois posso viver o que fui privada. Ainda tinha minha prisão controlada e assistida por Romano, que me prende a uma postura da qual não quero e não mereço. Mas pago pelo preço do passado, ao ter sido imprudente e inconsequente em transar com qualquer um. Até hoje desconfio que o filho da puta do Maison armou aquelas fotos só para casar com a filha do chefe. Ainda bem que uma nova boceta milionária apareceu e, ao menos, parte da minha vida eu poderia ter de volta. Por isso resolvi ignorar Marco ali, mas infelizmente Travis o reconheceu e sabe que tenho envolvimento com a fundação da cunhada dele.

— Não era um dos Valentino lá atrás? — Me perguntou assim que adentramos ao enorme saguão, já lotado de pessoas.

Neguei com a cabeça.

— Sabe que não percebi. Acho que não! — Até olhei por cima do ombro para trás, simulando uma total falta de atenção.

— Acho que era sim, mas enfim... quero que se divirta essa noite.
— Travis me posicionou ao seu lado e encurvou para me dizer, roçando

seus lábios em meu ouvido, ao deslizar sua mão por todas minhas costas e fazer o contorno da minha bunda.

Gostava desse contato sexual, que me acendia e ligava o verdadeiro eu dentro de mim e, por mais que Travis fosse gostoso demais, não consegui parar de imaginar que poderia ser o demônio Valentino ali.

Que confusão de sentimentos!

Jamais poderia esperar que fosse assim. Foram meses ao seu lado, vendo-o ser controlado e comportado, não mostrando nada de sua personalidade e até cheguei a cogitar que ele era um lorde de educação, entretanto, depois que o flagrei no banheiro, toda essa concepção se tornou confusa e já não sabia mais o que pensar. O vi mais uma vez e o filho do diabo, fez questão de me tentar, porém consegui me fechar e manter o meu verdadeiro eu quando me convidou para jantar. E se já foi difícil manter as aparências, agora seria bem mais. O bom de hoje é que estava em um local com muita gente que poderia chamar mais atenção dele do que eu. Mas quando olhei de relance na sua direção peguei-o com seus olhos presos em mim. Dificultando minha atitude de continuarmos como dois estranhos.

Ele sorriu e agora seria impossível fingir de novo que não o reconheci, porém algo, ou melhor, quem estava ao seu lado me chamou a atenção, eu o conhecia de algum lugar, mas não me lembrava de onde. Os dois sorriam e Marco somente afirmava algo, balançando e confirmando com a cabeça; provavelmente era algo sobre mim, pois agora não só ele sorria, mas o outro também.

Mais do que nunca eu me conformava que merecia o inferno ao invés de ter paz.

Virei novamente e firme, não deixaria me intimidar pela presença do conhecido, pois assim como eu, se eles estavam aqui é porque também vivem de fachada. Todos, quando vivem nesse mundo, esconde algo e, na

maioria das vezes é o seu verdadeiro eu. Contudo, meu único medo era que Marco Valentino abrisse a boca e isso acabasse caindo nos ouvidos de Romano, aí sim, isso seria meu fim. Por isso o mais sensato a ser feito era manter essa faixa que nos separava. Mesmo que meu corpo convulsionava com as lembranças.

— Já escolheu alguém? — Travis me trouxe possessivamente para perto e tentando não pensar que tinha alguém me vigiando sorri.

— Ainda não, mas logo vou achar, meu senhor — neguei, embora dentro de mim meu corpo tinha feito uma escolha, mas deixar livre minhas vontades nessa noite seria como assinar minha sentença de morte.

— Adoro quando diz assim, sendo que essa noite é sua. Você sabe como agradar seu amo. Mesmo sabendo que ele está morto de ciúmes de ter que dividi-la hoje.

— Não sinta ciúmes. Sou sua submissa e então se lhe deixar mais tranquilo escolha você. Assim poderá escolher a acompanhante.

— Linda! — Me calou com um longo beijo após sorrir aprovando minha ideia. Um risco a menos, pois poderia me deixar ser levada pelo instinto de querer Marco Valentino.

Aos poucos fomos nos envolvendo com os casais que se aproximavam e mesmo dando a Travis a oportunidade de escolher, eu seria a última a consentir, contudo, por mais que eu quisesse fugir, ninguém, nenhum outro homem me interessava além de Marco Valentino. E por um bom tempo ficamos somente conversando, conhecendo outras pessoas, como estávamos com o casal a nossa frente.

— Travis, vou ao banheiro — informei ao meu dominador e estava prestes a sair quando a mulher a minha frente segurou em meu braço e disse que me acompanharia. Talvez ela tivesse entendido que seria o momento em que eu faria a proposta para a troca, porém explicaria lá dentro que não

haveria nada, era mesmo minha vontade de ir retocar a maquiagem e fazer xixi.

— Sua primeira vez aqui? — A linda morena de olhos da cor de mel — os mais lindos que já vi —, perguntou ao trançar seus dedos nos meus e me conduzir no meio das pessoas.

— Sim! É o seu?

— Não! — Ela parou e cochichou no meu ouvido antes de entrarmos no banheiro.

— Eu e Mike somos um dos primeiros membros, mas sei que não nos quer, só a acompanhei, pois estou fazendo um favor a um amigo.

— Oi? — recuei um passo, me assustando com o que acabou de me dizer e foi tudo muito rápido, sem me dar chances de sair de perto me arrastou para o banheiro parando na frente da porta fechada.

— Desculpa, Leah, mas não nego um pedido de socorro quando me pedem, não hoje e muito menos aqui.

— Boa noite, senhorita Canttaneo. — Marco surgiu, saindo de um dos boxes às minhas costas. Sua voz era irreconhecível e tive certeza de que era ele quando me virei e, na penumbra ali contemplei seu sorriso sutil de predador me encarando.

— O que faz aqui? — Ele gargalhou ao aproximar mais, diminuindo o espaço entre nós dois.

— O mesmo que você.

— Marco, não posso negar que você ainda tem um exímio bom gosto quando se trata de mulher. Casey, sim esse era o nome da mulher. Me lembrei agora, depois de uma hora conversando com ela. A mesma também se posicionava atrás das minhas costas me fechando no meio deles.

— Posso saber o que pensa que estão fazendo? — olhei para os dois lados, dirigindo a pergunta para o primeiro que me respondesse.

— Calma loira, Marco só quer conversar e como ele é solteiro, precisava de uma ajudinha.

— Casey é minha amiga, a conheço, Leah. Tudo que for falado e acontecer aqui vai morrer aqui, nem Mike vai ficar ciente. — Marco aproximou mais, envolvendo minha cintura com sua mão.

— Está louco? — afastei empurrando-o, tirando sua mão de mim.

— Não. Eu sou! — Será mesmo que o homem a minha frente era o controlado Marco Valentino? Pois acho que era um sósia. Se fosse ele não falaria dessa maneira comigo, por mais que tive uma pequena dose do seu outro lado. — Precisava falar com você.

— Não poderia ter esperado a próxima reunião? — tentei usar qualquer desculpa para afastá-lo. Porém, meu corpo começava a batalhar com minha razão em uma luta de gladiadores para que não entrasse nesse seu jogo.

— Quero você, Leah!



MARCO

— Mike, posso fazer um pedido a Casey? — Quando vi o casal encaixei cada detalhe de tudo que faria.

Como por regra não poderia fazer a oferta para Leah e seu dominador, então fiquei pensando em como agir. E foi a hora exata que os dois amigos chegaram.

Casey e Mike eram outro casal de amigos que me chamavam quando queriam relaxar no meio da semana. Os dois eram cirurgiões renomados e sempre participei da vida deles. Mike, assim como eu, tinha essa tendência ao *voyerismo* e se me incluíssem na prática de hoje poderia me inserir na roda como parte deles.

Robert já havia ido para um dos quartos com a dupla que Léo escolheu nessa noite e, como fiquei sozinho, continuei observar Leah. Poderia ter pedido para que os dois fizessem isso por mim, mas seria pior, já que Eleonora e Robert é parte ativa da família Valentino e talvez isso já impedisse que ela aceitasse logo de cara. Ainda mais por ter me ignorado quando chegou e, um pouco mais cedo. Sei que deveria estar com receio de que falasse algo para alguém de fora, mas o que ela não sabia, é que esse lado da minha vida era tão sério quando a fachada de bom moço que criei. Assim como muitos por aqui mantínhamos nossas vidas duplas. Mesmo que o sexo fosse algo mais que popular tínhamos muitos que nos olhariam torto por gostar de prazer independente da forma como fosse dada. E a presença do casal de amigos foi mais que bem-vinda quando os vi dentro do meu plano.

Os dois se aproximariam de Leah e seu acompanhante, interagiriam com eles, até ver a oportunidade de arrastar ela até aqui e, assim que as visse vindo, entraria primeiro e esperaria até poder falar diretamente, e caso desse algum problema, Casey diria que eu era acompanhante dela também. Mas primeiro precisei contar tudo para os dois que acharam que era uma grande loucura minha, porém quando o assunto é sexo a doideira toda some e se torna muito simples de resolvê-la. Além deles chamei por Amber, oferecendo o dobro do que ganharia essa noite, para ela manter-se próxima de Travis, com a mordaca de bola como um colar em seu pescoço e que parasse para conversar com Mike, chamando atenção para si e insinuando

que praticava BDSM. Como já entendi qual era a de Leah e do masoquista, sei que assim que colocasse os olhos na ruiva se ligaria nela, pelo simples artefato que estaria usando. Seria quando tudo se encaixaria.

— *Marco, só vou fazer isso por você, porque nunca nos negou nenhum dos nossos convites.* — Casey me respondeu quando terminei de falar que estava doido para foder uma conhecida que fingiu não me conhecer. Que ela acordou o monstro em mim.

Agora estávamos nós três aqui, dentro do banheiro — por ironia, foi onde Leah atçou o lado mais oculto que existia em mim — e só por isso queria brincar com ela.

CAPÍTULO 7

LEAH

Engoli em seco quando facilmente fui parar nos seus braços e como era bem mais baixa que ele, olhei para o alto e dentro do lúgubre espaço que estávamos, vi a íris verde vibrar perdendo espaço para a pupila atenta que crescia e tomava quase toda a cor dos seus olhos.

Foram meses sentando a sua frente em reuniões para descobrir que o homem controlado, reservado e educado não passava de um animal sedutor e direto. Indo à caça quando queria. Ao menos era o que transparecia nesse momento — que para mim deveria ser motivo suficiente para sair correndo para bem longe —, mas o instigante Marco Valentino era completamente como um imã me atraindo. E o *filho da puta* sabia que conseguia causar esse efeito nas mulheres, por isso agia assim.

Mas não comigo. Gladiava com meu íntimo para não ceder.

Baixar a guarda a um homem desses seria o mesmo que deitar no meio de uma rodovia e deixar que um caminhão de carga passasse por cima

e te esmagasse. Ao menos era isso que parte da minha razão refletia... que Marco não era quem todos pensavam que fosse.

O diabo me cheirava como se eu fosse sua presa e, claro, meu corpo que exigia liberdade, deixava e gostava da forma como ele passava seu nariz em minha pele; aspirando. Se eu fosse alguém com um mínimo de juízo sairia correndo dessa casa, mas a vontade de ser livre esgoelava. Era como se outra pessoa habitasse dentro de mim e todas as vezes que alguém com esse magnetismo todo se aproximava, quem ganhava essa batalha era esse ser. Mesmo que fosse obstinada a não ceder, no fim o meu eu sóbrio perdia e como já sentia que estava entrando em nocaute fechei os olhos e deixei que Marco me cheirasse, que reconhecesse a caçada.

— Mulher, você tem tudo para não ser o que quero, mas tem algo de proibido que exala e que me faz ansiar. Será só uma noite. — Sua franqueza não me afetava, ao contrário, ela me jogava mais para seu lado nesse jogo. Pois dentre todas propostas no que sua voz implicava, não havia amarras e isso tornava tão fácil de aceitar. — Não vamos falar mais dessa e da outra noite. Será só para terminar o que começou com seu *voyerismo* naquele dia. — Marco era incisivo.

— Não! — neguei ainda pensando em tudo que implicaria se caso amanhã as coisas não dessem certo.

Ao mesmo tempo que era simples, todas as situações complicavam os próximos passos. Por isso, seria prudente e sensata rechaçá-lo ali, recusando sua proposta tentadora. Me conheço e sei que todas as vezes que olhar para ele no futuro não vou conseguir separar essas duas vidas que compactuaríamos, — se caso eu aceitasse. Lembraria da forma como seria e por mais que tudo fosse tão vago a foda com ele não seria nada de perto casual.

Um grande fator para não querermos, ou melhor, eu não querer envolvimento com ele era por nos conhecermos e sermos próximos. Se tudo desse errado não envolveríamos só nós dois: do meu lado viria Romano. E esse sim era meu maior problema e não queria contrariá-lo e voltar a ter que viver entre os muros daquela mansão, sendo vigiada 24 horas por dia.

“Que medo absurdo que você tem do seu irmão. Se tivesse tanto esse medo não estaria aqui e Marco Valentino é a cereja do bolo, não o rejeite.” — Fui inquirida pela minha própria consciência.

E era para ter, pois assim como meu pai, Romano era implacável e mesmo em pleno século 21 acha que sou uma mulher que precisa se resguardar e mostrar a boa moral e os bons costumes. Quantas vezes quis mandá-lo se foder com suas tradições, pragmatismo e *misógismo*.

— Para de se fazer de rogada, se está aqui é porque você finge ser uma pessoa que não é. E vou tê-la, só que desse jeito, sem toda aquela máscara que usa. — Sim, eu era exclusivamente uma pessoa que se passava por alguém que nunca foi, mas não seria Marco Valentino que escancararia isso.

— Não sabe nada sobre mim, senhor Valentino. — Tomada pela coragem de manter um pouquinho do prazeroso lado da minha vida afastei o rosto e disse, olhando para dentro dos seus olhos, mantendo uma pequena brecha entre nós dois.

— Marco. Meu nome é Marco — replicou e avançou os centímetros existente entre nós dois ao tentar alcançar minha boca. Virei o rosto recusando, mas permiti que seus lábios encostassem na minha bochecha.

— Por favor, senhor Valentino, me deixei ir — choraminguei, vencendo pela primeira vez a garota que pedia por liberdade, consegui

negar.

Que ódio por ele ser quem é... sei que viveria um prelúdio da liberdade que sempre quis. E só de pensar no que faria comigo, além do que vi naquele dia, senti que minha perna se melava inteira com minha lubrificação, que escorria da minha boceta encharcada.

Sim... não posso negar que sua voz e seu magnetismo era o festim para fazer qualquer boceta chorar de tesão. Mas tinha que ser assim desse jeito, impossível alimentar o ser dentro de mim sendo por uma noite de Marco. Esse limite de me voltar a relacionar com o problema tinha que ser o breque exato para nem começar e acho que Casey entendeu antes dele o que eu deixava nas entrelinhas.

— Ela não quer, Marco. — A mulher que me acompanhou ao banheiro aproximou e tocou em seu rosto, chamando sua atenção para ela. — Um homem como você não precisava implorar, vamos nos divertir com outra pessoa. — Pensativo tornou a me encarar e aos poucos foi me soltando, tirando seus braços de mim aliviando sua feição.

— Tem razão, Casey, a senhorita Canttaneo parece não estar inclinada a jogar.

Fácil assim ele desistiu sem antes lutar, recuando, assumindo o homem que eu conhecia, controlado e educado. Não o fatal e sedutor que me cheirou como um animal minutos atrás.

Não sei se estava aliviada ou bem frustrada, por ter sido simples sua aceitação. Agora já me sentia arrependida por negar ao invés de se jogar e brincar.



MARCO

Quanto mais sentia seu perfume, mais desesperadora a situação dentro de mim se formava. Inconformado, a trouxe requerendo seu corpo tão perto, ao rodear sua cintura e deixar meu rosto perto dos fios loiros. Leah demonstrava medo, era tão nítido na sua respiração pesada e pausada. Seus olhos vibravam ao me fitar, me recusando, mas tudo estava sendo mais forte que meu autocontrole e o bicho-papão chacoalhava as grades de sua jaula, louco e alucinado; babando como um lunático, querendo sair. Atordoadado, consegui mantê-lo fechado e não abri a porta da gaiola, mas foi tudo completamente avassalador, que o animal em mim foi mais forte e venceu, estourando as dobradiças do metal que o prendia, me tomando por completo quando comecei a esfregar meu nariz por sua pele. Me encurvando para alcançar seu pescoço com aquela maldita coleira. A loira, ao invés de me barrar se tornou escrava, se mantendo débil em meus braços. Não sei se era a força com que a segurava que tornava mais difícil seu movimento e por isso se manteve ali, facilitando tudo para mim.

Leah tinha tudo que não gostava em uma mulher... era fútil, rica tanto quanto eu, tinha envolvimento com minha família e ainda era mais de 10 anos mais nova que eu.

Um problemão e muita confusão.

Tudo isso vi quando a conheci e quando fui buscá-la no aeroporto para a festa de 42 anos de Giovani. Mas aqui ela era apenas mais uma mulher dentre as demais, que buscavam por experiências e vivências sexuais.

Contudo, sua resistência me deixava sem paciência de jogar e acabei pressionando-a e metendo os pés pelas mãos quando tentei alcançar seus lábios carnudos. Leah tinha o lábio inferior farto e convidativo, mas me negou ao virar o rosto e novamente lá estava eu, cheirando-a, buscando por saciar minha sede.

A falsa casta era dura na queda e travou o jogo, recusando passar a noite comigo e já estava quase cometendo uma loucura em segurá-la e fodê-la ali mesmo. Seria tão rápido como um cometa, que passa muitas vezes sem ser visto. A faria implorar por mais e seria minha vez de brincar com a negativa dela, contundo preferi deixá-la ir e reassumi novamente a fachada de bom moço, deixando-a confusa, inserindo-a no meu plano B.

Casey ainda me olhava, entendo o que estava fazendo quando segurou no braço de Leah e a tirou de dentro do banheiro e, no mesmo momento que a vi cruzar a porta de saída, duas morenas me rodearam e deslizaram suas mãos pelo meu corpo. Como uma estátua olhando para o fim do banheiro deixei que me tocassem.

— Poderia ser nosso, já que a loira não lhe quis — disseram as duas em uníssono.

Respirei fundo. Se fosse em outro dia não haveria problema algum em brincar com elas, porém a filhinha do papai me disse não e era ela quem eu queria. Leah me deixou louco querendo-a de qualquer jeito, todavia, agora teria que agir de outra maneira.

— Hoje não... Hoje eu vou à caça.

— Então boa caçada, caçador. — Uma delas antes de sair ficou na ponta dos pés e com uma das mãos apertou meu pau sobre a calça, bem direta ao encerrar selando meus lábios. — Se mudar de ideia estaremos por aí.

Aqui funcionava assim... nada de puritanismo ou medos bestas. Todos queriam, todos buscavam por prazer. Se não rolava, não rolava, era partir para o próximo e eu como solteiro era enquadrado na regra de que não poderia chegar antes que viessem até mim. Por isso, arquitetei uma maneira de conseguir que Leah viesse aonde eu estava, que não teve sucesso algum, piorando tudo que estava sentindo, deixando a fera com fome, complicando seu estado de ânimo.

Só tive esses surtos de desejos por uma pessoa assim uma única vez na vida e agora estava acontecendo de novo e, para controlar, precisava de apenas dessa noite, que não poderia demorar muito para acontecer. Ela não seria mais uma obsessão como Louise foi.

Deixei o banheiro, arrumando meu cabelo com as mãos, me preparando para chegar no grupo e agir como se nada tivesse acontecido, aparentando a maior calma do mundo, pronto para executar meu plano alternativo, que já estava entre eles.

A ruiva estava posicionada bem de costas para o banheiro — isso não era parte do meu plano, mas seria perfeito — quando fui aproximando e a abracei por trás, deixando seu corpo colado ao meu. Minha sorte era que Amber gostava mais de dinheiro do que de foder e, por isso, quando a chamei e fiz minha oferta, ela topou de imediato. E como uma excelente atriz encenou perfeitamente, jogando seu charme e incitando o

acompanhante de Leah a cair em sua teia. Tudo indicava que ele gostava de um sadismo e usáramos a isca perfeita.

— Boa noite! — Cumprimentei Casey e Mike como se fosse a primeira vez que os visse nessa noite, mas não me contive ao demorar meus olhos sobre a loira com seu dominador ao lado. Leah desviou o olhar sorrindo para o corretor.

— Olá, meu caro Valentino. — Mike jogava bem e como amigos de longa data sabia o que eu queria e em breve conseguiria. O cumprimentei, soltando em seguida de Amber e foi a vez do teatro de Casey. Agora a falsa freira nos olhava, sabendo que era tudo combinado. Se mantendo empática e com indiferença.

— Conhece Travis? — neguei, fingindo não saber quem era quando Casey me perguntou.

A morena nos apresentou, e o idiota inocentemente esticou a mão e sorriu sinceramente ao me cumprimentar.

— Você é Marco Valentino. — Apertei os lábios sorrindo ao confirmar que era eu mesmo. — Prazer. Sou Travis Trimes.

— Hum... acho que já ouvi seu nome por aí... — falei como se não soasse importante, mostrando para ela que eu era bem mais que o dominador shibarista ao seu lado.

— Olá, senhorita Canttaneo. — Poderia até me controlar para não dar um jeito de tê-la ali, mas não me faria de desentendido sobre nos conhecermos.

— Boa noite, senhor Valentino. — Ela me cumprimentou e logo desviou o olhar para o babaca do *corretorzinho*.

Travis Trimes ganhou minha antipatia de graça.

— Os dois se conhecem. Que mundo pequeno esse nosso, não?!

— Sim, mas pouco nos falamos — emendei uma breve resposta.

— Amber, vamos? Mike e Casey estão acompanhados.

— Poderia se juntar a nós, Marco. — Mike disse.

— Creio que não — respondi olhando despreziosamente para Leah, que me devolveu seu olhar enquanto seu dominador falava algo em seu ouvido.

— Ainda não combinamos nada, Marco. — Casey se achegou ao seu marido repousando seu queixo sobre o ombro dele.

— Mas aproveitem a noite — engoli em seco após falar e, como se não nos escutasse, os dois conversavam algo aos sussurros.

Percebendo que dessa vez eu passaria a noite frustrado, decidi sair de perto, negando em sinal com a cabeça para Casey e Mike que não havia dado certo, porém, quando achei que tudo estava perdido, escuto a voz de Leah e sua mão segurar o pulso de Amber.

— Se me permitem, gostaria de conversar com as duas. — Assim como fez com a ruiva, Leah chamou Casey também, tirando-as de perto de nós.

CAPÍTULO 8

LEAH

Para qual inferno iria primeiro?

Quando achei que estaria livre de Marco, ou melhor, quando estaria sã e salva ele aparece, rodeando a ruiva como se fossem um casal, assim como fez comigo no banheiro. Até então era compreensível sua presença, o que não entendi foi a presença da mulher quando retornei para perto dos dois homens que havia deixado antes. Travis estava próximo e notei seu interesse nela e sabia pelo qual motivo. Além de linda, estava usando artigo sádico pendurado no pescoço, como se fosse um colar. O que indicava que ela era praticante ativa das práticas de BDSM, sendo um pequeno aperitivo para a libido do meu dominador. Entretanto, quando cheguei, meu acompanhante mudou a postura e retornou para meu lado como se fosse inocente, — o que nenhum de nós é por aqui — mas o susto maior foi quando Marco surgiu, esfregando na minha cara sua ligação com a mulher na minha frente. Casey estava com seu marido e pelo jeito era dissimulada tanto quanto o Valentino, mostrando que não tinha me visto e ainda por

cima ter me encurralado há pouco dentro do banheiro. Os dois agiam naturalmente. Não tendo como evitá-lo, fui obrigada a cumprimentá-lo cordialmente e no mesmo instante saquei qual era sua.

Travis me chamou encostando seus lábios perto só para eu escutá-lo ali...

— Minha querida, como disse que eu poderia escolher nosso par sei que ficará assustada, mas não vejo problemas, pode ser que não aceite, pois o conhece... — Enquanto Travis concluía seu pedido meus olhos brilharam de raiva e foram praticamente parar nos olhos gatunos, que me encarava com sua expressão sacana. — Queria sair com Amber, mas pelo visto, ela está acompanhada por Marco Valentino. — *Touchet!* Estava prevendo que isso aconteceria quando retornei do banheiro.

Desgraçado, manipulador do *cacete*... Saquei qual era seu jogo.

Marco jogou bem, mas se baseando que eu fosse cair na sua — já que a do banheiro não deu certo —, o demônio de olhos verdes tinha um plano B pelo visto. Mas o que ele não sabia é que essa é a única parte da minha vida que o controle pertence a mim e, se quero trepar, trepo com quem quero... não que eu não quero transar com ele. Qual mulher não iria querer? Uma louca, mas não cederia ao seu jogo. Não era nenhuma idiota e já que ele tanto queria sem me dar um único motivo plausível — já que me disse que eu não me enquadrava nos seus requisitos. — Ele me teria a noite inteira, mas não dentro de mim.

Marco Valentino achava que eu era casta e educada, mas não faz ideia de que posso ser tão perversa quanto ele. Ainda mais no meu pequeno lado de liberdade que quem controlava era eu e ninguém mais... Agora, depois de me concentrar após o episódio do banheiro, tomei minha decisão

em segundos sob seu olhar, mas ainda assim precisava fazer meu teatro e não ser tão fácil.

— Por favor... — Travis suplicou.

— Não me sentiria confortável em ser com ele. Me desculpe, meu querido. — Sem essa de dom/sub, fingi ao pedir desculpas acariciando seu rosto.

Sim e não...

De fato, não me sentiria confortável pelo fato de ter uma coligação com ele; por outro lado, a partir do momento que estivéssemos todos em um quarto, mostraria para Marco que todos os dias, quando levanto, me fantasio de uma Leah que nunca existiu.

— Tudo bem... sou um homem de palavras e disse que você escolheria ou daria sua aprovação na minha escolha. — Da forma como pensei, Travis recuou frustrado, mas era bem nessa hora que entrava em ação e me fazia de sonsa.

— Calma, podemos ajeitar isso, meu dono... — Carinhosamente, com a voz mais leve que poderia fazer, disse disfarçando. Me afastei de Travis no exato momento que Marco e Amber começavam se retirar de perto de nós. E quando pedi para falar com sua acompanhante foi nítido o sorriso perverso de que havia conseguido o que queria. Confesso que as duas vertentes seriam prazerosas... a de ser sua e a de ver sua cara frustrada por não conseguir que eu fosse sua parceira de troca.

“Leah, cadê seu senso de sobrevivência? Se não quer transar com o Valentino por que então vai trepar com outro na frente dele?”

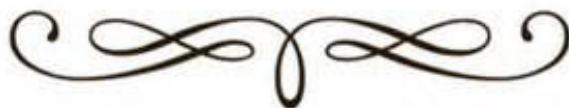
Porque na minha vida mando eu...

Poderia até ceder, mas depois dele armar duas vezes e não me deixar em paz seria preciso mostrar que ele poderia pensar o que quisesse de mim que aqui, nessa pequena porção de mim, eu sou a dona do pedaço.

Além de Amber também convidei Casey, alegando que minha troca seria pelo seu marido, mas que Travis queria Amber e por isso gostaria de saber se haveria problema dela ficar com Marco. A resposta veio imediata e as duas toparam a troca.

Quando retornamos para perto cada uma disse ao ouvido de seus parceiros enquanto sorri e pisquei para meu acompanhante que, sem insinuações me puxou para perto, segurando a base da minha coluna e me beijou. Sem me fazer de rogada, aproveitei o momento já imaginando que por mais perigoso que fosse deixar Marco participar — como parte da orgia — seria maravilhoso. Mas, pelo visto, ele não ficou tão satisfeito como estava me sentindo. Afinal o que importava era a diversão e mesmo que não fosse com ele eu o veria.

— Uau... gostei! — Mike foi o primeiro a demonstrar satisfação enquanto Marco me encarava espremendo seu olhar felino, me fazendo em silêncio a promessa de que teria volta.



Como Casey e Mike já eram frequentadores assíduos os seguimos para uma ala bem mais atrás da mansão, uma não aberta para a festa de hoje, mas como eram membros antigos tinham acesso dos quais muitos não tinham.

Chegamos em um cômodo amplo em tons escuros, com luzes saindo das *sancas*. Todo o quarto era pintado em tons de marrom e tons de areia, no centro havia uma enorme cama redonda, que abrigaria mais de 5 casais de uma vez, encostado nas paredes haviam sofás contínuos. Tudo ali foi projetado para exatamente o que faríamos: brincar por toda a noite. E por mais que ainda sentisse incômodo por sua presença, Marco também acionava tudo de mais insano em mim.

Sei que me olhava constantemente, pois assim que selei a troca e a confirmei passei a fazer o mesmo, brincando com o próprio diabo.

Mike trancou a porta e acionou pelo painel ao lado, preso a parede. Ligando a sincronia de luzes e a música e, ao invés de vir até mim, foi até Amber. Por um momento fiquei sem entender, mas logo se explicou.

— Já que vamos brincar em seis e não vamos ter todas, ao menos quero tirar a roupa da ruiva e entregá-la ao meu mais novo amigo. — O médico segurou a mão de Amber e passou por Travis dando-lhe um tapinha camarada no ombro dele.

— E ele vai tirar a minha, querido. — Casey afirmou para seu marido e sensualmente se enroscou no meu acompanhante, sobrando Marco e eu. Travis me olhou sorrindo, por mais que gostasse mais do sadismo mostrava estar se divertindo. — E nosso Marco vai tirar a da linda Leah — completou, não me dando opções.

— Assim que cada um terminar traga elas e entregue ao seu parceiro da noite. — Concluiu Mike.

— Errou a jogada, mas o que não sabe é que farei como quer até que implore para que a foda duro, sem qualquer plateia pela noite inteira. — Estava parada quando Marco avançou parando logo atrás de mim. Sua voz de trovão fez-me tremer toda, fazendo não só meu corpo vibrar, mas minha boceta contrair com sua ameaça.

Que merda você foi fazer, Leah? Deveria dar de uma vez para o Valentino e acabar com essa de bancar a sádica.

Suas mãos me tocavam com as pontas dos dedos sobre o nó das amarras que seguravam todo o tecido em meus ombros. Segurei todo o ar de uma vez, sentindo o quanto seu toque era potente. Um simples tocar, que já reverberava em todo meu corpo, como uma onda de calor.

— Uma coisa que aprendi é esperar e, por mais que a queira essa noite ainda, vou tê-la de um jeito ou de outro. — Sussurrou, me arrepiando inteira com sua ameaça.

Uma parte de mim nesse momento se arrependia por bancar a durona, mas era aquele lado que pensava com a voz do prazer do que com a da razão que aplaudia minha ousadia.

Marco não disse mais nada e terminou de soltar o laço, apertando o tecido em suas mãos, evitando que caísse e me desnudasse de uma vez. Fazendo assim para poder tocar em mim e como pensei com as mãos abertas, escorregando, parte por parte do tecido foi descendo e parou quando chegou em meus seios e, espalmando, fechou sob as mamas, encaixando-as na sua palma. Mesmo sob o tecido senti como se de fato tocasse meu corpo inteiro e foi tão delicioso, que incontavelmente me arqueei para que ele me segurasse por completo.

— Pequenos, duros e perfeitos para o encaixe da minha mão — disse baixo e pausadamente próximo do meu ouvido apertando-os e sovando-os ao mesmo tempo.

Segurei o gemido.

Suas mãos continuaram a descer lentamente o tecido e conforme chegava em alguma parte de mim, que poderia me apertar parava.

— Cintura fina, ótima para segurar enquanto a fodo de quatro. — Cada vez que falava algo dentro de mim gritava, me acusando de ser

imprudente e muito idiota. — Que bundinha empinada! Vou adorar foder esse rabo e dar uns bons tapas nele. — Segurando na lateral do meu quadril passou a túnica pela minha bunda me jogando um pouco para frente para poder me olhar. O *filho da puta*, além de lindo era sedutor, e só de ser simples a maneira como agia já me deixava em dúvida, se de fato foi uma boa escolha ter feito a troca com Mike ao invés de ter escolhido ele. A aura sexual que emanava dele era contaminante, causando uma tremenda confusão dentro de mim, fazendo-me questionar minha própria decisão de ter escolhido o lindo moreno.

Terminando de tirar de uma vez soltou todo o tecido que caiu aos meus pés, ficando um amontoado de pano enquanto colava seu abdômen nas minhas costas. Esqueci de falar que o diabo estava sem camisa e abriu o blazer quando entramos e agora podia sentir os gomos dos seus músculos contra minha pele.

— Porra, mas é muito safada e gostosa. — Um riso em meus lábios brotou quando me rodeou olhando o que estava vestindo.

Essa noite vesti um novo modelo que havia comprado, era a espécie de uma *hot pants* de renda preta, mas ao invés de ter um fundo, ela era inteira aberta e do cós saía só duas tiras que ficava bem no meio das nadegas, deixando praticamente minha bunda sem nada.

— Vá para a parede. — Ordenou e tentando não aparentar que estava gostando da forma como tirava a minha roupa evitei olhá-lo e acatei sua ordem e, de pernas afastadas, joguei meu corpo para frente e me apoiei com as mãos, espalmando-as na parede, empinando minha bunda. — Desgraçada! Ainda vai me pagar. — Desde que entramos foi a primeira vez que nos encaramos quando olhei por cima do meu ombro e encontrei seu olhar pesado em mim.

— Termine logo, Valentino, não sou submissa — rebati, mostrando que por me conhecer ele não me intimidaria. Aliás, desde o momento que entrei e concordei, a verdadeira Leah veio junto deixando quem ele achava que conhecia lá trás.

— Não tente o que depois não vai conseguir controlar.

— Seu amigo me espera. — Marco abaixou e desafiou a tira da sandália presa no meu calcanhar e, ao subir novamente, suas mãos escorregaram deslizando, subindo sobre minha pele, me arrepiando com o toque delicioso.

Fechei os olhos sentindo e aproveitei, arrependida e ao mesmo tempo feliz. Mas se eu esperava que só seria isso, fui pega desprevenida quando senti a pressão do seu pau duro na minha bunda, encaixando entre o vale das almofadas de músculo. Suas mãos brincavam no meu quadril e alcançava o fino elástico do cós na minha cintura e com a ponta do indicador enrolava e tirava a renda de mim lentamente, fazendo com que passasse por cima da minha boceta e lentamente fingindo que estava tirando conseguiu alcançar o meio dela.

— Está molhada, minha cara, igual no dia que se masturbou me vendo foder a Léo. Não se faça de desentendida, é por mim que está pingando desse jeito. — Incontrolável, gostando do seu toque, rebolei lento ao sentir a pressão do seu dedo sobre meu clitóris. E sim... estava muito lubrificada. Na verdade, estava assim desde o banheiro quando achei que não fosse resisti-lo. — Até seu corpo corresponde, mas fica aí pagando de casta. Qual seu medo, Leah? Acha que vou contar para todo mundo que a irmã de Romano Canttaneo não é quem pensam?

Parei-o, segurando seu pulso, forçando que retirasse do meio das minhas pernas.

Quando Marco falou no nome de Romano voltei em mim e lembrei-me do porquê ser Mike e não ele a minha escolha.

— Você acabou, Valentino, vá e me leve até Mike agora!

CAPÍTULO 9

MARCO

Não adiantava o que quer que fizesse para sair pela tangente comigo, daria um jeito; poderia demorar, mas ainda conseguiria estar entre o vão das suas pernas pelo menos por algumas horas.

Leah havia despertado o monstro e agora não conseguiria trancá-lo facilmente. Ainda mais quando minha mão tocou sua pele e sentiu o contorno perfeito dos seus seios, sem falar na quentura da sua bocetinha. E o que era esse cheiro que emanava do seu corpo? Uma mistura exótica de canela e mel, oriental e afrodisíaca, que se fixava a cada célula olfativa do meu corpo. Nunca mais esqueceria seu perfume onde quer que eu estivesse, quando o sentisse saberia que era o dela.

Que *porra* é essa? O que essa puritana estava fazendo comigo, que não faço a mínima ideia de como está bagunçando tudo? E nem nas minhas especificações ela me agradava. Não era possível que minha fera interior agora estava mudando seus conceitos para uma caça.

Tudo estava me atraindo nela, desde o modo como seus olhos reclamavam-me através do espelho em total luxúria naquela noite. Eles

vibraram e me perdi em gozo ao saber que aquele *voyeurismo* era por minha causa.

Há quase um ano quando, a vi pela primeira vez, sempre a achei bonita, com belas curvas, mas só ter uma beleza perfeita não era o que me impressionava e Leah não tinha mais nada que me agradasse além do seu corpo. Era fútil e muito nova, além de que, se jogou a noite inteira em cima de Giovani, me fazendo afastar e não sentir mais nada, e depois, com nossos breves encontros, só confirmavam o que achava dela: fria e casta. Até duvidei se sabia foder direito, mas claro que me enganei e passei bem longe de acertar. Logo eu, que sempre consegui ver além de todos o que sempre escondem, mas a falsa moralista se mostrou ir muito mais além do meu julgamento, provando que era devassa e depravada, gostosa e tinha um cheiro de boceta maravilhoso. Creio que foi exatamente nesse dia que despertou o monstro, chamando-o para brincar, mesmo que não tenha sido intencional por parte dela, mas se masturbar me vendo foder outra mulher não foi normal.

Agora, na minha frente, a insípida loira já não era a mesma que pensei conhecer. Era autêntica e caminhava com confiança, me deixando com um tesão absurdo ao contemplar o balanço sensual da sua bunda, com as duas tiras no meio das almofadas redondas, indo em direção ao moreno a sua espera.

Mais um erro de julgamento: pouca idade não quer dizer nada em relação a experiência. E Leah tinha, me fazendo mudar toda minha análise sobre ela.

Acompanhei-a com o olhar, se afastando mais de mim, indo até Mike, que liberava Amber.

Afastando a ruiva para o lado, ele foi ao encontro da loira e a puxou pela cintura colando seu corpo no dela. Entretanto, a cena a seguir me

deixou consternado, não conseguindo acreditar na audácia com que Leah olhou, desejando a prostituta. A danada novamente vai e faz o inesperado, tirando as mãos de Mike, para puxar a mulher ao seu lado, me encarando por cima dos ombros, umedecendo os lábios.

Cara de pau... não me quis e agora me atíça dessa maneira.

Leah ainda mantinha seu olhar em mim quando suas mãos seguiram até os peitos de Amber que, experientemente, a puxou pelo pescoço, entranhando a mão por baixo dos seus fios platinados, levando-a rosto com rosto para, então, beijá-la.

— Deliciosas! — Mike diz segurando a mão de Casey, que abandonava Travis para se juntar as duas que se atracavam, em uma sincronia mais perfeita do que se fosse projetada.

Contemplei a cena maravilhado, ficando um pouco mais afastado deles. Se soubesse o quanto gosto de ver duas mulheres se tocando e agora três, me levariam a loucura. Para mim isso era liberdade e devassidão, duas coisas que me regiam. Leah não se fazia de rogada e muito menos se envergonhava e agia naturalmente deixando Casey entrar entre elas, oferecendo sua boca enquanto Amber sugava seu seio.

Duro e fodidamente excitado, meu pau doía ao assisti-las, tão lindas e perfeitas.

O prazer que sentimos só é dado por nós mesmos; se quer mais então tem que se doar mais... é assim que funciona a forma como você é recompensado.

Elas caminharam, sem se desgrudarem e ainda em trio subiram na cama.

— Preciso entrar nessa brincadeira ou vou ficar louco. — Mike disse, aproximando-se da cama e, vindo ao seu lado Travis se achegou, permanecendo quieto com os olhos vidrado nas três.

Pela cara do babaca do dominador parecia que era a primeira vez que assistia uma cena assim. Pelo jeito, o sádico não tinha participado ainda de um *grupál*.

Sem desgrudar meus olhos das três tirei toda minha roupa e também me aproximei da cama, rodeando no lado oposto dos dois. Leah parecia o prato principal. Deitaram-na ao centro da enorme cama. Casey e Amber, uma de cada lado, ajoelhadas traçavam com suas línguas o pequeno corpo delicioso, lambendo e chupando os seios da loira. Juntas sugaram, abocanhando as mamas por inteiro, arrancando gemidos da falsa *santinha*, que servia de *prato especial* para elas. Mike, se masturbando, subiu sobre o colchão e ajoelhou-se também, mas entre as pernas de Leah. A safada gemia e arqueava seu corpo pedindo por mais e me vi desesperado para ser eu a ter minha boca em seu corpo. Seu olhar ia até mim e mantinha-se fixo nos meus olhos enquanto a ponta da sua língua passeava pelos seus fartos lábios. Meu corpo correspondia a toda essa cena em forma de excitação extrema, ficando fodidamente dolorido com o pau todo cheio de pré-sêmen na ponta bulbosa.

Preso, aonde estava deitada, permaneci com os olhos cravados ali.

Segurei minha rigidez entre meus dedos e passei a mover toda pele sobre sua extensão, o cobrindo e depois descendo até a base, fui lento, deliciando-me. Observando toda a diversão sodomita a minha frente manipulei ele, brincando e me preparando. Elas juntas pareciam uma bela obra de arte, nada comparado à *Vênus de Urbino*, de Ticiano. Estavam mais para a famosa pintura de *Michelangelo* na Capela Sistina, onde o céu guerreava contra o apogeu do inferno. Era exatamente o que via, essa mistura de babilônia de sexo e plenitude celestial. Mantive a masturbação e esperei até que se separassem, contemplando a diversão enquanto meu pau se enchia mais ainda de sangue, vibrando com a antecipação do prazer.

Casey veio até mim, com seus olhos faiscantes, se aproximando sedutoramente. A morena tirou minha mão do meu falo reto e rígido, assumindo-o ao deslizar como eu fazia, deixando-o todo melado com líquido seminal que expelia dele.

— Duro, forte e vigoroso como sempre. Um touro! — Ela olhava para meu pau empinado, logo abaixo da cabeça de zebu que tinha em minha pele, tatuado sobre meu púbis.

Rimos.

Não era a primeira vez que tocava em meu corpo com tanta lascívia, mas era a primeira que ao seu lado estava quem realmente queria que estivesse me tocando.

— Vamos brincar um pouco — falou tentando me distrair. Deixei que meu olhar fosse para o rosto da morena e a lacei, segurando firme em sua cintura ao trazê-la, encaixando a ereção no v das suas pernas.

Casey rebolava de acordo com a batida, que ecoava da música, que vinha da acústica sonora dentro do quarto.

Alcançando sua boca mordi o lábio inferior, mas, ao invés de me concentrar na minha parceira desta noite, não consegui me controlar e novamente passei meus olhos pelo corpo esguio e pequeno ao lado, fui medindo cada centímetro da pele branca até chegar ao belo rosto. O par de jades me vigiava e arfava ao mesmo tempo, permanecendo com seus lábios entreabertos.

Tentadores e convidativos! Me segurei para não encurvar e alcançá-los, já que não fui sua escolha, mas mesmo assim não conseguia perder esse contato com seu olhar. Leah me olhava firme, me subestimando mais uma vez, ao sustentar o meu enquanto minha boca deixava a de Casey e ia para seu pescoço, lambendo a pele e cheirando-a. Era isso que queria fazer com a loira falsa moralista do *caralho*. Se não fosse por esse seu jogo duro,

estaria agora era *metendo* sem dó em sua boceta cheirosa. Um outro detalhe que gostava era que comigo não tinha essa coisa de que vagina tem que cheirar a morango ou perfumes, para mim ela tem que exalar sexo e a da Canttaneo não só exalava, mas impregnava. Ao menos disso sabia com tanta veracidade, que seu cheiro era maravilhoso.

Gemi sentindo a pressão dos dedos de Casey descendo, estrangulando meu pau. Leah não só me comia com os olhos, mas também mudava o rumo do seu olhar para a morena. Tão natural que jamais pensei que um dia, a mulher recatada que conhecia estaria comigo entre quatro paredes, com mais pessoas, fodendo ao seu redor, ou que até mesmo emprestaria seu parceiro para alguém. Mas, pelo visto, isso era tão dela que essa liberdade que refletia me dizia muito mais sobre seu verdadeiro eu, derrubando o muro ético que aparentava. Assim como todos, ela escondia algo e só nesses momentos — onde cada um se torna transparente, — é que a fachada cai.

Minha parceira ainda me tocava, ritmando lentamente, brincando com meu *cacete* e quase gozei em sua mão quando Mike deitou e se prostrou no meio das pernas da loira e, a chupou, brincando com sua boceta dentro da boca dele. Meu amigo puxava os grandes lábios cheios entre os dentes, me chamando atenção para o pequeno clitóris intumescido e iluminado.

A vi ofegar e gemer, deixando seus lábios entreaberto, se rendendo ao prazer quando fechou os olhos por alguns segundos. Toda a cena me fazia vibrar, sentindo cada centelha do reflexo que seu corpo emitia. Não a possuir e assisti-la fazendo o que queria também me enchia de excitação. Essa era a vantagem de gostar do sexo livre, não tinha amarras e muito menos frescuras, era nu e cru.

Tudo que envolvia o tesão e esse clímax todo era pejorativo para os falsos moralistas, mas, para mim, era o quarteto fantástico dos hormônios — *dopamina, serotonina, endorfina e ocitocina* — que o Criador nos concedeu e que nos permitiu usar e abusar. Então, nada do que fazíamos aqui era santo e imaculado, até porque nenhum ser humano quando se trata de sexo se torna um anjo.

— Como gosto desse pau! — Assustei-me quando Casey trocou sua mão por sua boca e me engoliu todo de uma vez, pressionando seus lábios sobre a carne cheia. Junto, ainda me encarando, Leah manteve seu olhar preso no meu enquanto eu era *mamado* por outra mulher. Estava sendo tão intenso, que nem quando estava tendo seu primeiro orgasmo desgrudou seu olhar do meu. Seu corpo tremeu cadente enquanto Mike ainda castigava sua boceta com a boca, segurando firmes suas coxas, travando seu corpo, segurando toda agitação dele.

Além de nós, Travis e Amber pareciam estar em outro mundo. Eles haviam saído da cama, deixando nós quatro e foram para o sofá na lateral. O dominador se esqueceu que nessa noite não podia praticar BDSM, mas quem falaria algo, principalmente eu, que estava gostando mesmo era de apreciar sua submissa trepando lindamente ao meu lado. Até porque a ruiva foi minha isca para que acontecesse — não como queria, — contudo deixei Travis livre, o cara parecia enlouquecido e cego atacando a bunda da prostitua aos tapas, segurando-a pelos cabelos, deixando-a amordaçada enquanto a castigava.

A noite era para diversão, cada qual com sua maneira e a minha tinha uma atenção especial, mas como qualquer outro ser humano eu também merecia diversão. Agora era a minha deixa e mostrar que também gostava de sentir prazer tanto quanto ela.

Segurando na lateral da cabeça de Casey, joguei toda a minha para trás ao investir dentro da sua boca, fazendo a engasgar. *Nossa...* como gostava disso; meu pau indo fundo e tocando o sino da garganta de uma mulher, sem contar no misto de sensações múltiplas que produzia em mim quando sentia o toque pesado da saliva quente e densa na curvatura da glândula.

— Que boca, Casey — disse com os olhos fechados, apreciando o calor da cavidade oral que me recebia.

Sempre gostei de sexo oral e a médica sabia muito bem disso, tanto que me engolia esfomeadamente, devorando toda extensão com dificuldade de colocar tudo para dentro. Além dela, Leah me engolia de outra forma, só com o seu olhar, e era nítido o quanto a mulher controlada que sempre vi não era a mesma que emanava luxúria e que me atingia poderosamente agora. Me deixando mais alucinado, fiz o mesmo que ela: esquecendo que nos conhecíamos. Com destreza agarrei Casey pela nuca e tirei meu pau rápido de sua boca. A joguei de costas na cama paralela ao lado da *santinha do pau oco*. A morena caiu sorrindo, jogando os braços para o alto e alcancei um dos envelopes esparramados sobre o colchão. Não sei quem foi o inteligente que trouxe, agradei-lhe mentalmente, rasgando um dos envelopes com os dentes, me vestindo rapidamente.

Antes de penetrar a médica, escorreguei os dedos no vale dos grandes lábios, abrindo a passagem para meu *cacete* duro como aço. Não foi nada combinado e, assim como eu em sua esposa, Mike investiu contra a bocetinha de Leah se enterrando ao mesmo tempo também. Em contra partida aproveitei do que tinha e brinquei chacoalhando meu quadril, rebolando ao entrar e sair da vulva que me apertava. Mas meus olhos estavam em outro lugar: nela... Eles pausavam ora nos seus olhos verdes, —

que também não saiam de mim —, ora na junção da sua vagina pequena que recebia duras investidas de outro pau.

A decadência da cena e de toda a densidade do momento me levou por breves momentos sentir a retenção do meu gozo explodindo em um jato único quando vi seu corpo arquear pela segunda vez nessa noite, agarrando firme o lençol, mantendo-se parcialmente ainda na superfície enquanto gozava.

Não foi comigo, mas senti como se fosse, ao contemplá-la se deliciando e tremendo de prazer. Sem contar que sua entrega foi tão magnífica que sentia como se fosse sua boceta me apertando, me molhando. A química do momento foi tão intensa que não reparei, mas Mike e Casey também gozavam ao mesmo tempo. Estava tão ligado em Leah que nenhum dos demais, muito menos Amber e Travis conseguiram me desligar de ficar vendo-a.



LEAH

O que foi tudo isso?

Meu corpo ainda tremulava, não de frio, mas da sensação que varreu cada centímetro de mim. E não foram as investidas que recebia de Mike, e sim do olhar penetrante de Marco, que me instigava, exigindo o máximo do meu íntimo. Mesmo estando com todo sentimento de raiva e de que me mantinha na defensiva, meu corpo correspondeu a possessão do seu olhar.

Todavia, a maneira como estava acontecendo me fez esquecer que era Leah Canttaneo e com quem estava ali. Não era ele em mim, no meu corpo, mas a força que exalou e o seu magnetismo poderoso me fez sentir como se fosse sua e estivéssemos unidos carne com carne.

Confesso que era lindo e mal estava conseguindo sustentar o olhar para o moreno alto que me fodia — que também era lindo — minha atenção estava trancada no seu rosto, na expressão de poder e virilidade que emanava, a mesma que me encurralava, como se eu fosse uma presa acuada. Nessa troca de olhares e intensidade experimentei novas sensações de liberdade, me deixando impactada, me levando a um patamar de sensações loucas e, o melhor, sem amarras nenhuma.

Até o presente momento, nada mais em minha vida sexual teria sentido depois de hoje. Tudo foi inesperado e inusitado, uma surpresa maravilhosa, que me virou do avesso; apenas com essa química, que saía dele e se pregava em mim. Se achei que trepar com Marco me faria ficar pensando neste dia todas as vezes que o visse estava enganada: lembraria em todos os momentos e, principalmente, do peso com que me imobilizava em seus olhos, me prendendo como uma detenta, entretanto, ao mesmo tempo esse domínio que exercia involuntariamente me libertava também. Poderia gozar novamente só com a sua imagem viril, quando jogou a cabeça para trás, investindo duro e másculo, terminando de se derramar em gozo também. Foi tudo tão intenso e assim que retornou a me olhar sorriu satisfeito, saciado dessa fome que nos consumiu mutuamente. Em resposta não consegui ser imune e devolvi o sorriso, nos tornando cúmplices, de uma forma bem especial. Sem explicações...

Depois desse redemoinho de sensações e dos efeitos que nos tomou, acabei me lembrando que não era com meu dominador que vivenciei e que deveria me sentir nessa plenitude. Foi com Marco Valentino que dividi um

dos poucos momentos que me abria livremente, contudo, agora pouco me importava, só queria era sentir de novo.

— *Caralho!* Que química é essa de vocês dois? — Mike disse, retirando-se de dentro de mim. — Que conexão absurda! Nunca senti algo numa troca assim.

Sim... foi essa química e essa conexão que me fez gozar...

Ainda um pouco assustada, joguei o braço sobre meus olhos, me escondendo; não por vergonha, mas por aceitar que meu corpo queria Marco Valentino de agora em diante.

CAPÍTULO 10

LEAH

Nada mais era como antes e dias depois da festa na Mansão Apple Privê estava sentada no restaurante caro — por mera casualidade — jantando com Travis.

Depois daquela noite não tocamos mais no assunto e agradei por não ter mais nenhuma reunião com Bella e seus cunhados. Não conseguiria me manter sã e salva perto de Marco. Porém, tinha que me preparar, dentro de 15 dias nos reuniríamos, e até chegar lá teria essas duas semanas para cuidar bem do meu *psiquê*. Precisaria me revestir e munir contra o demônio Valentino.

Por que tudo isso?

Simples... Estava evitando a fera de olhos verdes, ora turquesas, que me fez quase cometer uma loucura.

E me sinto em dívida com Travis. Ele, depois que fodeu Amber, não quis mais ficar pelo restante das horas que ainda faltavam para a festa acabar e, me “forçando”, fomos embora. O que foi excelente, pois evitou que eu agisse por impulso e cometesse uma loucura seguinte. Se ficasse

mais tempo ali e Marco novamente me pedisse para ser sua, seria sem pestanejar. Contudo, depois que partimos, fiquei calada por todo percurso até o apartamento que morava, revivendo nas minhas lembranças como foi intenso e como poderia ter sido bem melhor, mas acredito que tudo é feito na medida certa e transar com Marco — por mais que o meu verdadeiro EU estivesse de mal com minha razão por correr dele como o diabo corre da cruz — foi o mais sensato a ser feito. Talvez se algo entre nós tivesse rolado naquele momento estaria correndo riscos dos quais para mim envolveriam muitas perdas.

Não poderia mais ser a inconsequente do passado e trepar livremente por aí e, me envolver com um conhecido ligado a ele ainda era mais seguro do que parar na cama do único solteiro daquela família. Por isso, me manter afastada por uns dias vai ser a melhor saída, mesmo o querendo. Sim... ainda sinto vontade de estar e ser de Marco Valentino, trepando como dois loucos por prazer. Porém, há uma grande lacuna entre querer e fazer. Aprendi que muitas vezes fazer o que quer não lhe torna inteligente e sim uma louca inconsequente. E para viver um pouco da liberdade que tinha precisava ser inteligente e cautelosa...



— Está acontecendo algo, Leah? — Travis repousou os talheres na borda do prato e apoiou os cotovelos na mesa. Me olhando, analisando, cobrando uma resposta.

Será que estava dando muito na cara que não estava mais a fim?

— Nada, só estou cansada, hoje tive que arrumar algumas coisas, ficarei umas semanas em São Francisco — respondi ao levantar o olhar na sua direção.

Foi assim que achei uma salvação imediata para me afastar de Nova Iorque e de confusões. Não confiava em mim quando me sentia excitada por um homem, ainda mais sendo quem era, e minha melhor solução seria deixar a casca de Leah, educada e recatada, que todos conheciam, continuar à mostra. Meu íntimo estava nutrindo um desejo perigoso com o gosto de liberdade, tudo que sempre quis, mas recobrei o juízo a tempo e lembrei que tem uma pessoa que é mais perigosa que Marco, e era meu irmão. Resolvi que era hora de me afastar por uns dias até meu íntimo se acalmar.

Por mais que no início Romano quisesse me jogar para cima de Don Valentino, agora ele não queria que me envolvesse com nenhum deles e sei o motivo disso: meu irmão hoje me via como moeda de troca.

— Já que não se sente bem quer que eu te leve para casa? — Travis perguntou e balancei a cabeça confirmando.

Tinha combinado de jantarmos e depois ir com ele para algum lugar; provavelmente para a casa de sado que frequentava. Confesso que isso era outro ponto do qual estava um pouco desanimada. Gostava mesmo do sexo e de participar como foi em Apple Privê. Quando aceitei esse contrato foi em um momento que necessitava e estava bem excitada em experimentar mais do prazer, mas agora não conseguia ver sentido algum em continuar sendo submissa de algo que não pertencia a mim. Só estava sendo mais uma amarra.

— Vou te ver quando?

— Acho que devo retornar dentro de duas semanas — respondi desanimada.

— Me ligará de lá?

— Claro, nos falaremos sempre.

Terminamos o jantar, falei um pouco mais, tentando não demonstrar minha falta de interesse completa. Travis era um homem muito atraente, rico, inteligente e, tirando o lado masoquista, era delicioso estar em sua cama, mas não tanto quanto ver Marco Valentino foder alguém e gozar sensualmente.

— Quer que eu fique? — Travis perguntou quando abriu a porta do carro para que eu descesse.

Ele estacionou em frente ao prédio onde ficava quando estava em Nova Iorque.

— Me perdoa, mas estou com muita dor de cabeça, preciso tomar um analgésico.

— Posso ajudá-la... — entendi as entrelinhas, mas não queria nada essa noite.

— Desculpa, querido, mas hoje não sou uma boa companhia.

— Entendo, Leah. Me ligue de São Francisco, aguardarei retornar ansioso.

— Eu também.

— Sentirei saudades. — Para não prolongar mais, aproximei lentamente e selei seus lábios e, na mesma rapidez que o beijei me afastei.

— Até mais. — Me despedi e caminhei para o rumo da portaria.

Fiquei aliviada por chegar no apartamento, uma cobertura em Manhattan, linda e espaçosa, decorada ao meu gosto. Ao menos isso Romano não interferia e esse local era meu refúgio.

Desci dos saltos, sentindo o gelado do mármore sob meus pés e fechei os olhos.

Essas poucas sensações de prazer e de liberdade para mim era tão essenciais e pisar no chão era como se meus pés sentissem o poder para

correr para bem longe, então sempre que podia fazia coisas sem sentidos — como essa — só para poder me sentir um pouco livre.

Tudo explicava meu gosto peculiar pelas trocas. Queria poder ser dona de mim e transar com quem eu bem entendesse. Por seis anos tive que me contentar com Maison, nos primeiros anos que fomos casados ele me levava para trocas, mas, com o passar do tempo, ele foi se distanciando até que me traiu. Não tenho raiva dele e, sim, sinto um grande agradecimento. Foi como se me livrasse de um peso morto. Nunca o amei... estávamos ligados pelo sexo e por uma paixão momentânea. Só!

— Senhorita! — assustei-me, levando a mão na altura do coração quando vi que uma das mulheres que trabalhavam estava de pé logo atrás de mim.

— Aconteceu algo? — perguntei me virando, começando a me preocupar com seu olhar sério.

— Não, só para lhe informar que seu irmão chegou agora há pouco, está no escritório e já perguntou pela senhorita. — Fechei os olhos engolindo a saliva com dificuldade.

O que será que Romano está fazendo aqui?

— Obrigada!

Curiosa e ao mesmo tempo ressabiada caminhei descalça, me sentindo agradecida por não ter ido trepar e ter vindo para casa. Indiretamente acabei evitando um dos seus ataques possessivos e de monopolismo.

— Romano? — entrei com cuidado no escritório e o peguei sentado na beirada da mesa, sorrindo, com o telefone na orelha.

Ao ouvir meu chamado ele virou-se na minha direção e gesticulou que era para aguardar.

— Querida, preciso desligar. Amanhã à noite estarei de volta, e prepare-se que iremos jantar. — Romano desligou e ficou me olhando seriamente antes de alargar sua boca em um sorriso.

— Aconteceu algo? — indaguei, querendo saber o motivo por estar ali sem ter me avisado que viria para Nova Iorque.

— Não! Vim resolver algumas coisas com Don Valentino, já que resolvi amanhã estarei indo embora. Agora... onde estava?

— Jantando com uma pessoa. — Não poderia mentir, por partes ele sabia sobre Travis, até porque, só consegui sair sem alguma segurança após contar que estava saindo com alguém e que precisava de um pouco de privacidade.

— Com o corretor?

— Sim.

— Andei vasculhando a vida dele, parece ser uma boa pessoa, mas não vai se casar com ele.

— Romano, se estou saindo com alguém não é motivo de achar que vou me casar.

— Leah, só me preocupo com você e com nossa reputação. Não quero você envolvida em nenhum escândalo e com outro *merda* como Maison. — Quando falava assim parecia que estava preocupado comigo, mas o conhecendo como conheço sei que estava era preocupado consigo mesmo e mais ninguém.

— Amanhã retornarei com você para São Francisco.

— Por que?

— Porque não tenho muito o que fazer aqui?

— Não está trabalhando com Bella Valentino?

— Sim e não. Preciso procurar fundos com algumas *socialites*. Combinei em levar mais colaboradores para a fundação. — Não era esse o

motivo, mas também não era uma desculpa total.

— O que demos a essa mulher não é o suficiente?

— Romano... por favor.

— O que tem? Só lhe fiz uma pergunta. — Ele deu de ombros.

— Nada. Vou dormir estou com dor de cabeça. — Romano mudando sua postura se colocou ereto e veio até mim, aproximando tão perto para depositar um beijo em minha testa.

Essas suas atitudes eram tão inesperadas e ao mesmo tão manipuladoras, que para conseguir que ele recuasse um pouco me fazia de desentendida.

— Amo muito você, querida irmã.

— Eu também — sorri e fiquei na pontas dos pés alcançando a lateral do seu rosto para beijá-lo.

— Durma bem.

— Obrigada, você também — despedi dele e o deixei no mesmo momento que um dos seus homens entrava na sala, o mesmo que fazia a minha segurança pessoal aqui em Nova Iorque. Passando por mim, dei-lhe boa noite também e saí, mas algo me prendeu no corredor, só para escutar, quando escutei Romano perguntar algo relacionado sobre mim.

“— O que ela está aprontando?”

“— Até o momento é o que informamos ao senhor, sobre os gostos peculiares de sua irmã com esse corretor da bolsa, mas nada que deva preocupá-lo, eles são bem discretos.”

Desgraçado... Romano estava sabendo mais do que deveria.

Quando será que teria minha vida em paz?

E por falar em paz, meu telefone começou a vibrar, tirei-o da pequena bolsa, saindo de perto, indo para meu quarto. Fiquei olhando o nome piscar no visor, mas não atendi. Era ele... Marco Valentino, e já era a

quinta vez que me ligava desde aquela noite, entretanto não atendi, não fui corajosa o suficiente para atender.

“Vou te ligar até me atender, caso não atenda vou amanhã até seu apartamento. Sei que seu irmão está em Nova Iorque, será um bom encontro... tem 24h”.

Após minutos, encerrando sua insistência, recebo a mensagem tentando me coagir a atendê-lo... e o pior que além de medo sentia raiva por causa da sua tentativa de me pressionar a fazer o que ele queria. Agora que não faria mesmo, já basta meu irmão mandar e desmandar na minha vida, não queria outro mandando também.

Será que nem na parte onde eu mandava teria paz para fazer do jeito que queria?

Não... e não precisou das 24h inteiras. Pelas primeiras horas da manhã tive sua promessa concretizada antes do prazo que me deu.

— Bom dia, senhorita Canttaneo! — Era ele em carne e osso ali na minha frente.

CAPÍTULO 11

MARCO

Leah é uma falsa moralista do *caralho*... Primeiro fode com uma vontade maravilhosa, depois paga de freira, ferrando comigo.

Achei que ficaria a noite toda naquele dia, eu tentaria de novo, mas o babaca e engomadinho do dominador quis ir embora e logo acabei indo também, não tive interesse algum em permanecer ali. Depois liguei todos os dias, mas ela se recusava em me atender e, por fim, com a paciência esgotada ameacei-a e mesmo assim Leah não me retornou.

Agora ela teria uma boa dose de frustração, só para aprender que não faz Marco Valentino de idiota. Não depois de mostrar que me quer...

— Bom dia, srta. Canttaneo — sorri, contemplando sua expressão assustada.

Havia ido tomar café com Romano na cobertura da família dele.

Depois que nos reunimos no dia anterior, Giovani pediu que levasse alguns papéis para Don Canttaneo e, como o homem retornaria para São Francisco pela manhã, tive que acordar e levantar bem cedo, só para tomar café e... colocar um pouco mais de emoção no meu dia.

— Leah, Marco está falando com você. Não vai cumprimentá-lo? — Romano chamou a atenção da linda loira que atravessava a enorme porta de vidro e vinha até a pequena mesa de café instalada na área externa da cobertura luxuosa.

Leah vestia-se com um conjunto branco, de saia justa, que abraçava o pequeno quadril, destacando mais a curvatura dele acompanhado por uma blusa da mesma cor que deixava seus ombros a mostra.

Amei ver a curvatura da omoplata delicada. Perfeita, elegante e com aquele cheiro maravilhoso, que exalava a metros de mim, cutucando a fera adormecida. Fiquei olhando sua aproximação. Confesso que vê-la pela manhã de hoje foi um delicioso abono, logo para mim, que vinha dias sofrendo de ansiedade e tédio.

— Bom dia, sr. Valentino. — Com a voz controlada aproximou-se sem me encarar e sentou-se entre eu e seu irmão.

— Melhorou a dor de cabeça, irmã? — Dócil e diferente da Leah que vi fodendo com meu amigo, balançou a cabeça confirmando a resposta ao seu irmão.

— Sim. Obrigada por perguntar. — Observei sua frieza e distância no tom baixo da sua voz. Controlada e fria, vi novamente a mulher fútil e casta que conhecia ali do meu lado.

— Que horas vamos? — Olhei para ela quando se incluiu no itinerário do irmão. Pelo visto, Leah estaria indo para São Francisco.

— Daqui a duas horas, só preciso terminar de assinar uns papéis com Marco e podemos ir. Pedi que preparassem o avião desde às 8h, creio que quando estivermos disponíveis iremos.

— Tudo bem. — Não disse mais nada e não olhou para nenhum outro lugar a não ser para sua frente, como se fosse uma boneca sentada e controlada por cordas, como uma marionete.

— Marco... — Romano falaria algo, mas teve que atender o telefone que uma das mulheres que nos servia trouxe, entregando para ele.

— Senhor, é a srta. Beatrice.

— Obrigado! — Levantando-se Don Canttaneo se afastou pedindo licença para falar em particular, indo na direção do interior do apartamento.

Com cuidado observei Leah olhar por cima do ombro certificando-se de que o irmão não estava mesmo por perto e, por sorte, nenhum dos seguranças também estavam próximos.

— O que você pensa que está fazendo? — Leah não esperou que falasse nada e quando virou o rosto para mim. Vi seus olhos ardendo — mais verdes — de raiva e creio que se pudesse me degolaria ali naquele momento.

— Nada. Só trouxe uns papéis para seu irmão assinar. — Calmo, coloquei o guardanapo de tecido sobre a mesa e me encostei na cadeira, ficando mais confortável para olhar para ela.

— Não poderia ter mandado alguém no seu lugar?

— Não! Como poderia cumprir o aviso que te dei se mandasse outra pessoa? Não mando ninguém cumprir o que prometo.

— Deveria ir se já tomou seu café. — Sem responder a minha provocação, foi curta e direta ao me mandar ir embora. Contudo, não sairia dali antes de falar com ela, precisava entender sobre aquela mulher que compartilhou algo mais profundo — que mesmo que passasse mil anos nunca entenderia o que foi aquilo —. Sem contar que o animal em mim passou dias rugindo, pedindo por ela.

Nunca fiquei ensandecido por mulher nenhuma como estava por ela. Ainda mais por alguém que não se enquadrava nos meus gostos, mas Leah era aquela surpresa repentina que chega e toma tudo como um furacão. Sei que precisaria fodê-la para acalmar o bicho.

— Não antes de falar com você. Acredita que já estava pedindo a Romano permissão para levá-la para jantar? — Só um idiota não veria que Leah Canttaneo esconde seu verdadeiro eu do irmão e demonstrou exatamente isso, minutos atrás.

— Você não é normal.

— Não...

— Por favor...

— O que? — sorri, vendo que minha jogada foi exatamente no ponto certo que planejei.

— Você sabe como funciona, o que aconteceu não é falado, comentado e muito menos lembrado. — Senti sua voz perdendo força ao terminar a frase, mas se achava que cairia nesse joguinho de ser delicada e mostrar-se indefesa, estava enganada. Ainda mais por ter visto uma mulher audaciosa e que sabia muito bem o que queria.

Para cima de mim com essa de coitada não colaria.

— Impossível não tocarmos nesse assunto.

— Por que quer fazer isso?

— Por que estou curioso e por que quero fodê-la... — Não terminei o que queria falar, Romano retornava e voltava para seu lugar, e mais uma vez vi uma Leah comportada, controlando até o ritmo de suas respirações.

— Pronto! Meu dia está começando perfeitamente. — Romano disse e evitei olhar para sua irmã. O homem era astuto e ainda não sabia o quanto ele tinha conhecimento sobre a “ingenuidade” de sua irmã.

Imagino que nada... A loira que trepa como uma deusa pagã só demonstrou para mim ainda mais que ela escondia seus gostos ao se comportar como um animal domesticado.

— Preciso ir! — Me levantei e Romano me acompanhou estendendo sua mão.

— Acompanharei o sr. Valentino até a saída.

— Obrigado pelo “*brunch*” — agradei apertando a mão do homem na minha frente.

— Faça isso minha irmã.

Leah levantou lentamente e muito comportada.

Que *cachorra*... Fica pagando de santa, mas de santa não tem nada.

Andei ao seu lado até pararmos diante das portas de metais do elevador, localizado em um pequeno *hall* um pouco isolado do restante da cobertura.

— Para com isso, por favor. — Ela pediu parando e cruzando os braços após apertar o botão, chamando a caixa metálica.

— Parar com o que? — inquisitei encarando-a, olhando firme dentro dos seus olhos. Sabia bem o que mealaria, mas queria ouvir da sua boca.

— Com as ligações e as ameaças.

— Por que? Me dê um único motivo forte?

— Por que eu não quero. É simples e bem objetivo.

— Não! Vou tê-la, Leah. Naquela noite você brincou da maneira que quis, agora é a minha vez. Esteja preparada porque no dia que conseguir vou fodê-la até ver sua boceta ficar vermelha. Não vai ter o dominador idiota e nenhuma outra pessoa para tocar no seu corpo. Será exclusivamente eu — aproximei e fiz questão de dizer ao pé do seu ouvido, de uma maneira que sentisse pelo menos uma fração do que eu estava sentindo ou mesmo que seu corpo reagisse. Entretanto não foi o dela que reagiu e sim o meu ao aspirar e sentir seu delicioso cheiro oriental.

Sem pensar que poderia ser visto ali, rastejei meus lábios até o canto da sua boca, farta e iluminada com algum brilho labial.

— Serei eu e não vai demorar! — ameacei mais uma vez e me afastei sem olhar mais para seu belo rosto. Estava assustado comigo mesmo, pela forma como quase a beijei ali, sem me importar com nada e ninguém.

Leah Canttaneo despertava o meu lado mais obscuro e cego. Aquele que não vejo nada além do que quero e não poderia ser assim, tinha que ser calculado e planejado.



LEAH

O demônio em pessoa...

Marco veio para me tentar...

Antes de vê-lo fodendo uma mulher não olhava para ele da forma como agora não só o olho, mas o desejo. E tudo porque ele fode bem em todos os sentidos literários da palavra. O que me faz querer ser sua presa, mas esse é aquele meu lado, que sente seu cheiro a metros de distância e fica pingando de tesão só de escutar o rouco da sua voz perversa. Precisava fazer algo para aplacar essa vontade, porém dentro das razões e da lógica tinha muita coisa em jogo, não só o pouco que tinha de liberdade, mas envolvia também essa atração absurda que meu corpo sentia quando estava por perto.

Talvez ceder e deixá-lo cumprir sua promessa seria mais fácil de encerrar do que ficar correndo para longe, entretanto agora não aconteceria, já tinha comunicado a Romano que estava indo com ele para São Francisco e, de última hora, informar que não iria mais, colocaria algumas dúvidas e chamaria atenção para algo. O certo seria: assim que retornar daqui uns dias resolver esse problema e acalmar a menina levada que tem dentro de mim. Ou quem sabe... Até lá ele já estaria atrás de outra boceta e a minha não

seria mais seu alvo principal. Enquanto não chegava esse dia, ainda me imaginaria com ele, vendo o brilho dos seus olhos ao gozar. Sim... é essa a lembrança que tenho: do seu sorriso perverso e satisfeito, me olhando como se só estivéssemos nós dois.

Será que seria assim?

Teria minha resposta daqui a 15 dias, quando retornasse mais calma e, se Marco estivesse ainda nessa insistência quem sabe eu cederia.

Além dessa problemática que nos envolvia tinha uma que era só minha e não era Romano, era outro homem, meu dominador. Afinal, havia assinando um contrato com ele e transar com Marco só para aplacar o meu tesão teria uma grande quebra. Embora não tivesse urgência deixaria para resolver quando voltasse. Até lá, me concentraria em outras coisas e visitaria minha terapeuta.

CAPÍTULO 12

LEAH

— O que está rolando com Marco, Leah? — Estava para subir a escada quando escutei sua voz me questionando logo atrás.

— Nada, Romano. — Me virei e o respondi, tentando passar seriedade, olhando como se não soubesse nem do que estava falando.

Mas claro que estava acontecendo. Alguns dias atrás transamos sobre a mesma cama, foi tudo tão delicioso e excitante, que agora só por causa dessas lembranças meu corpo fica incendiado e muito excitado ao saber que ele está por perto e ainda por cima me encurralando.

— Não quero você com alguém que não tem um certo grau de relevância.

— Romano, eu já disse, não tenho nada com Marco Valentino, apenas o conheço mais por estarmos ativamente na fundação. E Marco não é um zé ninguém, ele é irmão do seu Capo.

— Vocês dois saíram?

— Claro que não, Romano!

— Está defendendo-o.

— Só fiz um comentário. Anda muito desconfiado, só disse que Marco tem sim um grau de relevância ou, ao menos, deveria ter para você — mordeu o canto do lábio, tentando não aparentar o desgosto pela forma como se referiu ao diabo dos olhos verdes. Não gostava quando Romano se mostrava soberbo, falando e se portando como fosse Deus.

— Leah, você é minha irmã e sabemos como se comporta.

— Romano, acho que poderia parar de ficar pensando no passado. As pessoas mudam e, se me conhece, sabe que não gosto quando se refere às pessoas como inferiores.

— Será? Então o que conversaram tão baixo?

— Nada, só me despedi e pedi que avisasse a Bella que estaria de volta em duas semanas, que não virei para seu aniversário.

— E por que não?

— Porque já te respondi ontem à noite. Esqueceu? — Na verdade, estava querendo encerrar essa conversa antes que revelasse meus reais motivos para correr para bem longe de Nova Iorque.

— Então está bem. — Estava me virando para subir novamente quando Romano pediu que esperasse. — Ficarei noivo daqui uns dias — contou a novidade sorrindo e com as mãos no bolso ficou me olhando.

— Parabéns! Mas assim tão rápido? Não sabia que estava namorando com alguém.

— Você não precisa saber de tudo. Ah... e quero que conheça e fique amiga do irmão de Beatrice. Ele será o futuro prefeito de São Francisco. — Com o sorriso diabólico ainda em seu rosto, me informou e já estava completamente arrependida em ter que ir para casa e ficar lá por 15 dias. Certamente, Romano me jogaria em cima do novo cunhado, ainda mais por demonstrar que estava feliz e que agradaria à família da futura noiva a todo custo, mas sei que estava planejando algo.

Éramos irmãos, mas não era cega. Sei quando ele está querendo algo e também sei que esse noivado tinha bem mais outras intenções que só uma paixão. Como a minha vida já estava bem complexa, preferi não querer entender e muito menos querer detalhes.

— Sim, Romano. — Procurando me segurar, respirei fundo e tornei a lhe dar as costas, deixando-o sozinho.

Nesses quase 15 dias tentei ao máximo me manter afastada de meu irmão, porém da tal noite não tive como me esquivar e acabei acompanhando-o no jantar na casa da futura noiva. Os pais dela reuniram poucos amigos para oficializarem o noivado de sua filha com Romano.

“Será que sabem que a filha de vocês está se envolvendo com um mafioso?”

Fiquei me perguntando enquanto observava os demais ali parada em um canto.

— Por que está sozinha aqui, Leah? — Absorta olhei para o lado ao escutar a voz de Tedy, irmão de Beatrice. Ele era um pouco mais velho que eu, creio que uns 30 e poucos anos, não quis perguntar, na verdade, tentei ficar o mais distante possível, contrariando a vontade de Romano. Os adúladores disseram por várias vezes durante a noite que Tedy Wilson seria

o futuro presidente dos Estados Unidos, mas pouco me importava, estava mesmo era preocupada, ou melhor, decepcionada pelo sumiço do diabo de olhos verdes.

Marco Valentino, depois de me ameaçar, sumiu. Nenhuma ligação e muito menos mensagens. Por um lado, fiquei agradecida, mas, por outro, lá no fundo, estava era bem frustrada. Com certeza era um sinal de que deveria mesmo ficar longe e que talvez tenha conseguido uma nova presa para brincar nesse seu jogo sedutor. Travis foi outro que estava estranho, não sumiu de vez, mas a cada vez que nos falava o sentia distante, mais um dos pontos para encerrar esse contrato.

— Estou só bebendo — respondi a Tedy.

— Parece que não está se divertindo.

— Só estou com um pouco de dor de cabeça.

— Se precisar temos analgésicos.

— Agradeço, mas acabei de tomar um que tinha na bolsa. — Levantei a minúscula bolsa, não me atentando que ele poderia pensar que fosse mais uma desculpa, o que não deixava de ser.

Respondendo só o que me perguntava ficamos por mais um tempo no canto até Romano dizer que deveríamos ir. Por dentro agradeci, dando pulos de alegria, já não via a hora de sair dali, não que a companhia e a conversa com Tedy não fosse agradável, mas só de ser o que meu irmão queria para mim já se tornava repugnante.

— Gostei de ver você conversando com Tedy. — Em total e absoluto silêncio ficamos, até esse momento, quando o modo com que Romano disse já deixava bem claro o que estava em mente.

— É, ele é até agradável — respondi sem dar muito entusiasmo, evitando ao máximo demonstrar que sabia qual era seu jogo.

— Quero que termine com o corretor — disparou e, sem entendê-lo, olhei consternada.

— O que? Claro que não! — Mesmo que essa fosse minha ideia não seria da forma como ele queria. E se eu quisesse terminar com Travis seria porque eu queria e não por causa de uma ordem.

— Vai sim, Leah. Você merece alguém como Tedy, não quero você com qualquer um.

— Travis não é um qualquer. Você tem uma mania incrível de achar que todos não estão aptos ou não são bons.

— Mas não são... Ele não será o futuro presidente dos Estados Unidos. Tedy sim. Ainda esse ano será o novo prefeito e em cinco anos ele estará entrando na Casa Branca, e quero você ao lado dele como primeira-dama.

— Você ficou doido, Romano? Não vou terminar com Travis para me enfiar nessa sua loucura. — Não me contive e, por fim, me rebeleí e me neguei ao que falava.

— Vai sim, ou darei um jeito que largue do corretor. E não me obedeça para ver! — Romano alcançou meu queixo quando estava virando para o lado evitando olhar para ele e apertou. — Me preocupo com seu futuro e quero que ele seja brilhante. Nosso pai ia querer isso.

— Você ... — engoli em seco, segurando minha resposta.

— Não sou ele — completou minha frase. — Não, Leah, mas quero seu bem tanto quanto e Tedy Wilson é o melhor para você.

— Romano, não vou me casar de novo. Papai prometeu a mim quando estava morrendo que depois do que Maison fez que poderia viver em paz.

— Mas se precisar, você vai. Se for bom para os meus negócios é assim que vai ser. — Quando achei que fosse ceder comprimiu mais meu maxilar dentro da pinça dos seus dedos e soltou com tudo, me tratando como sua mercadoria. — Preciso de você para manter o legado do nosso pai.

Ignorando seus motivos, não concordei e não discordei, apenas me mantive quieta e, quando o carro parou em frente à enorme casa em que morávamos, ele segurou meu braço.

— Você vai voltar amanhã mesmo para Nova Iorque e resolver isso, vai aproveitar que será aniversário de Bella Valentino e me representará, depois voltará e vai começar a sair com Tedy. — Ele dizia como se fosse meu dono, decidindo como lidaria com minha vida.

Segurando o choro para não demonstrar fraqueza esperei o carro parar diante da entrada da casa e, quando fui sair, segurou meu braço, apertando a ponto de machucá-lo.

— Estamos acertados, Leah? Se preocupe em ser a primeira-dama dos Estados Unidos e trate de conquistar Teddy. Aliás, já vá dando adeus a sua vida de esbanjo e sadismo sexual em Nova Iorque. — Quase não respirei e travei meu olhar no seu. Romano era baixo ardiloso e, pelo jeito, já estava sabendo o que eu fazia.

— Acha que não sei o que anda fazendo, querida irmã? Pelo menos dessa vez está sendo discreta.

Puxei meu braço com força, tirando-o de sua mão e, sem lhe dar alguma resposta, saí deixando-o sozinho.

Infelizmente, não sei se estava vivendo uma falsa ilusão ou no inferno mesmo.

Romano conseguia ser pior, era vil e agora estava querendo controlar o único pedacinho da minha vida que era só meu. Precisava urgentemente de uma solução e sair fora disso tudo, mostrar que quem manda na minha vida sou eu.



Antes de vir para Nova Iorque pela manhã, ainda à mesa do café, para conseguir alguns dias até dar certo o que queria, pedi a Romano que me desse ao menos duas semanas para terminar com Travis e dar o que queria. Ele facilmente aceitou. Aleguei que precisaria de mais dias, pois teria uma reunião com Bella após seu aniversário, o que era verdade, e foi tão fácil que não se interpôs em nada.

Assim que cheguei, avisei a Travis que assim que saísse da festa de aniversário de Bella o encontraria, queria vê-lo e que estava com saudade, não liguei, só mandei uma mensagem e logo em seguida veio a resposta de que estaria esperando ansiosamente.

Teria que dar certo. Me arrumei como pensei, vesti um lindo vestido vermelho, justo ao meu corpo e coloquei a coleira que deveria sempre usar quando o encontrasse.

— Senhorita, está tudo certo como me pediu. — Estava me olhando no espelho quando Consuelo, umas das jovens que trabalhava na cobertura, entrou no quarto.

— Seu primo já sabe que precisará me seguir quando me vir saindo da festa de aniversário e que sabe para onde enviar tudo? Amanhã lhe darei o restante quando tudo ocorrer do jeito que planejei. E você também ganhará um bônus por me ajudar. Se Romano ou alguém insistir em querer saber de algo, negue tudo.

— Sim, senhorita, já está tudo certo, ele é um ótimo profissional e ficou ainda mais feliz em poder lucrar duas vezes.

— Perfeito! Agora, peça ao motorista para o carro ficar preparado na porta — sorri agradecida e me olhei pela última vez no espelho.



MARCO

Que semana infernal essa...

Problemas e mais problemas, e agora Luca com seu amor tórrido me joga no meio. Está certo que agi corretamente, deixando que ficassem na cobertura, mas acabou com meus poucos momentos de paz. Sei que a cada

dia piorava, essa necessidade de ter prazer fazia parte de quem sempre fui e, por mais camas que visito em uma semana, ainda preciso do meu lugar secreto, de sentir o ar faltar em meu corpo e vibrar com cada sensação de gozo. Faço porque gosto e pelo desejo de sentir liberdade e ser o melhor.

Foi até bom a diaba de cabelos platinados ter dado um tempo de Nova Iorque, me fazendo colocar os pensamentos em ordem e me planejar. Mesmo com a vontade sendo a mesma. Mas, agora, estava calmo, até porque não virei um celibatário, não pude ir mais ao meu apartamento por causa de Mellaine e Luca, que resolveram brincar de casinha, mas por outro lado, tive com Casey e Mike, e também com Amber, que a propósito, fiquei sabendo que o dominador de Leah havia ligado e marcado com ela para esse fim de semana. Tinha alguém que estava sendo enganada. Um ponto a mais para conseguir o que quero.

Ainda não tinha desistido da minha vez, tão logo conseguiria, não com a pressa que estava. Mas foi vê-la entrar no salão, vestida de vermelho, que a fera rugiu enlouquecido dentro de mim, implorando para sair da sua gaiola.

— Marco! — ouvi meu nome e virei no mesmo instante para ver a dona da voz que se aproximava.

CAPÍTULO 13

MARCO

— Marco Valentino ainda sozinho essa noite... — Estava pegando o copo da bandeja do garçom que transitava ali perto, quando Eleonora e Robert se aproximaram.

— Ora... ora... É porque você não está na mente dele, querida, mas pode ter certeza de que Marco não está sozinho ou já esteve acompanhado hoje. — Robert respondeu a esposa aproximando de seu rosto e beijando-a próximo a orelha.

— Os dois podem parar, estou bem aqui e escutando — rimos e nos cumprimentamos.

No dia-a-dia tinha mais contato com Eleonora por ela ser responsável pela conta dos Valentino. Por anos minha família tem sido cliente do escritório de Robert, desde a época de seu pai. E não só existe essa cumplicidade nos negócios como também fomos amigos de faculdade e somos até hoje. Se não fosse por essa grande amizade, não estaria aqui

agora. Foi ele que estive na hora que mais precisei e me ajudou a me livrar de uma grande bagunça que aprontei, não tive culpa, mas muitos não acreditariam se não fosse por sua astúcia. Sem contar que estive comigo nos momentos em que me enclausurei, me ajudando a me livrar do remorso de agir por impulso. Desde então, sempre fomos amigos e confio nele assim como confia em mim. É mútua nossa amizade em todos os sentidos até quando é para foder sua esposa. Foi Robert que me apresentou as parafilias, além do sadismo Robert é *voyer*^[6] e um *exibicionista*^[7].

— Tem razão, querido, Marco ou já caçou ou ainda vai caçar. E acho que já temos o nome e vamos perder o companheiro essa noite.

— Eleonora e seus jogos psicológicos... O que está passando na mente perversa de vocês? — perguntei, já lendo as entrelinhas. Com certeza me pediriam para me juntar a eles em sua cama essa noite. O que não era ruim, mas não iria, eu já tinha uma certa companhia para a minha e a queria sozinha.

— Caim vai dar uma festa particular hoje e só íamos chamar você.
— Toda manhosa, Eleonora segurou em meu braço.

Era sua tática quando queria algo. Me tocava carinhosamente, no intuito de que eu não negasse o pedido deles. Claro que algumas vezes recusei, mas na maioria acabo cedendo e estava bem tentado a aceitar o de hoje, ainda mais quando se é para a Apple Privê. Entretanto, o sorriso que esboçava foi sumindo e, aos poucos, fui seguindo para onde seu olhar se fixou.

— Marco não vai aceitar...

— Por que está respondendo por mim, Léo? — terminei a pergunta no mesmo momento em que meus olhos pousaram nela, em Leah.

— Porque Leah Canttaneo está aqui. — Respondeu em tom de desgosto.

Todos próximos a Mike, isso inclui os dois a minha frente, ficaram sabendo da noite que tivemos e a advogada sabia quem era uma das participantes e até chegou me questionar o que ela estava fazendo no meio de uma troca comigo. Não expliquei e deixei claro que quem cuida desses assuntos em minha vida era eu. O único problema dessa relação onde me incluíam era que Eleonora às vezes ultrapassava o limite da possessão e se achava no direito de ditar com quem eu saía, justificando que não queria me ver entrar em mais uma enrascada.

— Linda! — Robert também olhou na mesma direção e, por sinal, meus olhos não a deixaram mais, eles mediam o resultado composto dessa noite, o vestido sensual e moderno, na cor vermelho. Os cabelos bem alinhados presos no alto e no pescoço a maldita coleira. A boca no mesmo tom do tecido que agarrava às suas curvas delicadas.

Realmente linda, maravilhosa e muito gostosa.

O animal em mim fungava, farejando-a de longe, reconhecendo sua presa.

— Está vendo, Robert, que perdemos o companheiro. — Não dei importância à provocação e me mantive olhando fixo para onde Leah estava.

— Boa caçada, Marco. — Robert bateu em meu ombro, ignorando também sua esposa.

Sim... essa noite caçaria Leah e dessa vez não me escaparia, foi sentir sua presença que todo o mal acumulado da semana passou, dando

vazão para a adrenalina percorrer minhas veias, aumentando meu desejo, aticando mais ainda a fera, que já estava inquieta por sua causa.

— Tenham uma boa noite sem mim. — Me despedi sem olhar para eles, me concentrando em Leah Canttaneo e indo em sua direção.



LEAH

Havia chegado a poucos minutos, não mais que meia hora e estava conversando com a anfitriã da festa quando meu coração disparou, fazendo com que toda a extensão da minha garganta secasse e minha boca salivasse, comprimindo a boca do meu estômago.

Medo?

Não sei, era algo incomum. Como se estivesse acuada e precisasse correr, tanto que acabei me perdendo em pensamentos enquanto Bella falava sobre assuntos pertinentes à fundação. Nunca me senti desconcentrada e foi quando meus olhos percorreram para o lado que encontrei o motivo. Ele se esgueirava por entre as pessoas. Marco Valentino se esquivava e vinha em minha direção, com seu sorriso sedutor e seus olhos baixos, iguais aos de uma ave de rapina quando encontra sua presa, o que me fez dar nome à sensação que estava sentindo.

A caçada e eu sua presa!

Era assim que me sentia, como se tivesse que começar a procurar abrigo e fugir da fera que vinha na minha direção, mas, ao mesmo tempo que meu coração acelerava seu ritmo, minhas pernas perdiam a força e a vontade de sair dali. Estava em completo estado de catalepsia esperando sua aproximação.

Podemos dizer que estava hipnotizada pelo conceito de caçador, sedução e sofisticação que o definia essa noite. Marco estava lindo dentro do terno azul com os cabelos alinhados e penteados para trás. Por mais perigoso que me fazia temê-lo, gostava de como se vestia. Sei que antes nunca me atentei a esses fatos, até porque há um lado gritante em mim que quer viver e, por isso, tentava não colocar força e pensamento em algo que poderia tirar o pouco que tinha, mas agora tudo era diferente, desde a forma como cheirou meus dedos, às ameaças que me fez de que seria sua. Tudo que o envolvia estava tirando minha paz de espírito e sei que prometi a mim mesma ser uma noite e acabar com isso, porém tudo mudou, desde a imposição de Romano sobre minha vida. Agora era correr dele como o diabo corre da cruz e continuar com meu plano e com Travis. Isso por que há duas semanas estava querendo acabar com o contrato de dom/sub que tinha com Travis, só para poder trepar por uma noite inteira com Marco Valentino.

Quando digo que o tempo acalma qualquer alma e nos faz raciocinar é para mim mesma que repito esse alento. É quando preciso pensar para ver como vou agir; e agora era ficar com Travis, fugir de Marco e tentar tirar Romano do domínio da minha vida.

— Boa noite, Srta. Canttaneo. — Marco chegou já me cumprimentando ao estender sua mão.

— Boa noite. — Segurou-a firme, apertando os dedos contra o dorso dela e balancei soltando-a em seguida.

— Marco, você viu Luca e Mellaine por aí? — Marco era bem sensato e controlado quando estava perto de outras pessoas, sendo completamente diferente do homem sedutor e predador que foi a sós comigo.

— Não, Bella, mas devem estar por aí discutindo.

— Esses dois... — Bella não terminou a frase ao ser interrompida por Giovani.

— Carinho, preciso que me acompanhe, tem algumas pessoas que querem lhe parabenizar. — Don Valentino disse baixo, mas consegui escutar e processei rapidamente que essa era minha deixa antes que o irmão do Capo me encurralasse, contudo, foi tarde e, antes que me despedisse do casal e fosse embora dali Bella fez um pedido.

— Marco, poderia fazer companhia para Leah essa noite? Estou me sentindo péssima por ter que deixá-la só.

— Claro, pode ficar tranquila. — Ao ouvir sua resposta senti todos meus sentidos de proteção se colocarem em prontidão e, encurralada sorri, mas assim que saíssem de perto, também daria um jeito de sair dali. Permitir Marco ficar me rondando bem de perto estragaria o que tinha planejado. Era minha única oportunidade e não poderia desperdiçá-la. Entretanto o que estava acontecendo comigo não me permitia pensar com coerência, estava lenta e, assim que Bella e Giovani nos deram as costas, Marco fez questão de aproximar-se mais, deixando seu corpo roçar em mim, encurvando-se e parando sua boca em minha orelha.

Homem mais *filho da puta* não existia. Ele sabia como e na hora que tinha que fazer para enredar ou atrapalhar os pensamentos de uma mulher.

— Está linda e vermelho, sem dúvidas, é a sua cor. — Por segundos enquanto falava pesadamente e rouco em meu ouvido fechei os olhos, sentindo como se o grave da sua voz fosse suas mãos me tocando.

Por que tinha que ser delicioso isso que fazia? Não tinha aquele jogo de rodeios e voltas, Marco foi direto, quando disse que um dia iria me comer, e depois me foderia até ver minha boceta ficar vermelha e não duvido nada, que ainda mantém a mesma perversidade de suas ameaças em mente desde aquela manhã em minha cobertura.

— O que aconteceu? O gato comeu sua língua ou tem alguém perto que precisa bancar a santa do pau oco? — Mantinha sua boca tão perto que me fazia sentir o quente do seu hálito arranhando deliciosamente minha pele.

— Nenhuma das duas coisas — tomei coragem e respondi, afastando um pouco o rosto para poder encará-lo.

— Então, qual é a terceira? — perguntou antes de virar o último gole do líquido em seu copo todo dentro da sua boca.

Enquanto a resposta não vinha a minha mente, fiquei observando o movimento da sua glote, engolindo o líquido. Lento e controlado. Até nisso esse homem era meticuloso e sedutor. Estava *ferrada* com um F bem grande de fodida no sentido geral dos sinônimos da palavra.

— Estou indo embora. Só vim para cumprimentar Bella. Tenho um compromisso.

— Com o dominador? — Marco perguntou apontando com os olhos na direção do meu pescoço.

— Sim, com meu dominador. — Ao invés de fechar o semblante, o diabo Valentino sorriu de um modo debochado como se soubesse de algo a mais do que eu.

— Que bom... com seu DOMINADOR.

— Não entendi... Sim, é com ele.

— Toda mulher que se acha esperta acaba caindo na própria armadilha, mas vou te falar uma coisa: — sem que eu esperasse, Marco ficou paralelo ao meu corpo e de frente, deixando uma das suas mãos rodear minha cintura, apertando enquanto tornava a ficar com a boca perto da minha pele. — Hoje você ia dar para esse idiota, mas quem vai passar a noite te comendo sou eu.

— Você está louco! — Meu senso de juízo e de sobrevivência falou mais alto que meu corpo, que começava a ceder pensando no quanto seria bom que cumprisse à risca o que me falava.

— Não. Seu dominador marcou com Amber o fim de semana. Para que estragar os planos dele?

Estava mentindo. Falei com Travis hoje mais cedo e combinamos de sair, inclusive ele me pegaria na cobertura daqui a uma hora. Impossível!

— Está mentindo. Desde quando acusa alguém em vão? — Vi seus olhos estreitarem quando o acusei de mentir.

Claro que só poderia estar fazendo isso para poder conseguir o que queria.

— Não preciso disso, Leah. — Sua mão apertou mais em minha cintura. — Se disse que vou te foder hoje é porque vou. E se estou lhe contando sobre o corretor é porque estou abrindo seus olhos.

Até que ponto poderia ir? Não era possível que estava falando realmente sério...

CAPÍTULO 14

MARCO

Como uma mulher pode ter essas variações de pensamentos em segundos? Acho incrível a forma como se expressam, dizendo tudo o que sentem só com pontos, vírgulas e expressões.

Esse é o caso de Leah. A loira não precisou me dizer mais nada, vi como ficou cheia de dúvidas sobre minha afirmação em relação ao seu namoradinho, ou melhor, ao seu contrato. Não menti e nem tinha um por que. Queria fodê-la e isso não era segredo para ninguém. Também não estava fazendo esses joguinhos de “te quero, mas não confesso”, então não perderia meu tempo jogando baixo só para ter sua boceta.

Quero sim sua bocetinha fechada e muito por sinal. E não é era só eu quem queria, o bicho em mim estava babando feito um louco para *devorar* o que ela tinha no meio das suas pernas. Foi ele quem decidiu que seria ela e ponto final. Não me dando opções de substituí-la por outra presa.

Quando escolho uma mulher para sair vejo bem como quero, para depois não ter problemas. Não sei por que as pessoas complicam tanto o sexo casual, tudo é bem simples e prático. Por isso tenho uma série de especificações, exatamente para não ter dores de cabeça posteriores. Não é que não goste de uma mulher mais nova, eu simplesmente não saio. Não é uma regra imposta, só não tenho paciência e tempo para aguentá-las depois. Todas, não teve uma exceção sequer; que depois de fodê-las não ficaram ligando e marcando em cima e, como não gosto de ser grosseiro, prefiro evitá-las ao máximo que posso. Além disso, muitas têm frescuras demais para tolerar, gosto que sejam abertas e não que fiquem cheias de *não-me-toque*. O que foi uma grata surpresa para mim com a loira falsa moralista do *caralho*. Leah se faz e se controla o tempo todo, mantendo uma pose de mulher recatada e delicada, mas na cama se solta e se mostra uma verdadeira gata selvagem e é do jeito que gosto, safada e quente. Não tendo limites algum, se doando no momento certo, com a finalidade de ter prazer e dá-lo ao mesmo tempo. Sendo aberta e livre, sem amarras.

Tenho certeza que foi exatamente por ser assim que o monstro em mim está alucinado agora, querendo-a, desde seu momento *voyer* até na troca com Mike. Ele me fez vê-la e querê-la de uma forma que só fiquei focado assim em toda minha vida por uma única mulher, Louise. Esse era o maior problema de deixar a fera que habita em mim decidir quem seria e, por mais que resistisse e lutasse, ele só se acalmaria depois de conseguir o que quer.

— Vamos sair daqui, ao invés de apanhar vou te dar sessões de tortura ao gozar a noite inteira. — Não me contive e, ao terminar a promessa, deixei minha boca, ainda seca, escorregar contornando a delicada orelha.

Filha da puta gostosa, como queria beijá-la... Só de falar o que faria com ela já estava duro como aço e com as bolas doloridas. Entretanto a ausência de uma resposta sua me irritou.

Até quando manteria a pose de casta?

— Leah, se quiser ir pode ir, não vou correr, porque minha hora vai chegar, e quando ela chegar me garanto, mas se quer ser enganada é só ir correndo para o sádico. — A soltei como se a libertasse das minhas mãos e a fiquei encarando, prendendo seu olhar no meu.

Sei que estava pensando, a demora em me responder confirmava exatamente que acertei no alvo, ao deixá-la cheia de dúvidas.

— Por que essa obsessão? — sorri antes de respondê-la. Se algo que toda mulher gostava era de ter o ego afagado e com ela não seria diferente.

— Não é obsessão, é desejo. Gosto dessa liberdade sexual tanto quanto você. É linda, sofisticada e gostosa. Não tem sentimentos profundos, é tesão, Leah, e sei que a recíproca é verdadeira. Não é?

Fiquei a observando. Seus olhos brilhavam e lampejavam claramente o desejo explícito que também estava sentindo e não me faria de rogado ao dizer que não sentia como meu corpo respondia ao dela e, por mais que ficasse na defensiva comigo, sei que queria tanto quanto eu e a resposta para minha pergunta era tão nítida em seu olhar que não esperei falar nada.

— Vamos... — ordenei me afastando — vira e vai na minha frente, quero ver sua bunda dentro desse vestido caro, rebolando antes de ser fodida essa noite. Porque se vamos trepar, pode preparar que lhe farei gozar de todas as formas possíveis.

Gargalhei quando a vi me obedecer e recebi a repreenda em seus olhos. Leah se virou tão submissa e começou a andar na minha frente, na direção da saída. Deixei meu copo vazio na bandeja do garçom que transitava próximo e a acompanhei, me deliciando com a visão e da maneira como caminhava com confiança sobre a sandália dourada muito alta.

Mantendo meu olhar e um pouco atrás, não dando espaço para que fugisse, saquei o celular do bolso e disquei para Mike.

Não levaria Leah para qualquer lugar, minha ideia inicial sempre foi levá-la para minha cobertura — antes — porém, no momento, estava abrigando novos moradores, e ir para um hotel estava fora de cogitação. Queria um lugar que pudéssemos ficar mais à vontade e que de preferência tivesse muitos metros quadrados.



LEAH

Se estava mentindo não sei... só sei, que o modo lascivo como falava, colocando de modo claro toda a situação me fazia esquecer do que tinha em mente. Até porque, se estava falando a verdade sobre Travis, hoje ele me deixaria esperando e, por mais que eu achasse que era um dos seus artifícios acabei me deixando levar pela forte atração que estava sentindo,

sem contar que minha boceta e o meio das minhas pernas já estavam melados, era assim que ficava quando estava por perto e bem próximo de mim, deixando claro que me queria.

Qual mulher não gostaria de saber que um homem como Marco Valentino a deseja a ponto de inventar uma desculpa qualquer, só para tê-la? Meu ego agradecia...

Para que lutar? Para que né!? Se o homem te quer, deixa o estrago acontecer...

Todavia, Marco tinha esse poder e jamais assumiria verbalmente que essa sua aura sedutora me desestabilizava, era manter a pose como sempre fiz e seguir o fluxo do momento.

Além da minha vaidade estar vibrando, a menina levada dentro de mim gritava e dava saltos de alegria quando decidi adiar meus planos, trocando-os por uma única noite na cama do diabo de olhos verdes. Amanhã bem cedo seria um novo dia. Me colocaria de pé, me vestiria e daria adeus a devassidão dessa química que ele exercia sobre mim. Portanto, agora era aproveitar.

Sem lhe responder, obedecendo-o, me virei e saí a sua frente e, mesmo sem olhar para trás, sentia que estava me vigiando para que eu não fugisse.

— Ei, espera... — parei quando ouvi seu comando. Logo em seguida colou seu corpo rente ao meu, me travando ali. — Precisamos despistar os homens de seu irmão, não queremos encrenca essa noite e muito menos na manhã seguinte.

Quem sabe... Respondi mentalmente lembrando dos meus planos deixados de lado para ir agora com ele. Sem volta e arrependimentos.

Ao invés de me tirar dali logo, senti sua mão espalmar sobre minha barriga e me apertar contra seu abdome musculoso. Fechei os olhos me deliciando com essa sensação da pressão do seu corpo e do hálito quente arranhando minha pele.

Leah, você não vale nada... bastou esse homem te ludibriar para estar aqui à mercê dele e com a boceta em chamas...

Por mais que existissem algumas coisas sem explicações e vagas meu corpo tinha uma certa tendência a não estar nem aí para nada. Sei que não valia quase nada quando o assunto era sexo. A cada momento surgiam novos argumentos dentro de mim; uns para que ficasse e outros para que eu virasse e corresse para bem longe dele, mas aquele ladinho meu — que de ingênuo não tem e não vale nada — mandou que ficasse quietinha e só saísse dali acompanhada por Marco Valentino, vencendo meu lado racional.

Ainda me abraçando percebi que usava o celular e falava com alguém, provavelmente algum dos homens de seu irmão.

— Fabrício, onde está? Leve os homens de Romano Canttaneo para a lateral. Diga ser um pedido de Don Valentino, mas não deixe ninguém saber disso é um favor para mim que você vai fazer. — Marco deu a ordem e desligou o celular.

Estávamos próximos à saída e, como se adivinhasse meus pensamentos de que quaisquer pessoas que passasse por ali pudesse nos ver, me levou para um canto, um local mais escuro e me virou, deixando minhas costas colada na parede. Me escondendo com o seu corpo ao ficar na minha frente, encurvou-se deixando sua boca roçando na minha.

— Vai ficar só olhando agora? Já que conseguiu o que queria. — Não sei o que deu em mim para parecer ansiosa ao questioná-lo, mas a pressão da curvatura do seu lábio no meu me fez ansiar por beijá-lo logo.

— Se eu quiser te olharei a noite inteira, mas agora só quero sentir seu cheiro. Não vou fodê-la e nem tocar em você do jeito que quero, não enquanto não tirar sua roupa inteira e beijar cada pedaço do seu corpo. Aqui e agora vai ser desse jeito — engoli em seco tudo que me disse. De um modo pesado e ameaçador. Não que fosse ruim, era bom, o problema mesmo era a maneira como meu corpo ficava ansioso, pedindo para ser logo.

Ainda com o olhar fixo em mim afastou-se um pouco quando o celular vibrou dentro do bolso da sua calça e, sem perder o contato comigo o trouxe até a altura dos seus olhos e, em seguida, segurou em minha mão entrelaçando os dedos nos meus, me tirando dali.

Marco organizou um esquema para que saíssemos dali sem sermos vistos pelos seguranças de Romano, foi rápido e os tirou da porta, conseguindo que ninguém nos visse e que me vissem como sua acompanhante. No primeiro carro estacionado na entrada, abriu a porta e indicou para que eu entrasse e me acompanhou em seguida, pagando ao motorista para que nos tirasse o mais rápido dali.

E, assim como falou, cumpriu: não fez nada comigo e mal trocamos algumas palavras, entretanto, para onde fomos foi uma grande surpresa, estávamos indo para Mansão Apple Privê. Achei que ficaria somente nós dois em qualquer lugar, não que queria mais companhias.

— Por que aqui? Vai me trocar com quem essa noite? — perguntei assim que desceu na minha frente e ficou em pé, com a mão estendida do

lado de fora, esperando para me ajudar a sair do carro. Ao segurar nele me puxou para perto, me levando diretamente para o meio dos seus braços, colando-me em seu corpo ao rodear minha cintura.

— Aqui não rola só trocas e orgias, Leah. Tem quartos especiais para casais também e consegui que me cedessem uma das suítes, que fica no apêndice atrás da casa. Mike quer me ver fodendo você. — Por mais que gostasse dessa depravação, queria somente Marco e eu pela noite inteira e saber que seu amigo queria partilhar me causou uma leve frustração. — Mas vai ser só nós dois, lindinha. — Foi como se lesse o que estava pensando, ao me responder, deixando claro que ficaríamos sozinhos a princípio.

— É que... — Marco não permitiu que falasse e me abraçando firme, deixou uma das mãos na base das minhas costas. Com outra livre foi subindo até meu pescoço. Segurou firme minha cabeça e a forçou até encontrar a sua. Seus lábios deslizaram decisivos sobre os meus, molhando minha boca seca. Ele movimentou e apertou, pedindo para invadir.

Essa foi a primeira vez que estava me beijando.

E como era bom... esse deslizar dos seus lábios, reclamando os meus para dentro da sua boca, me invadindo com sua língua, buscando a minha e enrolando-as numa dança sem pressa; carregada de promessas e desejo.

Deliciosamente retribuí, doando minha boca para a sua, sentindo o movimento de onda que fazia ao me beijar com avidez. Segurei firme em seus braços, tentando me equilibrar sobre o chão de cascalho. Sei que não me derrubaria e nem me deixaria cair, mas a forma como possuía minha boca e me segurava dentro dos seus braços, me fazia sentir que todo meu corpo se concentrava só nessa poderosa atração que me enredava. Já não

lembrava de ter forças e muito menos que precisava dela para me manter de pé. Marco, ao me beijar, derrubou qualquer tipo de estabilidade emocional que tinha, me levando a me tornar uma massa manipulável em sua mão, cedendo ao seu querer.

CAPÍTULO 15

MARCO

Por maior sacanagem que gostasse no momento de transar, era doido por bocas e, poder apreciá-las antes, tornava tudo mais instigante e, com toda certeza, a de Leah era deliciosa, com seu lábio inferior farto.

Não a beijei enquanto não saímos de dentro do carro e também não me questionei, estava traçando tudo o que queria fazer com ela, e nos meus planos não estava beijá-la na porta da mansão Apple Privê, mas não resisti quando realmente tive a certeza de que seria só ela e eu. Por mais de 15 dias a desejei como um louco e agora não faria nada com pressa, pegaria o que queria do meu jeito.

Sei que prometi a Mike que o deixaria assistir, tive que prometer quando liguei e pedi que arrumasse um lugar por essa noite. O filho da puta gargalhava quando disse quem era.

“Não sossegou até conseguir a boceta de Leah...”

Não... não sosseguei e ainda estava impaciente.

Como Mike era um dos membros fundadores do clube de Caim e Apple ele tinha suas regalias e, como hoje era dia de festa, conseguiu que entrássemos como um casal qualquer, como se fôssemos sócios ativos. Mas não misturaríamos e nem participaríamos, queria ela só para mim pelo tempo que permanecêssemos aqui.

— Vamos entrar... — falei baixo, olhando em seus olhos após encerrar o beijo.

Leah afirmou com a cabeça e antes de soltá-la por completo soltei sua nuca e limpei a borda e o traçado de sua boca borrada e manchada pela cor do batom que usava. O mesmo ela fez comigo, imitando meus gestos ao me limpar.

E que inferno de mulher... até nisso ela exalava sensualidade; ao deslizar a ponta do dedo limpando meu rosto. Seu toque era suave, ao contrário dos seus olhos que não desciam e se mantinham em pé, sustentando os meus.

Quando retornou com a ponta do indicador pelo canto, na junção dos meus lábios, virei a cabeça e abri a boca, deixando que seu dedo fosse parar dentro da cavidade oral; o chupei, molhando-o inteiro, desejando que nele estivesse o gosto da sua boceta, bem melada e que também tivesse impregnado com seu cheiro maravilhoso. A apertei mais contra meu corpo, esfregando-a em mim só para mostrar o quanto meu pau estava maciço.

— Você vai me pagar por cada tesão frustrado que tive nesses dias, e tudo por sua causa... — Estava a ameaçando quando seu celular começou a

tocar quebrando o clima na mesma hora. Leah, ao escutar o toque insistente, me olhou assustada como se tivesse saído do transe em que estávamos.

— Me dê licença, Marco. — Leah espalmou sua mão sobre meu peito em pedido para que eu me afastasse e da pequena bolsa de mão tirou o aparelho, porém não atendeu, só virou a tela iluminada e me mostrou quem era. Não contive e comecei a rir.

— Você mentiu, Valentino! — afirmando em tom de acusação, como se tivesse cometido um delito, balançou o dispositivo de novo.

Era Travis... para meu azar o *filho da puta* tinha que ligar logo agora.

— Não menti... — mantive o sorriso, de fato não tinha mesmo, só mudei a interpretação dos fatos.

— Ele não estaria com a prostituta da Amber esse fim de semana?

— Pois é, minha cara. Fim de semana são três dias, só não te falei que seria sábado e hoje é sexta-feira.

— Como pode ser tão cretino assim?

— Sou? — respondi devolvendo com outra pergunta. — Se quiser pode ir, ainda dá tempo. — O carro que nos trouxe ainda estava ali, ligado e com a porta aberta, era só ela se decidir. Por mais que estivesse alucinado de desejo não a forçaria e muito menos a queria só por tê-la. Se uma coisa que esperava de Leah é que, assim como eu, sentisse ao menos tesão e quisesse foder tanto quanto eu.

— Marco, por quê?

— Porque tenho desejo por você... é simples e não vamos complicar, mas se quiser ir atrás do dominador pode ir — a soltei. — Agora você escolhe...

— Você não estava receptivo assim a me dar escolhas.

— Sempre dei, querida, o fato de contar o que vou fazer com você não quer dizer que será forçada. Será tudo consensual e você vai ver que cumpro sempre com o que falo.

— Poderia ao menos ter sido mais explícito, deveria ter me falado que o encontro de Travis seria amanhã.

— Para quê? Estaria aqui comigo? Lembrando que você veio porque quis. — Não aguentei e encurtei novamente o vão entre nós só para falar pressionando seus lábios. Minha mão parou sobre o início da sua bunda empinada e o telefone ainda ficava insistindo.

Sorri, ao receber passagem para novamente ir para dentro da sua boca, mas antes abaixei a mão que segurava o celular. A beijei de novo, travando seu corpo mais ainda, não lhe dando tempo para pensar e foi exatamente como pensei; reagindo a mim ao deixar sua língua enrolar-se a minha.

— Esquece esse cara. Essa é a minha noite e minha vez... — disse baixo, ao pausar o beijo e buscar seu ouvido.

Afastei depois de repetir, limpando de novo as marcas avermelhadas deixadas pelo batom em seu rosto e, em seguida, limpei do meu também. Deixando-a um pouco, fui até o carro parado e dei a autorização para ir. Leah não precisava me responder que ficaria e assim que voltei para seu lado repousei minha mão em suas costas e incitei a ir em direção à entrada

da casa. Até o começo das escadas a ajudei caminhar, indo lentamente, lado a lado, sem falar mais nada e tornei a ficar frente a frente com ela antes de permitir que subisse os degraus.

— Me dê seu celular? — Me olhando, estreitando seu olhar, Leah negou com a cabeça.

— Claro que não... Não vai ligar para ninguém.

— Não vou ligar para ninguém do seu telefone, sua doida. Só me dê ele — ressabiada Leah entregou. Não ligaria para ninguém se esse fosse seu maior medo, só o desliguei e não o devolvi e, guardei no bolso junto com o meu.

— Doido é você. Me devolva!

— Até amanhã você só tem um compromisso e é comigo, não vai precisar dele. Agora vamos subir, cada minuto que passamos aqui fora é menos tempo tendo prazer.

Ainda contrariada, depois das tentativas de que eu devolvesse seu celular, entramos na mansão e, no caminho até o hall, fiz questão de deixar minha mão em seu corpo e diferente de como estava na festa aberta, os sofás e as mesas *baristas* estavam de volta no salão de entrada. As ruivas estavam na entrada, recepcionando os que chegavam e, assim que passei por elas, pisquei para Amber, que sorriu de volta. Leah também a cumprimentou, um pouco mais formal, somente com o movimento dos lábios. Daquela maneira controlada que fazia. Não tinha muitas pessoas como na outra noite, e os que estavam, cada um com suas parceiras, conversavam mais intimamente. Alguns casais até se insinuavam

abertamente e, em uma das mesas no canto, estava Mike e Casey que acenou quando nos viu.

— Mike e Casey estão ali no canto — aponte com a cabeça na direção do casal, para mostrar a Leah aonde eles estavam.

Quando chegamos próximos a eles os dois levantaram e vieram nos cumprimentar.



LEAH

Olhei para o rumo onde Marco havia apontado, na direção de Mike e Casey.

Confesso que estava um pouco irritada pelo abuso arbitrário como confiscou meu celular, por outro lado ficava muito excitada com a forma arrogante como conduzia as coisas a sua maneira. Essa tara por ser controlada só se resumia ao sexo, por isso não tinha pudores e Marco jogava bem sujo com minha libido irracional. E sim... estava aqui por que queria, não agiria desse modo se quisesse mesmo estar trepando com Travis. Então... não serei falsa moralista ao negar que minha vontade de estar com o Valentino é bem maior do que com meu dominador. Mesmo que o corretor fosse parte principal do meu plano, mas já que estou sendo

obrigada a me despedir de tudo que gosto, pelo menos, que eu tenha uma boa despedida com Marco Valentino; retornando amanhã para o meu planejamento. E com certeza atrapalhar a noitada de Travis, lembrando-o do contrato. Era só uma questão de encaixar as coisas.

— Boa noite, Leah. — Casey se aproximou me cumprimentando primeiro e depois seguiu para Marco, beijando-nos no rosto.

— Boa noite, Casey e Mike. — Marco logo atrás de mim cumprimentou Mike, abraçando-o e batendo em suas costas. — Obrigado.

— Não precisa agradecer. Caim mandou que preparassem uma das suítes para vocês, quando expliquei e pedi que era para um grande amigo. Até porque como poderia perder? A química dos dois naquele dia foi algo diferente.

— Eu e Mike estamos muito tempo nesse meio e jamais sentimos a conexão que tem. — Não sei por que, mas a forma como disseram, tão explícito, me deixou com alguns receios.

Tínhamos partilhado um momento bem íntimo, entretanto ainda me sentia estranhamente esquisita para estar falando com eles tão abertamente assim. Creio que Marco reparou na maneira como me senti desconfortável.

— Quer beber algo antes de ir? — perguntou baixo e próximo ao meu ouvido.

— Não...

— Quer sair daqui?

— Sim — olhei para seu rosto e encontrei seu sorriso sedutor no canto dos seus lábios.

— Mike, mais uma vez obrigado, mas já vamos.

— Os dois? — O médico perguntou, deixando subtendido que participariam conosco.

— Sim, hoje só ela e eu. Prometo que numa próxima você e Casey estarão presentes.

Nos despedimos e uma atendente vestida de espartilho preto, meias e salto alto, incrivelmente linda e bem maquiada, nos conduziu por um longo corredor, parecido com o que nos levou para o quarto no outro dia, mas nesse as paredes tinham um tom mais sensual, escuras quase no bordô, com quadros e esculturas de Apolo e Afrodite, as luzes em *led* piscavam. Marco sempre andava atrás de mim. Várias vezes olhei por cima do ombro me certificando que ele estava lá e fomos em silêncio até a porta do quarto.

Imagino que a mulher que nos levou até o quarto seja uma das atendentes da casa.

Ela sequer esperou que abrísssemos a porta, simplesmente colocou sua digital no dispositivo ao lado na parede e nos deixou assim que escutamos o barulho, quando a porta destravou. Marco a empurrou, revelando o amplo cômodo a nossa frente.

Não sei o que se passava comigo, mas acabei sentindo todo meu corpo entrar em um estado de congelamento. E ele ficou assim até chegar o momento que não teria mais volta, me forçando a lidar de forma calma com todas minhas emoções, que estavam à flor da pele. Não tinha mais volta e muito menos poderia mudar o que disse.

— Vamos... — Marco me estendeu a mão e ficou me olhando, esperando que eu pegasse para entrarmos.

CAPÍTULO 16

LEAH

Segurei em sua mão e a cada passada que minhas pernas davam em sua direção me faziam sentir aquele frio que desce por toda a espinha dorsal lhe causando arrepios. Nosso olhar se cruzava e nos lia de uma forma simples e sem códigos. Esperei que travasse a porta e soltei todo o ar preso dentro do meu pulmão, agora não tinha como voltar atrás.

Olhei ao redor, vendo o amplo quarto, bem parecido com o tamanho do outro dia, o que os diferenciavam eram os espelhos por toda parte e os móveis extras que estavam dispostos na lateral, a cor também era outra, toda pintura das paredes e a mobília era em branco. Como se fosse uma pequena parte do céu de tão claro, mas não tinha nada de pudico e santo nesse momento. Em um dos cantos tinha uma enorme divisão de vidro que dava para um banheiro todo em mármore preto e, de onde estávamos, dava para ver a enorme banheira no centro. Era sofisticado e sexy ao mesmo tempo com suas pinturas esboçadas em riscos modernos, representando atos sexuais com várias posições, um verdadeiro manual do *Kama sutra*.

Marco me rodeou e parou bem nas minhas costas soltando nossas mãos.

— Primeira coisa que vou fazer com você é tirar essa droga do seu pescoço. Aqui não é uma prisioneira e nem tem um contrato para ter que usar esse fetiche besta. — A forma como disse parecia que estava me salvando e foi tudo tão rápido ao me livrar da joia. Entretanto percebi que não havia tirado e sim estourado o fecho.

— Marco, é de brilhantes... — Fui me virar, mas me barrou e me manteve olhando para frente.

— E eu estou preocupado do que é... mas amanhã levo para consertar — escutei o barulho da joia caindo no chão.

Não era minha, só a usava pelo tempo em que eu e Travis mantivesse o contrato, assim que terminasse teria que devolver e agora como explicaria que arrebentei um fecho? Por mais que Marco afirmou que levaria para o conserto. Era óbvio que não permitiria isso.

O melhor agora era esquecer e não me preocupar com mais nada, apenas sentir e me entregar as carícias das suas mãos, que subiam pelo meu pescoço, afagando e apertando ao mesmo tempo. Sua boca veio em seguida, deslizando pela minha pele. Não consegui me controlar quando escorregou seus lábios beijando minha nuca. Empurrei minha bunda contra seu quadril e rebolei.

Para que agora ficar nesse jogo de que não quero se queria muito? Era aproveitar e me divertir.

Marco espalmou uma das mãos sobre minha pelve, apertando-me contra a ereção que roçava minhas nádegas. Soltei a bolsa, deixando-a ir para o chão de qualquer jeito e repousei minha mão em cima da sua e

mantive os movimentos em uma dança, adorando a forma como sentia a pressão da rigidez que apertava minha carne. Enquanto beijava e espalhava sua saliva pelo meu pescoço inteiro e orelhas, a outra mão tomava minha boca, como se fosse minha boceta, enfiando o dedão. Chupei, raspando a ponta da língua em círculos sobre a ponta do seu dedo, como se fosse seu pau ali.

— Caralho, Leah, esse seu cheiro é algo que me deixa louco e essa sua boca grande, já vejo meu pau todo dentro dela. — Me contorci arrepiada ao dizer rouco e baixo em meu ouvido, raspando em seguida seu nariz pela minha pele, aspirando profundamente.

Era depravado e sem limites, por isso meu corpo correspondia a ele com apenas um estalar de dedos, permitindo que essa sensação de liberdade me deixasse a sua mercê. Pelo menos para mim funcionava assim: estar em quatro paredes sem barreiras, sem protocolos sociais, sem a merda de etiqueta, podendo ser quem você quer. Sem uma elite crítica e hipócrita que te condena se não for da maneira como querem.

— Quem te viu quem te vê! Só pose, porque é vadia demais.

— Você não pode falar muito de mim, é ainda pior que eu... — parei de chupar seu dedo, tombando minha cabeça em seu ombro, oferecendo mais ainda a face de um dos lados do meu pescoço ao erguer minha mão envolvendo sua nuca.

— Mas não me faça de santo.

— E quem disse que me faço? Só não fico por aí dando liberdade para qualquer um.

— Quer dizer então que não sou um qualquer?

— Claro que é... — Não consegui terminar a frase. Marco subiu a barra do meu vestido e alcançou sem muitos rodeios o meio das minhas pernas.

— É muito vadia, até a coxa está melada. Não pode ter um pau roçando a bunda que já molha assim... que safadinha! — arfei alto quando me mordeu firme entre a mandíbula e o pescoço.

Afastando meu corpo do seu, me empurrou para frente procurando o zíper do vestido e lentamente foi descendo, expondo minhas costas para sua boca que ganhava caminho e deslizava pela pele, beijando todo o traçado da minha coluna.

Poderia gozar só por sentir seus toques e sua boca cálida que tomava e marcava meu corpo como seu.

Retirando todo meu vestido e deslizando sua mão por minhas coxas, Marco agachou, me segurando pela lateral do quadril. Sua língua brincava, contornando cada nádega lentamente até chegar no vão delas. Ainda estava vestida com a calcinha — que mal cobria —, era apenas um fio que se ligava em um pequeno triângulo de renda da mesma cor do vestido que usava essa noite, a tira que se perdia entre o vão sustentava a parte da frente.

— Não sei por que ainda me surpreendo com você, sua *santinha do pau oco!* — disse ao subir após soltar um tapa em um dos músculos da minha bunda. — O *corretorzinho* de merda não merece. Que ódio de você, quando penso que estava vestida assim para foder com ele.

— Você é um cretino, Marco Valentino. — O modo como agia antes já não era da mesma forma quando rodeou meu cabelo em sua mão,

desprendendo as mechas que estavam presas para o alto. Possessivamente me trouxe, juntando nossos corpos novamente.

— Vou te foder tanto que aquele *dominadorzinho* vai ser um grande arrependimento seu. Vai ver o que é ter um homem, não sou dado muito ao BDSM, mas se gosta disso, vou mostrar como realmente é ter prazer e dor e como se faz um bom sexo sádico.

— E quem disse que gosto?

— Se não gosta, por que está com ele?

— Porque gosto de trepar...

— Mas é muito vagabunda! — Sua risada rouca era deliciosa, ainda mais quando vinha após falar da maneira sacana que tanto gostava.

— Que você está doido para foder.

— Não nego quando quero alguém e quero muito comer sua boceta até ela ficar vermelha e assada. Quero fazer você pagar por todas as vezes que fiquei excitado. Nenhuma mulher me satisfaz nesses dias. Vou fodê-la de todas as formas possíveis, vou fazer você gozar de formas diferentes e cada orgasmo seu vai implorar por mais. — A forma como suas palavras eram ameaçadoras eram comprovadas na força que sua mão exercia me puxando pelo cabelo, deixando meu pescoço mais livre para sua boca me morder e chupar.

Fechei os olhos me entregando. A maneira como me tocava e me segurava, me fazia esquecer quem realmente era, me deixando totalmente livre para ser o que quisesse aqui nesse momento.

— Rebola, mexe seu corpo contra o meu e imagine que a fodo assim, dançando dentro de você, sem arremeter, só mexendo, sentindo a

contração da sua vulva, apertando meu pau, como se eu fosse um desconhecido que estivesse fodendo você, livre no meio das outras pessoas. Ninguém está olhando, mas você está molhada sentindo só o movimento. Fecha os olhos. — Fiz como pediu e me deixei largada em seus braços, movimentando meu quadril, apertando a rigidez. Que vontade de tocá-lo, mas a calidez da sua voz e da maneira como falava me fazia sentir como se de fato já estivesse dentro de mim e me sentia cada vez mais excitada.

Marco continuava e suas mãos brincavam em partes do meu corpo exposto, apertando minha cintura, escorregando pela lateral da curvatura do meu seio, apertando meu pescoço enquanto soprava e surrava, gemendo em meu ouvido.

— Estou quase gozando, querida. Quero que goze enquanto aprecio seu corpo tremer, ao me receber todo dentro de você. Que boceta deliciosa, está tão molhada e quente... isso — gemeu entredentes quando contrai minha vulva. — Aperta ele, mastiga a carne. É delicioso! — O pior que toda decadência que sussurrava me fazia senti-lo de uma forma única.

Marco continuava a me tocar com os seus dedos, subindo agora, caminhando com as pontas deles pela minha coxa, deslizando-os até a virilha. O diabo de olhos verdes não chegava a tocar meu sexo e nem precisava. Estava tão excitada com as palavras intensas que sussurrava em meu ouvido que não era preciso sentir estímulo algum. Era como se sua ereção estivesse dentro de mim. Aprofundando deliciosamente até o talo.

— Marco...

— Shiiii... quietinha! Só sinta ele afundando, se enchendo mais de sangue pronto para gozar dentro de você, encher você de porra quente como sua boceta gulosa. — Me mantive da mesma forma, balançando o quadril, sentindo a pressão no meio das minhas pernas e, quanto mais a apertava

contra seu corpo, mais poderia sentir a realidade das suas palavras. Nunca experimentei uma excitação intensa dessa forma, era diferente, uma mistura doida de saber que não tem nada dentro de você e ao mesmo tempo achar que tem. E quanto mais falava e tocava o lóbulo da minha orelha com a ponta da língua, ia me jogando dentro dessa loucura imaginária, desse mundo irreal e fui totalmente pega de surpresa ao sentir a compressão que meu corpo fez para gozar.

Levei minha mão até minha pelve, meu corpo todo tremia e não tinha nada em mim. Marco acabara de me fazer gozar só com palavras. De fato, o demônio em carne e osso me fez gozar de uma maneira diferente, começando a cumprir sua palavra de que me faria gozar de formas diferentes. Além de lindo e sexy, o cretino era expert em técnicas do sexo.

Quando me disse o que faria jamais passou pela minha cabeça experimentar uma variedade sexual assim. Sem mencionar a forma como conseguiu mexer com meu subconsciente, manipulando-o sexualmente para que eu entrasse nesse mundo e sentisse as diversas formas de prazer. Confesso que não sei se sentia raiva ou mais desejo por ele. Afinal, acabei ficando muito aberta para que entrasse e explorasse, pegando tudo o que queria de mim. Entretanto, não tive tempo para me recuperar e pensar; fui virada, ficando de frente com ele e novamente tive minha boca apossada por um beijo possessivo. Me entreguei de novo sem pudor algum e me esfreguei mais, sentindo-me mais livre também para fazer o que tinha vontade ao segurar a base da sua nuca.

Devolvi a intensidade do beijo, ao chupar seus lábios antes de deixar sua língua se apoderar da minha. Não aguentei e coloquei minha perna entre as suas e rocei, levantando minha coxa contra a sua rigidez.

— Boa menina... — cessou o beijo e me afastou de seu corpo, olhando de novo para ele, analisando e, em seguida, encurvando-se para lambe o vale dos meus seios pequenos.

Não tinha seios grandes e isso nunca me importou, o que me importava era quando beijados produzisse uma deliciosa sensação e o toque molhado que Marco deixava próximos deles já me dava o prelúdio de que adoraria a forma como os chuparia.

Adivinhando o que queria, abocanhando quase toda uma das mamas e mamou, chupando e comprimindo os mamilos entre seus dentes. A mistura de dor e prazer quando mordiscava o bico intumescido me deixava muito excitada de novo, em um nível de insaciedade. Definitivamente fui convidada para dançar com o diabo de olhos verdes e não escaparia desse inferno facilmente...

CAPÍTULO 17

MARCO

Sim, esse era eu: um homem que gostava de ver uma bela mulher gozar sem ao menos estar dentro dela. A conversa de que só o homem tem prazer não é para mim. Gosto de sentir a intensidade do gozo delas, é como se rechicoteasse em meu corpo e isso me faz ir muito mais além.

Desde muito novo sempre gostei do produto final do sexo e a cada dia vejo que tenho mais e mais necessidades de sentir a vibração do meu corpo ao expelir a porra da endorfina toda para fora em forma de sêmen. Se uma mulher consegue gozar de 7 maneiras diferentes eu, como homem, encontrei duas. Uma delas é: só confio quando estou perante a tecnologia, me permitindo ficar alucinado e gozar junto. Não tendo quase nada de oxigênio em mim. A outra é estar nesse estado de tesão e desse apetite excessivo por uma mulher.

Esperei mais de 15 dias para tê-la, o que normalmente nunca demorou tanto. Pois é... Leah Canttaneo, a falsa moralista do *caralho*,

conseguiu me deixar nesse estado de querer caçá-la a todo custo. Uma conquista na qual só experimentei uma única vez no meu passado, que foi por Louise. Por isso era muito perigoso, mas dessa vez não me abriria e só deixaria a loira participar sem compromissos. Me fartaria e depois pularia para a próxima. Comigo era bem assim: foder, brincar e, em seguida, partir para outra e, se caso acontecesse de ter um encontro casual de novo tudo bem, mas nada que me deixasse fixo e preso a alguém. Nem mesmo esse corpo miúdo e delicioso, de pele cheirosa e inebriante.

A loira toda se contorcendo em meus braços era um pedaço do Éden. Leah rebojava como se estivesse comigo dentro e, para ser bem sincero, estava adorando tudo isso: esse jogo de gato e rato que vivemos até aqui e agora. Foi sensacional ver sua pose de castidade destruída e decadente cair, diferente do que pensei e planejei. Leah se soltou e não teve vergonha, sendo aberta e demonstrando a mesma luxúria que eu.

A medi, de cima a baixo, reparando no contorno da sua cintura e nos seios empinados e pequenos. Eram lindinhos, redondos e, se me esforçasse, caberia todo dentro da minha boca. Ela não era só uma carcaça de grife, seu corpo era de uma mulher bem cuidada, cheirando a dinheiro. A pele era macia e tinha aquele cheiro oriental de canela e mel. Doce, mas que de adocicada não tinha nada. E a fera em mim, livremente agradecia, na verdade, ela estava assim desde o momento em que deixei a porta da sua jaula aberta. Dei livre acesso para que saísse quando quisesse. Pelo menos essa noite deixaria o *bicho-papão* livre para degustar da sua caça. Nós dois merecemos...

Afastei e tirei meu blazer, jogando-o em cima do móvel sem tirar meus olhos dela. Leah ainda estava vestida só com uma minúscula calcinha, que não fazia a menor ideia de porque a vestia, mal cobria o púbis —

pequeno e liso — e atrás a única tira existente se perdia no vão de sua bunda empinada. Era a visão perfeita das minhas idealizações.

— Deixa que tiro. — Ela me disse quando comecei a desabotoar os botões do punho da camisa.

Aproximando-se de novo, ergui a cabeça deixando-a desatar o nó da gravata e alargá-lo para tirar do colarinho. Com sutileza e delicadeza tirava cada botão da sua casa e, assim que terminou, suas mãos subiram espalmando meus músculos até chegarem em meus ombros. Por minutos fechei os olhos, gostando da forma como seu tato era quente. Estava caindo em meu próprio veneno... Leah era habilidosa e destemida, diferente das da sua idade, que ainda eram receosas e muitas vezes queriam mais para si do que compartilhar. Ela não tinha vergonha e mostrava que queria tanto quanto eu.

— Está me surpreendendo, srta. Canttaneo.

— Por que? Achou que não me aproveitaria também? Já que me entreguei na mão do filho do diabo, por que não ter uma parcela disso tudo? — Com toda certeza, assim como eu, ali não era a mesma que conhecia e sim a mulher da troca, sem limites e amarras. Puxei-a, circundando sua cintura, trazendo-a de uma vez para mim e, em resposta, suas mãos envolveram-me na nuca, me entregando sua boca e sua pele na minha, enquanto nossas línguas se fundiam. Seus mamilos se amassavam contra meu peito. Me aprofundava mais quando sentia seu arfar excitado, minhas mãos deslizavam tocando-a toda até no contorno da bundinha arrebitada, misturando o tato com a gustação, ao tocá-la de várias formas.

Não pedi, mas do mesmo jeito que a tocava, Leah passou a percorrer meu corpo até chegar no cócs da calça e, sem pudor algum, afastando de mim, olhou para baixo, localizando a fivela do cinto e, por um momento,

seus olhos se fixaram... e sabia que estava olhando a imagem que despontava na *crista iliaca*^[8].

— O que é? — Sem me olhar perguntou.

— Vá em frente e descubra. — Se achei que a intimidaria estava enganado. Leah continuou e foi desabotoando, abrindo minha calça, descobrindo o que na outra noite não notou.



LEAH

Gostoso era uma definição ínfima para dar ao corpo atlético de Marco. Ele era todo duro e firme, com os músculos todos definidos, não era grande, era exatamente ideal, e fiz questão de tocá-lo sim. Já havia assinado minha sentença e aproveitaria cada pedacinho do que estava me oferecendo. O cheiro que exalava era completamente envolvente, uma mistura perigosa de feromônios e luxúria que me arredava junto com sua boca que me tomava sem entremeios nenhum. Mas queria mais e me afastei tocando em seu corpo, alcançando o cóis da calça social, presa pelo cinto de couro da cor dos sapatos que vestia. Outra coisa em Marco que era um quê de atributo, era o seu bom gosto.

O cretino era bonito, tinha o corpo delicioso e fazia uma mulher gozar sem fodê-la, era sensual e se vestia muito bem e, o pior de tudo, que

ele era assim e sabia que desestabilizava qualquer uma do sexo feminino. Me vi sendo mais um número quando me igualei em pensamentos e sentimentos de que Marco seria um dos homens que levaria comigo nas lembranças... E como não levar? Seu jeito e sua combinação de sexo e beleza conseguia simplesmente me desestabilizar. Foi totalmente meticuloso ao me enredar, e sabia jogar como um verdadeiro campeão invicto, de que no fim quem ganhava a partida era ele.

Isso ficou mais claro quando observei o traçado do desenho que descia pelo v profundo da sua pelve, me pegando de surpresa. Ele tinha uma tatuagem em seu corpo e, sem olhá-lo, perguntei o que era, e sua resposta só instigou ainda mais minha curiosidade e, já que me deu o passe livre, segurei o cós junto com a cueca e fui tirando, abaixando pelas coxas musculosas e peluda. Enfeitiçada, vi a cabeça de touro em sua pele, os chifres começavam no vinco delicioso que desenhava toda sua pelve e púbis e terminava logo acima do seu pau, bem na base do falo estruturado e que estava todo esticado e encurvado lindamente ereto. Era grosso e grande, com grossas veias ladeando até o contorno da grande cabeça vermelha, imponente e viril como o zebu tatuado ali, numa combinação perfeita de poder e sexualidade.

Não tirei meus olhos e fui abaixando junto com a calça, ficando ajoelhada e, dessa vez, assumi o controle ao segurar a ereção com as duas mãos e massageá-la com a pouca pele que sobrou. Olhei para cima e seus olhos estavam presos em mim, me intimidando e, como se estivesse enfeitiçada, fiz o que seria esperado: segurei seu pau com uma das mãos e com a outra sustentei as bolas bem desenhadas e lisas. Abaixei a cabeça perdendo o nosso contato visual ao levantar os escrotos e me afundar ali. Com a língua comecei a passar de baixo para cima e fui subindo o falo reto, sugando e lambendo, salivando até chegar na glândula melada e salgada.

Antes de chupá-lo suguei o orifício cheio de líquido seminal, espalhando seu gosto na minha boca. Com muito desejo abri a minha boca ao máximo e o engoli de uma vez só até sentir a cabeça tocar o início da minha garganta.

— Ordinária demais. — Marco disse entredentes, ao segurar o gemido enquanto eu movimentava minha boca, o engolindo todo. Mantinha meu olhar em seu rosto, vendo a contração da sua mandíbula. Me apoiei com uma mão de cada lado, como se segurasse no chifre da arte em seu corpo, lutando com a lascívia que aquela simbologia transmitia e me afetava.

Além do animal tatuado naquele ponto, tinha mais uma ao lado escrito: “*Garoto Selvagem.*”

— Vou te foder muito essa noite e que boca... não é à toa que essa boca enorme me deixa doido. — Falando assim só me estimulava mais. O que não era difícil para mim, ainda mais quando a parte mais atraente do corpo de um homem era do jeito que gostava: grande, reto e grosso, e o de Marco ainda vinha um adendo: era saboroso. O gosto que gotejava de dentro e caía na ponta da minha língua grudava nas minhas papilas e quanto mais o chupava mais tinha vontade, engolindo-o como uma fome absurda.

Marco me deixou fazer o que queria até quando senti os espasmos de seu pau, pronto para gozar. Ele retirou da minha boca e me ergueu, juntando minha boca na sua e, com habilidade, me virou e me empurrou até a cama, me fazendo cair nela de quatro.

— Primeiro vou cumprir minha promessa, não adianta me tentar assim — olhei por cima dos ombros e o vi subindo no colchão. Caminhei ajoelhada mais para o centro da enorme cama, mas suas mãos me travaram no lugar. Rindo pesado e sensual senti invadir minhas dobras e abrir minhas nádegas. Rebolei contra a pressão quando senti seus dedos passarem por ali,

esfregando no sentindo do vale, de cima para baixo, parando na entrada da minha boceta.

Marco riu, quando tornou a estimular e remexi jogando-me mais contra o estímulo.

— É muito safada. E digamos que tem uma bocetinha linda. — Gemi e me lancei para frente ao ser pega desprevenida, com seu rosto se enterrando entre minhas pernas.

Quem diria que sentiria Marco Valentino assim, me comendo de todos os sentidos possíveis e não em um banheiro com pressa para não ser flagrado, era calmo e totalmente prazeroso. A única pressa que tinha era ao me chupar, enfiando sua língua tanto na minha vagina quanto no meu ânus, um de cada vez. Me lambia como se fosse um animal sedento, não só com a ponta do músculo, mas esfregava forte, fazendo com que sentisse a aspereza da sua língua deliciosa ao tocar meu clitóris, abrindo-o. Sua boca se fechava e chupava-me, sugando com força, me fazendo gemer decadente.

Meu corpo todo tremia quando a ponta da língua buscava a entrada da minha uretra.

Agora entendia perfeitamente como faria para executar sua promessa de me fazer gozar vezes diferente. Ele já tinha conseguido uma, que foi me fazer entrar no seu mundo, me comendo com palavras, mexendo com meu subconsciente e, agora, buscava um local que poucos sabiam que uma mulher poderia ter um orgasmo delicioso — o orgasmo uretral — a sensação era magnífica e foi tão rápido que quando senti já estava me contorcendo, agarrando o cetim imaculado do lençol, ficando presa por suas mãos em minha virilha, segurando meu corpo em mais um gozo.

O demônio de olhos claros em menos de duas horas me fez gozar duas vezes. Desconfio que não conseguirei sobreviver à luxúria de Marco Valentino pela noite a fora.

— Vou precisar fodê-la ou vou gozar da próxima vez que ficar vendo você. — Me disse assim que colocou seu corpo todo em cima de mim. — Quero vê-la montando em mim. Não sabe o quanto estou com um tesão do caralho. — Sentou-se sobre as pernas e me trouxe junto, me colocando em seu colo, com as costas em seu peito. Suas mãos me sustentavam, segurando em meus seios.

Ainda estava mole, mas não satisfeita, queria mais e, só de pensar que estaria dentro de mim, me deixava mais excitada, renovando minha força. Tentei virar e alcançar sua boca, mas fui travada.

— Sabe aquela caixa em cima do espaldar da cama? Tem preservativo, vai lá e pega, porque vou precisar te foder agora — obedeci assim que seus braços me soltaram e, engatinhando, fui por toda a cama e cheguei até a caixa. Fechando os envelopes em minha mão, apanhei alguns e voltei para perto.

— Quer que eu vista em você? — perguntei encarando-o.

— Faça as honras... — rasguei o invólucro e, com o látex na mão, envolvi lentamente seu pau, cobrindo-o todo.

Avançando como um animal sobre mim, Marco veio me tombando de costas no colchão macio, se colocando entre minhas pernas e ficou ajoelhado se masturbando olhando diretamente para meus olhos e, em seguida, para minha pelve.

— Que boceta linda! Fechada, pequena e lisinha. Vou fazer um estrago, mas prometo cuidar depois com carinho. — Terminou de falar e

sorriu diabolicamente, alargando os lábios e estreitando seu olhar.

Cuspiu uma boa quantidade de saliva sobre a ponta de seus dedos e levou até o vão dos grandes lábios, me abrindo e me molhando mais do que estava lubrificada. Essa mistura de líquidos, seu com o meu foi um choque elétrico, que me deixava mais excitada, ainda mais quando senti a ponta do seu pau, resfolegar, me abrindo toda antes de entrar de uma vez.

— Porra de boceta apertada! — Marco disse ao tombar sobre meu corpo, depois de se enterrar todo dentro de mim, com uma penetração rápida e funda.

Senti como se me rasgasse, me alargando de uma maneira deliciosa e carnal, tão boa que gemi dentro da sua boca, me arrependendo de não ter vindo antes. Me beijando, movimentou, saindo um pouco e voltando fundo e forte, como da primeira vez, seguindo várias vezes assim, da mesma maneira, indo profundamente em mim. Não rápido, mas com pressão suficiente para que sentisse novamente ser tomada pela onda de arrepios que percorria meu corpo. Seu gemido gutural misturado com a indecisão de não saber se me beijava ou se mordida, me levou a sentir mais prazer ao perceber que meu gozo escorria em abundância, mais que o normal. Joguei os braços para o alto, ao sentir a diferença de gozar sendo fodida literalmente duro. Não como uma penitência, estava mais para um presente.

— Você esporra deliciosamente. — Marco sussurrou, ainda sustentando-se pelos seus braços enquanto movimentava dentro de mim. De olhos fechados, fiquei sentindo a sensação passar, ainda me deliciando com o vai-vem bruto do seu corpo ao investir todo seu pau dentro de mim.

— Acho que não está gostando... — Ainda com as pálpebras cerradas, sorri ao estimulá-lo psicologicamente.

— Só estou me segurando, porque ainda quero fodê-la muito e... —
Não o deixei terminar e queria vê-lo gozar também. Para mim não há nada mais excitante do que ver um homem expelir toda sua porra por tesão em você.

Contraí apertando-o com minha vulva e cruzei minhas pernas sobre suas costas, aumentando a profundidade que arremetia. E, como queria, Marco não aguentou e acabou gozando, investindo sem parar, aumentando a velocidade até esvair-se todo.

CAPÍTULO 18

MARCO

Seu gosto e a forma como me encaixava dentro do seu corpo era diferente, queria fazê-la gozar atingindo o ponto máximo de seu interior. Estocava firme sentindo sua bocetinha apertar meu pau, mastigando-o com seus músculos. Sem dúvidas, Leah disparava na frente de muita mulher por aí. Era desinibida e gostava de ser bem fodida.

Confesso que a espera valeu a pena. Tanto valeu, que senti meu sangue correr por minhas veias fervendo. Cada gozada sua me deixava com mais vontade de fodê-la sem parar, não dando tempo para se recuperar.

Podem me chamar de lunático, mas gosto do sexo e sou viciado nele, ainda mais quando estou com uma mulher gostosa como Leah e, pela primeira vez, errei no meu julgamento. Ela estava fora de qualquer padrão que subjuguiei. Era totalmente esperta, gostosa e tinha uma boceta deliciosa, sem contar que esporrava como um homem, o que era um adendo. Só uma

mulher totalmente segura na hora do sexo conseguia gozar assim: recebendo de mim em seu mundo de prazeres, ou melhor entrando no meu.

Olhei para ela, passando por todo seu corpo largado sobre a cama, reparando em seu peito subir e descer lento e pesado. Estava todo dentro dela, sentindo a pulsação do sangue que ainda corria por todo meu pau. Ainda queria mais e não me sentia saciado, se Leah achou que pegaria leve estava totalmente enganada.

Com meu corpo pedindo por mais, excitado, precisava tirar a camisinha e me limpar, mas quando me afastei e fiquei ajoelhado sobre as pernas, senti seus olhos segurarem os meus e a gata selvagem se erguer ajoelhando também e tombando de quatro, vindo até mim. Engatinhando antes de ficar na minha frente e me puxar pela nuca para beijá-la.

— Vou te limpar. — Sua voz não tinha meio termo, era autoritária e safada quando encerrou o beijo e disse.

— Se é assim que quer... — Se Leah acha que vai recuar estava enganada. Não tenho nojo e gosto dessa malícia sexual que emanava dela. Acho que mesmo errando acertei o alvo e, pela primeira vez, tenho que confessar que o animal em mim estava certo ao escolhê-la.

Leah segurou meu pau ainda em riste e retirou o preservativo, me masturbando lentamente sem desgrudar seu olhar do meu. A fitava e sorria, assistindo seus lábios carnudos e úmidos entreabertos, arfando.

— Vai logo, sua sacana de uma figa — ordenei, rodando minha mão em seu cabelo incitando seu corpo para baixo. Se achei que Leah era cheia de frescuras, realmente era só a carapaça, porque sem dúvidas essa aqui que está lambendo meu pau todo esporrado não é parecida em nada com a que conheci.

Sua língua o limpava como se fosse um banho de gato, deslizando de baixo para cima, lambendo toda porra nele e fazia tão calma, demonstrando prazer no que fazia ao olhar para cima, encontrando meus olhos nela. Sorri, fechando os olhos por minutos, ao sentir quando sua boca abriu ao máximo e o engoliu como um *faquir*^[9]: de uma vez até engasgar, me fazendo sentir o sinete da entrada da sua garganta. Era muito ordinária, não parecia estar me chupando e sim brincando com seu mais novo brinquedo. Seus lábios apertavam ao redor, inclusive quando aproximava da glândula, o ponto mais sensível do meu *cacete*. A loira demoníaca sabia por algum motivo que eu amava um bom *boquete* e ela fazia melhor que o primeiro. Porém dessa vez estava nua na minha frente com seu corpo delicioso, já havia sentido sua deliciosa boceta gozar e agora minhas mãos percorriam seu corpo.

— Leah, quero sua boceta agora — puxei-a pelo cabelo, arrancando sua boca de uma vez e, que caralho delicioso foi escutar o barulho do meu pau saindo rápido e duro. — Vou te dar ele de volta. — Antes de me deitar, a puxei para um beijo com urgência e excitação. Minha boca se fechou sobre a sua e moveu procurando sua língua, que era como a dona: safada e apressada ao enroscar-se na minha.

Deitado, pedi que virasse, me dando a bela visão da sua bunda branca e redonda.

— Senta na minha cara, sonsa gostosa. — Não fez charme e sentou, me dando sua vagina aberta e toda lambuzada. Abracei suas coxas e a travei, deixando-a praticamente toda dentro da minha boca. Antes de chupá-la, mordi seu brotinho no mesmo momento que tornou a engolir meu falo todo. Toda arreganhada, tracei a língua no vão dos lábios abertos até a entrada quente. O gosto de sexo para muitos era algo nojento, mas para

mim era um forte estimulante, que me ligava mais ainda, a ponto de querer ter mais dela.

Sugava seu *grelho*, chupando-o todo dentro da boca. Não só os músculos da minha boca participavam, meus dentes cravavam na carne enrugada e fazia com mais afinco, quando percebia que parava de me chupar e travava seu corpo todo, ao gemer com meu pau dentro da sua boca. Quanto mais gostava, mais fazia e, ao invés de só receber, Leah retribuía me chupando agressiva e rápida, indo fundo e quase o retirando todo. Não me segurei e perdi o controle ao sentir minha boca sendo inundada por seu líquido salgado, e acabei gozando junto, enchendo a sua de sêmen.

Desgraçada mil vezes! Leah não tinha que ser gostosa e imoral como gostava. Essa falta de decência misturada com falsidade era um quê a mais no que me fez querê-la tanto. E, não saciado, antes de empurrá-la, mantendo-a de quatro, vesti outro preservativo após minutos esporrar dentro da sua boca.

— Ainda vai querer ver minha boceta vermelha? — Apoiada sobre os braços, olhou por cima do ombro e balançou sua bunda, provocativa e sexy. Me coloquei atrás e fiquei em pé.

— Sempre cumprio o que falo, Canttaneo — abaixei, flexionando meus joelhos e segurei em cada lado de seu quadril antes de me enterrar dentro do seu corpo de novo. Literalmente sentei em cima, arremetendo fundo, sentindo-a me receber quente, molhada e mais aberta. Minhas bolas batiam no melaço de seus grandes lábios enquanto estocava firme. Leah gemia alto, diferente das outras vezes, me vendo comê-la por trás diante do grande espelho a nossa frente.

— Fode mais, Marco! — Ri. Horas atrás se fazia de difícil e agora estava me pedindo por mais. Quem entende essas mulheres? E Leah era a pior delas: controlada e reservada, mas decadente, deliciosamente imoral e muito cínica.

— Só se me pedir desculpas por ter brincado comigo — disse e parei, me retirando lentamente, como se fosse sair ao ver que me negava. Não era por capricho que pedia e sim pelo jogo excitante de gato e rato que começamos a jogar.

— Você é muito cretino, agora vai jogar na minha cara.

— Que você gosta de trepar e que tem uma boceta fantástica? Sim... e vamos trepar muito essa noite ainda.

— Então deixa de fazer tipo comigo e já que quer foder muito ainda, me fode com gosto, Valentino. — Não disse mais nada e arremeti duro, entrando até o fundo, jogando seu corpo para frente. Até fazê-la gozar não parei, investindo pesado contra seu pequeno quadril. A loira safada se masturbava e caía de cara no colchão ao gozar. O barulho que cada arremetida fazia me deixava mais louco e dessa vez foi tão poderoso que imaginei que estava sendo sufocado e fechei os olhos, tendo aquela deliciosa variação e delírio que meu corpo conseguia produzir quando a fera em mim extravasava. Foi como das outras vezes que estava sozinho, sentindo o ar faltar; meu corpo vibrar e o sangue passar por ele lentamente, me levando a sentir mais a cadência do gozo, que percorreu todo meu pau até expelir toda minha porra. Me levando a ficar trêmulo, sem saber onde estava e só me dei conta que variei e que estava com Leah, gemendo e tendo espasmos igual a mim, quando abri meus olhos e a vi. Nunca tinha acontecido isso antes e, pela primeira vez, senti a liberdade que sempre busquei.

Não falei nada, ainda respirava fundo quando me retirei e tombei meu corpo para trás, deitando-me sobre meus braços. Leah caiu para frente e deitou em cima do seu braço. Ficamos assim, quietos por um tempo. Em silêncio absoluto. Quando me sentei, a observei e notei que estava muito quieta, até achei que havia adormecido, mas não, ela estava olhando fixo para alguma coisa em sua frente.

— Leah! — A chamei baixo e no mesmo momento virou o rosto para o lado na minha direção. Seu olhar pesou e foi fechando e, em seguida abriu-os lentamente antes de sorrir.

— Você tem algum pacto com o diabo, só pode. — Falou tão baixo, com a voz pesada e cansada.

Vê-la deitada de barriga para baixo, apoiando o rosto sobre as mãos unidas me fez apreciar muito mais sua beleza e querê-la de novo. Insaciedade era o que sentia ao tocá-la com a ponta dos dedos. A sensação da maciez de sua pele me ligava de novo, me deixando excitado ao me ajoelhar e caminhar pelo seu corpo com o tato, sentindo cada fração dele se arrepiar todo, respondendo ao meu toque.

Após passear, tocando-a, deitei na sua frente, ficando de lado quando alcancei sua boca e selei seus lábios. Observei cada traço do seu rosto bem detalhado, parecendo um entalhe perfeito. Os lábios fartos, o nariz fino e arrebitado e os olhos na cor de jade, um verde intenso que vibravam.

Fechei os olhos enquanto sentia seu cheiro que me lembrava o oriente médio, me deliciando com o aroma que me atormentou mais ainda desde aquela noite que tivemos por aqui. Transpassei o braço por cima do seu corpo e o puxei para mais perto, me dando um pouco mais de calor que emanava dele. Não sei o que aconteceu, mas acabei pegando no sono e só

despertei quando escutei o celular tocar insistentemente. E não foi só eu que acordei, a gata selvagem que estava toda enroscada em mim, deitada com sua cabeça em meu ombro e seu braço me rodeando também acabou acordando, se assustando com o barulho.

— Calma, acabamos dormindo um pouco — beijei sua testa e me desvencilhei de seu corpo, me levantando, alcançando o celular no bolso da calça jogada no chão, mas não peguei só o meu e também trouxe o dela para devolvê-lo.

— Obrigada. — Me agradeceu assim que voltei a sentar ao seu lado e entreguei seu celular.

Leah ligou o seu e se assustou quando me informou que já eram quase 9 horas da manhã e se afastou indo em direção ao banheiro, me deixando sozinho no enorme quarto.

Assim que terminei de falar com meu amigo, fui atrás, mas Leah já havia saído do banho e estava enrolada no roupão imaculadamente branco secando seu cabelo platinado com uma toalha.

— Mike disse que Caim liberou e que podemos ficar ainda hoje, mas disse que falaria com você primeiro. — Quando retornei à ligação para Mike, o debochado, riu muito, me dizendo que fiquei tão possessivo que esqueci de chamar ele e Casey para a diversão. Não foi bem isso, depois de tanto ir atrás e tê-la queria mesmo era aproveitar um pouco sozinho e, lá no fundo, era sim uma posse que senti ontem à noite, quando a quis só para mim. Além de querer alguns detalhes, o que não dei, me disse que Caim liberou para que ficássemos e nos juntássemos aos casais da casa no fim de semana.

Era uma proposta interessante, porém não dependia de mim, ainda mais quando não sei como Leah se portaria ao me encarar depois da luxúria que desfrutamos ontem à noite.

— Preciso ir. Infelizmente não posso. — Me disse ao parar e me encarar séria.

Sorri e assenti, observando que a Leah que conheci, controlada e retraída estava de volta. Esperei que voltasse atrás e estava pronto para fazê-la ceder e ficar aqui comigo quando foi a vez do seu celular tocar, aumentando as chances de não conseguir o que queria.

Queria passar o fim de semana transando, estando dentro dela, escutando seus gemidos e sentindo sua boceta me apertar e me engolir deliciosamente.

— Desculpa. — Passou por mim e abaixou a cabeça, voltando para o quarto. Não iria atrás e tomaria meu banho para irmos embora. Nunca fui de ficar insistindo, ainda mais que havia conseguido o que queria, mas o problema estava sendo esse: o animal em mim ainda não tinha saciado sua fome, ele a queria de novo.

De banho tomado, estava voltando para o quarto quando escutei a conversa abafada.

— *Romano, eu te pedi uns dias, me dê duas semanas e estarei aí. Vou fazer o que você quiser...*

CAPÍTULO 19

LEAH

— Daqui a pouco retorno sua ligação...

— *Passou a noite com o corretor. Não me traga problemas e não se esqueça que quero vê-la entrar pelos portões da Casa Branca. Então não apronte nada, Leah.*

— Fique tranquilo, Romano.

Não deveria ter ligado o aparelho, o primeiro a me ligar foi Romano, querendo saber por que saí às escondidas da festa ontem, que havia feito seus seguranças de idiota. Não disse nada, apenas escutei, mas para meu alívio ele acha que estava com Travis, mal ele sabe que, na verdade, com quem estive é nada mais nada menos que Marco Valentino. E que noite... nunca antes havia gozado como gozei, sendo com o diabo de olhos verdes.

Marco era lindo, seu corpo era uma escultura perfeita, como se tivesse sido esculpida por *Praxíteles*^[10] em sua forma de deus do amor. E

sua tatuagem, quando o vi entendi o real significado dela em seu corpo. Da sua virilidade e da forma como o sexo representava para si. Entretanto, depois que acordamos, vi que precisava retornar ao meu foco e deixar Marco de lado senão, daqui a 15 dias, voltaria para minha cela em São Francisco. Por isso recusei o convite de ficar e passar o fim de semana com ele. Não dei explicações, simplesmente neguei, ainda mais por precisar seguir com meu plano inicial.

Desliguei o telefone após falar com Romano, olhei para o rumo onde Marco estava e fui me trocar, ele estava terminando de colocar a sua roupa toda amassada e fiz o mesmo, em silêncio, tornando a falar quando precisei de sua ajuda para subir o zíper do vestido. Não foi uma boa ideia, pois o cretino fez questão de colar seu corpo no meu e mostrar que estava excitado de novo, me excitando instantaneamente. Ele reagiu ao seu, e também pudera, o homem me fodeu a noite inteira e foi maravilhoso, não tinha como não lembrar e querer mais, mas foi só uma noite e nada mais.

— Não precisamos nos tratar como estranhos, Leah.

— Mas também não precisamos ser íntimos a ponto de deixar subtendido que chegamos a trepar.

— Que boca imunda essa sua... — Seu olhar estreitou me lendo nas entrelinhas e senti o tom de gozação no que me disse. Marco era um exímio jogador e perigoso, ainda mais agora que sabia o que era bom. Transar com ele foi comer *ambrosia* direto do Monte Olimpo.

— Não reclamou.

— E quem disse que estou reclamando? Só acho imunda e deliciosa.
— Estava quase entrando de novo nesse jogo quando tive um estalo de razão e bati em seu ombro com minha bolsa.

— Me leva embora.

— Quando vou te foder de novo? — Inesperadamente me perguntou e engoli em seco sem saber o que responder.

Queria poder responder “agora” e obedecer meu corpo que já sentia toda a pressão da antecipação de poder ser tocada por ele, mas precisava e dependia muito de seguir em frente com o que planejei.

— Não vamos! — Achei que ficaria sério, mas o vi abrindo seu sorriso devastador como se achasse que estava jogando.

— Ah... vamos sim, minha cara e o mais rápido que pensa. — Fechou o semblante e senti o peso da sua ameaça, igualmente quando fez das outras vezes.

Marco me deu as costas e caminhou para a porta. Passando pelos corredores podíamos escutar os gemidos que atravessavam e paravam fora, nos dando mais para pensar e imaginar. Aquele som do prazer me excitou de novo e estive a ponto de voltar no que disse e pedir para ele me levar de volta para o quarto e sairmos de lá só quando o fim de semana terminasse, mas me mantive focada e segui firme ao seu lado. A casa, fora dos quartos, estava vazia, exceto pelas funcionárias limpando. Atravessamos por elas voltando para o hall de entrada. Na porta, ao lado de fora, um carro nos esperava. Era um SUV preto da família dele e reconheci um dos homens como sendo o mesmo que pediu que engasse os homens de Romano ontem à noite.

Lado a lado, permanecemos quietos, como se fôssemos dois estranhos e preferi que fosse assim, ledor engano meu. Quando pedi que parasse uma esquina antes do apartamento desceu junto e me espremeu contra a lataria do carro e me beijou possessivamente. Não consegui me

conter e devolvi a intensidade do seu beijo ao deixar sua língua reclamar a minha, enrolando-as quase em um nó.

— Não venho mais atrás, vou esperar me ligar — disse quando me soltou, me deixando atordoada. Foi tão inesperado essa explosão que não consegui entender esse afastamento, mas sua expressão sedutora me dizia tudo. Marco não me deixaria em paz e, para ser sincera, nem queria, mas como nem tudo em nossa vida é como queremos...

— Vai ficar esperando. — Me afastei, empurrando seu peito, encarando-o e devolvendo o mesmo olhar.

— Veremos... — Deu de ombros e, me dando as costas, voltou para dentro do carro, me deixando ali.

Caminhei tranquilamente, apreciando o movimento das pessoas e dos carros até a entrada do edifício de luxo e, quando me viu, o porteiro veio de encontro comigo e abriu a porta para que eu entrasse. Apesar de tudo, me sentia bem e relaxada, livre por um tempo determinado, não que seja do meu gosto, mas necessário.

— Bom dia, srta. Canttaneo!

— Bom dia! — Devolvi o cumprimento e segui para os elevadores e, dentro da caixa metálica, fiquei me olhando no reflexo espelhado, lembrando de como foi a noite, da forma como me senti plena e solta. Uma parte de mim vibrava eufórica — era a da menina levada —, que estava contente por ter passado a noite com o garanhão dos Valentino.

— Leah! — Me assustei quando as portas se abriram e vi seu reflexo pelo espelho.

— Travis?! — Me virei e saí para o pequeno hall. Meu dominador estava ali parado me olhando.

— Aonde estava? Onde passou a noite? — respirei fundo, não gostando da forma como estava me perguntando. Sei que havia combinado com ele e acabei furando, mas não lhe dei o direito de vir até meu apartamento e, ainda mais, me questionar como fosse meu dono. O contrato só valia na hora do sexo, tirando a cláusula de exclusividade, a única coisa que lhe dava o direito de requerer fora de quatro paredes. Por isso, fechei o semblante e passei por ele sem responder. Agora teria que me virar e não colocar tudo a perder, e tudo graças ao diabo de olhos verdes que me ludibriou e me enganou, e me fez acreditar que tomaria um fora ontem à noite. Mas nem foi por isso que fui com Marco, já o queria e isso foi só o empurrãozinho para me jogar.

Agora... Já não basta meu irmão ficar me controlando, deixar Travis me controlar também seria demais. Sei que futuramente ele faria, talvez não mais, se quiser dar o distrato. Tudo vai depender da conversa que teríamos. Mesmo que colocasse meus planos em risco, não ficaria presa a um outro Romano da vida.

— Bom dia, o que faz aqui? — perguntei como se não soubesse a resposta. Tentei mostrar sutileza no meu tom de voz.

— Leah, te esperei a noite toda. Liguei várias vezes e seu celular estava desligado. Acabei ficando preocupado. Aonde esteve? — pensando em uma mentira para contar, caminhei para o interior do apartamento, lhe dando as costas propositalmente. Sua voz era pesada e parecia como meu dono ou alguém a quem devo satisfações. Não esperava pelo modo que estava agindo. Sei que tínhamos um comum acordo, que seríamos fiéis enquanto estivéssemos justos, mas ele foi o primeiro a não ser, então, não tinha direito algum de me questionar, porém se eu fosse por esse lado colocaria tudo a perder, o melhor agora seria mostrar submissão e conseguir

o que queria. Infelizmente, ontem agi por impulso e pelo louco tesão que estava sentindo por Marco. O que não era uma coisa nova.

Sei que fico nessa balança com meus pensamentos oscilando de quero e não posso, de vou e não vou mais e isso tudo por causa daquele cretino. Contudo o que aconteceu entre nós foi a confirmação, de que às vezes penso mais com o querer do meu corpo do que com a minha razão.

— Leah, estou falando com você. Me diga aonde estava? — continuei ignorando essa pergunta até conseguir formular uma desculpa que colasse, e não por parecer irritada.

— Já tomou café, meu senhor? — virei e sorri baixando a cabeça, indo na sua direção.

Usei a tática de submissa, mas foi em vão quando tentei abraçá-lo. Travis me afastou e segurou firmes meus pulsos.

— Deve achar que sou idiota, Leah. Quero saber onde estava a noite inteira que não foi me encontrar. Com quem estava?

— Travis...

— Não, Leah... — me empurrou e afastou-se um pouco. — Sei que estava com outra pessoa, você quebrou o contrato. Estava com Marco Valentino? — mordi os lábios, me segurando e pensando em como sair dessa bagunça.

— Não! — menti pensando no meu propósito. — E de onde tirou isso?

— É vadia demais. Sei que passou a noite em Apple Privê. — Não foi uma pergunta, Travis foi logo afirmando. Seu olhar me esgueirava de cima a baixo e sua cabeça mexia, negando seus pensamentos.

— Como sabe?

— Então é verdade que estava lá com o Valentino! — Me deu as costas, se afastando mais de mim.

— Travis, por favor! — aproximei-me, mas quando o toquei, o dominador se afastou, me repelindo.

— Você quebrou nosso contrato. — Na mesma hora me liguei, unindo um fato ao outro. Se Travis estava sabendo com quem e onde estava só uma pessoa falaria... *a prostituta ruiva*.

— Foi Amber que te falou?

— Não importa. O contrato foi quebrado, me devolva a coleira. — Me lembrando de que nesse momento a joia estava com Marco, levei minha mão ao pescoço.

— Está me acusando de quebrar o contrato? Quando ia me contar que estava encontrando com a prostituta ruiva? — Precisava distraí-lo antes de falar sobre o colar. Talvez esquecesse desse detalhe.

— Do que está falando? — Pelo visto jogaria o mesmo jogo que eu, se fazendo de desentendido, mas agora eu jogaria o seu, e fui tomada por um sentimento de raiva, por ele me acusar e querer bancar a vítima.

— Sei que marcou um encontro com Amber, a mesma da troca daquele dia.

— Não sei do que está falando. — Travis virou e tentou disfarçar quando afirmei o que Marco havia me falado.

— Sabe sim, sei que hoje estaria com ela. Quem quebrou o contrato primeiro foi você.

— Mas não saí com ela ainda, ao contrário de você que é uma vadia que se acha uma *socialite*, mas não passa de uma vagabunda.

— Sai da minha casa. — Por mais que não me importasse com a forma como me dizia, não permitiria que me ofendesse assim. Mesmo que agora mesmo meus planos foram pelo ralo. Já bastava a autoridade invasiva de meu irmão, não permitiria que falasse comigo dessa forma.

— Não antes de me devolver a joia.

— Arrebentei o fecho e mandei consertar.

— Você o quê? — Pelo visto o deixei furioso, ele veio para cima de mim e gritei quando senti os seus dedos fecharem com força em meu braço. Travis não só me segurou, mas me apertou a ponto de me machucar. — Você não sabe o quanto vale aquele colar, sua vadia, para deixar assim, como se fosse simples.

Tornei a empurrá-lo sem efeito algum quando me deparei com seu olhar agressivo.

— Me solta, por favor. Pago qualquer multa que tiver naquele contrato, mas por favor sem escândalos. — Na mesma hora, dei por mim que estava em uma encruzilhada, chamar por socorro agora seria o mesmo que ligar para Romano e dizer já estou livre e não ter como achar outra alternativa.

— Você não faz ideia do valor, sua desgraçada.

— Se algo acontecer eu pagarei, só está arrumando o fecho que quebrou. Juro!

— Você vai pagar a multa do contrato, sua vagabunda. E se algo acontecer com a minha joia também. — Ele me empurrou contra uma das

mesas e, para não cair, me equilibrei ao me segurar no móvel. — Você não sabe com quem mexeu. Tem até a terça-feira para me pagar o contrato e devolver minha joia, senão vou acusá-la de roubo, além de fazer você me pagar por qualquer dano. Te levarei aos tribunais.

Não era para ter sido assim. Foi muito azar ele estar aqui, ainda por cima estar sabendo com quem e aonde passei. Tudo isso por culpa da vagabunda daquele clube. A idiota foi abrir a boca e contar que havia me visto acompanhando Marco.

Mais uma vez minhas escolhas me colocaram em enrascada. Agora era pensar e ver como agiria, buscando uma nova saída. Era necessário ser rápida, pois, minha vida toda estava em jogo.

Como vou fazer para tirar um dinheiro sem Romano saber o que está acontecendo? Sem contar a joia que Marco levaria para arrumar...

Pense rápido, Leah...

Estava apavorada e não conseguia pensar em algo que desse certo, só vinha uma coisa na minha cabeça e não era a melhor opção.

CAPÍTULO 20

MARCO

Não dormi. Fui para casa tomar um banho e acabei não descansando. Já passava das onze quando fui procurar por um joalheiro de confiança. Na verdade, quem me indicou foi Giovani. Ainda tive que aguentar ele tirando sarro, perguntando se estava atrás de uma aliança e que, finalmente, iria me casar. Ainda não seria dessa vez, gosto bem do meu título e do meu estado civil de solteiro e pretendo mantê-lo assim. Não que algum dia eu mude de ideia, mas casar com alguém nunca esteve nos meus projetos de vida. Precisava mesmo era de alguém que arrumasse a *bijuteria* que Leah estava no pescoço. Sei que a peça deveria valer muito, era pesada e sei muito bem quanto custa um brilhante de boa qualidade. Pelo visto, o dominador gostava de mimar suas submissas.

Esperei que consertasse e trocasse o fecho por outro de ouro, paguei mais caro para que fizessem o serviço ali na hora, ainda bem que o dinheiro compra tudo quando se mostra as notas verdes ao vivo e à cores. O homem

não era lá muito famoso nem a loja era uma joalheria da quinta avenida, mas trabalhava bem, era um ourives bem cuidadoso.

Agora precisaria só mandar a peça para Leah. Não iria pessoalmente, a deixaria me procurar, mesmo que ainda precisasse do seu corpo sob o meu. Não tinha saciado à vontade e, pelo visto, estava bem longe. Contudo, pelo pouco que analisei a situação ela não viria tão cedo, porém, mais uma vez a gata selvagem me surpreendeu ao me ligar no exato momento que estava saindo da pequena joalheria do *Brooklyn*.

Sorri ao ver seu nome piscando na tela, meu ego inflou e quase estourou.

— *Voltou atrás e vai querer foder hoje?*

— Não, Marco, só liguei porque preciso dos serviços de um advogado e da coleira — disse séria.

— Não respondeu minha pergunta.

— Sério que está preocupado em saber se quero trepar com você de novo?

— Claro! Preciso saber o quanto foi bom para voltar atrás do que me disse hoje de manhã, tão rápido assim.

— Qual é? Marco Valentino inseguro agora? Está preocupado se gostei ou não?

— Sei que gostou, ninguém goza daquela maneira se não tivesse sido bom, querida.

— Não tenho tempo para ficar comentando sobre a noite, Marco. Enfim... preciso mandar consertar a coleira e preciso de um advogado. — Leah demonstrou-se irritada e acabei deixando de lado todo jogo,

entendendo que algo sério deveria estar acontecendo. O que Leah Canttaneo aprontou para estar querendo um advogado?

— O que aprontou? Foi presa?

— Acha mesmo que se tivesse sido presa estaria ligando para você?

— Por que não? Primeiramente, sou advogado.

— Marco, sem esse joguinho agora, por favor. — Sua voz pesou e entendi que o momento não era para brincadeiras.

— Para sua sorte já resolvi as duas coisas para você... Vai usar a coleira hoje?

— Marco... por favor! — parei e mudei também meu tom de voz.

— Está bem, mando entregar aí, acabei de mandar consertá-la. E o que mais aconteceu?

— Não posso falar por telefone. Precisa ser pessoalmente. — Não me contive e gargalhei. Leah usou um subterfúgio e quase acreditei mesmo que estava com problemas, mas essa de “tem que ser pessoalmente” não passava do velho e bom clichê.

— Sabia que voltaria mais rápido para trepar.

— Deixa para lá, só me manda a coleira e pronto. Me viro para achar alguém que não coloque *foda* a cada frase. É sério. Obrigada! — Vi que não era brincadeira, até poderia ser, mas se fosse, agora ela estava jogando muito bem, me levando a acreditar fielmente de que realmente algo sério aconteceu.

— Calma, sua falsa freira — pedi. — Você não matou ninguém não, né?

— Não, Marco. É outra coisa.

— Está na cobertura?

— Sim, mas não pode ser aqui. Me encontra na esquina daqui a meia hora.

— Impossível, vou levar pelo menos uma hora, ainda não almocei e estou com muita fome. Apesar que troco uma boa refeição por me alimentar em você.

— Por favor, não estou com cabeça para pensar em trepar, Marco, se vai mesmo me ajudar preciso que ao menos esqueça o que aconteceu e seja profissional.

— Querida, serei extremante profissional e seria impossível não vê-la e não lembrar de que goza tão bem quanto eu.

— Travis vai executar o contrato, estou preocupada e parte dessa confusão se deve a você — ri, por mais estranho que fosse a situação não tinha como não ser engraçada. Um dominador reclamando um contrato, nesse mundo era sempre o contrário, as submissas que requeriam deles, por sempre serem a parte traída da história.

— A mim não, Leah, você não foi forçada a nada. — Um outro detalhe, não a deixaria me culpar por agora o babaca reclamar. Era prático e essa de levar culpa por foder a noite toda não tinha fundamento algum. Não amarrei ninguém, só dei um jeito das coisas se tornarem fáceis.

— Mas é muito ordinário.

— Não nego o que sou, diferente de você: é uma safada que paga de santa.

— Quer saber? Deixa para lá! — Pelo visto estava nervosa e resolvi parar de rebatê-la.

— Daqui a uma hora te pego na esquina.

— Ok!

Enfrentei o trânsito e acabei chegando alguns minutos mais cedo e fiquei olhando para a esquina combinada, esperando por ela. Não demorou muito e Leah apareceu vestindo um lindo vestido branco, justo como todos que usava; estava de óculos preto e, na mão, um envelope e a pequena bolsa. Andava elegantemente em cima dos saltos pretos. Deliciosamente sofisticada, me dando o que pensar que estaria vestindo por baixo. Me excitei e remexi em meu pau, acomodando melhor dentro da calça. Por sorte estava sozinho quando me ligou.

Saí do carro e fui de encontro a ela e não resisti quando a puxei e a beijei, não era bem assim que a recepcionaria, não queria aparentar que estou com muito tesão nela ainda, mas senti a fera passar à frente de tudo e reclamá-la. Sim... fui deixar o bicho à solta e agora ele estava muito obcecado por Leah Canttaneo.

Ao invés de me parar, a *dissimulada* acomodou seu corpo e correspondeu me dando passagem para dentro da sua boca e depois para seu pescoço cheiroso. Segurando-a pela nuca, não me aguentei e acabei mordendo a base entre sua mandíbula e o ombro. Leah se contorceu e gemeu. Precisava parar, se não a foderia ali mesmo.

Afastei e sorri. Com mais tesão impossível.

— Vamos para o carro e sair daqui, senão vou te foder em qualquer beco aqui perto — disse me afastando. — Ela suspirou e se afastou de mim calada.

Caminhei a sua frente e abri a porta do carro antes de ajudá-la. Fiquei observando a forma como seu corpo ficava mais modelado no tecido e já passei a lembrar de como são perfeitas suas curvas. Segurei em sua mão para entrar e contornei pela frente, entrando e sentando ao seu lado.

— Vamos almoçar antes e lá conversamos — afirmei enfático, não lhe dando opções.

Levei Leah para almoçar em um restaurante discreto e ao mesmo tempo sofisticado, bem intimista. Quando estacionei, ajudei-a a sair e lhe ofereci o braço para entramos no restaurante após entregar a chave do meu carro ao manobrista. Uma das lindas recepcionistas nos levou até uma mesa para dois e nos sentamos um de frente para o outro. Antes de começar a conversar sobre o que nos trouxe aqui fizemos nosso pedido ao *maitre* e, assim que estávamos sozinhos, tirei do bolso um saquinho aveludado e entreguei para ela. Leah não abriu e já sabia do que se tratava ao guardar em sua bolsa de mão a joia consertada.

— Quanto ficou o conserto? — perguntou e neguei com a cabeça.

— Nos poupe.

— Obrigada.

— Agora o que aconteceu?

— Cheguei na cobertura e Travis estava lá, me questionou onde estive a noite toda, cheguei a mentir, mas ele afirmou que já sabia que estava com você. Amber contou a ele e, para não fazer um escândalo e não executar o contrato, quer que eu arque com a multa contratual onde exige monogamismo.

— E de quanto é essa multa?

— 100 mil.

— Cem mil? — repeti o que disse, mas em tom de pergunta.

— Sim.

— E você estava com a cabeça aonde quando assinou esse contrato?
— pedi que me entregasse o envelope e perguntei sem olhar para ela enquanto retirava os papéis de dentro.

— Não pensei que foderia com outra pessoa e ele fosse descobrir, mas pelo visto a prostituta não é tão confiável. Achei que o que acontecia em Apple Privê ficasse lá — subi o olhar na sua direção e fiquei encarando-a, analisando toda a situação. Mas dentro de mim sabia muito bem como foi tudo. Só não poderia deixar que Leah soubesse de toda verdade.

Quando estávamos indo, ontem à noite, dentro do carro enviei uma mensagem à ruiva. Não vou negar que queria muito bem que o *corretorzinho* se ferrasse, assim Leah parava com essa frescura, já estava, na verdade, pensando como seria daqui para frente. Amber só fez o que pedi na mensagem, que era para contar ao babaca do dominador que Leah estava comigo na mansão. Tanto que passou pouco tempo que enviei a mensagem e chegamos, o cara ligou para ela.

— Ele me acusa de quebra, mas disse a ele que sabia que tinha um encontro com a prostituta ruiva.

— Poderia parar de chamá-la assim? — provoquei, mas minha intenção não era despertar atenção ou dar alguma margem para Leah pensar que poderia estar envolvido.

— Ah... e o que ela é? Uma freira? Espera, esqueci que também fode ela.

— Está com ciúmes?

— Claro que não! Só estou com muita raiva dela. Como vou pagar essa multa?

— Dinheiro não é problema para você.

— Uma quantia assim, terei que explicar por que sumiu da minha conta.

Como assim?

Leah tinha que prestar conta do seu dinheiro?

Estranhei a forma como ponderou e fiquei olhando.

— Mas o fato é que ele também traiu.

— Sim, e se tiver como provar não precisará pagar a multa e sim recebê-la — disse sério.

— Mas como? Se só tenho poucos dias para efetuar o pagamento.

— Posso ajudar, mas claro que vou merecer um prêmio.

— Jura que vai trocar o favor com sexo?

— Claro. Vai ter que ficar comigo até eu me cansar de fodê-la, mas poderemos encarar como pagamento dos meus honorários — relaxei na cadeira e cruzei os braços. Meus olhos fixaram-se nos seus. Queria praticidade e essa seria a única forma de Leah não me tentar nesse jogo de caça, facilitando numa boa e, de quebra, a foderia até matar a fome do animal em mim.

— Está louco...

CAPÍTULO 21

LEAH

Sequer consegui descansar, Travis conseguiu me desestabilizar e pela manhã inteira andei de um lado para o outro, dentro do quarto, pensando em como agir sem causar danos colaterais. Quando pensei em recorrer ao diabo de olhos verdes, tinha certeza que teria que aguentar seu ego inflado, mas o que seria aguentar toda sua pretensão se no final tudo ocorresse da maneira como queria?

Já tinha perdido o plano A, agora era ajustá-lo de outra forma e Marco Valentino poderia me ser muito útil, até porque desde que me deixou não paro de pensar em como foi nossa noite. Foi maravilhosa e nunca me senti tão bem com uma pessoa como foi com ele. Sem mencionar o sexo espetacular. O homem exala testosterona em escala excessiva, é lindo e muito gostoso e sabe foder como ninguém uma mulher. Se não fosse toda essa complicação a minha volta teria com certeza ficado e passado o fim de semana na mansão.

Era essa liberdade que meu corpo sempre pediu, mas agora era voltar ao meu foco... resolver toda essa merda com Travis e depois achar alguém para substituí-lo, agora seria qualquer um mesmo, era minha corrida contra o tempo: 14 dias era o que tinha.

Um passo de cada vez, primeiro a coleira, depois dar um jeito de anular o contrato e tudo isso sem Romano desconfiar, ou o desgraçado vai me fazer voltar para São Francisco antes do tempo. Sem mencionar que sacar uma quantia alta assim vai despertar a atenção dele. Infelizmente, nossa conta é conjunta, sei que vivo em um cativeiro de portas abertas, mas não seria sensato ir contra a demência lunática de meu irmão. Ele é meu algoz, mas se der certo tudo vai mudar e não serei uma refém dentro da minha própria vida.

Nunca me perguntaram como me sentia, mas boa parte de deixar que me controlassem foi por não pensar antes de agir, igual na noite passada, que agi por puro tesão. Quando meu corpo exigiu que deixasse Marco me tocar e me ter, me dando o que mais gosto de ter nessa vida: prazer. E quando o tenho, nem roupas, grifes e todo dinheiro do mundo faz sentido para mim.

Sim... sou doente, e quando vejo que ultrapasso o limite e me deixo levar por esse impulso sexual exacerbado procuro ajuda, entretanto, ultimamente, tenho conseguido me controlar, nada a ponto de me deixar fora do normal. Isso só ocorreu comigo quando me separei. Não tive pena do pobre segurança, que me fodeu na casa de máquinas da piscina da mansão onde morava. Trepei com ele como se fosse uma vadia de rua, nem o seu nome me dei ao luxo de perguntar, só queria saber de me sentir livre para escolher, já que Maison não fazia mais parte da minha vida. Fui fodida naquele dia de forma bruta e selvagem, como gosto.

Contudo, agora era controlar esse lado meu e resolver esses problemas.

Decidida, liguei para Marco e, assim como pensei, o *filho da mãe* debochou e achou que estava atrás já para transar com ele. Confesso que parte de mim queria mais, mas precisava dele e de seus serviços antes de mais nada e, a ideia de inclui-lo no meu plano B, veio com sua proposta absurda ao me cobrar sexo em forma de pagamento.

— Está louco... — parei, não terminei a frase e fiquei encarando sua boca traçada no fino sorriso diabólico que me oferecia. O desgraçado sabia muito bem como envolver uma mulher em sua teia. Ele tinha esse magnetismo singular que cativava, era discreto ao encarnar sua postura séria e cética, mas era o contrário e se soltava entre quatro paredes, sendo deliciosamente decadente e sedutor.

Qualquer mulher em sã consciência abriria as pernas para ele só com um estalar de dedos, então não me sentiria culpada por não ser imune a ele.

— Não, e não vamos mais ficar nesse jogo, Leah, tenho ainda tesão em você e não vou sossegar enquanto não saciar do meu jeito. Quero fodê-la mais vezes. É como se trocássemos esse contrato de merda por um bem melhor. Agora, a não ser que gosta de BDSM. Isso posso dar um jeito, mesmo que não seja muito minha praia.

— Marco, não seja ridículo, por favor.

— Prefiro fodê-la dividindo-a com mais gente do que bater em você. — Ele disse baixo arrastando sua cadeira para mais perto. Sua mão espalmou sobre minha coxa e apertou. — Apesar que quero você de qualquer jeito, seja amarrada, amordaçada ou pulando no pau de outro.

Apenas quero que seja minha até esse tesão do *caralho* passar. — Respirei fundo e não tirei sua mão. Engoli em seco olhando direto em seus olhos, sentindo o peso da proposta enquanto apalpava minha perna, me fazendo gotejar, lubrificando minha boceta inteira.

— Daqui a quinze dias estarei retornando para São Francisco. Até aceito, mas que seja por esse tempo. — Após segundos encarando-o acabei respondendo não só ao meu corpo e à proposta de estar com ele de novo, mas também porque era por esse caminho que tudo estava me levando a seguir, sem remorsos e arrependimentos.

— Dou uma semana para meu corpo já não estar nem aí para você, mas tudo bem.

— Melhor ainda. Mas nada de monogamia, posso transar com que eu quiser. — Marco apertou mais forte minha perna, me fazendo sentir essa mistura de excitação com dor que meu corpo pedia.

— Não vai querer outro dentro de você além de mim, querida — dei de ombros e sorri, deixando minha mão pousar sobre a sua e deslizar o dedo médio sobre o dorso, circulando e tocando sua pele.

— Você é vadia demais. Mas já que seremos um casal por sete ou, quem sabe, por quinze dias, vai estar disponível na hora e no local que eu quiser.

— *Exibicionista!*

— *Voyer e sádico*, o que mais? Não ligo para esses rótulos, gosto do prazer, Leah. — Marco se lançou um pouco para frente e encostou sua boca em minha orelha e sussurrou.

O cretino era uma dosagem extrema de feromônios, seu cheiro era como uma flor que atraía a abelha direto para seu interior e, no caso, eu era

essa abelha, mas com uma única colocação: uma abelha rainha, que pega como e da forma que quer.

— Agora como vai me ajudar? — perguntei, me afastando um pouco, mas mantendo meu rosto tão perto que podia sentir o calor da sua respiração e da sua boca molhada.

— Uma coisa de cada vez, lindinha.

— Trato é trato, ou melhor, estarei pagando seus serviços desde...

— Agora. — Marco umedeceu seus lábios, ficando todo sorridente, contando vitória.

— Então comece a trabalhar. — Disfarcei minha satisfação pelas coisas começarem a dar certo.

Antes de se afastar de mim rindo, apertou pela última vez minha coxa e voltou para seu lugar a minha frente.

— Vou te foder essa noite inteira de novo, prepare-se bem, srta. Canttaneo.

— Estarei. Mas antes comece a trabalhar, só pagarei se ver resultados — entrei no seu jogo.

— Ligue para o *corretorzinho* e diga que você não vai pagar a multa e que, se quiser, pode ir aos tribunais, também diga que tem testemunhas sobre a traição. Mesmo que não tenha sido consumada, mas a traiu desde que marcou um encontro e isso já configura quebra de contrato. Outra coisa, diga que ele terá que buscar a joia, você o fará assinar uma declaração de que você a devolveu. Já faça e marque para daqui duas horas no seu apartamento. — Marco foi exato, incisivo e muito confiante, o que

me fez ficar confiante que tudo daria certo e agora era só colocar em prática.



Duas horas se passaram desde que liguei para Travis e disse que estava em posse da coleira e que queria falar com ele e devolver. Não falei tudo, deixaria para dizer que não pagaria a multa quando estivéssemos a sós. Marco me orientou a salientar e não mostrar medo e mandá-lo ir aos tribunais se quisesse receber a multa contratual.

— Leah, o homem de hoje de manhã está lá embaixo esperando. — Consuelo entrou em meu quarto e me avisou, chamando minha atenção para ela. Estava parada de braços cruzados, olhando para fora da janela do meu quarto, vendo a vista do *Central Park*.

— Obrigada! Avise que já estou descendo — respondi e descruzei o braço, me sentindo apreensiva. Estava com muito medo. As coisas não saíram tão bem quanto o esperado. Tudo era incerto. E se a ideia de Marco não desse certo?

O cretino me deixou na mesma esquina em que havia me pegado depois que almoçamos. Ele teve coragem de me beijar possessivamente dentro do carro e depois se despedir como se fosse um colega, sem me dizer que horas eu poderia esperá-lo.

Deixei meu quarto após pegar o estojo preto.

Assim que cheguei do meu breve encontro almoço com Marco, devolvi a joia para a caixa em que Travis me entregou-a quando aceitei ser

submissa. Além de estar em posse da joia, também peguei a declaração por escrito para fazê-lo assinar.

Desci as escadas pensativa e o encontrei já esperando. Seu olhar vazio e frio me encarava na tentativa de me desestabilizar.

— Está aqui a joia — disse quando terminei de descer e caminhei até onde estava parado. Estendi o braço, tentando manter uma certa distância para lhe entregar a caixa. — Preciso que assine a declaração de que devolvi em perfeito estado de conservação.

— E se eu não quiser assinar? — recolhi a mão ainda segurando a caixa, afastando a joia dele.

— Não sairá daqui com ela — bufei e disse temerosa de que retrocedesse e, novamente, meus planos fracassassem.

Caminhei até a mesa circular com o enorme vaso de flor que ficava ao centro do hall. Depositei o estojo sobre a mesa e o abri, mostrando que a coleira estava ali e consertada. Travis aproximou e parou ao meu lado, analisando se tinha algo de errado ao pegar em sua mão e vistoriar cuidadosamente com os olhos sua joia.

— Está perfeita. — Me disse depois de conferir que estava tudo certo, principalmente o fecho.

— Assine! — ordenei, fechando a caixa antes que pegasse e fiquei com a mão em cima assegurando que assinasse primeiro. Me olhando com raiva pegou a caneta e rubricou o papel, puxando com força ao pegar a coleira.

— E o dinheiro, como fará?

— Não vou pagar. Se quiser pode ir aos tribunais, já contatei meu advogado e ele já está a par de todos os detalhes, inclusive com a cópia do contrato em mãos.

— Se prefere assim, Leah. Vai querer se expor mesmo? Não será uma boa para você, uma *socialite* metida a certinha ver seu nome estampado nos jornais. O que dirão de você, ao saberem que gosta de apanhar? — Após me ameaçar sutilmente, tentou tocar meu rosto, mas afastei, recuando um passo atrás. Não tive medo e sim receio de que ele fizesse exatamente como descreveu. Me controlei e respirei fundo antes de lhe responder, mas fui surpreendida por Marco, entrando e parando logo atrás de Travis.

— Não, Leah não vai se expor. Sou o representante legal dela. — Marco disse alto fazendo-se presente e imponente. Entretanto, não estava sozinho, ao seu lado estava a causadora de toda essa confusão.

Não queria acreditar que teria tanta cara de pau assim de aparecer na minha frente depois de ter me dedurado ao meu ex-dominador. O que Marco estava querendo com isso? Olhei na sua direção esperando que me respondesse o que estava pensando ao trazer Amber até aqui, mas fui ignorada.

— Sério que o cara que te fodeu é seu advogado, Leah? Desceu mais baixo que pensei. — Você é muito vadia. — Travis virou de lado e vagueava seu olhar, indo de mim até Marco. Me ofendendo com palavras. Seus olhos varreram não só a mim, mas demoraram em Amber, que estava sorrindo; com certeza, adorando toda essa a situação constrangedora.

— Está injuriando minha cliente, Sr. Trimes. — Marco o interrompeu e veio ao meu lado, trazendo Amber a tiracolo, agarrada em seu braço.

Não sei por que, não estava nem aí para os dois, mas me senti invadida e incomodada com a presença da prostituta.

— Pediremos uma indenização, se for necessário.

— Que absurdo! Leah quebrou o contrato e agora fica se fazendo de vítima.

— Quem o quebrou primeiro foi o senhor.

— Não transei com Amber, a não ser por aquela noite que os dois estavam presentes, aliás, que fazia parte do contrato.

— Acho que o sr. Trimes tem uma péssima memória. — Marco soltou a ruiva que lhe entregou o celular dela e antes de mostrar, veio até mim. Na tela do dispositivo estava a gravação de uma câmera e Amber chegando na entrada do prédio onde Travis morava.

— É uma armação. — Ele replicou tentando se defender.

— Mentira, fui lá na semana passada e transamos muito. — Amber até então calada, disse e ficou encarando Travis até ele balançar a cabeça. — Aliás, fui paga para isso.

Os olhos de Travis se arregalaram e por várias vezes abriu e fechou a boca. Creio que procurando uma forma de se defender. Já Marco exibia seu sorriso de vencedor.

— Leah não terá que pagar nada para você, ao contrário, tem até terça-feira para efetuar o pagamento a ela.

— Não vou pagar nada.

— Vai sim, senhor. — Marco rebateu e parou na frente de Travis, ficando centímetros de distância. — Cada dia de atraso pedirei correções

diante do tribunal de Nova Iorque. Agora, não será difícil para você pagar os cem mil dólares a srta. Canttaneo.

Travis ficou branco e por mais que não fosse um homem fraco e estivesse na mesma altura de Marco, resolveu sair e não rebater.

— Pronto, querida. Tudo resolvido. — Bateu palmas e veio para bem próximo de mim, dando as costas à ruiva que estava parada olhando e mexendo no celular.

— Esteja pronta hoje às oito horas em ponto — disse e, possessivamente, estalou um beijo em minha boca, ao segurar minha cabeça pela lateral e espremer seus lábios contra os meus. Com medo, o empurrei. Marco era abusado quando queria e o repreendi naquele momento com medo de algum dos seguranças nos ver. Aí sim estaria encrencada e condenada. Os subornava quando precisava sair sem eles, mas nunca os permiti saberem com quem estava, a não ser Travis, que ficaram sabendo e não tive tempo de aquietá-los, o que também não foi nada demais. Achei que Romano faria um escândalo, mas não, agiu numa boa. Contudo, tinha certeza que não seria assim se soubesse que agora estava trepando com um Valentino. Não o dono da porra toda, mas com um irmão sem aspiração nenhuma dentro da máfia.

CAPÍTULO 22

LEAH

— Consuelo, preciso que, ao menos, me dê a boa notícia que seu primo conseguiu fazer o que pedi ontem?

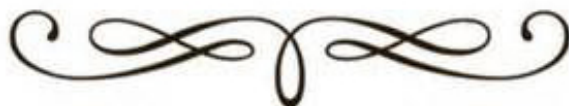
— Acho que sim, Leah. Não se preocupe, Adam gosta de dinheiro fácil e vai fazer um bom trabalho, pode confiar que ele fez como pediu.

— Vou dar o restante quando tudo der certo. — A mulher jovem na minha frente assentiu e me deixou terminar de me vestir.

Depois que fiquei o restante da tarde sozinha, descansei e me senti aliviada pelas coisas começarem a se encaixar melhores. Era só ajeitar os detalhes, não deixar pontas para não me precipitar de novo, calar e comprar quem fosse necessário. Ultimamente minhas retiradas mensais estavam sendo para isso, o que gastava por mês em compras agora me servia para andar um passo de cada vez para o fim do túnel. Já conseguia ver a luz brilhante que me esperava.

Não era um plano antigo, era algo que executaria lento e com calma. Mas com a loucura e a ambição de Romano; em ter mais e mais o que quer, me fez apressá-lo. Se não fosse por isso, aos poucos executaria o que tinha em mente e logo estaria livre.

E já que algumas coisas se encaixaram novamente, poderia tirar algumas horas para aproveitar e me fartaria muito essa noite. Por isso me arrumei pensando no impacto que causaria na luxúria do Valentino. Vesti um vestido curto verde, com uma mistura de preto, a cor dele dependia da forma como a luz refletia, era bem decotado, a cava ia bem abaixo das mamas, deixando o colo a mostra. O restante se ajustava no corpo, era extremamente sexy, mas o que mais investi e escolhi, foi em uma liga toda em renda preta de cóis alto que abraçava a cintura e descia com o elástico por cima das nádegas e seguravam as meias pretas. Ousei, diferente do que costumava usar. Se era para brincar então que comesçassem os jogos e, confesso, que pouco me importava se perderia ou ganharia, estava bem ansiosa para ter o bônus da jogada, na verdade, em qualquer fase que for vou adorar. Porque trepar com Marco Valentino era a chance extra em qualquer jogo.



Exatamente às vinte horas, escutei o celular acusar a mensagem dele, me informando que estava chegando, que me esperaria do lado de fora para não chamar atenção.

Só lhe respondi com um “ok”.

Deixando meu quarto, peguei minhas coisas e dei uma última conferida no meu visual. Entretanto antes de sair, chamei as duas *sentinelas* de Romano — *corrompíveis* —. Eu os subornei, pagando minha noite livre. Já havia feito isso algumas vezes. Gostava de deixá-los acreditar que era só uma noitada sem pretensões nenhuma.

Quando estava com Travis não me importei que Romano soubesse, porém não arriscaria essa pequena fatia com Marco. Por isso era essencial pagar o silêncio deles. Fazendo assim, mantinha tudo em ordem e sob meu controle.

Quando fazia isso me sentia de uma forma feliz. Era como se me satisfizesse enganando meu *carcereiro*. Pois, precisava do sexo para conseguir levar o meu outro lado em equilíbrio, sendo assim, em perfeita ordem. Se não o tinha, acabava me tornando uma louca compulsiva. Aí sim, era problema na certa.

— Divirta-se, senhorita. — Pegaram o dinheiro guardando nos bolsos antes de assentirem, concordando que não viram nada.

Como pode Romano bancar o esperto e ter homens que se vendem por migalhas?

Enquanto descia e caminhava até a porta de vidro da entrada do edifício, fiquei pensando que estava na frente e que logo estaria mais além que meu irmão.

Marco, ao me ver, desceu do carro e veio na minha direção, já do lado de fora na calçada. Ele estava lindo dentro de um conjunto social moderno de calça e blazer azul e a camisa branca com alguns botões abertos. Seu olhar me percorria por inteiro e no rosto estava aquele sorriso

que dismantelava e derrubava qualquer barreira emocional. Eu o olhava e já o imaginava sem toda aquela roupa, viril e duro, mostrando sua tatuagem exótica ao me foder. Só com esses pensamentos já sentia minha boceta reagir e comprimir, lubrificando-se toda.

— Está linda! — disse ao me abraçar e rodear um dos braços ao meu redor, me puxando para seu corpo enquanto a outra mão alcançava meu pescoço e colocava os fios soltos para o lado. Sua boca fez um rastro seco e quente, me arrepiando. — Está deliciosa!

Sorri e segurei em seus braços fortes e firmes.

— Vai me levar para jantar aonde? — perguntei naturalmente, sem rodeios e tipinhos ao me afastar um pouco do seu corpo. Afinal, para quem passou boa parte da noite dentro de mim e tinha um acordo, a regra de se fazer de difícil já não existia mais entre nós dois.

— Em qualquer lugar em que você seja o prato principal, querida.

— Então decida... querido, desde que sacie minha fome não tenho um local a escolher!

— Ainda não consigo me acostumar que a mulher comportada é, na verdade, uma safada que tem uma boca deliciosamente suja e pervertida.

— Também não consigo acreditar que o sério irmão de Don Valentino é tão *exibicionista* assim.

— Todos têm suas máscaras, mas no meu caso, todos sabem que transo com quem tenho vontade. Ao contrário de você...

— Um pequeno detalhe irrelevante. E podemos ir? — Não entraria nesse área particular da minha vida. Na verdade, não queria ter que explicar

os porquês das minhas limitações. Era um assunto que só destinava a mim saber e mais ninguém, muito menos ele.

— Está com pressa... está com tesão, Leah?

— Ainda não tem esse poder de me fazer olhar e chorar com a boceta, Marco, mas quem sabe ela pode ficar molhada como quer se sairmos daqui. — Fui puxada com possessão e Marco, que até então, estava todo cuidadoso, me beijou diferente, tomando minha boca com voracidade, me apertando entre seus braços. Correspondi sem pudor algum e me afastei primeiro limpando os cantos da minha boca já inchando depois de serem mordidos.

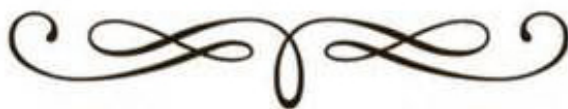
— Vamos! Vou te levar a um lugar que acho que vai gostar.

— Aonde?

— Sem pressa, é parecido com Apple Privê, mas lá não precisamos de favores e seremos tão anônimos como os que circulam por lá. — Me disse enquanto me guiava até a porta do carro aberta. — Vamos brincar muito durante a noite.

— Não duvido nada vindo de você.

Marco fechou a porta, mas antes, parou seu olhar sobre minhas coxas, vendo o fim da meia calça e a presilha que segurava a seda. Seu sorriso só confirmou que havia gostado. E sim... queria agradá-lo. Não me faria de rogada e apreciaria enquanto tudo estivesse correndo bem.



O local no qual havia me falado era outro clube de sexo. Luxuoso tanto quanto Apple Privê, mas aqui não exigiam o estado civil, se era casado, solteiro ou parceiro aberto. Se estava acompanhado poderia entrar.

— Vai me trocar e foder outra mulher na minha frente? — perguntei quando entramos mais para o interior do lugar. Era um edifício não com muitos andares que, se olhasse por fora, imaginaria que fosse residencial, mas os dois primeiros andares eram interligados pelos mezaninos.

— Veremos — disfarçou ao me responder, sendo efusivo. — Aqui começam cedo e só abrem de quinta-feira a domingo.

— Pelo visto deve conhecer cada clube de Nova Iorque muito bem.

— Alguns sim, todos não. Frequento os que gosto. Na verdade, queria levá-la para o meu covil — dei uma risada com o sinônimo que usou para se referir a algum lugar que era só dele, me dando margens a imaginar como seria seu *abatedouro* de mulheres.

— E por que não me leva? — perguntei enquanto Marco com a mão espalmada me guiava mais para dentro.

— Porque Luca está usando-o com a mãe do seu filho. Por isso procurei um lugar bastante usual para essa noite. — Se encurvou ao terminar a frase sussurrando em meu ouvido. — Quero brincar muito com essa bocetinha rosa. — A forma decadente como dizia já me deixava em estado de excitação extrema e ainda por cima para me atormentar mais dizia o que queria comigo.

Prendi a respiração, apertando as coxas uma na outra.

— O que pretende?

— Vai gostar e gozar muito. Só adianto que teremos companhia, a minha escolha, já que não conhece muitos aqui em Nova Iorque, tomei a liberdade por nós.

Como assim? O que ele estava aprontando, ou melhor, o que armou? Sei que gostaria da depravação que citou, porém fiquei curiosa para saber o que seria.

— Marco! — Estava olhando fixa para seu rosto, procurando respostas em seu olhar quando um homem o chamou.

CAPÍTULO 23

MARCO

Olhava-a pelos cantos dos olhos disfarçando todo o encanto que estava sentindo por ela. A dissimulada não só me enfeitiçou, mas estava sendo minha perdição ao me envolver nessa sua aura sexual extrema. Ela me deixou com o gosto de quero mais.

Uma noite foi pouco para matar minha fome.

Durante o dia todo pensei nela acordado; relembrando a forma como sua boca me engoliu; nos seus gemidos ao arquear seu corpo enquanto gozava. Sua entrega foi tão intensa, que me enfeitiçou de tal maneira.

Leah não só era gostosa, mas experiente para sua idade. Era aberta e não tinha nada de pudores, gostava de ser fodida e, na noite passada, pude sentir que se entregava e esquecia de quem realmente era, por isso não me surpreendi quando topou logo de cara com minha proposta, não mostrando-se ofendida, ao contrário, seus olhos falavam o quanto estava na mesma

sintonia que a minha, envolvidos sexualmente, sem sentimentos, puro sexo só.

— Marco! — Estava encarando Leah ao ser envolvido pelo seu delicioso cheiro, me amarrando e, me conectando com esse misticismo que emanava do seu corpo quando senti o tapinha nos ombros e me virei, soltando dela e me deparando com Robert.

Mais cedo liguei e contei sobre Leah. Robert era aquele amigo que você se abre e conta suas coisas, disse a ele sobre meu interesse sexual e da forma como a queria e convidei-os, Eleonora e ele, para sair conosco hoje à noite. Não deixaria um desconhecido tocar em Leah enquanto eu a estivesse fodendo e confiava de olhos vendados que meu amigo seria ideal para hoje, tanto ele como sua esposa.

Muitos devem achar estranho a forma como nos relacionamos, mas não tinha sentimentos, era sexual e nada mais. Era básico e supria nossas necessidades.

Robert e eu descobrimos esse mundo por trás do casual e ele trouxe Léo quando começaram a namorar, — um *furacão* insaciável — os dois formam um casal perfeito. Um mais tarado que o outro e era por isso que estavam há muitos anos juntos.

Além de ser padrinho de casamento deles acabei me tornando parte ativa das *taras* dos dois. Entre nós não havia nenhum interesse emocional, conseguíamos saber colocar de lado quando queríamos transar. Além do gosto sugestivo de ver a esposa transando com outro eles também faziam suas trocas, porém quando se trata de sua tara específica, o *voyerismo*, sou eu que sou chamado. Era assim nossa amizade e cumplicidade: sem ciúmes e sentimentalismo. Entre nós três funcionava dessa maneira há muito tempo e nunca ultrapassei o limite da confiança, só fodo Eleonora com a

permissão dele. Quem nos vê de fora e fica sabendo de algo, logo pensa que se dá a uma traição, mas jamais trairia meu melhor amigo. Robert, para mim, é como se fosse um dos meus irmãos e sei que a recíproca é verdadeira.

— Cadê Léo? — perguntei quando varri o olhar ao redor e não encontrei a mulher.

— Foi direto ao banheiro. — O homem me respondeu desviando seu olhar diretamente na direção da loira ao meu lado. Notei seus olhos brilharem ao fazerem uma inspeção de cima a baixo, aprovando-a com um largo sorriso em seus lábios.

Robert já havia visto Leah em outras ocasiões, mas nunca foram apresentados.

— Leah! — A chamei.

A loira estava ao meu lado, agarrada a sua bolsa de mão, ela olhava e encarava Robert não demonstrando fraqueza, e isso me deixava louco de tesão nela. Essa sua faceta era mais envolvente do que a mulher sem sal e sem açúcar que convivia na frente dos outros.

— Prazer, Robert Lewis. — Como se fosse um desses cavalheiros antigos, Robert, segurou a mão estendida de Leah e beijou o dorso. O homem a encarou, olhando por baixo das têmporas, como se fosse uma águia observando sua presa.

Sim... a ideia não era só compartilhar Leah, mas assisti-la. Da mesma forma como me assistiu naquele banheiro. Depois de assistir outro fodendo-a seria minha vez. Eu a foderia até meu corpo implorar para parar.

— Prazer, senhor Lewis.

— Só Robert.

— Leah! — Eleonora se achegou ao lado do marido, agarrando-se ao braço dele.

— Oi! — notei a retração que Leah teve quando Léo chegou e a cumprimentou.

Imagino que deva ser pelo fato de Eleonora estar na maioria das vezes nas reuniões ao meu lado, mas se Leah estava nesse meio, sabe que o que acontece nesses momentos ficam neles.

— Não se sinta acanhada. — A morena foi direta e ganhou um leve arqueado de lábios da loira.

— Tudo bem! Fica tranquila! Eleonora é tão depravada quanto você — encurvei e sussurrei em seu ouvido. Leah reagiu se encolhendo e não consegui deixar de sorrir.

— Está bem, amor? — Robert perguntou para Eleonora.

— Sim.

— O que tem, Léo? — Me mostrei preocupado e perguntei.

— Não acordei bem, devo ter comigo algo que não me caiu bem, mas estou melhor agora e quero brincar muito essa noite. — A mulher me respondeu virando-se para o marido; indo até ele Léo o beijou com paixão, ao segurá-lo pelo cavanhaque loiro e trazer para perto. Robert envolveu a cintura de sua esposa e a apertou contra seu corpo grande.

Meu amigo tinha apelido de urso, devido a sua estatura e de como era forte como um urso branco.



LEAH

Que homem lindo!

O loiro de olhos azuis, enorme e forte que parou ao lado de Marco era Robert. Sabia quem era, já o havia visto no baile da fundação e naquele outro dia em Apple Privê. Em todas as vezes que o vi, estava conversando com Marco e, provavelmente, seriam as tais companhia. O único problema seria a esposa dele. Eleonora, a mesma que vi trepando com Marco naquela noite e, por mais que não tivéssemos nada, não me sentia à vontade. Talvez tenha sido por isso que transpareci minha preocupação, que passou no momento a seguir, onde deixou bem claro sua paixão pelo marido. Ela nos fez presenciar o beijo apaixonado que dava nele e era retribuída de forma igual, me fazendo mudar de opinião. Não tinha como uma mulher beijar alguém assim e não amar. Ao menos foi o que senti e poderia mais à frente me enganar.

Marco me rodeou e buscou minha boca assim como o casal ao nosso lado, mas ao invés de parar, continuou, me envolvendo a ponto de esquecer qualquer pessoa a nossa volta.

Sua língua era apressada e possessiva, tomando a minha como refém.

Seus beijos eram diferentes, cálidos e cheios de erotismo. Gostava da forma como mordia meu lábio inferior quando pausava e buscava o ar para continuar me comendo faminto com sua boca. Seus lábios não só esquentavam os meus, mas também a descida pelo meu pescoço. Ele se dobrava e passeava espalhando beijos e chupadas por todo decote desde o queixo até o vale dos meus seios. Meu corpo involuntário se jogava mais para frente, jogando minha cabeça para trás, dando acesso para tomar o que quisesse.

— Você é um verdadeiro *filho da puta*, Marco Valentino. — Eleonora disse aproximando-se de nós dois. — Deve ter feito um inferno na vida dela.

Sem conseguir ver o que estavam fazendo percebi que me envolviam com seus braços ao se aproximarem e fazerem o que Marco fazia, como se eu fosse o prato principal. Eles me lambiam e me tocavam. Não foi à toa que o diabo de olhos verdes se referiu a mim assim mais cedo: como parte do cardápio da noite.

Envolvida pelo momento não fingiria mais nada, me soltaria e eles veriam que era bem assim que gostava de me sentir. O trio me tocava de uma maneira tão imoral, que me deixava enlouquecida e cheia de tesão, ficando inundada pela excitação que escorria da minha boceta para o topo das minhas coxas. Esse misto de temperatura ao ser beijada, lambida e chupada por bocas diferentes era delicioso. Me rendi e deixei que me experimentassem como se realmente eu fosse uma especiaria.

— Vamos sair daqui. — Estava tão inerte que mal escutei a voz de trovão do *deus viking* me abandonando, puxando sua esposa, tirando-a de perto. Logo em seguida, foi a vez de Marco parar de me beijar.

— Vamos brincar, lindinha! — encerrou a sessão de beijos, me colocando a sua frente. Colado a mim me apertou, roçando seu pau duro no fim das minhas costas. — Já está na hora do jantar!

Seguimos Robert e Eleonora. O loiro gigante a pegou no colo. Demonstrando o quanto eram apaixonados um pelo outro caminharam aos beijos e risadas. Marco, em contrapartida, limpou minha nuca e a beijava enquanto caminhávamos lentamente. Fomos assim os quatro até um dos elevadores panorâmicos que tinha no canto do salão em que estávamos.

O local era moderno em toda sua decoração, toda branca e com móveis na mesma tonalidade, diferente da aura sexual pesada que tinha a Apple Privê, mas não era uma comparativa de onde era melhor, só diferente do que conheci.

Chegamos diante do elevador e as folhas das portas se abriram, revelando o interior vazio quando entramos.

— Aperta o 4. — Marco pediu a Robert que colocava a morena no chão.

Em movimento, me deixei levar, sentindo a pressão da ereção e da mão de Marco puxando a barra do vestido, subindo o tecido até meu quadril. Seus dedos eram ágeis e procuravam por onde entrariam, buscando minha boceta. Quando vesti a liga pensei exatamente em poupá-lo e escolhi o modelo que não tinha fundo. Semelhante a que me viu usar um dia.

— Mas é muito vadia... — escutei sua gargalhada debochada em meu ouvido e me contorci inteira buscando ficar acessível para sua boca.

Marco era habilidoso e me abriu, arreganhando meus grandes lábios, tocando no meu clitóris melado e inchado. Adorando, gemi dentro da sua boca e rebolei contra o falo rígido, mas foi por um curto tempo, segundos

para ser exata, foi o tempo em que a caixa de vidro levou para parar no quarto andar.

— Calma que está só começando. — Ele me disse ao me empurrar para fora, mantendo-se abraçado a mim.

— Estou calma — retruquei enquanto caminhávamos pelo corredor.

Os outros dois se fecharam dentro da sua bolha, se beijavam como se estivessem sozinhos, mas durou até entrarmos em uma sala ampla e grande, com o mesmo estilo de decoração do hall de entrada.

Robert colocou Eleonora no chão, dando um leve tapa em sua bunda antes de virá-la e começar a despi-la. Marco fez igual ao se afastar, mantendo-se ainda às minhas costas. Suas mãos invadiam a frente, puxando as mangas do vestido, deixando meus seios à mostra. Em questão de segundos o tecido que cobria meu corpo já estava aos meus pés, virando um amontoado de pano no chão, me deixando ainda de ligas, meias e sapatos. Com sua ajuda, segurando minha mão, dei um passo saindo do círculo de tecido e me virei, ficando de frente para ele.

Não pedi licença e, como se ele fosse minha propriedade, comecei a despi-lo; desabotoando o resto dos botões de sua camisa e, em seguida, joguei suas roupas no chão junto com as minhas, até deixá-lo nu. Marco não fez nenhuma objeção e me olhava fixo, mantendo aquela tensão sexual deliciosa entre nós dois. Ele me prendia como sua escrava ao me encarar intensamente, estreitando as duas íris verdes, prendendo-as no meu olhar.

Minhas mãos pareciam que conheciam o caminho e o trajeto do seu corpo, elas passeavam pelos gomos musculosos de sua barriga e contornavam a descida do famoso V. Seus lábios assobiaram ao chupar o ar,

quando contornei com a ponta da unha, o desenho do chifre da tatuagem de touro, indo desde a sua pelve até a base do falo grosso e reto.

— É muito ordinária — disse rouco ao envolver um tufo dos meus cabelos em suas mãos e puxar, levando para o lado minha cabeça, expondo todo meu pescoço. Aproveitei toda essa luxúria densa e agarrei firme na ereção, sentindo o sangue quente pulsar nas grossas veias, esticando toda pele, deixando o liso. Era lindo, bem sustentado com os testículos redondos e a glândula avermelhada, era grosso e grande para um tamanho padrão. Nisso o Valentino poderia se gabar, pois tinha o pau — para meu padrão — lindo e gostoso. Daqueles que quando chupa você fica com dor nos cantos da boca, só para mantê-lo todo dentro da cavidade oral. Seria um desperdício se ele não gostasse de sexo da maneira como gosta. Na verdade, Marco poderia se considerar completo, bonito, rico e fode como um *deus* pervertido. O seu único defeito era ser pretencioso, não que não tivesse razões para ser...

— É pela ordinária aqui que está duro.

— Quem manda ter uma boceta deliciosa? Pode ter certeza, Leah Canttaneo, que se não fosse pervertida não teria minha atenção — apertei seu pau e fiz um movimento único até a cabeça e parei nela, rodeando o orifício da uretra lubrificada. Marco suspirou e tracionou mais meu cabelo em sua mão.

— Ai! — gemi de dor antes da sua boca cobrir a minha e morder meus lábios.

Movimentei minhas mãos, subindo e descendo, indo de vagar; apreciando sentir a rigidez do pênis. Fui aumentando gradativamente a intensidade, não acelerando, mas mantendo o ritmo das batidas que fazia quando chegava na base.

— O que quer, lindinha? Me fazer esporrar na sua mão? — Antes de responder abri os olhos, perdendo o contato da sua boca ao encará-lo.

— Já me provou que fode sem cessar, por que dessa vez não começar ... — Não terminei a frase. Havia me esquecido que não estávamos sozinhos e fui lembrada ao sentir uma mão se fechando sobre a minha e o seu corpo quente encostando atrás de mim.

— Que linda! — O sussurro de Eleonora era mais de aprovação do que de deboche. A morena repousou seu queixo sobre meu ombro e, segurando minha mão, conduziu meu movimento, e juntas, masturbamos Marco. Era como se fôssemos um trem, Robert se posicionou atrás de nós duas e, eu e a advogada, ficamos entre os dois homens. A boca de Léo tocava minha pele. Não sei como consegui me concentrar sentindo a mão parruda do loiro lindo raspar em minha bunda enquanto tocava a boceta de sua esposa.

Contudo e diante do prazer que começava a sentir foi necessário me trancar nesse mundo que amo e me desligar da Leah de fachada, me libertando e cedendo meu corpo para serem deles e ganhando-os de volta.

— Me beija! — O pedido foi feito no pé da minha orelha e, envolvida por esse denso magnetismo, soltei de Marco e me virei, segurando direto nas laterais do rosto da morena. A beijei, roçando a maciez da sua língua, delicada e saborosa. Meu parceiro desta noite me abraçou e me beijava numa extensão de nós duas enquanto Robert invadiu, sem pedir, com seus dedos minha boceta.

Gemi e rebolei contra os movimentos que fazia, sentindo a pressão que exercia sobre o clitóris enquanto Marco deixava seu pau invadir-me pela junção das minhas coxas. Era um misto de indecência que me acendia

e me conectava a eles de um modo especial, algo que nunca experimentei na vida com ninguém.

Eu beijava Eleonora, Marco me beijava e Robert além de beijar sua esposa me masturbava.

CAPÍTULO 24

MARCO

Leah se entregava de uma maneira que nunca vi, era uma mulher tão aberta para o sexo, não tinha vergonha nenhuma e Eleonora ficou enfeitiçada pela loira. Ela se deu de tal maneira que há muitos anos minha amiga não expunha esse seu lado; Léo o deixou falar mais alto. Sim, a morena era bissexual e no passado, além de mim, uma de suas melhores amigas fazia parte de sua vida, mas Mellissa casou e engravidou, deixando de lado a vida dupla que tinha como amante de Léo e Robert.

As duas se beijavam como se conhecessem há muito tempo, era uma química absurda que me deixava louco para fodê-las. Uma de cada vez, e pela forma como as coisas andavam não seria só uma foda conjugada, Robert com certeza pediria para foder a minha loira selvagem. Mas antes seria eu a estar dentro dela.

— Podemos ficar e assistir? — parei de beijar o ombro de Leah e olhei para o lado quando vi outro casal entrar e perguntar.

Desconhecidos e apreciadores.

Aqui era assim, ao menos nesse andar. Os quartos eram grandes e, se quem tivesse utilizando o local permitisse, outras pessoas podiam compartilhar o cômodo, isso não significava que entrariam e que se envolveriam conosco, muitos só assistiam e fodiam quietos suas parceiras, algumas vezes o tesão extrapolava e os primeiros do quarto permitiam que entrassem na troca. Por mim, não vi problema e, como nenhum deles se manifestaram, ergui o dedão consentindo, antes de voltar a tocar a pele de Leah com a boca. Não me afastei nenhum centímetro sequer do corpo que me envolvia completamente. Me sentia como um tarado e, além de tocar sua pele com a boca, explorava suas curvas com as mãos.

— Quero te foder agora — disse antes de puxá-la, encerrando o beijo que dava em Eleonora. Suas costas bateram em meu peito. — Vai me matar de tanto tesão assim, sua diaba vestida de anjo! — girei seu corpo entre meus braços, deixando-a de frente para mim e, possessivamente, suguei seus lábios. Leah me enlaçou, envolvendo suas mãos delicadas em minha nuca e retribuiu, sugando meus lábios antes que eu devorasse os dela.

Gostava muito da sensação e da pressão que nos conectava, tinha seu corpo no meu com sua boca carnuda na minha.

— Faça o que quiser comigo, Valentino... — disse se remexendo, acomodando-se dentro do meu abraço após traçar o contorno labial com sua língua.

— Safada deliciosa! Vamos para aquele sofá. — Indiquei com a cabeça antes de me render à pressão que seus lábios úmidos me pediam. Nos beijamos de novo com tanta fome, foi arrebatador, que além de me

consumir renovava minhas forças. Seu gosto era prazer misturado com desejo.

Levei-a para o sofá, que ficava na lateral, e sentei primeiro. O assento do sofá era largo e praticamente ficava com as pernas sem tocar no chão.

Leah subiu também sobre o móvel, vestindo ainda as meias e os saltos. A loira veio toda safada e dengosa ao sentar sobre minhas coxas.

— Espera, vamos nos proteger antes — disse, quando senti o visco quente que escorria de sua boceta tocar meu pau.

Além de toda essa excitação estava muito sensível e, confesso, que se a temperatura do líquido dela já me deixava doido para fodê-la carne com carne, imagina se começasse a esfregar sua *racha* nele. E foi dito e feito, a diaba loira arreganhou-se toda, se ajoelhando e sentando sobre minha pelve, sem penetração. Ao contrário de me enterrar dentro, meu pau foi parar no vale dos grandes lábios abertos, como se fosse uma salsicha no meio do pão. Leah sorriu e remexeu o quadril para frente e pra trás. Juntei as duas mamas com as mãos e abocanhei com os dentes, mordendo cada peito de uma vez.

— Ai! — gemeu em meio a dor. — Vai marcá-los. — Me disse sem repreensão. Pouco estava importando se marcaria seus peitos, mas fiquei mais tentado a fazer quando afastei e olhei para os dois montes e os vi vermelhos. Lindos, redondos e agora com as marcas dos meus dentes ao redor do mamilo.

— Ficaram mais lindos — olhei, capturando seu olhar enquanto agarrava em meu cabelo e agressivamente puxava minha cabeça para trás. — Quero ver eles marcados quando estiver te fodendo essa noite.

— Devasso! — gargalhei.

— Olha quem fala... e para de mexer assim que logo vou gozar.

— Assim como? — Provocativa, Leah remexeu mais apertando seu clitóris contra a extensão do meu falo.

— Desse jeito, querida — suspirei e fechei os olhos adorando a forma como sentia a carne pujante resfolegar na extensão ereta.

— Me fode... — Me pediu sussurrando ao encostar seus lábios no meu antes de me envolver de novo para dentro da sua boca.

— Com todo prazer, lindinha. — A empurrei, tirando do meu colo, procurando aonde estavam os preservativos. A caixa aonde deixavam armazenados estava longe de mim e, para não perder o contato e a reboлада excitante da loira, assobieei e chamei atenção de Robert, pedindo para que pegasse para mim.

O casal veio para perto.

Peguei a *camisinha* da mão estendida e rasguei no corte, em seguida mandei que Leah se levantasse e ficasse de costas para mim, deixando sua bunda na altura da minha boca. Depois que revesti todo o pênis inchado e ereto, abri com as mãos as almofadas de músculos e afundei todo meu rosto no vão, deslizando a ponta da língua desde o cóccix até a entrada anal. A loira quase se desequilibrou, mas Léo subiu e ficou a sua frente, segurando-a enquanto eu chupava seu *rabo*.

— Vem e senta — ordenei rouco de tesão, quando vi as mãos da morena no centro da bocetinha rosada da minha loira.

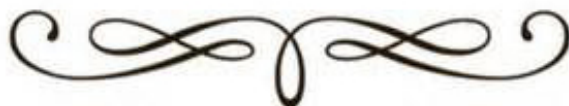
Leah agachou empinando a bunda para mim e segurou meu pau na direção da entrada da sua vagina. Lentamente foi descendo, mas não sentou

engolindo-o todo. A sacana quicou tirando e entrando, colocando só a glânde dentro. Ela fez repetidas vezes até que não aguentei e segurei firme em sua cintura e a puxei com tudo para baixo, entrando de uma vez.

Foi maravilhoso a forma como meu pau se apertou para caber todo dentro.

— Não judia, loira — pedi gemendo quando senti a contração que fazia com toda sua musculatura vaginal ao me apertar. Ela riu toda safada, pois sabia que estava agradando, até demais.

A falsa moralista do *caralho*, se ajeitou e, além de rebolar, quicava sobre meu pau com perfeição. E Eleonora para não ficar de fora se juntou e subiu também no sofá, ficando de quatro, ao engatinhar e se posicionar no vão das minhas pernas abertas. Ela ficou tão perto, que passou a tocar a bocetinha de Leah, remexendo o brotinho turjo, arrancando gemidos da loira. Mas não parou e desceu seu rosto até, lá fazendo o que eu esperava. Léo deixou a língua para fora e como se fosse uma cadela com sede a deslizou lentamente pela boceta arreganhada da minha loira safada. No mesmo momento, em que era chupada, Leah recebia meu pau com gemidos, o engolindo todo. Tive que segurar em sua cintura e ajudar enquanto se contorcia de prazer ao ser *comida* por mim e pela morena gostosa.



LEAH

Senti cada fração do meu corpo contrair, já estava sentada no pau de Marco — e que pau delicioso, o falo grosso me arrebatava, me esticando toda —, quando Eleonora abocanhou meu clitóris e raspou os dentes sobre ele e, em seguida, desceu toda sua língua até minha boceta preenchida.

Foi maravilhoso e me senti mais livre ainda ao me movimentar e ser chupada enquanto era fodida e, de quebra, assistia o urso branco subir logo atrás da sua esposa e se enterrar dentro. A forma como nos conectava era uma extensão complexa de nós quatro.

— Aperta mais, querida. — Marco pediu, me ajeitando melhor em seu colo, dando a ele a visão completa de Léo me chupando. — Vamos melhorar o show... — disse, me retirando de cima do *cacete* rígido como aço, me deitando ao lado sobre o sofá. Foi quando notei a presença do outro casal mais afastado de nós, mas não dei tanta importância, só queria voltar a sentir seu pau me *comendo* e a língua deliciosa da morena em mim.

Deitada abri as pernas e o recebi de volta. Marco ondulou e investiu seu quadril no mesmo momento em que a advogada subia sobre meu corpo e ficava de quatro com sua pelve acima da minha cabeça. Em seguida foi a vez de Robert vir e ajoelhar também, ficando logo atrás da sua esposa.

Completamente excitada segurei o pau do loiro lindo e forte, que só perdia no tamanho para o de Marco, mas era grosso e adornado de veias também. Antes dele voltar a penetrar sua esposa, o masturbei e ele urrou em prazer quando o envolvi com minha boca, engolindo-o todo.

— Porra, Marco, ela é perfeita para você. — Robert disse entre gemidos e os dois bateram as mãos no ar.

Meu corpo sofria contra a força selvagem do diabo de olhos verdes, que me penetrava, me fazendo engolir mais o falo ereto do amigo. E eu adorava a forma como me castigavam: Marco entrando e saindo de mim com força, da língua cálida de Eleonora chupando minha boceta e o pau grosso do urso branco todo dentro da minha boca.

Realmente, fui o prato principal e essa degustação não só era uma refeição completa, mas era um menu perfeito, cheio de acompanhamentos.

Gemi quando Robert retomou seu pau, tirando-o. Ele se ergueu um pouco mais e penetrou a morena que gemeu enquanto era invadida. Ela mordeu meu clitóris em resposta a penetração do seu marido, que passou a investir duro.

— Léo, quero que chupe o *grelo* de Leah quando estiver gozando — escutei o que Marco dizia e já estava prestes a gozar quando ele se retirou, me fazendo perder o embalo e as sensações que seu pau exercia nas paredes da minha vagina. Sem poder ver o que faziam, Eleonora tirou sua boca de mim e, quando achei que fossem mudar a posição, senti algo quente cair sobre meu clitóris e escorrer entre os grandes lábios. Imediatamente tornei a sentir a boca da morena retornar para o mesmo local e me sugar, tirando todo o visco que escorria em minha boceta, ela lambia sugando tudo e foi meu fim, ao deduzir o que fazia. A morena não só me chupava como também recolhia a porra de Marco.

Sim... Marco gozava, seus gemidos foram música, me levando a concentrar de novo, sentindo as sugadas sobre o músculo intumescido, me fazendo gozar também. Foi sequencial quando senti os dedos me invadirem melados, mexendo delicadamente, esfregando a musculatura sensível dentro

de mim. Gozei e fui varrida pela onda, ficando totalmente inerte e trêmula pela poderosa sensação e, pelo visto, não foi só eu, mas Robert aumentou as investidas e, ao mesmo tempo, escutei os dois — ele e a morena — gemerem alto, terminando de gozar também.

Os quatro respiravam pesadamente depois da sessão pesada de sexo. Robert carinhosamente envolveu Léo e a levou para cima dele e se beijaram. Vendo a cena dos dois me fez sentir vazia, mesmo que meu corpo ainda arrepiado refletisse a *pós-foda*. Mas foi por pouco tempo. Marco me abraçou e me trouxe para perto dele, me colocando de frente para ele. Sem nos falar, sua boca tocou a minha de uma forma gentil e sem pressa. Diferente dessa fome sexual que nos consumia.

Nos beijávamos tranquilo e lento num movimento sensível junto ao barulho dos nossos lábios. Foi assim por longos minutos até nos afastarmos e ficarmos apenas nos olhando e, diferente do que pensei, Marco tocou meu rosto, contornando todos os detalhes dele. E com a ponta do dedo parou sobre minha boca, me dando um lindo sorriso.

CAPÍTULO 25

MARCO

Leah era um furacão na cama. Depois da entrega total naquela noite, minha querida fera interna pede por mais, tornando essa fome cada vez mais crescente e insaciável. A cada encontro nosso o sexo se molda naquele encaixe perfeito. Sem sombra de dúvidas nossas trepadas estavam sendo completamente diferente do que pensei. No início tive muitos receios quanto à idade e pela futilidade que ela demonstrava ter, mas na verdade era calma, gentil e alegre. Sem contar que falava sobre sexo como se fosse um homem e essa redenção absoluta, sem dúvidas, era a pimenta que aquecia e fazia efervescer qualquer tesão, tanto que tivemos mais transas juntos do que diversão com mais pessoas.

A falsa freira conseguia ser mais depravada que eu. Entretanto, depois de 15 dias fodendo sem parar todas as noites, chegava no fim. Foi esse nosso combinado, que encerraríamos quando chegasse a hora dela retornar para São Francisco.

Pelo pouco que me disse; é que se dedicaria melhor à parte da empresa que era dela e de Romano, por isso estava indo, mas sempre que viesse à Nova Iorque poderíamos nos encontrar.

Em todas as noites que passamos juntos, nunca rolou sentimentalismo e muito menos um implorava para estar com o outro, era uma troca mútua de sensações e desejos. Portanto, agora era driblar a obsessão que o *bicho-papão* tinha pela sua *queridinha* e começar a procurar outra para brincar. A maneira como conversamos na noite passada não foi um adeus e sim um até logo, com a possibilidade de uma próxima vez no meio.

— Que bom, Gigi, fico feliz que esteja namorando. — Estava próximo, atravessando a antessala da presidência quando escutei a voz de minha cunhada. Bella havia marcado essa reunião intencionalmente por causa de Leah, que logo mais, antes do fim de tarde, estaria indo embora. Tentei convencê-la a ficar mais um dia e ir na manhã seguinte, mas ela disse que não e foi enfática ao mencionar que tinha um jantar marcado, importante para o irmão. Infelizmente aceitei e pelo menos passei a noite inteira dentro do seu corpo macio e quente. Fodemos muito madrugada a dentro e, confesso, que mesmo cansado meu corpo queria mais.

— Parabéns, Gigi — escutei sua voz pausada e controlada.

— Obrigada, srta. Canttaneo. — A confirmação da sua presença veio na voz da secretária da Fundação.

— Boa tarde! — apareci na porta e disse alto, em geral, para anunciar que havia chegado. Leah, por sua vez, manteve-se serena e me cumprimentou como sempre fazia quando estava na frente de pessoas que não nos conheciam e confesso que até gostava desse jogo e dessa personalidade intrigante e distante que deixava transparecer.

Éramos iguais até nisso, controlávamos duas facetas distintas com facilidade, contudo, a loira selvagem tinha mais uma que acabei conhecendo, era uma excelente companhia para um jantar. Pude ter essa sua parte quando fomos jantar na casa de Robert e Eleonora, com Casey e Mike. A interação dela era como se fosse amiga deles há muitos anos. Claro, que não foi só um jantar, aconteceram nossas brincadeiras preferidas e, mais uma vez, Leah foi surpreendente ao me querer e receber Robert — que estava louco para fodê-la — ao mesmo tempo. Estava tão possessivo que não estava aceitando trocá-la, só permitia se estivesse junto. Estávamos com o nosso tempo contado e precisava de saciar a fome do animal em mim, antes que me deixasse com aquele gostinho de quero mais. E que acabou deixando.

— Boa tarde, senhor Valentino. — Ela disse descaradamente com sua pose formal.

— Boa tarde, srta. Canttaneo. — A olhei rapidamente, mantendo o meu lado desse jogo assim como fazia.

Após colocar minha pasta sobre a mesa, me sentei a sua frente.

— Olá, Marco.

— Oi, Bella.

Tentei ser o mais delicado e cuidadoso ao olhar na sua direção. Não sorrimos, mas nos encaramos por breves segundos e novamente toda essa aura densa de sensações que compartilhávamos estava ali. Desviei meu olhar e foi assim boa parte da reunião. Perto dos outros nos éramos como estranhos ou meros conhecidos, nada a mais. A não ser pela brecha que Bella nos deu, ao deixar a sala, para atender o telefonema de uma das babás dos seus filhos. Ficamos nós dois, Gigi e mais a esposa do prefeito de Nova

Iorque, que resolveu ser membro ativo da fundação. Minha cunhada muito astuta, sabendo dos benefícios que isso traria para seus projetos, a mantinha por perto sobre muita bajulação.

A secretária explicava para a primeira-dama algumas entradas que poderiam usar como recursos quando senti a carícia subindo pela minha perna, remexendo no tecido da calça. Antes de olhar e confirmar que era seu pé, olhei para as outras duas mulheres e voltei a encará-la sorrindo. Sua fisionomia concentrada me excitou de tal maneira, que foi o gatilho para meu pau inchar e se apertar contra o poliéster da cueca. Remexi, levando uma das mãos para baixo da mesa e senti o pé descalço parar no meu joelho. Sem me movimentar e chamar atenção, alcancei o dedo e senti o tecido pendurado nele.

Minha vontade naquele momento era de rir e trazê-la para meu colo e devorá-la na frente das outras duas mulheres, mas o cinismo do seu silêncio já deixava o aviso de que era perigoso, nem mesmo sua audácia a fez mudar a expressão compenetrada. Apertei as coxas uma na outra, espremendo minha rigidez ao pensar na suposição do que poderia ser o que acabava de me entregar, que se confirmou, quando ainda, mantendo a vigilância no restante presente na sala, peguei e trouxe mais para meu campo de visão.

Filha da puta, safada sacana...

Ela conseguiu acordar a fera ao me dar sua calcinha de renda branca, minúscula e úmida. A diaba loira estava me provocando só porque ia embora. Fingindo não me importar, fechei o pequeno pedaço na mão com uma imensa vontade de cheirar e sentir o cheiro de sua bocetinha, porém guardei no bolso da calça, tentando ainda entender o porquê dela ter feito isso.

— Me deem licença, mas já volto. Vou aproveitar enquanto Bella não retorna para ir ao banheiro. — Leah se levantou e foi impossível meus olhos não repousarem em seu quadril, imaginando-a sem calcinha, melada e com sua boceta rosa toda depilada, cheirando a sexo. Não precisava falar mais nada, foi mais que um convite para sua loucura e que pela primeira vez fez a fera sair em disparada, passando por cima do meu autocontrole, ultrapassando a barreira do cuidado. E que se foda qualquer senso de preservação nesse momento!

Menos de um minuto foi o tempo que esperei para ir atrás dela.

— Se Bella voltar diz que já volto, vou atender uma ligação — levantei e dei a desculpa mais esfarrapada que pensei no momento.

Tentando pensar em qual dos banheiros que poderia ter ido, segui para o mais longe que tinha naquela casa, um que ficava no andar abaixo do que estávamos. E foi como pensei, quando a vi ao final do corredor, andando lentamente sobre os saltos altos, rebolando com sua bunda deliciosa dentro do vestido azul, que por sinal, estava colado ao seu corpo, mais gostosa impossível. Seus cabelos presos deixavam sua nuca cheirosa livre.

Caminhei mantendo uma certa distância, não a perdendo de vista e a segui até a entrada do banheiro e, antes de entrar, olhei para os lados para me certificar que ninguém estava por ali.

— Quando acho que vai sossegar essa boceta faminta eis que me chama no banheiro para te foder, Leah?

— Por que não? — fechei a porta e tranquei, olhando para seu belo rosto, desejando *traçar* sua boca pintada de vermelho com a língua. Aproximei-me e não a beijei, mas a puxei para mim e a presei contra meu

corpo, segurando abaixo da sua bunda, apertando-a contra minha pelve. — Estou excitado. Acho que estou assim desde quando a deixei hoje de manhã.

— Imagino que deve estar quente e duro.

— Ainda bem que já sabe como tenho ficado. E você, já sei que está escorrendo.

— Desde o momento que te vi chegar.

— Safada demais. — Rimos e quando fui beijá-la, Leah virou o rosto. — O que foi?

— Vai borrar o batom e não quero ter que explicar que estava trepando com Marco Valentino no banheiro.

— Quem disse que vamos foder aqui?

— Ah... não vamos? — Depois de 15 dias transando boa parte da noite, não tínhamos mais nenhum pudor um com o outro. Tanto que Leah já alcançava o zíper da minha calça e abria e, com a pequena mão, entrava pelo vão buscando a latência do meu pau.

— Claro que vamos, não nego um convite para dentro da sua boceta, querida. Vire-se! — ordenei quando senti fechar os dedos na rigidez e apertar.

Leah se virou e foi até a parede, jogando sua bunda para trás ao espalmar as mãos para se apoiar. Subi a saia do vestido, enrolando-o no seu quadril vendo seu traseiro delicioso e redondo sem nada. Observei o traçado cheio dos grandes lábios escondendo o botão e baixei até ficar na altura. Com a língua tracei os riscos que se formava nessa posição, lambendo sua

bocetinha iluminada. Não me demorei e fiquei de pé apenas para colocar o preservativo que carregava dentro da carteira e penetrá-la.

— Que boceta! Caralho como você é quente! — disse sussurrado ao sentir a contração toda ao redor do meu pau. Não mexi, fiquei sentindo como me apertava e se remexia impaciente.

— Marco, vá logo. Não temos tempo! — ri rouco de tesão abrindo o restante da calça.

Obedeci segurando na curvatura do seu quadril e me movimenteí, entrando e saindo, escutando o barulho dos líquidos que escorria de sua boceta quando meu saco batia em suas coxas. Primitivo e cheio de excitação, segurei firme em seu quadril arremetendo com mais velocidade até sentir que gozava. Gozei em seguida ao manter as estocadas firmes e duras até esgotar a última gota de sêmen.

— Achei que tínhamos nos despedido hoje de manhã. — Leah disse ainda ofegante ao se virar para mim se arrumando, logo depois que me retirei de dentro do seu corpo.

— Era para ter sido assim, mas não consegui me controlar.

Terminamos de nos limpar e nos ajeitar e, antes de descer o vestido, devolvi a calcinha, ajudando-a a vestir.

— Mantenho o que disse. — Aproximei-me antes de deixarmos o banheiro e parei a sua frente. — Quando vier estarei aqui. Pode me ligar. — Sorrimos.

Esse lado prático e aberto poderia muito bem combinar entre nós dois. Não me faria de rogado em negar que se Leah quisesse trepar todas as vezes que viesse a Nova Iorque poderia me procurar que estaria aqui para fodê-la. E seria com muito prazer...

CAPÍTULO 26

LEAH

Deixei a fundação naquela tarde com a sensação de deixar parte de mim. Era devido ao costume de ter alguém todas as noites vivendo o mesmo sabor de liberdade que queria para minha vida. Não mentiria e muito menos me enganaria que passei a gostar da companhia dele, por mais que nossos momentos juntos rendessem sexo e mais sexo, — chegando a voltar várias vezes para casa toda dolorida —, não estava sozinha. Muitas vezes jantávamos antes e depois acabávamos em qualquer cama por aí, foram diversas das quais visitámos, inclusive na casa de outros casais íntimos dele. Nessas duas semanas, além de fazer muito sexo, fiz dos seus amigos meus também. Eleonora foi uma delas, em pensar que no início sentia certa implicância com ela... mas é o velho pensamento: *“quem vê caras não vê coração”*.

— Srta. Canttaneo! — O motorista me chamou. Estava tão absorta pensando no que vivi nesses dias que não notei que me chamava.

— Sim?

— Seu celular está tocando. — Só me dei conta que a música fônica tocava quando me disse.

— Obrigada! — agradei e procurei-o na pequena bolsa e quase não deu tempo de atendê-lo.

Era Eleonora que me ligava. Acho que transmitimos pensamentos, pois acabava de pensar nela.

— Olá! — atendi e sorri ao pensar que, pelo menos agora, teria alguém que poderia ligar para conversar e não ter receios de me abrir e expor os meus dois lados.

— *Tem certeza que vai voltar para São Francisco mesmo?* — Ri e me mantive quieta por segundos, pensando em dizer que *não*.

— Vou sim, querida. Romano precisa de mim, mas vá com Robert passar um fim de semana por lá.

— *Ontem fizemos uma aposta.*

— Vocês quem?

— *Mike, Casey, eu e Rob.*

— Ah... e o que apostaram?

— *Que Marco não deixaria.*

— Léo, era combinado...

— *Eu sei, Leah, mas vocês dois é o exemplo de que existem pessoas tão idênticas, que se completam apenas com um olhar.*

— Somos amigos. Quando vir a Nova Iorque marcaremos algo e espero que você e Robert possam estar presentes — inclinei a encerrar o

assunto. Não sei o que pensariam de mim se soubessem que nada dessa pose que estava sustentando era verossímil.

Na verdade, estava voltando para meu cárcere e teria que ser vendida por Romano em troca de acesso a recursos fáceis. E o pior que tudo que pensei e tramei não surtiu efeito. O maldito primo de Consuelo sumiu com meu dinheiro, ou melhor, com a metade do pagamento e agora, que era para eu estar me livrando de meu irmão, tinha que retornar e, o pior, fingir que estava tudo bem e me envolver com Tedy Wilson.

— *Estaremos sempre aqui. Até logo então!*

— Até!

— *Leah!*

— Oi?

— *Tem certeza?*

— Tenho sim!

— *Então está bem, um beijão, minha loira favorita.*

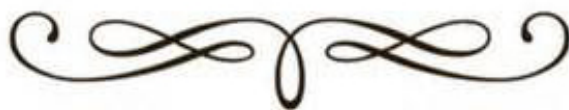
— Um beijo e espero que dê positivo. Quando resolver largar o medo e fazer o exame me manda notícias, viu?

— *Pode deixar.*

Desliguei a ligação e... como queria ser corajosa e enfrentar Romano de uma vez por todas! Gritar que tinha o meu dinheiro e que não precisava dele, mas fiz uma promessa no leito de morte de meu pai, que ficaria com Romano até o fim e que faria tudo o que ele queria, mas o desgraçado abusivo não pensava assim e da última vez que tentei conversar, além da surra que me deu, tive que me calar e assinar aquele maldito papel que dava o controle de tudo, inclusive da minha vida toda.

O bastardo me bateu muito. Cheguei a pensar em denunciá-lo, porém não conseguiria sair de casa sem avisarem a ele e acabei me vendo sem opções, fragilizada e com muito medo, totalmente diferente da mulher que sinto que sou quando me envolvo no sexo. Ali eu controlo o que quero e Marco acendeu mais ainda esse meu lado. O problema foi ter ido atrás de pessoas erradas para fazer o trabalho que me livraria de tudo isso. Ontem, antes de sair com Marco, quando questionei Consuelo, pude perceber que não gostou da forma como a abordei e agora mais do que nunca desconfio que esse tal de Adam nunca existiu, que pegou o dinheiro e ficou para ela. Infelizmente agora era tarde, entretanto não sinto arrependimento algum. Vou poder lembrar de como foi maravilhoso essas duas últimas semanas.

Agora era torcer para Tedy Wilson ser tão bom no sexo quanto Marco, pelo menos não sairia no prejuízo.



Mal cheguei e já tive que me preparar para ir nesse jantar com Romano.

— Leah, está magnífica, minha irmã! — descia as escadas quando vislumbrei ao pé dela Romano de braços abertos, escancarando sua felicidade. O desgraçado sempre se dava bem, enquanto eu me ferrava em tudo.

— Obrigada, Romano, isso ocorre quando seu irmão mais velho é noivo da filha do prefeito — tentei dar meu melhor sorriso.

— Logo será você. Será a futura primeira-dama de São Francisco e, daqui a uns anos, da Casa Branca. Por isso esse jantar hoje, para que você e Tedy se conheçam melhor. — Se soubesse que nada disso me enchia os olhos e muito menos meu ego me deixaria ser livre. Não tinha sequer essas ambições, não preciso de poder, preciso só de um espaço e fazer o que bem entender.

— Fico feliz por você, querido. — Ignorei seu comentário sobre sua obsessão em me fazer a esposa de um político e continuei descendo a escada. Assim que terminei segurei em sua mão. O que achei estranho quando me estendeu para me segurar. Romano não era nenhum *cavalheiro* e estava longe de ser, estava mais para tirano e abusivo.

— Estou feliz, tudo vai dar certo para nossa família. Nunca se esqueça que faço isso por nós e sei muito bem que nesses quinze dias você esteve bem. Agora é hora de assumir seu papel no legado do papai — concordei e não disse nada, apenas sorri, tentando passar que estava de acordo. Claro que dentro de mim sentia as vozes gritarem sufocadas.

Caminhei ao seu lado e dentro do carro foi a mesma coisa, mantive meu silêncio, que seria meu amigo mais presente daqui em diante. Precisava pensar em algo. Sei que se os planos dele derem certo, terei que me envolver com Tedy, não que isso fosse de todo ruim, mas ficaria vulnerável ainda e teria que fazer o que ele quisesse. Não tinha como escapar, era aceitar e tentar viver dentro dessas limitações que sou imposta a conviver.

— Já sabe, seja discreta e trate de conquistar Tedy, ele é a chave do cofre que preciso — concordei com a cabeça.

Estávamos parados diante da porta da casa dos Wilson esperando abrirem para nós quando sussurrou ao pé do meu ouvido.

— Não vá colocar tudo a perder, sabe como fico quando me irritam.

Sua voz fria e ameaçadora me fez sentir um longo arrepio escorregar por toda minha espinha dorsal. Senti o medo me tomar, empurrando toda minha coragem e audácia para longe.

— Não vai acontecer nada de errado, pode ficar tranquilo.

— Assim espero. — Me encarando afastou-se de mim e virou na direção da enorme porta de madeira entalhada arrumando a lapela do seu blazer.

Não demorou mais que segundos para abrirem e estarmos diante da futura sra. Canttaneo. Pobrezinha, se soubesse o que a esperava sairia correndo para bem longe. Mas, pelo visto, estava iludida. A noiva de Romano pulou como uma menina em seus braços e ele com todo seu cinismo de bom moço a amparou e beijou-a.

— Ah... me desculpa. — A voz fina soou assim que a minha futura cunhada reparou em mim. Apenas sorri sem condenações, mas pensando em como era tola de acreditar na fachada de bom moço de Romano.

— Imagina — estendi a mão e sorri.

— Querida, Leah está muito feliz por nós. — Romano, com a mão na base das costas da bela mulher, apontou para mim e me encarou.

— Amor, sua irmã é linda e uma fofa. — Mantive meu sorriso ao máximo, sem desmanchá-lo. Nem parecia que já havia me conhecido.

— Obrigada, você também é, Beatrice.

— Tenho certeza que serão melhores amigas. — Romano disse selando a bochecha da noiva.

— Com certeza. — Encenei meu papel de irmã boazinha, mas minha vontade era de fugir dessa fantasia construída em cima de falsidades e sorrisos largos.

Após nos cumprimentarmos, entramos para o interior da casa toda iluminada e já avistamos os pais de Beatrice e Tedy estava ao canto, com uma das mãos no bolso, segurando o copo com *Bourbon* na outra. Ele olhava na minha direção. Não que Tedy Wilson fosse feio, ao contrário, era lindo, alto, com sua expressão intrigante, mas não estimulava a menina má dentro de mim. Talvez fosse pelo fato de ser o que Romano queria. Isso já me fazia sentir antipatia logo de cara por ele.

Mesmo antes terem me forçado, eu tinha escolhido transar com Maison e com todos que trepei até hoje. Nunca um homem esteve dentro de mim porque alguém ou ele queria, sempre foi da minha vontade e deve ser por isso que não senti tesão algum.

— Boa noite, Leah. — Os pais da noiva de Romano me cumprimentaram e eu devolvi o cumprimento da forma mais educada e cordial possível, em seguida foi Tedy, que aproximou-se e sorriu e, formalmente, me cumprimentou com beijos nas laterais do rosto.

— Está linda! — Me disse baixo ao se afastar de mim.

— Obrigada! — respondi e por quase todo o jantar me mantive quieta e entrava na conversa quando me incluíam. Os três homens só falavam em política e as outras duas mulheres seguiam, entusiasmadas com a campanha de Tedy.

— Gosta de política, Leah? — olhei para o patriarca, na ponta da mesa quando me perguntou, e pensei numa resposta que não o magoaria.

— Acompanho, mas ainda não me envolvi.

— Espero que se envolva, olha como são essas duas. — O senhor elegante disse sorrindo ao se referir à esposa e à filha.

— Com certeza, Sr. Wilson. Seremos uma família. — Me referi, incluindo-me por causa de Romano, não que quisesse deixar subentendido que me jogaria em seu filho.

— Romano me disse que gosta de fazer trabalhos sociais e que é conselheira em uma fundação em Nova Iorque.

— Sim. Faço parte do conselho. É uma fundação que ajuda mães a conquistarem seu espaço. Não diretamente. Lá, elas podem deixar seus filhos e irem trabalhar em paz e muitas hoje ajudam dentro de suas casas e as crianças podem ter acesso a uma boa alimentação e ensino básico nos primeiros anos.

— Interessante! Ainda são poucas as instituições que dão esse suporte às mães.

— O intuito da *Children Of Future* é ajudar aumentar a renda, dando oportunidades. A primeira-dama de Nova Iorque, após a inauguração, se uniu a nós.

— Olha só, Tedy, temos uma política nata a nossa frente. — Não percebi que disse com tanto entusiasmo que chegou a agradar o prefeito e fez ter outra conotação da qual não queria transparecer.

— Sim. Leah gosta muito de obras sociais, por isso a deixo com a imagem de nossa empresa. Toda essa parte midiática gira em torno dela. — Respirei fundo tentando manter a pose controlada e não transparecer toda minha frustração. Quando mencionei sobre a fundação não foi para impressionar, e sim porque era algo só meu, que pela primeira vez, não tinha influência de Romano. Eu fazia por paixão.

— Digo sempre a Tedy e Beatrice que uma família unida é mais forte que um batalhão inteiro.

— Sim, ainda mais porque somos só nós dois e meu pai em seu leito de morte nos fez prometer que seríamos um pelo o outro. Não é, Leah?

— É sim, querido irmão. Sempre! — Tive muito nojo de mim nesse momento, mas ao invés de gritar e chorar, sorri me mantendo convincente.

Voltei e terminei o jantar que já não descia tão bem e permaneci assim, me sentindo *uma estranha no ninho*, quieta, só respondendo quando falavam comigo e, quando vi a brecha de ficar um pouco sozinha, alcancei a porta lateral que dava para um enorme jardim, ao estilo colonial cultivado ali. Caminhei sob a baixa iluminação e estava parada quieta, olhando para o nada, pensando em como conseguir minha alforria desse mundo quando senti sua presença logo atrás.

— Está uma noite bem agradável, não é? — Me virei ao escutar sua pergunta e o vi parado com as mãos no bolso sorrindo. Era Tedy.

— Sim. — Estávamos quase entrando no verão e, sim, aquela noite estava deliciosa e o vento que corria ali deixava a temperatura mais que agradável.

— Você não é muito de falar...

— Desculpa, é que não sei nada sobre política. — Tedy aproximou-se mais.

— Imaginei e fiquei com pena por ser engolfada nesse mundo.

— Fala por causa da instituição?

— Sim.

— Mas lá não tem política, só mesmo a primeira-dama, mais nada. Bella é incrível e ela é a politicagem de tudo. Sou só uma colaboradora.

— O que não deixa de ser um jogo político.

— Pode se dizer que sim. — Sorri e voltei a olhar para onde estava olhando antes de chegar.

— Tem alguém? — Engoli em seco e olhei para ele, vendo-o vir para ao meu lado.

— Oi? — não entendi a forma direta como queria saber mais da minha vida.

— Desculpa se estou sendo invasivo, só queria saber se está saindo com alguém, pois quero levá-la para jantar amanhã à noite.

— Entendi.

— E?

— Não, não estou saindo com ninguém, me divorciei há quase um ano e não tenho ninguém.

— Romano nos contou que se casou muito nova, que ameaçou fugir por amor se não a deixassem casar. — Segurei a raiva que me tomou ao ver a mentira idiota que Romano tinha inventado para diminuir o peso da vergonha por eu ter casado com um dos seguranças, porque fui exposta com fotos minhas e de Maison transando.

— Pois é... — respirei fundo e tentei sorrir. — Quando somos novos acabamos fazendo algumas tolices por amor.

— Tem razão, quem nunca fez uma loucura por amor que atire a primeira pedra. — Tedy tentou desconstrair o momento para não me

constranger mais do que a mentira que Romano acabava de contar e, com isso, ele acabou conquistando um pouco da minha simpatia.

— Amanhã me pega que horas? — Fui direta, pois sei que poderia até fazer o jogo de difícil, mas para evitar todo o processo que levaria até isso fui direta ao ponto.

— Às vinte horas. — Não sei por que, mas me lembrei no exato momento, que esse era o horário que saía com Marco e talvez por isso não senti a mesma excitação.

CAPÍTULO 27

MARCO

Meu corpo estava tremendo e parei de me tocar quando acionei o painel digital e programei todo o circuito antes de me posicionar. Eram nesses momentos de antecipação que sentia os níveis de adrenalina subirem e me tomarem, me deixando como um viciado, que precisava urgente de liberação. Me sentei e passei a cabeça pelo laço de algodão e ajeitei ao redor do meu pescoço. Alcancei a bola maciça ao lado, colocando em minha boca. Fechei os olhos antes de acionar o botão pelo controle. Pensei em Leah, no seu corpo, na maciez da sua pele e da forma como era pervertida tanto quanto eu.

Foi como se sentisse o seu cheiro ali quando segurei meu pau em pé e comecei a movimentar toda a pele, deixando me levar a sentir como se tivesse dentro da sua boceta. Tudo começou a intensificar e fui tomado por sensações e arrepios, imaginando-a me engolir inteiro, como gostava de fazer quando sentava e controlava a forma como me deixava entrar em seu corpo. Puxei mais ar e acionei o botão e movimentei minha mão mais

rápido, descendo e subindo em desespero ao cobrir e descobrir a glândula quente e melada com a pele.

A força se fechou e foi prensando; minha mão ganhava mais agilidade. Senti o ar passar lento e segurei ele dentro de mim, esgotando os níveis de oxigênio. Meu diafragma contraía aumentando a pressão, ajudando a máquina me levar ao ápice, me deixando cadente. Sem respirar, tentei procurar me concentrar. Fui tendo a visão do seu corpo sobre o meu e da sua boceta apertada cobrindo meu falo, melando-o inteiro com seu visco quente. Escutei seus gemidos ao jogar seu corpo para frente esfregando seus mamilos intumescidos em mim. Acelerei, sentindo o gozo subir e ficar preso, apertei mais minha mão ao redor.

— Que boceta deliciosa — disse, ao juntar em sua cintura e forçá-la, apertando e empurrando seu corpo miúdo a cobrir toda minha rigidez.

Leah gemeu e me cedeu seus lábios. Beije-a com avidez, tragando sua língua, enrolando-a na minha. Seu cheiro era inebriante e me fazia perder os sentidos e me render a essa poderosa atração.

— Vai logo e goza, Valentino. Me dê tudo! — pediu sussurrando após soltar meus lábios e deixar os seus deslizarem sobre o contorno do meu maxilar e subirem traçando o lóbulo da minha orelha ao chupá-los. Rosnei aprovando a carícia. Logo seu corpo vibrou ao quicar firme, aumentando o contato com meu pau ao parar e esfregar a racha em mim, contraindo-se toda ao me apertar. O ar travou, se esvaindo de uma vez. Foi rápido e prazeroso, me fazendo esporrar dentro do seu corpo, sentindo sua bocetinha esquentar e molhar a cabeça mutuamente. Gozamos ao mesmo tempo, levando-me a me entregar de uma vez e não ver mais nada...”

Ainda segurava meu pau todo lambuzado voltando ao normal, um pouco atordoado, enquanto o sistema destravava, após no meu delírio

sexual derramar meu gozo dentro dela. Dessa vez, tudo pareceu ser tão real que ainda não estava satisfeito e precisava de mais, como se fosse um viciado — que não se contentava com uma dose mínima, — entretanto, foi muito arriscado vir até aqui, com os outros lá em baixo e, por isso, a fera teria que se conter com o pouco que lhe dei.

Deixando tudo no lugar, me vesti e retornei para o andar de baixo.

Estava toda a família reunida, hoje foi o casamento de Luca, que por sinal, quase que não foi. Se não fosse pela ligação de Ambrósia agora mesmo, estaria rodando por aí atrás dele, mas felizmente estava tudo bem, consegui ajudar aqueles dois teimosos.

— Agora só falta você, Marco. — Raf disse quando retornei para a enorme sala e todos estavam dispostos pelos sofás.

— Falta o quê? — perguntei de volta e olhei no seu rumo.

— Casar e ter uma família.

— Não, muito obrigado, irmão. Estou muito bem assim — retruquei e olhei firme para ele ao lado de sua esposa, que por sinal estava calada, diferente da Alícia que conhecíamos.

— Não fale assim, Marco. Todo homem precisa achar seu caminho e ter filhos para levarem seu nome. — Foi a vez de Giovani, ao entrar no assunto.

— O que é isso? Um complô?

— Não! Só estamos dizendo que é bom ter uma família.

— Tenho vocês e isso já me dá bastante dores de cabeça.

— Precisa ter uma esposa. — Luca chegou batendo em meu ombro.
— Foda fixa.

— Até você? Só porque casou acha que devo também. Não, não...
— verbalizei em um tom divertido. Não me irritava com essas pressões que faziam. — Não quero uma esposa para controlar e, muito menos, filhos.

Sim... um dos motivos de não querer ter alguém e me casar era o fato de não querer filhos. Nunca tive um pai direito e não queria ser para uma criança o que o velho foi para mim e, mesmo que não fosse igual a ele, não me sentia à vontade para me sentir vulnerável e errar, fugindo dos meus planos.

— Não sabe o que está perdendo.

— Eu perdendo? Acho que não.

Minha vida de solteiro não perdia em nada para uma de casado. Gostava dessa solidão de chegar em casa e dormir saciado, sem pressões e cobranças. Fodia quem queria sem compromissos, era ter tesão e saciá-lo. Melhor coisa que tinha. Mesmo que nessa noite tenha sentido falta do corpo miúdo daquela falsa moralista gostosa. Acabei me acostumando a tê-lo enroscado todas as noites em mim, mas nada que mais uns dias eu desacostume, creio que até dormirei melhor hoje à noite, já fazia uma noite que tudo se encerrou e foi muito bom enquanto durou... Prático e prazeroso...

Não prolonguei o assunto e, logo, todos fomos embora e estava levando minha mãe para casa quando recebi uma mensagem de Robert me convidando para ir ao apartamento dele e de Léo. Olhei as horas e vi que ainda era cedo e fiquei tentado a recusar, mas precisava voltar a minha vida de antes.

Logo que deixei dona Ana em casa com suas acompanhantes, fui para a casa deles e, quando cheguei, fui surpreendido pela presença de Mike

e Casey também.

— Vejo que hoje teremos uma grande noite. — Assim que as portas duplas de aço se abriram na sala do apartamento falei alto, me anunciando ao vê-los sentados ao redor da *ilha gourmet*.

— Que nada! Hoje só estamos comemorando. Apenas um jantar. — Léo vinha na minha direção me trazendo uma taça na mão.

— O que estão comemorando? — perguntei antes de tirar o fino cristal de sua mão e rodeá-la em um abraço apertado.

— Você vai ser padrinho. — Me afastei e fiquei olhando para seu sorriso de felicidade.

— Que ótima notícia! — tornei a abraçá-la e aproximei-me dos outros após seguir abraçado com Eleonora.

Soltei da morena e cumprimentei os outros e abracei forte Robert dando-lhe tapas nas costas.

— Parabéns, cara!

— Vou ser pai! — Robert segurou meu rosto e deu tapinhas demonstrando sua felicidade.

— Fico feliz por vocês dois — disse, ao me virar e levantar a taça.

— Até eu senti vontade de ser pai agora. Que tal, Casey? — Mike brincou com a esposa.

— Podemos praticar até acontecer, querido.

— Quando ficou sabendo, Léo? — perguntei antes de virar o líquido todo para dentro da boca.

— Hoje, mais cedo. Resolvi seguir o conselho de Leah. Tinha contado para ela sobre minhas desconfianças e fiz o exame.

— Falou com ela hoje? — perguntei por curiosidade.

Desde ontem quando fodemos no banheiro e nos despedimos não nos falamos mais e não nos falaríamos, até que nos encontrássemos pessoalmente de novo.

— Não, foi ontem. Liguei para ela e conversamos.

— Entendi... — fingi que não queria saber, mas dentro de mim uma ruga de curiosidade surgiu.

Acho que me acostumei demais a tê-la todas as noites e por isso estava assim: sem saber como reagir ao escutar seu nome. Me sentindo afetado por ela em todos os aspectos.

— Por que não pediu para ela ficar, Marco? — Casey me perguntou.

— Porque não. Não tem uma resposta. Era casual e, desde quando começamos, já tínhamos combinado — expliquei, mesmo que se durasse mais duas semanas não reclamaria.

Sentia que ainda precisava de mais para aplacar esse tesão que ela me causava.

— Cada um tem sua vida e pronto! Agora vamos comemorar — tentei encerrar o assunto e todos aceitaram. Éramos amigos, mas nenhum deles era invasivo a ponto de querer pesar nas minhas decisões. Sei que cada um ali se apegaram a Leah de alguma forma. A loira mostrou-se não ser só um pote sem fim de devassidão, mas era uma excelente companhia e divertida, por isso entendi quando várias noites passadas me perguntou por que não tentava um compromisso mais sério com ela e expliquei meus

porquês. De que não queria ter alguém e que, se de fato quisesse, não me faria de difícil, só não senti que poderia ser com ela.

Conversamos e jantamos e, dessa vez, cada um foi para sua casa.

Robert e Eleonora se afastariam do nosso outro mundo para viverem esse momento que tanto queriam, e eu os apoiava, ainda mais que eu seria o padrinho. Em nome da nossa amizade jamais me recusaria a um pedido desses, mesmo eu tendo essa aversão a crianças.



LEAH

— Obrigado pela noite, Leah. — Tedy insistiu em me acompanhar até a porta de casa. Depois de insistidas tentativas de segurar minha mão durante o jantar, acabei cedendo e agora estava aqui nessa situação constrangedora, esperando-o se despedir para eu entrar.

— Por nada, também gostei muito da sua companhia. — Agradei, tentando encerrar por ali, mas fui pega desprevenida quando me puxou pela nuca e travou sua boca sobre a minha e movimentou-a, logo me soltando.

— Desculpa, mas queria ter feito isso a noite toda.

— Tedy...

— Leah, entendo, não precisa dizer nada. Você é linda e qualquer homem vai querer te beijar. Só quero uma oportunidade para você me conhecer melhor. Procuro nas mulheres o que você tem. Bonita, educada e gentil. — Tedy falava firme e decisivo, não era à toa que era político, sabia colocar as palavras certas. Em outra ocasião estaria aqui excitada e talvez fodendo com ele, mas por ser o que Romano queria me fazia sentir muita raiva de toda essa situação.

— Não é isso. Só estou com dor de cabeça, mas... — Tedy não me deixou concluir a frase. Ele me envolveu e me beijou, porém, dessa vez me deixei levar pelo momento e retribuí o beijo, permitindo sua língua invadir minha boca.

Fechei os olhos e me deixei ser levada pelo momento, mas não teve a intensidade que estava acostumada e até tentei estimular quando esfreguei meu corpo no do lindo homem ali.

— Uau, que beijo! — Tedy se afastou sorrindo e segurou meu queixo entre os dedos. — Acho que agora estou apaixonado.

Apenas sorri e olhei para o alto bem no canto, lembrando da câmera que tinha ali e, que Romano ficaria sabendo sobre esse beijo. Com raiva me afastei e aumentei o espaço entre nós dois.

— Vou entrar e tomar um analgésico.

— Janta comigo de novo? — Estava virando quando senti sua mão se fechar na minha e me parar.

— Pode ser. — Olhei por cima dos ombros e sorri ao responder, antes de soltar minha mão da sua e lhe dar as costas e entrar. Me sentindo com muita raiva atravessei toda a sala e alcancei o topo da escada rapidamente, procurando ir para meu quarto o mais rápido que pudesse.

Frustrada, me tranquei ao entrar no único lugar que tinha paz nessa casa, não estava me sentindo assim pela noite ou pela companhia, e sim pela forma manipulada que tudo estava acontecendo. Queria poder ter a opção de escolha como tive com Marco, ao querer estar com ele e deixar acontecer sem que alguém ordenasse que tinha que ser desse ou daquele jeito.

E, ao invés de melhorar o jeito que estava, ficou ainda pior depois de mal conseguir dormir e acordar com a bandeja de café no meu pé e Romano sentado ao lado.

— Parabéns, possível futura primeira-dama de São Francisco! — Mal abri meus olhos e só consegui ver seu sorriso cínico e desprezível. Ele me olhava como se fosse um ótimo irmão e estivesse muito feliz por mim, mas sabia exatamente por que ele estava ali. — Bom dia!

— Bom dia! — respondi me sentando e olhei para baixo vendo o jornal colocado ali propositalmente, dobrado na minha foto tirada de fora do restaurante e em um dos momentos que Tedy tentava segurar minha mão. Em cima estava o título: “FUTURO PREFEITO DE SÃO FRANCISCO JÁ TEM SUA FUTURA PRIMEIRA-DAMA?”

Peguei nas mãos não acreditando nessa merda toda e, quando voltei a encará-lo, Romano exibia toda satisfação do mundo na expressão vitoriosa de seu rosto.

— Podemos planejar o casamento do ano, irmã querida.

— Claro que não, Romano — respondi irritada. — Sair com Tedy é uma coisa, mas mal o conheço.

— Desde quando precisava conhecer um homem para ter um montado em cima de você? — No mesmo momento que lhe disse e me

mostrei insatisfeita, vi sua expressão fechar e avançar em cima de mim. Foi tão rápido que não tive como escapar. A pressão que fez ao me empurrar, me voltou a afundar no colchão e ter meu rosto apertado entre a força das suas mãos. — Não vai colocar tudo a perder e trata de sossegar, te dei quinze dias para sair por aí trepando com quem queria, agora vai fazer o que quero. Já não tem o corretor, se contente com Tedy Wilson sua idiota. Vai fazer como eu quero e não me deixe irritado. — Me soltou com tudo e saiu de cima de mim após rosnar como um lunático ao me ameaçar.

Romano saiu e me deixou sozinha após seu acesso de raiva.

A primeira coisa que fiz foi jogar o jornal para longe, tirando do meu campo de visão a foto.

CAPÍTULO 28

LEAH

10 DIAS DEPOIS

— Vagabunda, desgraçada... — Meu coração palpitou e já abri meus olhos sentindo como se os fios do meu cabelo tivessem sendo arrancados à força e quase estavam mesmo.

Foi tudo tão rápido que não consegui entender o que estava acontecendo, até ser arremessada aos pés de Romano e ver o lustre do sapato preto, bem embaixo do meu olhar. Me apoiando com as mãos no chão, comecei a erguer a cabeça. Conforme subia meu olhar fui notando a

prega perfeita do terno cinza, mas durou tão pouco. Novamente senti como se meus cabelos fossem ser retirados da minha cabeça ao ser erguida por eles.

— Você não vale nada, sempre vai ser uma vadia. — Meus olhos lacrimejaram pela dor. Tentei segurar em seu pulso e diminuir a força com que me erguia do chão.

— Romano, por favor — pedi chorosa, sentindo muita dor.

— Você não vale nada, Leah! Estragou tudo de novo. — Tentei olhar para seu rosto quando finalmente me colocou de pé a sua frente.

— Não fiz nada de errado... — Mal terminei a frase me defendendo e tive novamente a pressão da sua mão puxando-me, trazendo-me para perto do seu rosto contraído pela raiva.

Juro que não fazia ideia porque Romano estava agindo assim. Fiz tudo que ele queria. Saí e jantei com Tedy Wilson e ainda aceitei ser sua namorada. Tinha feito tudo corretamente, não havia motivos para estar me agredindo.

— Não sabe da merda que você fez? — neguei com a cabeça vendo a raiva brotar e saltar de seus olhos. O medo cresceu em mim e me deixou gelada.

Romano só estava agindo assim por que alguma coisa não saiu como queria. Ele era um louco, mas não a ponto de agir agressivamente sem motivos.

— Romano, eu aceitei o compromisso com Tedy como queria. O que fiz de errado? — chorei, apertando mais minha mão ao redor do seu pulso. — Me solta, está doendo.

— Sua puta de quinta, você fez tudo certo, só errou ao abrir as pernas para Marco Valentino. — Ao terminar de falar soltou meu cabelo e me empurrou.

Sem conseguir me equilibrar acabei caindo e fiquei na mesma posição tentando compreender o que acabava de me informar.

É claro que ele ficaria sabendo, seus homens contariam. Mentir agora seria pior, era melhor assumir e mostrar que tudo tinha acabado e ficado para trás.

— Mas, Romano, ninguém ficou sabendo e já está saindo tudo como quer — tentei levantar e com medo me encolhi quando o senti me puxando pelos braços, me deixando a centímetros dele.

— Mas é muito ordinária. Você estragou tudo. Sua trepada está em todos os sites de escândalos. E para ajudar, estava com mais pessoas. Como pode sujar o nome dos Canttaneo trepando como uma prostituta? — Perdi qualquer força ao receber a informação exagerada. Ele poderia só estar em seus momentos perversos e sádicos para estar falando um absurdo desses.

— Está mentindo!

— A única mentirosa aqui é você. — Me soltando de novo de uma vez, pegou da mão de um dos seus homens o dispositivo eletrônico e me entregou.

Estava em uma página de um site de fofocas de São Francisco com o título:

“A QUASE FUTURA PRIMEIRA-DAMA DE SÃO FRANCISCO BRINCA EM CLUBE DE SEXO EM NOVA IORQUE”

Abaixo estava o vídeo e, quando bati na tela para ver o áudio dos gemidos altos anunciaram que estava vivendo o pior pesadelos de todos.

Não consegui ver mais nada e parei instantaneamente quando me vi ali, sentada no colo de Marco. Sem conseguir encarar Romano fechei os olhos sentindo o choro sair em lágrimas.

— Não adianta chorar, sua vagabunda. Me encara agora, Leah. — Ele ordenou e, quando levantei a cabeça e tentei olhar em seu rosto, mas o que senti foi o peso da sua mão acertando uma das laterais do meu rosto. A força brutal com que me bateu fez meu rosto virar e esquentar. Levei minha mão no local e mais lágrimas escorreram em silêncio pela minha face.

— Tedy não quer vê-la nem pintada de ouro e Beatrice pode cancelar meu noivado por sua causa. Sua burra, que não consegue manter as pernas fechadas. Mais uma vez você ferra com tudo por ser uma puta que não consegue manter a boceta quieta — engoli em seco suas palavras chulas.

— Me perdoa, Romano, não queria estragar seus planos.

— Sem seu vitimismo, ele funcionava com nosso pai. Agora você, além de se ferrar, me ferra junto. O que vou fazer com você?

— Por favor, Romano, eu posso consertar e pedir perdão publicamente para Tedy.

— Além de vadia é muito burra! — Suas palavras sempre me feriam. Estava exausta de vê-lo agir com brutalidade e maldade quando as coisas não eram como queria. Foi assim desde pequeno. Ele sempre me batia até me machucar se eu o contrariasse.

— Faço o que quiser.

— Você sempre fala assim e sempre faz algo errado. Faz isso só para me contrariar. — Novamente acertou meu rosto, mas dessa vez senti o gosto de sangue surgir e melar meus lábios. Com a ponta dos dedos toquei aonde senti que havia me machucado e confirmei ao ver o sangue. Sei que daí por diante seria pior.

— Por favor! — Caí ajoelhada e de cabeça baixa, submissa pedindo por misericórdia.

— Depois que ferrou tudo merece ser punida.

— Eu imploro, Romano! — Olhei para o alto na tentativa de que não fizesse nada do que um dia já fez comigo.

— Se troca, vadia, porque quero você bem longe daqui para não ferrar o restante. Ainda preciso manter meu noivado a salvo e não quero vê-la por perto. Mas antes, você vai consertar, ao menos, a imagem da nossa família. Agora se prepara se não der certo o que quero, vai se arrepender de sair por aí transado com qualquer um. — Era notável que se controlava para não me bater mais, mas mesmo assim tornou a me puxar pelo cabelo e me ameaçar e fui envolvida pelo pavor e pelas lembranças das suas maldades.



MARCO

— Mandou me chamar, Giovanni? — Entrei na sala e assim que o vi perguntei. — Vim assim que recebi seu recado.

Pelo visto as coisas por ali não estavam boas, seu rosto contraído já demonstrava que algo ruim estava acontecendo e, logo hoje, que me abstive para passar algumas horas a mais em casa. Contudo, assim que me ligaram informando da urgência com que queria falar comigo, vim imediatamente.

— Já viu o que você aprontou? — Não me cumprimentou e disparou a acusação. Sem entender, neguei com a cabeça.

— Eu aprontei? — respondi com outra pergunta, tentando entender melhor.

— Sim, do seu vídeo que está rodando a internet e nos sites de escândalos. — Giovanni disse firme e sério, me deixando preocupado.

— Do que está falando? — Ainda sem entender, aproximei-me da sua mesa e tirei da sua mão o celular que estendia na minha direção.

Havia um vídeo pausado e bati na tela iniciando a mídia. Os gemidos tomaram meu ouvido e a cena desfocada foi ganhando foco e forma. Era eu sentado, Leah em meu colo e Eleonora chupando a boceta da loira e Robert fodendo a esposa e logo uma edição passava para a parte onde eu gozava e Léo lambia minha porra de cima do clitóris da minha parceira naquela noite.

— Mas que porra, Marco! Leah Canttaneo? — Giovanni aumentou o tom de voz ao me questionar.

Há muito tempo que não o vejo irritado como agora.

— Giovanni...

— Sem essa agora, Romano está vindo para cá. Marco, sabe o que isso significa, não é?

— Não sei como isso foi gravado, onde estávamos não poderia jamais acontecer algo assim — tentei argumentar.

— Mas aconteceu e agora está por aí a notícia, ou melhor, a farra bacanal e, para piorar, Robert com Eleonora junto. Que porra hein... — A cada expressão de descontentamento, Giovani investia a mão contra o mogno do móvel. — Onde estava com a cabeça em levar Leah para suas farras? Nunca falei nada, mas envolver mais membros da organização e ainda a irmã de um Don. Caralho! Marco, assim é me enterrar vivo de uma vez.

Nunca passei por um momento como esse, onde minha mente dava voltas no vazio e não conseguia pensar em nada.

— O que Romano disse?

— Não sei! Falou com Raf que estava vindo e que precisava conversar comigo — disse bastante irritado. — Cheguei aqui com o pornô de Marco Valentino circulando na mão de todos da Camorra.

— Giovani, me desculpa, nada disso poderia sair por aí. Vou falar com Robert para entrar com o pedido de retirada.

— Não precisa, ele já está fazendo isso.

— Agora o problema não é só isso. A forma como se espalhou levando nosso nome mais ainda no buraco. E não só envolveu a família, mas a fundação.

Giovani me entregou um jornal impresso com a manchete:

“MAIS UM ESCÂNDALO ENVOLVENDO UMA DAS FAMÍLIAS QUE REGIAM A MÁFIA ANTIGAMENTE.

O sobrenome Valentino já esteve várias vezes vinculado ao passado criminoso de Nova Iorque. Para quem não se lembra, quando um antigo chefe da Máfia Italiana Camorra foi preso, uma das principais testemunhas era o patriarca da família Valentino. Por muito tempo não ouvimos falar neles até surgir a emergente magnata californiana Bella Valentino, fazendo suas obras de caridades, conquistando a sociedade nova-iorquina com seu carisma. Ela é casada com Giovanni Valentino, que depois de apurarmos dados para essa matéria, descobrimos que está sendo acusado de lavagem passiva de dinheiro. E agora, um dos irmãos dessa família, é flagrado numa “festinha” peculiar em um dos mais famosos clubes de sexo de Manhattan, acompanhado pelo renomado advogado Robert Lewis e sua esposa. A loira em si, que acompanhava Valentino, era Leah Canttaneo, uma das maiores acionistas de uma grande empresa de software de telecomunicações e possível futura primeira-dama de São Francisco. Querem mais detalhes? Vejam a íntegra, na página 6.”

Não quis ler mais nada, apenas respirei fundo, fechei os olhos, apertando a base do nariz com a ponta dos dedos.

— Não consigo acreditar que tudo isso está aí — disse querendo pensar que tudo era um maldito sonho.

— Pois eu acredito, porque Bella já recebeu a ligação da primeira-dama pedindo para deixarem mais para frente o projeto que estavam trabalhando. — Giovanni adicionou mais complicações nessa merda toda.

Tudo foi tão surpreendente que não conseguia, pela primeira vez, ver soluções. Nunca havia acontecido algo assim. Sempre fui cuidadoso e,

ferrar com tudo, me deixou frustrado comigo e esse sentimento de inferioridade não me deixava encarar Giovanni.

— Senhor, sua esposa está no telefone.

Revi o vídeo e me dei conta que quem gravou foi o *filho da puta* que entrou na sala no momento em que fodíamos, o *voyeur* sacana gravou tudo. Só poderia ser ele.

Enquanto Giovanni tentava explicar para Bella o que estava acontecendo, liguei para Robert, que me atendeu na hora.

— *Foi o voyeur filho da puta.* — Ele já foi falando, chegando na mesma teoria que a minha.

— Sim, também pensei nisso.

— *Giovanni está puto e entrei com uma petição pedindo para derrubar e pedir a retirada imediata do vídeo aonde quer que esteja sendo veiculado. O juiz é meu amigo e vai expedir a ordem em horas.*

— Até agora não consigo entender o porquê quiseram colocar isso por aí — disse procurando uma razão e explicação para ter sido pego de surpresa assim.

— *Isso vai nos complicar, mas acho que tem mais a ver com Leah estar se relacionando com o futuro prefeito de São Francisco, pelo menos é o que os tabloides digitais e sites disseram.* — Até agora não tinha lido nada, só o vídeo que Giovanni havia me mostrado. Não tinha conhecimento algum de que Leah estava comprometida.

— Como assim?

— *Marco, que mundo você está hoje? Não estou te reconhecendo.*

— Só não consigo entender toda essa merda. Depois te ligo, Giovanni saiu da ligação.

— Quem era? — Giovanni ainda com a voz irritada me perguntou.

— Robert.

— Ele conseguiu que o juiz despache a ordem de retirada?

— Ainda não. Giovani, fica calmo, só vamos resolver sem outro alvoroço.

— Calmo, Marco? Olha só a merda que você foi fazer, Bella está nervosa porque até o nome da Fundação foi envolvida em uma das matérias.

Balancei a cabeça negando.

Aonde fui me meter?

— O que você vai fazer, Marco?

— Não sei.

— Não sabe? — Giovani novamente voltou a bater sobre a mesa.

— Não.

— Marco, o nome da família, do escritório de Robert e da fundação foi envolvido na bagunça de vocês. Sem contar que Leah, além de conselheira da fundação, era dita como a nova e futura primeira-dama de São Francisco.

— Marco, o quê você aprontou? — Raf surgiu pela porta de comunicação da sala de descanso.

— Rafaello, não! — adverti antes de levar outro sermão.

— Caralho! Romano vai te castrar.

Não reparei no que Raf disse e voltei minha atenção no bip do celular indicando uma mensagem na tela e era de Leah.

“Me tira dessa, por favor, Romano vai me matar!”

Sem entender, reli a frase curta com o pedido de ajuda. Depois de mais de 10 dias essa era a única vez que tive sinal de vida dela e entendi o porquê. Contudo só não compreendi o final amedrontado.

— Marco, agora não é hora para troca de mensagens. — Giovani me repreendeu. — Bella está vindo para cá, Raf, assim que Romano chegar o

traga aqui e, Marco, você vai consertar a merda que fez.

— Uau, que performance é essa, irmão? — Luca entrava na sala falando alto com o celular na mão, deixando os gemidos audíveis para qualquer um escutar.

Minha vida sexual agora era um vídeo pornô do mais comentado.

— Luca, agora não é o momento. — Raf disse.

— Ok... Ok. Mas que a performance é boa, isso é.

Ignorando-os, tentando entender melhor, achei o nome dela entre os contatos e liguei.

— *Marco, como saiu esse vídeo?* — Sua voz era de choro e já me questionou assim que atendeu. Mas não tinha respostas.

— Não sei, Leah. Acho que foi o *voyeur*. Aonde você está? Em São Francisco?

— *Não, estou no apartamento, aqui em Nova Iorque. Romano vai me matar, me trouxe junto. Estou com muito medo...*

— Robert está tentando uma liminar para retirar os vídeos. Me desculpa.

— *Você não tem culpa. Só me ajuda, por favor.*

— Vou fazer o máximo que puder para amenizar — disse, dando a minha palavra que ia livrá-la de algum jeito, até porque ela é a que estava saindo prejudicada e me sensibilizei com a situação.

— *Romano vai me matar se...*

— Leah? — Ela não completou a frase, a ligação ficou muda, de certo alguém chegou perto e acabou desligando, esperaria que retornasse. Já estava tudo complicado, o que menos queria era complicar mais as coisas nesse momento para ela.

Contudo, o que estava perdido acabou ficando pior.

Romano, acompanhado por Rafaello, entrou pela porta e veio para cima de mim.

— Desgraçado... — Raf e Luca se colocaram na frente como escudo. — Você ferrou com a vida da minha irmã.

— Eu? — dei um passo para trás.

— Não se faça de santo, Valentino, você a levou para uma orgia e a expôs. — A forma como estava nervoso demonstrava que Romano não fazia ideia sobre os gostos sexuais da irmã e não seria eu a expor que Leah Canttaneo tinha suas duas fachadas e, que além de saber o que estava fazendo, gostava bem da brincadeira.

— Leah é maior de idade e sabia onde estava indo e o que fazia — repliquei.

As coisas também não tinham que ter só um peso sobre mim.

— Ela ficaria noiva e teria um futuro brilhante. Agora, como vai casar e ser a primeira-dama de São Francisco depois de manchá-la da forma como fez?

— Romano, não é para tanto, acalma-se. — Giovani ordenou e o homem obedeceu, dando-nos as costas e passando as mãos pelos cabelos.

— Desculpa, meu Capo, só estou muito nervoso. O que meu pai falaria de mim? Ainda bem que faleceu ou me culparia por não ter cuidado bem de Leah. — Romano argumentou.

— Vamos ter paciência agora, entendo seu nervosismo, mas Marco vai consertar a bagunça que ele fez — assenti entendendo a forma como Giovani tentava apaziguar.

— Desculpa meu atraso senhores. — Agora era Bella entrando pela porta como se fosse um furacão e foi direto para o lado de Giovani.

Estava tudo revirado e de uma forma que pela primeira vez não conseguia raciocinar para encontrar uma lógica para tudo isso. Era uma

tremenda bagunça que não se encaixava nada nos seus devidos lugares.

— Minha irmã perdeu a oportunidade de ser feliz por causa de você, Marco. — Romano tornou a me acusar.

— O que quer eu faça? — Por fim me irritei e perguntei, pois desde o momento que cheguei aqui não consegui me organizar e ainda por cima onde, em pleno século XXI, uma mulher maior de idade não pode foder como quer? Era difícil entender por que tanto pudor em cima.

— Que repare o erro! — senti um leve toque ardiloso em sua fala.

— Que erro? Ninguém é inocente nessa história. Agora estão todos aqui me olhando como se eu tivesse amarrado a Leah e a estuprado.

— Não é isso, Marco... — Bella disse. — Entendo Romano em relação à exposição que o vídeo causou. Leah ficaria noiva de um político e isso não só mancha ela como empresária, mas também coloca em risco o compromisso do futuro prefeito de SF.

— Obrigada, sra. Valentino. — Romano sorriu para Bella e meneou a cabeça ao agradecê-la.

— Por isso tenho uma sugestão: dizer que Marco e Leah eram namorados na época e que já fazia um bom tempo que terminaram, tanto que só soltaram o vídeo agora porque Leah estava em um novo relacionamento e queriam usar um vídeo antigo para ganharem dinheiro. Falaremos que é do passado esse vídeo.

— E o que isso vai ajudar? Sendo que Tedy Wilson já soltou uma nota dizendo que ele e Leah são amigos e que não existe nenhuma intenção de compromisso com minha irmã. Ele, literalmente, a chutou, o que pode acontecer o mesmo com meu noivado com sua irmã.

— Não sei, senhor Canttaneo. Foi só uma sugestão. — Bella tentou achar uma solução, mas viu que não daria certo.

— Marco, poderia dizer que drogou Leah e assumir uma culpa de que ela estava drogada quando tudo aconteceu. Para minimizar as coisas, a interno ainda hoje em uma clínica.

— Está louco? Não farei isso — repudiei a ideia de Romano e não o deixei concluir.

Por mais que estávamos nesse embaraço todo, jamais mentiria uma coisa dessas.

— Marco vai assumir Leah como sua noiva. — Olhei para Giovani não acreditando no que acabei de ouvir dele.

— Claro que não — neguei.

— Minha irmã não vai ficar com ele. — Romano, pelo menos, teve a sensatez de se opor.

— Não é uma pergunta, eu estou dizendo o que vai ser feito.

— Giovani... — chamei, mas fui ignorado.

— Marco vai casar com a Leah, é o único jeito de driblar, vamos dizer que são noivos. — Don Valentino concluiu.

— E podemos dizer que Leah estava em contato com Tedy Wilson por causa da Fundação que ele faria uma doação. Assim conseguimos fechar de todos os lados. — Bella ao lado de meu irmão acrescentou.

— Isso mesmo. Não poderão questionar um casal que estão fazendo sexo.

— Podem dizer que estavam fazendo uma despedida de solteiros. — Luca sempre falava nas horas erradas, mas pelo visto até ele tinha mais credibilidade nesse momento que eu.

— Isso mesmo, boa ideia, Luca. — Bella concordou.

— Minha irmã não vai casar com ele, Don Valentino.

— Ela vai, Romano, e quem decide isso sou eu e não você. Que eles fiquem casados ao menos por um ano e depois cada um faz o que quer.

Com isso, a imprensa não terá muito o que falar e o assunto vai morrer. Aqui todos estamos perdendo com essa história.

— Eu não estou de acordo.

— Não precisa estar, Don Canttaneo, apenas acate a ordem do chefe da sua casa.

— Giovani, por favor, vamos conversar a sós, meu irmão — pedi, tentando achar uma outra solução.

— Marco, você não me consultou quando se envolveu com a Leah, agora aja como um homem e acate minha ordem também. — Com raiva assenti, me vendo em um buraco sem saída.

Vi que seria em vão tentar argumentar e tanto eu quanto Romano não queríamos, porém, não iríamos contra as ordens de meu irmão e desmoralizá-lo e, por isso acabei aceitando.

— Está bem, Giovani.

CAPÍTULO 29

MARCO

— Por favor, Giovani...

— Marco, você vai casar com Leah. — Ele não me deu oportunidade para dialogar e concluiu novamente ordenando o que seria da minha vida.

Esperei todos saírem e, assim que ficamos Giovani e eu, pedi para voltar atrás do que disse.

— Não acho que me casar com Leah vai ser a solução. — E não seria mesmo, era tão vago e simples. Hoje em dia o que é mais comum são essas exposições e nem todos são obrigados a casar.

— Pensasse antes de envolver alguém da nossa casa no meio de suas festinhas. Agora, se não quer casar ache uma solução melhor para acalmar Romano.

— Mas nem ele quer isso.

— Mas é o melhor e vai ser assim, pode dizer adeus a sua vida de solteirão. Já estou cansado de consertar os erros de vocês. — Giovani me

deu as costas e não reconheci o homem que aprendi a admirá-lo como um amigo e até mesmo como um pai.

— Não estou te reconhecendo, meu irmão. — Não conseguia entender e toda minha força de analisar e pensar hoje havia sumido e, pela primeira vez em toda minha vida, senti como se não tivesse forças para lutar.

— Marco, entenda uma coisa: Leah é irmã de Romano, abaixo dos Dellatore aquele clã é importante para os negócios da família, então use a sensatez que tem nesse momento. Você foi e trepou com a irmã de um Don. Isso se já não me bastasse o tanto de problema que os Donttino estão me causando e preciso estar resolvendo. Agora não me arrume mais porque quer fazer orgia.

Antes de aceitar quieto contraí o maxilar.

Sei de tudo o que estava acontecendo, mas nessas últimas semanas estava mais ocupado com minha vida, que tudo o que tangesse os negócios da família havia sido irrelevante.

— Não acho que devo me envolver com alguém que não sinto nada. Ainda mais me casar.

— Então só fodeu a loira? — Giovanni me perguntou e estreitou o olhar antes de prosseguir. — Pelo visto estava bem envolvido com ela.

— Não vou ficar discutindo meus motivos para o sexo...

— Mas você vai se casar com Leah e encerramos por aqui. Agora chame Andrea, preciso saber do outro garanhão, se ao menos já saiu a ordem de retirada desse vídeo.

Giovanni estava intransigível e não voltaria atrás pelo visto, talvez se conversasse com Leah ela amenizasse toda essa situação com seu irmão.

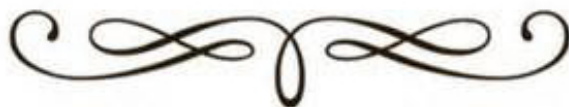
Assim que vi que não daria certo e que ele não mudaria de ideia, fui até o apartamento onde Leah ficava quando estava em Nova Iorque e

cheguei junto com Romano, que ainda estava me tratando com hostilidade. Até tentei entendê-lo, afinal, não sabia qual era a relação dos dois. E talvez, vendo sua irmã ser exposta assim para qualquer um ver não deve estar sendo nada bom. Entretanto, por mais que envolvesse nomes e pessoas de fora, eu não estava nenhum pouco a fim de casar. Gostava de transar com Leah, mas isso não dizia que queria manter um relacionamento de marido e mulher com ela.

Sim... ainda tinha um tesão da porra nela, mas não a ponto de sermos um casal em tempo integral. Por isso, precisava pensar em como me tirar dessa.

Mas tudo mudou quando a vi descendo as escadas.

Meu olhar parou direto em seu rosto marcado e no corte em sua boca.



LEAH

Estava deitada quieta, pensando em como toda essa bagunça foi acontecer, não era para ter sido assim. Me sentia péssima e vulnerável, sem saber o que Romano tramava ou se voltaria e me castigaria. Tentei falar com Marco, mas um dos seguranças tirou da minha mão o celular.

Recorri a ele por desespero.

Minha intenção não era mais ter que falar com ele e reviver o magnetismo que o tom da sua voz tinha sobre meu corpo, mas foi em vão, agora toda nossa intimidade estava escancarada pelo país inteiro.

Que merda tudo isso...

Nada do que imaginava me levava a pensar em como amansaria a ira de meu irmão e estava tão envolvida em meus pensamentos que não escutei o trinco da porta girar. Agindo rapidamente fechei os olhos e fingi que estava dormindo.

— Levanta daí, vadia! — Romano entrou me injuriando ao vir até próximo à cama. Como fingi não escutá-lo, deixando a entender que estava dormindo tirei-lhe a pouca paciência que tinha e, novamente, senti o puxão agressivo me envolvendo ao ser tirada da cama com força.

Com medo e com raiva ao mesmo tempo tentei me desvencilhar e acabei chutando-o.

— Me solta, Romano! — esperneeiei quando me puxou com mais força e me colocou de pé na sua frente.

— Você ferrou com tudo de novo abrindo as pernas para um fracassado. — Romano falava pesado e me balançava. — Agora desça e vá lá falar com aquele merda do Marco Valentino. — Assenti, sentindo um delicioso sentimento de alívio ao saber que Marco estava ali. Tentei me afastar, mas ainda suas mãos fechadas me apertando me impediu de sair dali e ir correndo.

Não fiquei ansiosa por ser ele e, sim, por saber que ele respondeu ao meu pedido de socorro.

— Por sua causa tive que mudar meus planos para não me prejudicar com meu noivado, então seja uma boa menina e não atrapalhe mais nada. Desça e vá falar com ele. — Romano me soltou bruscamente e, recuando, o deixei em meu quarto. Rapidamente me coloquei a ir para o

andar de baixo e, assim que parei no topo da escada, o vi. Marco estava de costas para mim e fiquei observando-o. Ele olhava o quadro pendurado na parede e senti meu corpo reagir ao seu, esquecendo de toda essa confusão. Era como se nada tivesse acontecido, mas infelizmente ele não estava ali por tesão ou algo do tipo, veio por causa da merda toda que estava acontecendo.

— Marco! — O chamei quando meu olhar cruzou o seu.

Desci as escadas e o encontrei, mas foi tudo tão estranho e ficamos nos olhando por um tempo. Seu rosto não me deixava ler o que queria me dizer e todo aquele ensejo que senti minutos atrás foi tomado pelo medo e por algo estranho que meu corpo reconheceu como um sinal de alerta.

— Podemos conversar em algum lugar sozinhos? — Ele me perguntou com as mãos no bolso, mantendo uma certa distância de mim, mas com seu olhar em meu rosto.

Assenti e saí na sua frente, levando-o na direção do terraço.

O clima entre nós era tenso e tinha algo pesado, diferente da química poderosa que tivemos naquela tarde na fundação e nos outros dias que ficamos juntos. Na verdade, parecíamos como dois estranhos cheios de receios um com o outro.

— Leah, preciso muito que entenda que temos que achar uma outra solução. Não sei por onde começar e entendo que nossos nomes foram envolvidos, mas precisamos arrumar uma solução para limpar tudo isso. — O homem que conhecia estava tão aturdido quanto eu com tudo isso.

Sentamos ao redor da mesa e ficamos um de frente para o outro.

— Marco, não estou entendendo.

— Giovani declarou que vamos nos casar. — Não consegui encará-lo e dentro de mim algo aquecia e me confortava que estaria livre. Respirei

aliviada com a notícia. — Mas não consigo pensar em nada que nos livre desse compromisso.

— Como assim? — Ao mesmo tempo que vi a luz no fim do túnel, Marco veio e fechou a porta de saída.

— Leah, tudo isso não precisa ser resolvido com um casamento. Eu vou te ajudar, mas não precisamos entrar em um relacionamento como esse. — Balancei a cabeça concordando, mas me sentindo novamente afundar no poço, não pensando no que resultaria de tudo isso e sim no medo que tinha de Romano fazer algo comigo. Me desesperei.

— Romano vai... — comecei a dizer, mas pausei por medo de alguém escutar. Precisava ter coragem e me abrir ao menos dessa vez e não deixar a parede que construí influenciar. Marco sempre me passou confiança, mesmo com esse seu lado devasso me sentia segura quando estava por perto.

Respirei fundo e olhei por cima dos ombros para ver aonde os seguranças estavam, mas quem tornou a falar foi ele.

— Leah, jamais queria te meter em algo assim, acima da atração que sinto por você não existe nada a mais que isso, não seria certo com nós dois se casássemos — concordei com a cabeça sentindo minha esperança ser apagada.

Entendi perfeitamente o que Marco queria me dizer, contudo, quando me disse sobre casamento, senti uma chama de esperança crescer para no momento seguinte ela se apagar.

Tudo na mesma velocidade e intensidade.

— Romano vai se acalmar, fale com ele que não quer se casar enquanto penso em algo para limpar toda essa bagunça — neguei com a cabeça e virei o rosto, me desesperando mais.

Marco não conhecia quem era de verdade meu irmão, ele jamais faria ideia do que Romano é capaz de fazer quando está sendo contrariado.

— Você não o conhece, não é tão simples assim. — O encarei de novo.

— Leah, não sou do tipo que casa e tem filhos.

— Eu sei, Marco, mas estou desesperada e só o que penso é sair desse inferno. — Vi Marco arquear a sobrancelha e analisar mais meu rosto.

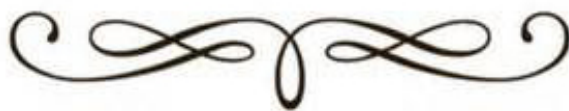
Não que eu quisesse casar novamente, mas essa era minha única solução para me livrar agora de Romano. Infelizmente, a oportunidade aparece e você precisa abraçá-la, agarrando-se a ela como seu último suspiro.

E eu faria isso...

— Estou com medo, Romano está fora de si, preciso que me tire dessa e daqui. Não posso ir contra meu irmão, ele vai me matar, Marco — disse baixo para que só ele escutasse e entendesse que não era uma metáfora.

— Ele te machucou? — Novamente seu olhar se prendeu em meu rosto. — Esse corte na sua boca foi ele que fez? — concordei com a cabeça sentindo-me fraca e com vontade de desabafar e contar para ele tudo.

— Leah...



MARCO

Uma coisa simples era me concentrar para achar uma solução, mas não incluía o estado em que a encontrei.

Seus olhos tentavam me dizer algo, mas foi o tom baixo e amedrontado da sua voz que me deixou preocupado. Seu choro silencioso parado nos cílios inferiores dizia muita coisa. Ele contava exatamente que Romano não estava lidando bem com o que aconteceu; que o mesmo agiu de modo duro e cruel com a irmã. E isso só não mudava as coisas, como também as complicavam.

— Ele te bateu? — perguntei em sussurro, observando fixo as lágrimas que escorriam em seu rosto.

Elas me diziam um sim literalmente.

A raiva que senti de seu irmão nesse momento foi absurda, tanto que me controlei para não ir até ele e esmurrar sua cara e fazê-lo engolir cada tapa que deu nela.

— Estou com muito medo. — Leah disse baixo e tentou sorrir ao segurar o choro.

Foi a primeira vez que vi Leah tão vulnerável, destoando-se daquela mulher segura, que se entregou para mim com tanta segurança. Essa sua fraqueza me deixou mais confuso e sem saber o que fazer.

— Ele não pode fazer nada com você.

— Não conhece Romano. — Ela mostrou a marca em seu pescoço ao afastar a gola da blusa em que estava usando.

— Desgraçado! — Inconformado, vendo seu choro calado e imaginando o que ela teve que passar, levantei e me compadeçi ao ir e puxá-la para meus braços.

— Só me tira daqui, por favor. — Seu pedido me fez entendê-la até mais do que pensei que a conhecia. Tudo que pensei em falar para ela e nos

tirar dessa, agora não fazia mais sentido algum, não depois da raiva que comecei a sentir quando vi sua boca machucada e agora vendo a marca ao redor do seu pescoço.

— Por que ele fez isso? — perguntei tentando entender mais um pouco do que motivou Romano a descontar algo pessoal de sua irmã nela mesmo, se nem era ele naquele vídeo.

— Porque ele é um monstro. Ninguém o conhece como eu o conheço. Prefiro morrer do que ficar aqui — Apertei-a mais contra mim e amparei seu choro.

Diferente do tesão que sentia por ela, senti algo maior e a necessidade de protegê-la e, vendo-a tão sozinha, tomei a decisão de ajudá-la. Não poderia deixá-la ali, desprotegida na mão de quem deveria ser o seu maior protetor e, agora, entendo o que ela perdeu com toda exposição. Talvez se tivesse sido a futura primeira-dama de São Francisco esse abuso cruel não poderia afetá-la mais.



LEAH

Precisei desabafar o que sentia e me senti totalmente segura quando Marco me envolveu. Sei que minha única oportunidade de me ver livre de Romano seria ele e precisava tentar de tudo. Não poderia perdê-la e, me vendo em desespero, me envolvi, abraçando seu corpo, encostando a cabeça

em seu tórax como se mostrasse a Marco como me deixava segura e que esperava que ele me tirasse dali.

Dei o tiro certo quando parei de chorar e pude sentir a gentileza com que segurou meu queixo entre seu indicador e o dedão, erguendo meu rosto na direção do seu.

— Preparada para ser a senhora Marco Valentino? — engoli em seco antes de assentir e deixar meu choro de alívio escorrer livre.

— Marco, não precisamos fazer isso, só me tira daqui... — disse da boca para fora e Marco silenciou-me pedindo para que não falasse mais nada.

— Romano jamais permitirá que saia daqui sem um motivo maior. E, veja por um lado bom, vamos foder muito sem ficarem nos filmando, loira — respirei aliviada antes de ser envolvida e deixar Marco me beijar. Não tínhamos aquela paixão, mas tínhamos uma cumplicidade carnal e agora tinha sua proteção e minha liberdade integral.

CAPÍTULO 30

MARCO

Passei as semanas me arrependendo de ter cedido a um instinto de proteção com Leah. Mas quando a vi tão indefesa não consegui pensar em outra solução melhor que me casar com ela. Agora havia me amarrado em um compromisso do qual nunca desejei e não poderia voltar atrás. Com isso, meu humor que sempre fora bom estava ao avesso. Não queria me casar e não era por ser ela, era em geral.

— Está aqui, Marco. — Robert retornava para trás da sua mesa e me entregava o pacto pré-nupcial.

Depois da ordem que derrubou os vídeos que circularam daquela noite, foi a vez de Luca plantar na mídia, o casamento do “casal orgia”, esse foi um dos apelidos em que eu e Leah ganhamos. Mas três semanas foi o tempo suficiente que levou para já estarmos sendo especulados sobre o casamento do ano. Bella deu a ideia de fazer uma enorme festa luxuosa e começar a atrair os olhares para esse lado, ostentando a curiosidade. E tudo

o que planejaram estava saindo como tal. Menos comigo, que me sentia morto e desinteressado, nem mesmo a fera lutava para sair e brincar. Não via Leah desde aquele dia, onde aceitei e disse que a tiraria das mãos do irmão e a beijei, só nos falávamos por telefone e nem eram todos os dias.

Romano a quis levar até o dia do casamento e enviou os termos do acordo nupcial para Robert analisar. A festa ocorreria na mansão dele e, pelo visto, tudo isso acalmou seus ânimos — ao menos Leah me falava que ele estava calmo e que não a tratou mal mais —. Isso me incomodava muito e não a questionaria por telefone, mas a forma abusiva como Romano a controlava me deixava intrigado e, assim que pudesse, conversaríamos a sós sobre isso. Queria muito entender o porquê ela aceitava. Tinha algo que me intrigava.

— O que o desgraçado impôs dessa vez? — Estava às vésperas do casamento e Romano ainda ficava implicando com algumas cláusulas que Giovanni determinou.

Sim... assim que saí naquele dia do apartamento sabendo sobre Leah ter apanhado do irmão, fiquei revoltado e fui direto falar para Giovanni, que depois de tomar conhecimento, afirmou mais ainda a boa ideia do casamento e adicionou umas imposições, mas Romano estava intransigível em relação à irmã atuar como sócia da empresa deles.

— Ele não quer abrir mão do controle da empresa, mas que vai fazer os depósitos em uma conta separada só para ela e mantê-la no conselho. E vai anular a procuração. — Robert me informou.

Outro fato que estranhei e questionei foi de Romano ser quem controlava e ter uma procuração de Leah, o que lhe dava acesso a tudo que era dela.

— Esse cara é um desgraçado — verbalizei irritado ao lembrar da última reunião em que tivemos, que pude perceber ele quase se descontrolar na frente de Giovani, quando o questionei sobre Leah agora administrar a parte dela na herança que recebeu dos pais.

— Marco, é sério que ele bateu nela? — Meu amigo questionou enquanto folheava o documento de mais de cinco páginas.

— Sim, ao menos machucou a boca dela e estava com o pescoço vermelho, mas não consegui ficar com ela sozinho desde aquele dia. Ele a manteve em São Francisco como sua prisioneira ainda.

Eram nessas horas que lembrava sobre o estado como Leah vivia, sob vigília, que esquecia do meu conceito de casamento e minha vida.

— Então quer dizer que não foderam mais?

— Não. Mas confesso que ao menos nisso vou me dar bem, já que fui me meter nessa enrascada.

— Marco, casamento não é tão ruim assim. Olha eu e Léo, estamos vivendo outra fase e estamos felizes. Nos amamos e nos completamos.

— Exatamente isso, vocês têm sentimento um pelo outro, eu e Leah é apenas tesão. A companhia é agradável e o sexo é muito bom, só isso e nada mais.

— Você é cego, só pode. A química de vocês dois é absurda.

— Robert, para de falar com esse sentimentalismo todo. Não combina com um homem do seu tamanho. — Rimos.

— Não é sentimentalismo, se visse de fora ia pensar como nós.

— Começou a falar como Mike. Só senti algo como amor por uma pessoa e ela morreu, não quero amar mais ninguém para depois perder e

estragar tudo que planejei.

— Isso faz muitos anos, Marco. — Robert rebateu.

Ele estava comigo e aguentou tudo. Viu como fiquei destroçado quando Louise morreu por esse meu desespero por sexo. Ela, assim como Leah, incomodava a fera em mim e atiçava ao ponto de me deixar louco de tesão, mas com a loira é diferente, não tem paixão e muito menos amor, só senti pena naquele dia e, como as coisas já pendiam para esse lado, resolvi que seria uma maneira de tirá-la do irmão abusivo e consolá-la. Nos tornando cúmplices e amigos naquele momento, mas só. Não sei como vamos ficar no sexo, se ainda vamos ter um pelo outro a libido exaltada que tínhamos.

— Eleonora fala com Leah todos os dias.

— Léo está apaixonada por ela, isso sim.

— Se tiver, não faço questão, sabe disso, vou é gostar de trepar com sua mulher quando voltarmos a ativa.

— Filho da puta. Só vai foder Leah se eu deixar. — Robert falava tão natural e, confesso que se alguém algum dia substituísse o lugar de Louise, que fosse como Eleonora é para ele.

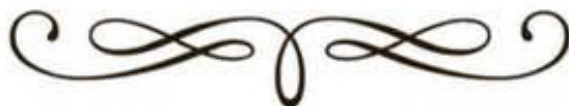
— Falando em foda, os exames de sangue dela chegaram para anexar ao pacto nupcial e já coloquei os seus e enviei para ela. Giovani vai assinar como testemunha — cocei os olhos impaciente.

Por mais que fosse minha escolha, ao invés de tentar achar outra solução estava fazendo isso mais por zelo e senso de proteção pela loira selvagem.

— Ânimo, meu amigo, é daqui a dois dias seu casamento. Vai para São Francisco que horas?

— Daqui a pouco. Romano convidou a família da noiva dele para um jantar antes do casamento. — Cansado, suspirei e relaxei na cadeira terminando de folhear os termos. O *filho da puta* queria passar a imagem de bom moço.

Depois que assinei, não me demorei muito mais e, desanimado, fui direto para São Francisco. Mais cedo, quando saí de casa, levei tudo que precisaria para participar desse maldito jantar.



Tirei os óculos de sol assim que entrei e passei pelos portões da mansão onde Leah morava com o irmão. A casa era enorme, desde a fachada moderna até os carros dispostos lado a lado, estacionados na lateral do jardim.

— Boa tarde, Sr. Valentino. — Um dos seguranças veio até mim assim que parei o carro que aluguei e entreguei a chave.

— Boa tarde! — Bati amigavelmente no ombro do homem e passei por ele indo em direção à porta aberta, onde tinha uma mulher na entrada me esperando.

— Boa tarde, sr. Valentino, seja bem-vindo! Don Canttaneo está em reunião, mas a senhorita está no quarto dela. Avisarei que o senhor chegou!

— Assenti e entrei para o interior da casa logo atrás da mulher de uniforme.

— Ei! Me mostre onde é, quero fazer uma surpresa para Leah. — Não sei o que deu em mim ao pedir para me levarem no quarto dela, talvez seja ainda alguns pontos que queria saber sobre o que estava acontecendo, algumas coisas que ainda me deixava intrigado que me fez fazer tal pedido. Talvez ir até seu quarto seria melhor do que se conversássemos sobre a vigília de algum funcionário. A mulher concordou e em silêncio foi a minha frente, me guiando até o andar superior e depois pelo longo corredor, me deixando na porta do quarto.

Assim que entrei ela fechou a porta.

— Joddie, é você? — A voz de Leah surgiu de algum lugar do enorme cômodo. Me guiei procurando-a. O quarto era grande e tinha uma cama que fazia jus ao tamanho proporcional do espaço, era todo em tons de cinza e rosa, a decoração era moderna e sofisticada como ela, não tinha muitos móveis, mas notei a divisória espelhada na lateral. — Joddie! — Tornou a chamar o nome que supus ser da funcionária que me trouxe.

Caminhei e parei na porta do seu closet quando a vi de costas mexendo dentro de alguma gaveta a sua frente. A imagem que tive me fez lembrar o porquê sentia um tesão do caralho por ela, esquecendo o porquê de querer encontrá-la em seu quarto.

Leah estava com uma espécie de saia em renda branca que cobria só a bundinha arrebitada, os cabelos estavam soltos e anelados pouco abaixo do ombro. Foi instantâneo a vontade que senti de tocar em seu corpo, me fazendo esquecer essa merda toda de casamento, na verdade, estava era despertando o animal adormecido em mim.

— Oi! — disse baixo. Me encostei de lado na entrada e coloquei a mão nos bolsos. Fiquei esperando olhar para trás e me ver, mas acho que a peguei de surpresa, pois não disse nada quando se virou e me viu, ficando imóvel por segundos.

Put a que pariu!

Meu corpo reagiu ao vê-la de frente, vestindo o sutiã de tule branco, marcando na transparência o contorno das mamas pequenas.

— Está linda! — elogiei e, depois de semanas sem tocar em seu corpo e sentir esse cheiro afrodisíaco, não consegui ser imune ao tesão que tinha por ela.

Desencostei e caminhei até onde estava. Leah ficou me olhando com os lábios pintados de vermelho entreabertos, me convidando e, deixando a fera sair, a envolvi, trazendo para o meio dos meus braços.

— Prefiro as calcinhas pretas, mas essa branca a deixou tão ninfeta que não resisti... — Que se foda que estamos dentro do seu closet, a foderia em qualquer lugar só de lembrar de como seu corpo era perfeito. Ao menos nesse contrato teria os bons benefícios de ter a boceta de Leah Canttaneo na hora que eu quisesse, sem frescura e sem tempo cronometrado para trepar com ela.

Encurvei e traguei sua boca e, sem falar nada, Leah cedeu fácil, me deixando morder o lábio inferior antes de caçar sua língua e enrolá-la na minha. Beijei-a, sentindo o gosto mentolado de pasta de dentes em sua boca. As suas pequenas mãos reagiram e foram parar na minha nuca ao apertar seu corpo contra o meu. Segurei nos seus flancos e a apertei contra minha pelve. Estava duro como aço e foi tão rápido, bastou eu vê-la quase

nua para que eu reagisse como um animal, lembrando de como era bom estar dentro da sua vulva apertada.

— Quero te foder, ainda mais agora, que vou sentir a verdadeira temperatura da sua boceta — soltei da sua boca e ainda, com seu corpo colado no meu. Com uma das mãos cacei sua *racha*, levantando a renda procurando sentir a púbis lisa e o vão melado, antes de afastar o fio da calcinha e enfiar o indicador dentro.

Leah gemeu se agarrando a mim, quando remexi o dedo dentro da sua cavidade.

— Aonde vai querer que foda você, aqui ou na sua cama, querida?
— Esqueci os reais motivos e a levei até a parede e, a presei.

— Ah, Marco... — Me descontrolei quando arfou meu nome em um gemido.

Deixando essa atração doida que sentia por ela extravasar, coloquei de lado a nossa situação e juntei seus pulsos com uma mão e levantei-os acima da sua cabeça.

— Vai ser aqui mesmo — decidi e ataquei seu pescoço deslizando minha boca pela pele perfumada.

Essa vontade absurda que sentia quando meu corpo queria o seu me fazia perder a cabeça. A foderia ali mesmo, sem ter medo de alguém chegar e nos flagrar.

Soltei suas mãos e permiti que abrisse minha calça e expusesse meu pau rijo.

— Que saudade de trepar com você, loira! — disse quando senti suas mãos movendo e fechando ao redor do falo rígido, apertando-o.

Felizmente o tesão não diminuiu e essa força deliciosa, que me tomava me fez ser impaciente ao passar uma das mãos por baixo da coxa, erguendo uma de suas pernas. Me encaixei e deixei a glândula inchada roçar a entrada molhada antes de escorregar para dentro da sua bocetinha quente e macia.

— Caralho, Leah, que boceta quente — disse gemendo, ao sentir a temperatura do meu pau se elevar ao entrar em contato com as contrações do músculo da sua vagina. Ela me apertava me deixando mais molhado para eu me movimentar.

Entrei e saí várias vezes lentamente.

Queria sentir por mais tempo como era estar dentro dela sem nada. Confesso que era maravilhoso e isso seria um dos benefícios de me casar com Leah: poderia fodê-la livre sem nenhuma barreira.

CAPÍTULO 31

LEAH

Mal conseguia me equilibrar enquanto Marco investia deliciosamente em mim.

Nossa... esse homem era mais quente que o próprio fogo do inferno.

Até cheguei a cogitar que essa atração esfriaria entre nós, ainda mais depois de deixar bem claro que não queria se casar e sei que voltou atrás para me tirar daqui. Parte de mim era uma felicidade infinita, mas por outro lado algo me cutucava e me espetava lá no fundo, me acusando de usar do seu senso de proteção para fazer o que eu queria. Por isso, o evitei todos esses dias e falei com ele o mínimo possível, mas agora foi como se jogassem um fósforo aceso em uma poça de combustível, incendiando tudo ao redor.

Ele me olhava pesadamente, me dando ordens. Meu corpo agia como se fosse sua escrava, estando ciente de como era bom tê-lo dentro de mim, com satisfação garantida de muito prazer. Não lhe disse nada, apenas

deixei fazer o que queria. Digamos, que além de maravilhoso o ato me trouxe um alívio completo, por saber que ainda sentíamos muito tesão um pelo outro a ponto de, fodermos vestidos contra a parede.

— Ah, loira infernal... — sussurrou ao parar de movimentar e deixar seu queixo pressionando o osso do meu ombro após gozar dentro de mim.

Meu corpo se arrepiou todo quando os pelos de sua barba, por fazer, raspavam em minha pele.

Semanas atrás, depois que ele decidiu seguir com a ordem do irmão sobre o casamento, procurei uma ginecologista para optar por um método contraceptivo. Por mais que gostássemos de coisas atípicas no sexo, sei que uma hora ou outra escaparia e foderíamos sem proteção e, além do que, Marco em uma das nossas conversas, pediu que eu fizesse meus exames de sangue para anexar ao pacto pré-nupcial junto com os seus, me deixando subtendido que transaríamos sem preservativo, e isso confirmou depois quando entramos no assunto sobre nossa vida sexual e me pediu para procurar um médico e começar a tomar pílulas.

Tudo entre nós ainda era meio que com alguns receios, mesmo compartilhando várias vezes do sexo.

— Vou precisar de um banho — disse descendo minha perna, forçando Marco a se retirar de mim.

— Também vou precisar me limpar — selou meus lábios e segurou seu pau ainda ereto, deixando no vazio das minhas coxas meladas.

— Tem lenços na primeira gaveta do banheiro, a não ser que prefira tomar um banho.

— Prefiro um banho.

— Mande preparar o outro quarto para você. Não sei se voltaria ainda hoje para Nova Iorque.

— Sem essa, Leah, se entrei nessa de casamento com você, também não vai ficar me tratando como seu companheiro de farra mais não. — Marco se irritou e me deu as costas indo na direção da porta aberta do banheiro.

— Não lhe tratei como meu parceiro de farra, só pensei que poderia querer manter as aparências — disse o acompanhando.

Por dias pensei em como seria nossa relação. Era um caminho no escuro, ele não queria, mas tinha entrado nessa e quando chegou já fôdemos sem ao menos nos cumprimentar direito, o que me levava a ter muitas dúvidas de como seria.

— Leah, entenda uma coisa, tenho um enorme tesão em você, daqui a dois dias dividiremos nossas vidas em todos os aspectos. Não é porque não temos um sentimento que vou te tratar distante. — Marco parou no centro do enorme banheiro branco e começou a despir-se à vontade, enquanto pontuava algumas coisas, como se estivesse habituado a fazer isso há muito tempo.

— Eu só pensei...

— Querida, não pense, vamos nos dar bem, só isso — Senti toda sua frustração e fiz como queria, parei de pensar em suposições.

— Então como vai ser? — perguntei enquanto o observava retirar o terno caro que usava.

— Simples e prático. Dividiremos o mesmo teto, se estiver a fim dividiremos a cama também. Sei o quanto gosta de fazer sexo, compartilharemos esse nosso vínculo sexual. Nos divertiremos muito,

lindinha. — Terminando de tirar a roupa e, de costas para mim, virado na direção do chuveiro, terminou de tirar a cueca me dando a bela visão da bunda redonda e musculosa.

De fato, esse lado da relação era um bônus e, pela primeira vez, pude sentir nisso tudo o gosto da liberdade se aproximando.

— Vamos ter um relacionamento aberto? — perguntei e já que falaríamos abertamente precisava saber até onde poderia ir.

— Por enquanto não. — Marco virou-se e estreitou o olhar, me encarando ameaçadoramente. — Eu escolho quem te fode daqui para frente, por mais que seja tranquilo em relação a esse nosso fetiche, não vou me colocar em escândalos porque minha futura esposa gosta de trepar igual a mim. E isso serve para o mesmo em relação ao meu lado também. — Marchou voltando a ficar centímetros de mim e segurou possessivamente meu queixo. — Se vamos fazer isso vamos nos divertir juntos, Leah.



MARCO

Puto e fulo era o estado mental e de espírito que estava comigo mesmo. Fodi Leah sem antes saber de tudo. Minha intenção ao vir e jantar — começando a bancar parte integrante da família Canttaneo —, foi para conversarmos sobre o fato possessivo e descobrir porque permitia que seu

irmão a tratasse como uma prisioneira e submissa. Porém, ao invés de entrar nesse assunto, fui enredado pelo monstro em mim, que era alucinado no seu cheiro e na forma como exalava sexo e sacanagem por todos os poros.

Nossa situação era complicada, pois tínhamos intimidade quando se tratava de sexo, mas ainda éramos dois estranhos, que mal sabia como cada um era no dia-a-dia. E foi bom Leah me dar esse espaço, assim tivemos a oportunidade de falar, deixando de lado a maneira polida que tratávamos um ao outro. Teríamos que deixar a formalidade desde já, começando pelo fato que não era um hóspede e, sim, que seria seu marido daqui a dois dias.

— Outra coisa, querida, vai dormir enroscada em mim no início, gosto muito de foder de madrugada, enquanto ainda tivermos esse desejo seremos constantes. Vai ser por um tempo até se livrar de uma vez de Romano. — Não tinha dito nada que nosso casamento seria por um tempo. Minha intenção era mencionar quando conversássemos, mas pelo visto tudo que planejei saiu de outro jeito.

— Não entendi. — Leah manteve-se com o rosto empinado e semicerrou os olhos verdes.

— Não era para termos fodido antes, queria conversar com você pessoalmente, antes de mais nada, mas você ferrou com meu psicológico ao estar me esperando assim. — Passei minha mão sobre a lingerie branca, fazendo o contorno da bunda dela.

— Não estava te esperando assim. — Sorriu e remexeu manhosamente quando levantei a renda e toquei na polpa do músculo.

— Você não vale nada quando se trata de sexo. Impossível conversar com você desse jeito, loira. — Senti que já nos envolvia naquela

densa situação de sensações e desejos. — Olha... vamos ficar casados por um tempo, assim que conseguir um jeito de tirar você de qualquer laço que tenha com seu irmão, entraremos com o pedido de divórcio. Mas até lá vamos foder muito, querida.

— Quem casa já pensando em se separar?

— Nós, minha lindinha. Mas nada que não possamos deixar esse tempo ser muito prazeroso. — Leah ficou me olhando pensativa e achei que fosse falar algo contrário, mas o belo sorriso que me deu confirmou que estava de acordo. — Não tem no nosso pacto pré-nupcial, mas esse é o nosso acordo.

— Tudo bem.

— Agora vamos comemorar, minha quase esposa gostosa e nos atrasar para essa porcaria de jantar porque vamos tomar um bom banho. — Puxei-a e fui empurrando-a com meu corpo até a base de mármore da pia. A peguei no colo, erguendo-a ao posicionar minhas mãos logo abaixo do contorno da sua bundinha empinada.

Leah estava de meias e sapato.

Depois que a coloquei sobre a bancada tirei seus sapatos e suas meias. Em seguida, segurei um dos seus pés e comecei a massagear e beijar cada dedo, sugando-os. Fiz o mesmo no outro pé antes de subir beijando suas coxas. Me coloquei entre suas pernas, trazendo-a mais para frente e segurei-a pela nuca, deixando seu rosto perto do meu. Com a outra mão alcancei o fecho do sutiã e o abri, ajudando-a a retirar. Agora faltava só a saia em renda junto com a minúscula calcinha que teve o mesmo fim que o restante das outras coisas.

De novo com um tesão absurdo, a peguei no colo e a levei para o enorme espaço onde estava a ducha. Leah se enroscou em mim e só se soltou quando a coloquei de pé no chão e pedi que abrisse a água quente. Beijei-a de novo, sentindo aquela deliciosa umidade da sua boca e, novamente, me enterrei em seu corpo e a fodi lento e deliciosamente sob a água que escorria entre nós.

Confesso que a melhor parte de tudo isso era ter seu corpo assim: mais entregue do que foi alimentando muito bem a fera dentro de mim. Mas se achei que compartilhávamos uma gostosa maneira de aproveitar do sexo me enganei. A coloquei de costas e pedi que empinasse a bunda e jogasse seu corpo para frente. Leah ajeitou-se da maneira que pedi, me recebendo apertada e mais molhada que antes.

Aumentando minhas investidas, me vi envolvendo seu pescoço com as mãos, fechando ao redor dele. Alucinado, arremeti entrando firme, chocando minha pelve na nádega redonda. Segurei no seu pescoço enquanto a castigava nas arremetidas.

— Aperta mais, Marco. — Cego de desejo apertei e a enforquei.

A forma sádica como me pediu: que apertasse seu pescoço, fez com que meu corpo reverberasse em gozo, me fazendo investir pesado ao afundar-me mais dentro da sua boceta. Sua vagina além de me apertar molhava todo meu pau, deixando-o mais quente. E mal me recuperando da rapidez e da voracidade que o gozo me atingiu a vi desfalecer e pesar em meus braços, dando-me o tempo necessário para soltar seu pescoço.

Leah acabou desmaiando em meus braços e preocupado, vendo que não estava de olhos aberto, a trouxe para mais perto do meu corpo.

— Leah... — chamei por seu nome, mas ela não respondia.

Uma onda de temor me invadiu, me atormentando e me levando a entrar naquela roda passada de sensações, revivendo o medo quando não me respondeu.

— Leah... Leah... — Nada dela me responder.

Comecei a me desesperar.

Não poderia ser possível que isso estaria acontecendo de novo?

Virei-a em meus braços, com o corpo todo mole e bati em seu rosto tentando acordá-la. A cada tapa que dava na lateral da sua face, me deixava mais nervoso e apreensivo. Só fui me acalmando quando percebi toda estrutura do seu tórax subir e descer lentamente, movimentando. Quando voltei a olhar para seu rosto encontrei as duas jades me encarando.

— Que susto — disse, sentindo o alívio me invadir e a fera dentro de mim rugir encontrando finalmente a parte que lhe faltava.

— O que fez comigo? — perguntou baixo e não consegui respondê-la que acabava de entrar em um mundo diferente e que experimentou a forma mais arriscada e potente de ter prazer.

CAPÍTULO 32

LEAH

O que foi tudo isso? Quando me vi estava caída em seus braços, lânguida de tanto prazer que percorreu meu corpo. Me varrendo até me misturar no vórtice de sensações que produziu em mim.

Marco era bruto e muito gostoso. Tinha um quê a mais dessa mistura potente de sedução e virilidade, que me envolveu completamente, ao sentir sua mão garrotear meu pescoço possessivamente. Queria mais, queria que se apossasse de uma vez do meu corpo e, quando pedi que apertasse forte, tudo em mim reverberou com a pressão. Meu ar faltou se misturando ao prazer que expelia de mim. Me fazendo ter um vislumbre do paraíso ao delirar sentindo sua rigidez se afundar cada vez mais dentro, roçando deliciosamente a parede do meu interior, massageando exatamente em cima do ponto prazeroso, me fazendo gozar longo e lentamente.

As cenas eram pausadas e a potência com que fui tomada pelo momento me levava a me jogar dentro da minha alucinação, como se fosse

uma cama macia.

Foi tudo tão perfeito que precisava de mais e, quando abri os olhos para pedir, encontrei as duas turmalinas me observando, assustadas com suas pupilas em alerta.

Gostava dessas variações de verde e azul que seus olhos assumiam quando algo saía diferente.

— O que foi isso? — perguntei esperando a resposta e uma explicação pela forma como fui tomada e gozei alucinando. Nunca antes tinha acontecido isso comigo, foi diferente, potencializado em escala maior.

— Você desmaiou — não me lembro de nada, só da forma como fui arrebatada. — Acho que a água quente abaixou sua pressão. — Com um tom preocupado em sua voz me respondeu, endireitando-me dentro dos seus braços, me segurando firme.

— Acho que não me alimentei bem hoje. — Ele ainda mantinha seu olhar pesado em mim, me analisando. Seus lábios grossos formavam uma linha intrigante e me vi tentada a beijá-lo novamente, mas me controlei.

— Pode ser isso. — Vi um Marco extremamente intenso se tornar distante em segundos quando me soltou e terminou seu banho sem falar mais uma palavra, me dando as costas.

Fiquei completamente sem entender nada do que aconteceu. Primeiro estávamos transando e gozei. Depois acordei em seus braços com ele me dizendo sobre desmaiar e agora seu silêncio. Algo estava errado, mas não o questionaria e acabei agindo como estava fazendo, dando o meu silêncio ao deixá-lo ficar dentro da sua caixa.

Fui para a outra ducha e terminei meu banho dando-lhe espaço. Erámos assim: cúmplices sexualmente, mas quando se tratava dessa

intimidade nos tornávamos estranhos de novo. Ainda tínhamos essas barreiras que se colocavam entre nós.

Quando saí do banho e retornava pra dentro do *closet*, o vi sentado no estofado central, já trocado com sua cabeça apoiada pelas mãos e os cotovelos no joelho.

— O que queria conversar comigo? — perguntei quebrando o silêncio entre nós dois.

— Leah, vem e senta aqui. — Ele bateu com a mão onde queria que me sentasse.

Ainda retirando o excesso de água do cabelo, fui e me sentei ao seu lado.

— Precisamos conversar algumas coisas. Não tivemos tempo nessas semanas e também não é um assunto do qual deveríamos tratar por telefone.

— Sim... — Confesso que estava com muito medo desse momento. Nunca se sabe o que vai vir do diabo de olhos claros.

— Essa conversa queria ter tido com você antes de transar, mas me desculpe se temos que pontuar algumas coisas logo depois.

— Sem problemas, Marco. Somos práticos. — Tentei sorrir diante da falta de romantismo que jamais poderia esperar dessa nossa situação.

— Estou entrando nessa confiando cegamente em você. Então em primeiro lugar: quero que me conte tudo e nunca esconda nada de mim. Independentemente do que for. Não gosto de mentiras e, se tem algo que não tolero, é isso. Então preciso de sempre estar a par, pois só assim poderei ter ideia do que faremos. Quero que me conte todos os detalhes e dos porquês de Romano tratá-la assim — concordei assentindo. — É sério e

precisamos pensar em tudo, pois já estou ciente da sua situação e que Romano controla seu dinheiro.

— Sim... ele me fez assinar uma procuração quando me separei de Maison.

— Robert me informou sobre isso, mas creio que resolveremos logo. Outra coisa que sequer pensamos: aonde ficaremos... tenho um apartamento, mas antes de nos envolver, o emprestei a Luca e agora não posso simplesmente chegar e dizer para ele sair, vamos procurar algo e alugar, enquanto isso, ficaremos em um dos apartamentos no apêndice da casa da minha mãe. É provisório.

— Marco, podemos ficar na cobertura em Manhattan pelo tempo que precisar. Romano nunca vai lá. E lá também é meu.

— Vamos ver isso quando voltarmos de viagem. Até porque preciso te contar que Romano não abriu mão em dividir o controle da empresa de vocês dois, ele concordou em separar as contas e fazer o repasse dos lucros todos os meses. Giovanni ordenou que ele a deixasse financeiramente independente.

— Tudo bem.

— Você foi ao médico? — Ele estava sendo direto e, mesmo querendo aquele Marco explosivamente sexual, entendia que essa conversa agora era mais que necessária.

— Sim, já comecei as pílulas há 15 dias.

— Bom, pois não vamos complicar as coisas que já estão complicadas demais para nós.

— Com certeza... — Acho que estava tão tensa em relação às coisas entre nós que respirei aliviada.

Por todos esses dias tive medo de Marco chegar e cancelar tudo, me deixando para trás e presa aqui, mas qualquer exigência sua para me tirar daqui valeria a pena.

— Vamos ficar sete dias em Nápoles, Bella acha que devemos fazer tudo completo e concordo, além do que, tirar uns dias dessa loucura vai ser bom. — Sorri concordando, me sentindo melhor e menos apreensiva.

Quando Marco entrou nessa para me ajudar, a forma como ocorreria, tudo partiu de Bella e Giovani. Eles exigiram um grande casamento e que tudo fosse noticiado, tentando abafar o escândalo. O que deu certo. Romano que não estava muito feliz, pois teve que arcar com todas as despesas, que na verdade sairia do meu dinheiro e não do dele, mas mesmo assim, reclamou e me humilhou bastante. Foram três semanas preparando e aguentando seu mal humor, pelo menos não ousou me bater, até porque contei-lhe que Marco estava desconfiado e que se fizesse de novo e me marcasse, o colocaria em uma situação delicada com Don Valentino.

— Outra coisa... — Marco me estendeu uma caixa pequena e abriu, me mostrando um solitário lindo. — Não existe noiva sem seu anel de noivado. — Sorri e acho que meus olhos brilharam, mesmo que não fosse nenhuma novidade, mas mesmo assim fiquei feliz com o carinho que pensou sobre fazer tudo parecer real, só não me surpreendi, pois já tinha conhecimento sobre Marco ter sido visto em uma famosa joalheria. A manchete especulativa dizia ser sobre um anel.

— Agora, em relação ao sexo: já avisei. Você não vai sair por aí trepando sem meu consentimento e sem eu estar junto. Leah, não podemos

estragar tudo, vamos aproveitar essa atração e não ferrar as coisas dessa vez. — Segundos depois de ser um Marco completamente atencioso, se tornava um babaca e o fato e a forma como achava que saía por aí abrindo as pernas para qualquer um, muito me irritava. Já fui assim, hoje não mais, não que eu não goste de transar com quem tenho tesão, mas o que Marco não fazia ideia é que estava bem satisfeita com ele por enquanto.

— Poderia parar de pensar que vou sair por aí abrindo as pernas.

— Por mim não tem problema, porém, sabemos que qualquer coisa trará outro escândalo. E outra coisa, loira... poderá abrir sempre para mim que não vou achar ruim. — Ele satirizou suas palavras e consegui entender a brincadeira como uma maneira de aliviar a tensão e nos unir de uma forma mais aberta.

— E o senhor também não vai ficar fodendo por aí em nenhum banheiro.

— Claro que vou. Ainda mais se tiver uma loira apimentada me convidando. — Inesperadamente, após concluir, Marco aproximou-se me entregando a pequena caixa e mordendo a lateral do meu rosto. — Vou te foder em qualquer lugar, querida. Vou aproveitar muito, tirar algum benefício da coleira. Me dá seu dedo para colocar esse anel de uma vez.

Sem romantismo, Marco colocou a joia de noivado em mim.

— Por último, Leah. Não vamos ter mais ninguém do seu irmão por perto e nem sua vigilância de câmeras. Sua segurança será feita pelos homens de Giovani e, se sentir melhor em ficar no seu apartamento, ficaremos até Luca se mudar do meu.

— Tudo bem. — Parte de mim relaxou aliviada após conversarmos, e ver que tudo ainda continuaria, me deixando livre em apenas dois dias.

Marco ficou em meu quarto enquanto me trocava, acabei me demorando um pouco mais para descer e, assim que descemos, encontramos toda família Wilson já a nossa espera. Estavam reunidos com Romano na sala, inclusive Tedy, que me olhava fixo. Mais uma jogada de mídia de Romano para segurar o seu noivado com a filha do prefeito. Ele exigiu que tirássemos uma foto com o futuro prefeito. Como se tivéssemos ganhando um presente de casamento dele.

Tudo arquitetado, o que estava sendo bem eficiente.



DIA DO CASAMENTO

Foram dois dias corridos, Marco voltou no outro dia para Nova Iorque, me deixando ali para terminar os preparativos. Naquela noite, dormimos em meu quarto e transamos antes de dormir, no meio da madrugada e pela manhã, antes do café.

Essa atração de nossos corpos era boa demais e poderia ser o que segurasse o tempo em que ficaríamos casados. O que a meu ver não seria

ruim. Conquistando minha liberdade para mim, qualquer negócio seria bom se no fim eu estivesse livre de Romano.

Ainda não tinha contado para Marco o que havia me pedido — para me abrir e contar tudo —, deixaria para quando estivéssemos só nós dois. Viajaríamos para Nápoles e ficaríamos no Castelo Ditorini, aproveitaríamos o verão e retornaríamos a tempo para o aniversário de Don Valentino.

— Está pronta? — Estava olhando e observando através do vidro fechado os convidados no jardim e acabei me assustando quando olhei por cima dos ombros e o vi parado de fraque. Mesmo sendo combinado, meu corpo arrepiou-se todo, me fazendo sentir mais atraída ao vê-lo, lindo e pronto para casar comigo.

— Estou sim! — Girei sem sair do lugar.

Sei que reza a lenda que “ver a noiva antes do casamento dava azar”, mas nenhum de nós dois estava se importando com isso. Tínhamos um plano e que de qualquer forma não daria para voltar atrás, então não tinha nenhum pragmatismo que faria dar errado.

— Está linda! — Marco entrou no meu quarto e fechou a porta nas suas costas.

Toda cerimônia e festa seria nos jardins da casa onde cresci e estava tudo impecável. Ao menos, dessa vez, casaria no melhor estilo de conto de fadas. Meu felizes para sempre vinha na forma de liberdade e, de quebra, muito sexo por um tempo. Sem mencionar que estaria casada com um homem lindo, sensual e muito gostoso. Então, tinha um príncipe do sexo que me deixaria livre. Estava ótimo!

Seu olhar me varreu de cima a baixo.

— Nunca fodi uma noiva antes do seu casamento. — Aproximou-se, me envolveu em seus braços e tentou me beijar.

— Ah... e, também não vai me foder. — Espalmei a mão em seu peito e tentei afastá-lo.

— Estou dizendo que mulher quando casa não quer trepar com o marido. — Sua risada era debochada e, claro que deixaria ele me foder o quanto quisesse, mas não agora, quando sei que me deixaria toda desarrumada.

— Não fala idiotice. Ainda nem somos casados.

— Piorou, se nem somos e já está assim, imagina quando estiver casada. Vai me deixar de pau duro e bolas roxas.

— Marco, sei que se eu erguer o vestido não vou me contentar com uma rapidinha, querido. E falta meia hora para descermos. Depois pode me trazer e foder o quanto quiser que não vou reclamar.

— Leah, você é muito ordinária e é por isso que tenho esse tesão em você, sabia?

— Só eu sou a ordinária aqui? — Encarando-o me aproximei e quase o beijei.

— Você é pior, loira. Estou duro e hoje ainda vou foder muito você.

Depois da ameaça sexual, ele me deixou quando Romano chegou estragando o pequeno momento de descontração entre nós dois. Os dois se entreolharam e senti o clima ficar tenso quando passou por ele saindo do quarto. Desde aquele dia, quando viu as marcas que meu irmão deixou em mim, Marco passou a não ser muito cordial e esse lado seu de não ter medo dele me fez ansiar por estar casada logo.

Sei que teve tudo para dar errado, mas no final saiu conforme eu queria.

— Vamos, Leah. Vamos ver o circo armado pelos Valentino. — Romano aproximou e sorriu diabolicamente. — No fim, pelo menos, vou ter informações da família Valentino. Não que fosse isso que queria, mas fazer o quê se a vagabunda da minha irmã não consegue ficar de pernas fechadas? Mas dessa vez não foi com um derrotado como Maison, só com o fracassado do irmão do meio. — Engoli em seco escutando o desdém que fazia, estava no fim de ter que aguentá-lo.

— Podemos descer, Romano. — Ele sorriu antes de dar leves batidas em meu rosto.

— Mais uma coisa, querida irmã, você vai me trazer tudo de informação que souber, agora vai ser um deles e quero ficar a par de tudo, isso me ajudará muito — disse ameaçadoramente.

Não era possível que no fim Romano, depois de tudo, ainda encontrava um jeito de me atormentar e tentar me manipular. Fechei os olhos desejando não reviver o mesmo tormento de sempre, mas bater de frente agora, que estava a um passo de me ver livre, colocaria tudo em risco.

— Sim, meu irmão — concordei, encenando da forma mais convicta que podia para me ver livre o mais rápido possível dele.

— Vamos. — Juntou meu braço e se posicionou ao meu lado.

CAPÍTULO 33

MARCO

Saí do quarto de Leah deixando-a com o asqueroso do seu irmão. Posso ser bruto e prático no sexo, mas jamais trataria uma mulher com porradas ou mesmo com ameaças. E, por isso, algo dentro de mim disse que ainda tinha alguma coisa escondida e foi certo: quando, ao invés de descer, fiquei escutando do lado de fora da porta e foi nítido sobre seu jogo sujo e ainda mais; por querer saber informações da minha família.

O que adiantou minha conversa com Leah? Esperaria só uma brecha depois da cerimônia e a questionaria sobre tudo; principalmente, o que Romano queria saber sobre minha família.

Algo estava muito estranho em tudo isso...

E, antes de saírem do quarto, desci encontrando uma das cerimonialistas. Ela me procurava e em seguida após falar comigo me levou para onde estava minha mãe.

— Mais um filho meu casando e não conheço nem a noiva. —
Minha mãe segura por uma das suas acompanhantes aproximou-se de mim.

— Sem dramas, Dona Ana — disse ao segurá-la, mantendo-a firme em pé.

Ela estava cada dia mais perdendo a tonalidade muscular, tendo variações sensoriais de tempo e espaço. Além de se esquecer de muitas coisas e informações cotidianas.

É, a idade chegou para ela.

— Giovani casa escondido, Luca não me deixa fazer parte da vida dele e nem pude ir ao seu casamento por causa da sua esposa. Agora, eu nem conheci e aprovei essa moça. Rafaello foi o único que fez tudo certo.

— Mamma, a senhora a conhece sim, só não se lembra, mas vai gostar de Leah. — Sorri tentando disfarçar minha preocupação sem deixar de dar importância ao seu lamento. Embora minha cabeça não estava ali, naquele momento. Meus pensamentos estavam rodando, tentando achar uma explicação para o que tinha acabado de escutar no andar de cima.

— Os dois poderiam me acompanhar? Precisam ir para a nave. O padre os espera. — Uma mulher vestida de preto, usando um comunicador preso em seu rosto, aproximou-se e nos avisou que deveríamos ir.

Por mais que tenha topado entrar nessa, toda essa cerimônia e as centenas de convidados que estavam de pé, dispostos por duas filas de cadeiras, me deixava desanimado. Nunca quis me casar, a não ser com Louise, a única mulher por quem fui apaixonado e fiz planos, sentindo que a queria ao meu lado para sempre. Depois que ela morreu, nunca mais quis me prender a uma mulher como a queria aqui comigo. Queria que fosse com ela. Leah não era ruim, mas não era Louise e esse sentimento de pesar

me tomou de uma forma que comecei a repensar se estava fazendo o certo, por mais que tivesse toda essa complicação e minha promessa de ajudá-la, ainda assim tinha minhas dúvidas. Sendo que agora: meu primeiro e único amor não saía da minha cabeça.

Desde aquele banho, me vi retornando às lembranças dela, da intensidade que vivemos um dia, da cumplicidade sexual que dividíamos. Louise foi única e, por mim, seria até o fim da minha vida. Não posso dizer que não me apaixonei por outras mulheres, mas amar, foi só uma e depois da forma como a vi partir prometi que seria só ela a dona desse sentimento em mim. Infelizmente, essa é a parte destruída da minha vida e, mesmo Leah alimentando a fera em mim, igual minha antiga namorada fazia e até melhor, não seria a mesma coisa. Contudo, agora era hora de honrar com minha palavra.

Segurando firme minha mãe, caminhei até o fim do longo corredor, todo decorado e projetado para aquele momento. O que não deixava de ter sua beleza no fim de tarde, assim como Leah quis que fosse.

Ajudei a matriarca dos Valentino a se sentar e me posicionei ao lado de meus irmãos, Robert e Mike. Pedi que fossem meus padrinhos, o único que não estava ali era Raf. Não o culpei por não estar presente, ele estava com problemas em seu casamento e exigir sua presença seria egoísta da minha parte. Não demorou muito a vi entrar ao lado do desgraçado que sorria como se estivesse de acordo e fosse o melhor irmão. Nossos olhares se encontraram e sorri, dando-lhe a mesma força que me enviava. Sei que não foi nada disso que escolhemos, mas agora, sem voltas, precisávamos enfrentar juntos esse nosso plano doido.

Entretanto por mais que fosse só tesão, não poderia deixar de achar Leah linda, ainda mais vestida de noiva. O vestido foi a escolha perfeita

para seu corpo, que emoldurou cada contorno do pequeno corpo detalhado. Ela era uma mulher encantadora e estava mais ainda hoje.

A esperei chegar até mim para tirá-la e segurar em sua mão e a levar até o padre que nos esperava com sua bíblia aberta.

Confesso que não me atentei a uma palavra que ele proferia e só a beijei quando disseram que era para fazer. O animal em mim rugiu, apressando da sua presa, decretando que agora ele era seu dono. Confuso sobre essa duplicidade de sentimentos, a tirei dali sobre aplausos e as chuvas de arroz.

Nos encaminharam para um local onde alguns fotógrafos liberados por Luca fizeram fotos nossas, e depois de uma hora nos levaram para a festa e, ali, me soltei dela e fui para perto dos meus irmãos e meus amigos.

— Para quem não se casaria, Marco teve o casamento do ano. — Luca brincou e referiu-se a ostentação que foi.

De fato, a festa estava cheia e todo luxo que existia nessa área estava ali, mas eu só queria sair desse lugar.

— Estamos felizes por você. — Eleonora me abraçou e beijou meu rosto. — Sabia que ia ficar com ela. Leah é sua versão feminina.

— Está dizendo isso porque está apaixonada por ela.

— Marco, não nego que sinto atração por ela, mas não sou nenhuma idiota em ver como são quando estão juntos. Gosto dos dois do mesmo jeito.

— Grávidas e seus sentimentalismos!

— Que ao menos encontre a felicidade de algum modo. — Casey me abraçou.

Todos os meus amigos e meus irmãos sabiam que o casamento foi a forma como encontramos para amenizar a situação complicada, mas não deixei as duas mulheres saberem que Leah sofria abusos por parte do irmão. Nem Mike, só Robert e minha família sabia desse detalhe. E foi por esse motivo que agora estava com o círculo de ouro em minha mão esquerda.

As horas passavam e a festa continuava enquanto bebia, me mantendo afastado de Leah. Nessas misturas de sentimentos que me tomaram nesse momento, estava querendo uma distância, mas foi inevitável quando se aproximou de mim.

— Leah, como você está linda. — Robert abraçou a loira.

— Obrigada, Robert.

— Minha loira favorita. — Eleonora a abraçou e segurou o rosto de Leah entre suas mãos. — Parece uma boneca.

— Obrigada, Léo. — Leah sorriu e se virou para mim após sair do abraço da morena.

— Está tudo bem? — perguntei me sentindo travado e estranho.

— Está sim! Só estou cansada. Acho que se formos ninguém vai se importar. A não ser que queira ficar mais. — Como o combinado, iríamos para seu apartamento. Amanhã, bem cedo viajaríamos e depois que voltássemos voltaríamos para seu apartamento, até Luca e Mellaine desocuparem a minha cobertura.

— Sem problemas, já bebi muito, acho que já deu por hoje. — Virei o restante do *Bourbon* na boca e me despedi dos outros a nossa volta.

— Vou subir, tirar o vestido e desço.

— Te espero no carro. — Sorrindo, Leah segurou minha mão e soltou ao se afastar.

Um carro nos esperava para nos levar até o aeroporto e, em seguida, de volta para Nova Iorque.

... seis horas depois ...

— Preciso de um banho e tirar esses grampos do cabelo. — Estava quieto dentro do carro. Já estávamos próximo a Manhattan quando Leah quebrou o silêncio, me fazendo perceber o quanto o clima entre nós, depois da cerimônia, havia mudado. Não sei se foi pelo fato que fiquei desconfiado do que ouvi ou se foram as lembranças do meu passado.

— Leah, precisamos conversar antes de mais nada. — Ia começar a questioná-la quando o carro parou diante do edifício onde ficava sua cobertura.

— Sim, sem problemas, Marco — respondeu, me dando as costas, saindo do carro com a ajuda do segurança que segurou em sua mão. A acompanhei indo logo atrás.

— O que Romano quer saber sobre minha família? — Fui direto ao ponto assim que ficamos só nós dois dentro do elevador.

Leah deixou seu olhar fixo no meu e antes de me responder abaixou a cabeça e negou.

— Romano não quer saber nada — respondeu e tornou a me olhar alargando os lábios em um sorriso nada convincente.

Ela estava mentindo e, além de me frustrar ao me esconder, me deixou irritado por passar por cima do que pedi. Já tinha me metido nessa para ajudá-la e me decepcionei quando mentiu para mim.

— Está mentindo para mim no primeiro dia, ou melhor, nas primeiras horas?

— Não estou mentindo. — Leah demorou para negar e me deixou irritado por isso.

Já não éramos tão ligados e o que sabíamos um do outro era a forma de dar prazer mutuamente nos retroalimentando, só isso, o que deixava tudo estranho entre nós dois.

— Eu o ouvi pedindo que o informasse de tudo sobre a minha família. Romano armou esse casamento para quê? — No mesmo instante, minha cabeça girou e na hora entendi o que estava acontecendo. Leah era uma peça desse jogo e a forma como Romano se fez de irado só foi uma fachada.

— Ninguém armou esse casamento. — Leah me respondeu firme.

— Eu te pedi para não mentir para mim, não gosto de mentiras.

— Marco, não estou mentindo... — A porta de aço dupla se abriu dentro do hall da cobertura e Leah, após continuar a negar, me deu as costas, mas a impedi que entrasse mais e segurei em seu braço.

— Leah, eu o escutei a intimidando assim que deixei o quarto. Por que está mentindo, dizendo que ele não disse nada? É porque esse casamento foi armado e manipulado?

— Claro que não, Marco, me solta!

Não sei o que aconteceu comigo e fiquei cego quando a segurei firme e não soltei.

— O que está acontecendo? Não gosto que me enganem — disse pesado, sentindo a raiva controlar a voz da minha razão.

— Nada! — Seus olhos escureceram e senti a distância e a preocupação de que ela poderia estar me engando.

— Está mentindo e eu te avisei que odeio mentiras.

— Marco, Romano só disse o que escutou, não tem como saber de nada se ele não disse o que quer. E não armamos esse casamento, ele queria que me casasse com Tedy porque a família Wilson o terá como futuro presidente um dia. Meu irmão me queria como primeira-dama ao invés de casar com um simples irmão do Capo. Por isso ele bateu no meu rosto. — Engoli em seco após ela me revelar o que Romano estava tramando.

Seu tom de voz era firme e demonstrava sinceridade. Seus olhos estavam marejados. Pude notar a vergonha que deixou transparecer. Entretanto, o que mais me afetou foi a forma como seu irmão me desmereceu, querendo usá-la como moeda de troca para outro homem.

Poderia ser só o irmão do Capo, mas isso não me fazia ser menos. Nunca me senti tentado a ter esse sentimento de inferioridade.

Irritada e, pelo visto, chateada, Leah se soltou me empurrando.

— Satisfeito? Já não bastava toda humilhação de ter um marido por pena de mim e agora quer que eu abra e conte o quanto já apanhei dele, o quanto já fui humilhada e usada em prol do que queria? Era isso que queria saber?

— Leah...

— Vá se ferrar, Marco! A única vez que me senti liberta foi no momento que aquele padre disse que eu era Leah Valentino e agora, horas depois, você vem e exige de mim como Romano faz.

Leah segurou o choro e me deu as costas.

CAPÍTULO 34

MARCO

Sei que peguei pesado, me deixando com todos os pensamentos desorganizados, não me permitindo ver mais nada além, de que, fui enganado e tragado por uma rede de mentiras. Porém, ao vê-la com os olhos inundados, segurando seu choro, me fez entender o peso e a forma como tudo isso a deixava vulnerável, por isso me arrependi de ter agido daquela maneira: impensada e impulsiva, completamente diferente do que costumo agir.

Sei que ultimamente tenho agido por impulso e tudo isso por causa da minha compulsão por uma mulher; com um par de olhos verdes, com cabelos loiros e com uma boceta fantástica.

Nada disso estava em meus planos, contudo, agora não tinha como retornar e desfazer o que fiz. Estava casado com Leah, precisava me reorganizar e me adequar a essa nova fase.

Olhei para a aliança de ouro em minha mão e novamente pensei em Louise, comparando-a com Leah. Sendo uma tão diferente da outra.

Uma era morena e alegre, sem travas. Era romântica, descontraída e onde chegava todos a notavam pelo seu modo esfuziante de ser. Já a loira, era recatada, misteriosa, observadora e prática, mas notada pela beleza e o comportamento refinado. A única coisa em comum entre elas era essa fome sexual que tinham, que amansavam, como domadoras, a fera em mim. Do contrário, não tinham nada a ver e não entendia o porquê de meu cérebro insistir nessa comparativa, até porque Louise estava morta e não teria como entrar em uma competição com Leah. O que só a mantinha viva eram as lembranças em mim e o que vivemos por um ano inteiro, quando estávamos na faculdade.

Fechei os olhos e lembrei de cada detalhe. Das quatro estações em que vivemos. Dos momentos maravilhosos e únicos. Até quando apresentei para ela como o prazer poderia ser maior e diferente do que já havia experimentado um dia. Me deixando devastado e muito arrependido quando a perdi. O que me fechou para qualquer tipo de vínculo e relacionamentos duradouros. Contudo, agora estava aqui, no quarto, ao lado de outra mulher que se tornou minha esposa, a companheira que não queria. Pelo menos teria que fazer desse tempo algo que não acabasse comigo e muito menos com ela. Leah não mereceu a forma como a acusei quando chegamos aqui.

Precisava falar com ela e pedir desculpas, mas não sabia como e já era de madrugada quando fui até seu quarto e, a vi esparramada em meio aos lençóis, com a camisola enrolada na cintura. Essa não era a primeira vez que a via assim, mas era a primeira vez que a enxergava como a minha mulher, de uma forma totalmente possessiva.

Aproximei-me da cama e, como ainda estava vestido com a calça, a retirei e deitei ao seu lado. Foi inevitável não me sentir atraído pelo seu cheiro e a forma como já conhecia cada curva do seu corpo. Se há algo que conseguia decorar na vida; era a forma do corpo de cada mulher que transava e de como gostava na hora do sexo. Porém, Leah tinha uma singularidade só dela: era entregue e não tinha um jeito exato de como gostava mais, era o conjunto de como recebia que a tornava diferente.

— O que faz aqui? — Despertei-a, ao beijar seu ombro, me colocando atrás do seu corpo.

— Quero te pedir desculpas por mais cedo.

— Aquilo? Não foi nada... está desculpado, mas não seja cretino, e fale que está aqui porque quer me foder — disse com voz de sono, baixo e leve, mas com uma pitada de realidade sádica.

— Prática. Nem parece que é uma mulher. — Leah remexeu o quadril, jogando-o para trás, espremendo meu pau com a sua bundinha deliciosa, acordando-o, fazendo-o dobrar o tamanho habitual.

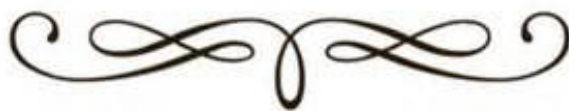
Essa esfregada era deliciosa e não tinha como não reagir.

— Só o conheço e já sei que quer me foder.

— Dessa vez queria pedir desculpas mesmo, mas não vou negar o que é me oferecido de bom grado — disse contra seu ouvido, deixando minha mão deslizar pela barriga plana e trazê-la mais para a curva do meu corpo.

Sem jogos, transamos e toda a tensão sumiu, quando me pediu subjetivamente e me deu seu corpo. Foi lento e pude apreciar como podíamos ir do sexo carnal ao doce do prazer. Não discutimos mais e

terminei minha primeira noite de casado na cama com ela, com seus cabelos claros sobre meu peito e seu cheiro impregnado em mim.



LEAH

Já faziam seis dias que estávamos em Nápoles. Para meu azar, os dois primeiros dias foram péssimos, acabei tendo uma intoxicação e passei muito mal. Tudo que comia acabava vomitando. Há muito tempo não passava mal como passei. Esse foi um belo jeito de começar uma viagem de lua de mel. Não que tudo ali fosse com aquela expectativa. Mas como já estava acontecendo, por que não aproveitar? E fui conseguir aproveitar com Marco há quatro dias, quando já estava me sentindo melhor.

Claro que visitei um médico aqui.

O mesmo me informou que deveria ter sido os frutos do mar que comi durante o voo. O que evitei a todo custo depois. Embora, ainda um pouco fraca, não resisti e saí com Marco todas as noites restantes para jantar fora e conhecer um pouco mais a cidade.

Além de possessivo e mandão, ele era uma ótima companhia, mesmo que por minutos sentia-o distante, nada que atrapalhasse nosso acordo.

Amanhã retornaríamos para Nova Iorque e para toda rotina louca. Depois do meu mal-estar, os dias em que saímos e aproveitamos a viagem, nos demos muito bem, me abri e contei tudo o que havia acontecido, porém, poupei alguns detalhes da minha vida que não achei necessário abrir. Uma delas foi o fato das minhas terapias sobre a compulsão que sempre senti pelo sexo. Até porque esse era um lado que estava controlado, ainda mais agora com Marco e sua insaciedade. Outra coisa que fizemos muito foi foder em qualquer lugar, até em vielas escuras; quando jantamos na noite retrasada e saímos bem tarde, um pouco alterados, sem saber por onde andar, entramos em um beco isolado e escuro e, contra uma parede qualquer, Marco esteve em mim, como um animal potente e feroz. Foi delicioso, quando subiu o tecido fino do vestido de verão que usava e se afundou, colocando a minha calcinha de lado e só abrindo o zíper da bermuda que usava, me dando aquela excitante sensação do risco de sermos flagrado. Foi tão gostoso e rápido que gozei logo junto com ele.

— Você sabia que essa pizzeria aqui é uma das mais antigas do mundo? — Me disse enquanto comíamos a famosa pizza napolitana no centro de Nápoles, agindo como se realmente fôssemos um casal normal, que estava ali comendo e bebendo vinho.

— Não... — respondi, deixando meu olhar parar no seu e apenas sorri, me sentindo tão à vontade ali.

— O que está pensando, que parece não estar aqui? — Realmente estava aérea e não reparei que apoiava sobre os cotovelos e me olhava semicerrando seu olhar gatuno.

— Em várias coisas...

— Quais?

— Nada relevante.

— Vai ter segredo comigo? Já conheço você de trás para frente.

— Exatamente isso, Marco Valentino.

— Você sabe de tudo e eu não sei nada de você.

— Como não? — Sua risada já dizia que estava pensando em alguma sacanagem para me falar.

Essa era a relação que tínhamos: abertos, mas que no fundo me deixava um pouco desconfortável por estarmos indo por esse caminho, frio e prático.

— Claro que não. Conhecer seu corpo não me dá acesso a sua mente.

— Não tenho nada de especial, Leah. Sou esse que sempre viu.

— Todos temos algo oculto, mas não falo por ser aberto em relação ao sexo.

— Aonde quer chegar me perguntando e enrolando para me perguntar o que quer saber?

— Porque sinto que o conheço quando fodemos, mas depois é uma caixa cheia de fechaduras com chaves especiais.

— Claro que não.

— É sim... — o imitei quando jogou seu corpo para trás na cadeira e cruzou os braços.

— Então me pergunte o que quer saber sobre mim?

— Não vai me enrolar? Vai me dizer a verdade?

— Não gosto de mentiras, só as uso quando é necessário para consertarmos um fato, querida.

— Está vendo como é manipulador?

— Sem essa, lindinha. Já disse que só faço a proposta e não tenho culpa que acabam concordando.

— Mas é pretencioso demais. — Bebi mais um pouco e depois passei a língua sobre os lábios retirando o excesso de vinho sobre eles enquanto nos encarávamos. Na verdade, estava ganhando tempo para perguntar e saber um pouco mais dele.

— Faz isso mais tarde?

— O que?

— Passa essa língua em mim, desse jeito, como se estivesse me enxugando. — Senti sua perna raspar na minha. A mesa onde estávamos sentados era circular e pequena, por baixo dela nossas pernas se tocavam naturalmente.

— Não me distraia, Marco. — Essa faceta descontraída era intensa e maravilhosa. Marco Valentino era completo e cada vez mais me sentia atraída por ele. O que deveria ser um aviso de alerta.

“Não se apegue ao que não é seu... lembre-se, Leah, ele logo vai embora, seja prática e guarde seu coração.”

— Ok!

— Vamos lá... — pigarreei, afastando minha perna do seu roçar, endireitando-me na cadeira.

— Pergunte, senhora Leah Valentino. — Sorri e parei por segundos encarando-o pensando no que iria perguntar.

— Como conheceu Robert e Eleonora? Foi em um clube?

— Quer saber essas coisas? Não precisava me levar para jantar, querida.

— Aff... quem me trouxe para jantar me prometendo sobremesa foi você. Agora responde meu *quiz*.

— Não. Conheci Robert na faculdade, dividíamos um apartamento. Eleonora veio quando tínhamos nos formado.

— Ele não tem ciúmes de vocês dois?

— Não... se percebeu Robert é *voyeur*. Quando ele e Eleonora se conheceram nunca mais se largaram. Juntos os dois são a fome com a vontade de comer. Léo é bissexual, por isso te aceitou fácil, loira.

— Ah... — fui pega de surpresa, pois, por mais que estivesse desenvolvendo uma relação amistosa com a morena, ainda não sabia de alguns detalhes, como esse.

— Ela se encantou por você.

— Mas agora eles vão se afastar por causa do bebê. Pelo menos foi o que ela me disse.

— Sim, vão dar um tempo. Os dois tem muito disso, vivem as fases. Quando Léo tinha Melissa, eles viviam esse trisal, mas chegou a hora que a namorada de Eleonora quis concretizar sua família e os deixaram e se fecharam entre eles.

— Léo ficou triste? — Apoiei os cotovelos na mesa e segurei meu rosto, interessando-me pela história e a forma natural como me contava as coisas.

— Não, os dois se amam muito, de uma forma ou outra eles se completam e sempre chegam a um consenso de que um não vive sem o outro.

— Você falando de amor...

— O amor existe, Leah, só não é para mim, assim como para muitos. — Não sei o que foi isso, mas pela primeira vez vi Marco recuar e me responder na defensiva, não pelo tom de voz, mas pela forma como seu corpo me disse ao se afastar e perder por segundos seu olhar para o lado, na direção do mar.

— E Casey e Mike, como os conheceram? — Resolvi não retornar no assunto e fiz outra pergunta.

Não queria que pensasse que estava perguntando porque esperava que entre nós dois tivesse amor. Tanto ele, quanto eu, desejava ser livre e, talvez seja por isso que nos dávamos bem. Indiferente da forma como entrou nessa para me tirar das mãos de Romano.

— Em uma festa e Mike queria sair com minha acompanhante naquela noite, acabou que nos tornamos amigos e sempre que querem esquentar as coisas no meio da semana eles me chamam. — Me respondeu retornando seu olhar para mim.

— Como um adereço para eles?

— Não, não sou usado.

— Desculpa, não quis me referir a isso. Tipo um extra da relação deles.

— Pode-se dizer que sim.

— Gosto deles.

— O tempo que estivermos juntos, também teremos algo extra do que queremos. Não está presa, só não quero ser pego de surpresa e, por isso, quero fazer as escolhas para nós. Mas só faremos o que você estiver a fim — concordei e sorri. Por mais prático que fosse a forma como lidava e me respondia sentia que ele ainda segurava algo para me falar.

— Vamos embora, amanhã sairemos cedo. — Ele levantou após deixar o dinheiro extra sobre a mesa, suficiente para pagar a conta e deixar uma boa gorjeta ao garçom. Estendendo a mão para mim a segurei e antes de sairmos, me rodeou, me deixando dentro dos seus braços e me beijou. — Ainda temos uma noite e podemos ir até à praia. Nessas horas não tem ninguém. O que acha?

— Acho muito bom! — respondi aceitando o convite e dando-lhe minha boca para que se apossasse novamente dela.

CAPÍTULO 35

MARCO

Fazia dois dias que estávamos de volta a Nova Iorque e, por mais que me sentisse bem ao lado dela, era estranho o fato de ter alguém me esperando todas as noites, ter uma companhia e saber que não é pela mera casualidade e, sim, porque é alguém que vai estar ali. Sei que seria só uma fase de adaptação, porém não poderia negar que me sentia estranhamente incomodado por ver minhas coisas misturadas a rendas e cores vibrantes. O *closet* de Leah era imenso, tanto o da sua casa em São Francisco quanto o daqui de NY. E minhas coisas agora estavam em um lado que ela cedeu. Não só começamos a dividir o espaço para guardar as roupas, mas também a cama. Combinamos que enquanto tivermos esse tesão de corpos um pelo outro que dormiríamos juntos. Essa era uma das coisas que tornou Leah uma mulher completa.

Era prática e me deixou tranquilo em relação a não estar esperando de mim um casamento cheio de sentimentos e para o resto da vida. Assim como eu ela iria aproveitar pelo tempo que tivéssemos.

— Leah... — a chamei enquanto procurava onde estavam minhas meias.

— O que foi? — Leah atravessava a porta do banheiro já vestida e vinha para perto.

— Eu não acho... — Não terminei a frase quando senti aquele cheiro que me deixava louco. Acabei descobrindo que era um óleo de especiarias orientais, almiscarado e afrodisíaco. Não só descobri que esse era um truque seu, mas também que tinha um arsenal sexual em vibradores.

— Você não vale nada — acabei mudando o que ia falar.

— O que fiz?

— Está usando aquele cheiro que gosto. Está querendo o que de mim? — A puxei, trazendo para perto de uma forma que alcançasse seu pescoço e a cheirei, profundo e lento, sentindo a mistura de cheiros que tanto gostava em seu corpo.

— Não estou querendo nada. Estou assada desde ontem. Você acha mesmo que quero algo? — Na noite passada não sei o que aconteceu com nós dois, mas fiz questão de brincar com e no corpo de Leah, junto com seus *consolos*.

— Sempre quer.

— Vamos nos atrasar? — Hoje era aniversário de Giovani e dessa vez não teria uma enorme festa, Bella resolveu fazer um jantar e convidar

os mais íntimos, nada muito extravagante igual à do ano passado. Que, inclusive, foi quando conheci Leah. De início me interessei nela quando a busquei no aeroporto, mas depois se tornou insossa com seu jeito casto de boa moça, me fazendo perder o interesse. Porém, agora a todo momento só de pensar ficava excitado, pensando em como se tornara esse furacão sexual, que me fartava e me deixava doido de tesão.

— Acho melhor não. — Soltei sua cintura e respirei fundo frustrado.

Leah se afastou e acabei que não perguntei o porquê de chamá-la.

— Onde colocaram mesmo as meias?

— Está na gaveta dentro do armário com suas camisas.

— Obrigado.

— De nada, Marco. — Tão natural respondeu e foi para o outro lado do *closet* para colocar seus sapatos.

Por um momento contemplei suas costas a mostra pela fenda do vestido preto, os cabelos soltos caindo como uma cascata até sua escápula. Leah era linda, inteligente e muito gostosa e mesmo com essa química que tínhamos um pelo outro, ainda assim não era paixão, mas notei que tinha algo a mais.

— O que está esperando? — Leah me pegou encarando-a parado, quando olhou por cima dos ombros na minha direção após calçar os saltos pretos.

— Para fodê-la? Nada... — Leah jogou a cabeça para trás e riu deliciosamente. Além de ser essa mulher com suas diversas facetas, era atraente e sabia ser sensual na dose exata.

— Vamos, se troca logo, Marco Valentino. Depois que voltarmos não vou fazer objeção nenhuma.



LEAH

Estávamos levando essa vida há dez dias. Os dias em que tivemos na Itália foram deliciosos. Sei que não poderia me iludir e muito menos romantizar nossa relação, era tudo um acordo planejado. Que, posso dizer com todas as letras: que foi o melhor que me aconteceu. Tinha agora uma liberdade sem temores. Não teria que ter mais medo de sair acompanhada e dar um passo para fora da linha e depois Romano me condenar. Não teria mais as imposições que me prendia e me tornava prisioneira dele. Pela primeira vez eu experimentava um sentimento de liberdade inexplicável. Sem mencionar que estava dividindo a cama com Marco.

Sua voracidade me satisfazia a ponto de aquietar todas minhas vontades e desejos. E tudo isso estava saindo melhor do que poderia esperar, as coisas começavam a entrar no eixo certo da minha vida.

Antes de deixá-lo perdido dentro do meu *closet* sorri agradecida por esse tempo da sua vida que estava cedendo para mim.

— Estarei te esperando lá embaixo — avisei, deixando o quarto.

— Leah... — Já havia descido para o andar e organizava a pequena bolsa na mesa circular do hall quando Consuelo parou ao meu lado e cruzou os braços.

— Sim? — olhei para o lado e sorri.

— Precisamos conversar. — O tom pesado como disse me fez erguer a cabeça e encará-la, não entendendo a forma como disse e muito menos como me olhava.

— O que aconteceu?

— Adam quer o restante do dinheiro! — Fui pega de surpresa.

— Como assim? Seu primo sumiu e não fez o trabalho dele — disse baixo e olhei para o alto, quando dei por mim sobre o teor da conversa e da maneira como Consuelo estava me cobrando.

— Claro que fez, Leah, ele quer o dinheiro que falta. — A dureza com que falava me fez ficar receosa.

— Não vou pagar mais nada. Ele não fez o que combinamos e sumiu com o dinheiro.

— Leah, você não está entendendo, não é...

— Consuelo, por que está falando assim?

— Porque Adam quer o dinheiro dele como você prometeu.

— Prometi que daria sim, se ele fizesse o trabalho dele, o que ele não fez.

— Sabe, Leah, é minha patroa, mas sei de muitas coisas que seu irmão não ficaria nada feliz em saber...

— Saber o quê? Romano não tem mais nenhum poder sobre mim. Está me chantageando, Consuelo? — Não estava entendendo nada do porquê dela aparecer assim do nada requerendo algo que não deu certo, e muito menos pela forma grotesca e pesada como estava se dirigindo a mim. Consuelo era a única pessoa que via o que eu passava nas mãos de Romano e, quando pedi sua ajuda, foi totalmente prestativa e diferente do que estava sendo nesse momento.

— É, Leah, agora que não precisa mais está querendo bancar a esperta. Mas o que vai dizer ao senhor Valentino quando ele souber que você armou para o vídeo e as fotos aparecerem? — Fiquei estática e com todos meus pensamentos girando, tentando entender a situação e a confusão que ela estava querendo armar.

— Não teve fotos. Seu primo não fez o trabalho dele, Consuelo. Está querendo o quê com isso?

— Olha, Leah, Adam fez um ótimo trabalho! Não é à toa que se casou com Marco Valentino, graças ao vídeo dele. Ele tem mais fotos de vocês dois e quer o dinheiro. — Com um estalar, tudo fez sentido. Foi Adam que vazou os vídeos daquela noite e algumas fotos que saíram depois, mas nada comprometedoras como foram as cenas e áudios. Quando tudo aconteceu não fazia ideia que poderia ter sido ele. Foi tudo tão diferente e escandaloso do que planejei que não conseguiria imaginar que fosse o primo de Consuelo.

— Agora se lembra, não é? Ele quer o dinheiro dele até amanhã na hora do almoço. Ah, e não é mais aquilo que pagou. Ele quer o triplo para

não contar que você o contratou para flagrá-la com seus amantes. — Me assustei pela forma como me ameaçou e falou.

— Consuelo, eu não posso fazer uma retirada alta.

— Tem até amanhã. — Me deixando com a bomba toda nas mãos, me deu as costas, me deixando ali, aturdida, sem saber como agir e o que fazer.

Tudo quando parecia estar dando certo e as coisas fluindo, eis que aparece uma ponta solta.

Depois de não ter dado nada certo naqueles dias em que contratei o serviço de Adam, achei que estava perdido e que ele havia sumido com o dinheiro. Cheguei até pensar que esse cara foi uma invenção de Consuelo, mas depois da forma como falou comigo, me ameaçando, vi que acabei sendo displicente e me complicando, logo agora. Contudo, o pior não era vazar mais coisas sobre mim, meu maior problema era com Marco. Ele não aceitaria e, com certeza, se separaria de mim e eu teria que voltar para as mãos de Romano.

— Está tudo bem? — Acabei levando um susto, quando escutei sua voz logo atrás.

Virei e engoli em seco quando fitei seu olhar de rapina em mim.

— Está sim... — Tentei sorrir e agir normal, mas algo que sempre foi meu companheiro, o medo, e que havia ido embora, agora retornava, me deixando acuada no meu próprio veneno e na mentira que armei. O fitei e tive tanto medo de perder tudo isso por causa de uma mentira. Quando estávamos para casar essa foi sua primeira exigência por me ajudar: *Sem*

mentiras. Ele deixou bem claro que não gostava e não perdoava qualquer tipo.

E agora o que vou fazer?

Por que o valor que Consuelo me exigiu era bem maior do que antes. Como explicar uma retirada grande assim? Ainda mais agora que Marco estava tentando tirar até isso das mãos de Romano e tinha acesso ao que saía e entrava na minha conta bancária.

Sentindo o medo me tomar, segurei em seu braço quando me ofereceu e, tentando não transparecer nada, deixamos a cobertura.



Tentei me distrair no jantar na casa de Bella. Foi tudo diferente, até o tratamento mais íntimo por parte dela me fez ver que todos daquela família me fazia sentir como se fosse parte deles. Diferente da frieza que sempre foi a minha.

Acabei revendo a matriarca dos Valentino que não me reconheceu e acabei conhecendo a esposa de Luca, Mellaine e seu filhinho. Sabia partes da história deles e da forma como tudo aconteceu. Pelos poucos momentos de cumplicidade que tivemos em Nápoles, Marco me contou, não que fosse segredo deles, mas os detalhes da versão de como tudo aconteceu só fiquei sabendo por ele.

A noite em família foi perfeita que mesmo me sentindo acolhida não consegui parar de pensar que estava prestes a perder tudo isso, caso Marco descobrisse.

Chegamos ao apartamento e me distanciei um pouco ao ir trocar de roupa e retirar a maquiagem. Precisava urgentemente pensar rápido e bolar um plano para que nada acontecesse e eu não o perdesse.

— Está bem, Leah? — Marco me perguntou ao entrar logo atrás de mim no espaço do quarto em que estávamos dividindo, parando na porta do *closet*.

Outra coisa que achei que seria diferente era essa convivência, em momento algum cogitei a ideia de dividirmos a mesma cama. Sei que transaríamos sempre, mas não que dormiríamos todas as noites como um casal. E eu estava adorando tudo isso.

— Estou sim, apenas cansada — tentei mostrar que estava bem.

CAPÍTULO 36

MARCO

Achei Leah distante, não sei se é por causa do nosso acordo. Talvez envolvê-la como parte da família a deixou um pouco sem jeito, mas não tive como não reparar no quanto estava desconcertada e distante.

Quando retornamos, a questioneei se estava tudo bem e, nesse tempo em que dividimos a cama, não só aprendi o som do seu gemido quando está prestes a gozar, mas também quando algo está afligindo-a. Leah, por mais que disfarçasse muito bem para os outros, para mim não conseguia mais.

— Leah, vou te perguntar de novo o que está acontecendo?

— Marco, já disse que nada! — respondeu um tanto irritada.

— Mal falou, está quieta e distante — insisti.

— Não é nada, já disse!

— Sabe que somos amigos e estamos nessa juntos, então não precisa guardar nada.

— Fica tranquilo, querido. Não é nada, e se tivesse algo lhe contaria. Agora, desce o zíper para mim. — Mudando a maneira como estava agindo, notei o sorriso safado que deu quando estava prestes a usar de todo seu charme para me envolver. Deixando de lado minhas suposições e neuras, me aproximei, segurando no pedaço de pano para abrir o pequeno fecho. Sei que fazia isso para me atrair, não que abrir o vestido faria diferença, até porquê para tirá-lo não precisava de esforço algum de tão pequeno que era o zíper.

— O que mais gosto em você é esse seu lado de vadia, que acha que me engana e só faz isso para me atrair.

— Não posso fazer nada se desperta isso em mim. — Era muito ordinária e conseguia mudar a aura do momento facilmente quando se tratava de sexo.

Leah deu um passo atrás encostando seu corpo no meu e remexeu seu quadril, se esfregando em mim. Me deixei levar e já estava sentindo o sangue bombear em meu pau, enchendo-o ao deixar minhas mãos deslizarem, retirando as alças do vestido do lugar. Livrando as tiras dos ombros, desci e escorreguei até alcançar as pequenas mamas e colocá-las nas palmas das minhas mãos. Apertei-as ganhando de volta a pressão do rebolado contra minha pelve. Quanto mais sovava os seus seios mais Leah empinava sua bunda, esfregando sobre o falo cheio.

— Que cheiro, que corpo delicioso — disse e aspirei seu cheiro grudado em sua pele ao entranhar meu rosto entre as mechas do seu cabelo, buscando sua nuca cheirosa.

— Ah... Marco. — Leah gemeu, deitando a cabeça em meu ombro e tombou-a para o lado, deixando seu pescoço livre e, em como todas as noites desde que nos tornamos um casal eu a foderia, mas tive que parar.

Meu telefone passou a tocar insistidamente, vibrando dentro do bolso da calça, que ainda estava vestindo.

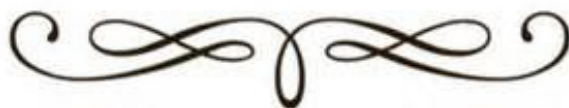
— Mas que porra! — praguejei, deixando um último beijo em sua pele antes de retirar uma das minhas mãos do seu peito e alcançar o aparelho.

Era o nome de Bella no visor. Preocupado por estarem me ligando, ao invés de estarem, provavelmente, ainda recepcionando algum convidado, atendi.

— Marco... — A voz de Bella era pesada, se misturando com um amontoado de vozes ao fundo da ligação. — Preciso de você urgente.

— *O que foi?* — Não só me preocupei como Leah também, ao sair totalmente de dentro dos meus braços e virar para mim, me olhando curiosa e assustada.

— Giovani foi preso... — Bella respondeu com a voz embargada.



LEAH

— O que aconteceu? — Vi seu olhar arregalar e sua boca frisar, preocupado com o que disseram a ele no telefone. Mesmo não estando com

o telefone no viva-voz, reconheci a voz de Bella, mas não entendi o que disse.

— *Como aconteceu?* — Marco perguntou e se afastou de mim.

Sei que estavam com problemas e, por isso, o rápido afastamento não me deixou frustrada, compreendi a gravidade assim que o vi calçar os sapatos e vestir o blazer do conjunto que estava usando essa noite.

— *Estou indo, liga para Robert e Eleonora, pede para eles me encontrarem lá.* — Pelo visto era bem sério o que tinha acontecido, ele requisitava Rob e Léo.

Marco desligou e me deu as costas, mudando a postura de homem sedutor para o cético e planejador que sempre foi distanciando-se friamente, como se eu não estivesse ali. Ele estava quase saindo do quarto quando tornei a subir as alças do vestido e, alcançando-o, perguntei:

— O que aconteceu, Marco?

— Giovani acabou de ser preso, o FBI apareceu no jantar com um mandado de prisão. Estou indo para a delegacia.

— Mas, por que?

— Ainda não sabemos, ele estava sendo investigado, mas não faço ideia do que aconteceu, vou para lá saber.

— Quer que eu vá junto? — perguntei me oferecendo como companhia.

— Não, obrigado — assenti.

— Me liga dando notícias e se precisar estarei aqui.

— Tudo bem. — Marco saiu e fiquei ali olhando para o vazio, tentando entender a situação e me sentindo parte excluída.



Não quis ligar, se ele não tinha ligado para mim era sinal de que estava ocupado, e também foi bom ele não ter voltado para cá, assim pude pedir e conversar com Consuelo logo pela manhã, pedindo que ela falasse com seu primo, me dando, assim, um tempo maior para conseguir o dinheiro. E isso me tomou o dia todo, mas não deixei de pensar e me preocupar com o que estava acontecendo, contudo, o que mais me afetava não era a preocupação, e sim o fato de que Marco e sua ausência pelo dia todo provou que eu não era parte de sua família. Sei que poderia soar egoísta da minha parte, mas me senti excluída e no escuro e, declaradamente, alguém que não tinha mesmo nenhum vínculo com a família Valentino. Claro, que se tivesse algo a mais que só esse favor e a pena dele, ele teria me ligado e me colocado a par de tudo. Acho que acabei ficando chateada por estar aqui há quase vinte e quatro horas sem saber o que está acontecendo. Até pensei em ligar para Léo, mas evitei de ter que me expor e mostrar o quanto estava afetada por ter sido deixada de lado.

Jantei sozinha e depois fui para o quarto.

Depois de muito tempo que não fazia isso — acho que anos — liguei a TV, que mais parecia ser um artigo de decoração do quarto do que

algo funcional. Fiquei passeando pelos canais até dormir sem notícia alguma dele.



Acordei assustada com o barulho vindo do banheiro aceso e a TV desligada.

Não lembrava de ter desligado e muito menos ter deixado a luz ligada. Com o coração disparado, deixei a cama e nas pontas dos pés caminhei até a porta do outro cômodo com cuidado, me deparando com Marco tirando sua roupa virado na minha direção.

— Desculpa, não queria te acordar. — Ele disse abrindo poucos botões da camisa e passando-a por cima da cabeça.

— Não foi nada. Só não esperava por você.

— Eu moro aqui agora, uma hora iria aparecer de volta, lindinha. — Balancei a cabeça em silêncio e percebi o quanto suas palavras saíram em tom de mal humor.

— E deu certo? Como está Don Valentino?

— Preso... Não conseguimos tirá-lo ainda.

— Mas por que?

— Loira, não quero falar sobre isso. Só preciso de um banho agora...

— Frustrada por sua frieza, balancei a cabeça e, quando estava deixando-o

ali, senti sua mão fechar em meu pulso e me puxar. — E te foder e, depois, dormir abraçado com você. É disso que preciso agora mais que tudo.

Sua boca se fechou após me virar e encurvar-se, me puxando mais para perto de si pelo pescoço, encaixando meus lábios no seus. Não resisti à pressão que me pediu e no calejo da sua língua possessiva pedindo para entrar cedi.

Tudo que senti o dia todo, a ausência e a exclusão, foram embora assim que me beijou e me envolveu. Não seria hipócrita em dizer que seu corpo, a vontade e o desejo que sentia por ele levavam de mim qualquer sentimento contrário, me fazendo esquecer e me conectar só nesse momento.

— Está tarde, mas quero entrar naquela banheira com você no meu colo e sentir sua boceta me engolir todo — disse rouco ao deixar minha boca.

Como pediu, me afastei e o deixei se despir.

Fui até a banheira e abri as torneiras para encher, derrubando os sais dentro. Voltei para perto, ficando parada atrás dele. Marco estava sem roupa, olhando fixo para o seu reflexo no espelho. Ele estava apoiado na bancada da pia, com os braços aberto quando me viu pela imagem refletida. Seus lábios esboçaram um preguiçoso sorriso ao me encarar.

— Lembro do seu olhar de luxúria quando te encaro assim pelo espelho — virou-se e me envolveu pela cintura. — Tira a roupa, loira.

— Tire você — provoquei.

— Com todo prazer. — Diferente da maneira como sentia que estava se segurando, talvez por estar cansado, me afastou e levantou a barra da camisola de seda, passando-a por minha cabeça e braços erguidos. Seu

olhar me varreu de cima a baixo como sempre, parecendo uma águia prestes a dar o bote em sua presa.

Pelada e com a banheira quase cheia, Marco segurou em minha mão e me arrastou até a enorme bacia de cerâmica, entrando primeiro e sentando, me trazendo logo em seguida para seu colo sem me penetrar.

— Que delícia! — Fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. — Agora só falta eu senti-la, querida. — Abriu os olhos e pude ver aquela variação de cores que tanto gostava.

Sem jogos, me encurvei depois que amarrei meu cabelo todo para cima e o envolvi segurando seu rosto nas laterais. Encostei os lábios nos seus lentamente e, sem pressão, movimentei meus lábios nos seus, abrindo e dando passagem para a sua língua me envolver com voracidade, deixando sua boca apossar da minha ao morder meu lábio inferior.

Marco me beijava com paciência, diferente das outras vezes. Era como se degustasse de cada fração daquele ato, aumentando o contato da minha pele na sua.

— Querida, levanta e desça em cima. — Me pediu ao sussurrar pausando o beijo. — Quero ficar dentro de você. — Eu também queria, desde ontem à noite quando recebeu a ligação e teve que sair, me deixando aqui sozinha. Talvez essa falta e essa necessidade de estar com ele tenha sido a causa da minha frustração de hoje o dia inteiro.

Deixei um pouco seu corpo, me levantando para voltar e sentar no pau farto e quente. Fui descendo lentamente até o talo, sentindo-o completamente todo dentro de mim. Gememos quando entrou tudo e me movimentei, esfregando para frente e para trás. Raspando deliciosamente meu clitóris duro e fodidamente excitado em seu púbis, aumentando a

pressão por dentro. Não desgrudamos nossas bocas mais, movimentando-as rapidamente e com fome. Me movimentei e me ergui consecutivas vezes, roçando a glândula na entrada da minha boceta. Marco me ajudava a sair e voltar de novo, segurando no osso do quadril enquanto tornava a engolir todo seu pau. Eu o sentia contrair cada vez que ia fundo em mim e aquele roçar, alargando a parede uterina, me fez esquecer e aumentar a frequência com que subia e descia, quicando sobre o falo. Fui assim até sentir seus dedos apertarem contra minha carne, comprimindo o local em que me segurava. Seu urro dentro da minha boca e sua porra inundando dentro do meu corpo, me fez sentir o tesão explodir em mim, contraindo toda minha vulva ao redor da ereção quente. Gozei em seguida, sentindo os espasmos do meu corpo me derrubando mole e lânguida. Satisfeita e ofegante, encerrei o beijo e repousei minha cabeça em seu ombro, esperando toda a euforia do prazer passar enquanto suas mãos, agora gentis, acariciavam minhas costas, me tocando com sutileza.

CAPÍTULO 37

MARCO

Relaxeí naquela noite, mas não consegui dormir. Achei que o sexo na banheira com Leah fosse me deixar calmo e que até conseguiria descansar, porém estava errado, minha mente girava em círculos tentando achar alguma solução. Estava preocupado com a situação em que Giovani se encontrava e da forma como conseguiríamos resolver. Júlia e Ricco conseguiram o que queriam com a denúncia e meu irmão, agora, estava preso por lavagem de dinheiro.

Sim... os Valentino, como qualquer família da máfia, lavam o dinheiro de forma passiva, tínhamos os negócios de fachada exatamente para esta função, que sempre foi mascarar toda a parte ilícita do negócio. Mas em nenhum momento pensamos que Ricco Donttino alegaria que a *Le Bordon* tinha documentos que comprovaria a corrupção. E foi um lançamento errado que colocou tudo a perder.

Os dias passavam e nada...

Agora estávamos enrolados e Giovanni há trinta dias preso.

Bella estava inconsolada, mas se mantinha firme ao reger a cadeira do marido. Raf, com problemas pessoais, precisou se afastar, o que nos deixava totalmente no escuro sem sua mente numérica brilhante. Robert e eu trabalhávamos junto com toda a equipe do seu escritório, procurando possibilidades e recursos para tirá-lo de lá, Luca e Mell assumiram a fundação na ausência de minha cunhada, junto com Leah que tem se mostrado incrível e muito solícita nesse momento. O que foi uma grande surpresa, pelos recentes fatos e por nossa situação; que nos fazia sempre estar ali presentes um na vida do outro. A gata selvagem, além de manter a fera domada, conseguia me deixar tranquilo. Até que nosso casamento não estava sendo de todo ruim. Não tinha cobranças, tinha muito sexo. Mesmo com todos os problemas, Leah sempre era aberta quando chegava esgotado. Entretanto com tanta confusão não conseguíamos sentar e planejar ainda como a livraria de uma vez por todas das mãos de Romano. Minha maior preocupação estava em tirar Giovanni da prisão. E já estávamos descrentes, quando recebemos a ligação dizendo que o juiz da Corte de Nova Iorque havia expedido a liberação para conclusão do inquérito, pois ainda existem provas inconclusas para ter uma sentença, o que nos dava tempo para conseguir reverter toda essa situação.

Infelizmente, agora seria uma guerra, que há muito tempo está apaziguada. Mas não hoje... hoje era dia de comemorar.

— O juiz soltou Giovanni. — Leah estava terminando de separar uns papéis da fundação no escritório do apartamento quando a procurei eufórico para contar a novidade. Tinha recebido a ligação de Robert e, em seguida,

de Bella no momento em que chegava na cobertura dela. Ainda extasiado, após dizer a novidade, parei na porta, não entrando todo dentro do cômodo. De onde estava, notei a intensidade da alegria que refletiu ao me olhar fixo quando terminei de pronunciar a notícia.

— Que notícia maravilhosa!

— Estou indo buscá-lo e vamos levá-lo para casa.

— Vai sim, imagino o quanto deve estar feliz. — Ela disse suave e sorriu lindamente, alargando aquela deliciosa e enorme boca. Hoje seus lábios estavam pintados em um tom neutro, clássico, que a deixava como a mulher sofisticada e “recatada” que sempre foi.

— Obrigado! — agradei e saí, deixando-a, contudo, estava quase alcançando o elevador na entrada do hall, quando algo dentro de mim despertou e me fez desejar voltar e chamá-la para me acompanhar, afinal, ela havia se mostrado muito presente esses dias.

Retornei e acabei encontrando-a saindo do cômodo.

— Vamos comigo? — Convidei-a, estendendo a mão.

— Não irei atrapalhar?

— Claro que não! — afirmei.

Que pergunta absurda foi essa? Se soubesse o quanto estava sendo de grande ajuda, jamais teria essa dúvida. Entretanto, minha cabeça girou pulando para aquele lado ainda muito delicado entre nós. Éramos casados e estávamos dividindo uma cama, sem interesses, sentimentos, somente desejo e o que a deixava fora da minha vida familiar. Encarei-a, mantendo seu olhar preso ao meu.

— Você faz parte agora da minha família. — Creio que toda dúvida que seus olhos lampejavam sumiram nesse momento.

Leah segurou minha mão e a vontade que tive foi de tê-la ali contra aquela parede, mostrar o quanto sua presença era agradável e necessária.

— Preciso pegar minha bolsa.

— Vá, te espero aqui. — Me deixando, a vi e contemplei a maneira como rebolava, jogando o pequeno quadril de um lado para o outro, andando em cima do salto. Linda e perfeita, delicada, exatamente por quem estava atraído.

Leah não demorou a retornar e, segurando em sua mão, entrelaçando nossos dedos, atravessamos o corredor e deixamos o apartamento assim, nessa união e cumplicidade. Um com a mão *amarrada* na do outro.



LEAH

Retornamos da casa de Don Valentino muito tarde e até achei que essa seria a primeira noite em que Marco não iria querer nada, mas me enganei: ele foi diferente e carinhoso, sem sua maneira de ser: explosivo

como um meteoro. Foi calmo e gentil, entretanto, eu precisava era daquela força do seu corpo colidindo ao meu. Bruto e deliciosamente viril, um verdadeiro macho alfa, um lobo na pele de cordeiro, que te convence e te faz querê-lo, te fazendo carregar toda a culpa por desejá-lo desenfreadamente.

Seu corpo movimentava, roçando ao meu enquanto sorrindo brincava com a minha boca, chupando-a e mordiscando-a, deixando o gostoso sabor que tinha a sua. Marco sustentava-se sobre os braços embalando seu quadril entre minhas pernas. Seu pau pulsava quente e duro como um aço dentro de mim. Nessa mistura que nos envolvia nossos corpos precisavam de mais e, acertando, conhecendo meus gostos, o atraente homem que me laçou em sua rede sedutora aumentou o ritmo conforme eu pedia e me jogava para si. Acho que para qualquer pessoa normal, sexo não tem o sabor da saciedade que tem para mim.

Quanto mais ele se chocava decadente de desejo, mais me jogava contra o seu corpo, dando-me sem barreiras. E nessa mistura de sensações, eu tateava seu corpo percorrendo seus músculos, traçando o formato bem feito deles. Foi tão diferente e lindo de se ver, quando deslizei minhas mãos sobre seu pescoço, subindo, brincando com as pontas dos dedos no nó da sua glote. Marco, rosnou como um animal e esticou-se para cima, soltando minha boca. Tentaria e, quem sabe, ele gostaria. Já tinha lido e depois daquele dia no banheiro me ocupei de estudar, queria muito experimentar as formas livres de prazer, como experimentei, quando o ar me faltou e tive todo aquele prazer potencializado. Por mais que o demônio de olhos verdes me proporcionava e alimentava meu vício, eu precisava de novo de sentir o que senti.

Decidida, pousei minhas mãos, uma em cada lado, na base da sua mandíbula e com o dedão comecei apertar contra sua pele, na tentativa de afundar meu dedo ali. Ele me olhava e sorria diabolicamente ao sentir mais ainda a pressão dos meus dedos afundando na localização das artérias. Apertei e quando dei por mim fechei minhas mãos, circundando todo seu pescoço e forcei-as. Marco foi voraz ao investir rápido e forte, resfolegando até a base do seu pau grande e grosso, que me arrebatava deliciosamente por dentro.

Outra coisa que aconteceu e notei, foi que passou a prender todo o ar dentro do seu corpo e sei que estava ultrapassando meu limite quando apertei mais, me esquecendo de que no outro dia ficaria a marca da minha mão ali. Ao invés de parar, ele continuou a bombear em um ritmo firme, um vai e vem rápido, que me deixava insana e cega por querer mais. O sedutor de olhos verdes ofegava investindo, entrando e saindo alucinado enquanto minhas mãos o enforcavam, nessa psicose sexual. Seu urro logo anunciou e me levou junto no seu gozo, com estocadas firmes, que brigava contra a contração de toda minha vagina, misturando nosso gozo. Cada fibra muscular do meu corpo tremeu e se arrepiou ao se esvaír do tesão que me arrebatava. Respirei fundo, tremendo inteira, sentindo ainda aquele doce arrepio que meu corpo todo recebeu em uma forte descarga elétrica de prazer. Soltei minhas mãos quando seu corpo caiu sobre o meu de olhos fechados, cansado e buscando o ar pesado que lhe faltou.

— Marco... — o chamei e demorou para que me respondesse.

— Fala, loira. — Não me olhou e manteve-se deitado com o rosto enterrado na curva do meu pescoço, ainda respirando com dificuldade. Me senti aliviada, mesmo que não estivesse me encarando e pesando seu olhar de predador em mim.

— Só queria ter certeza que está bem...

— E como estou! Se soubesse o quanto gosto dessa brincadeira... — Não entendi ao que se referiu. Se era do sexo em geral ou se foi pela maneira como o estrangulei. Resolvi não perguntar e manter a forma como estávamos naquele momento; deixando-o espalhar seus beijos sobre minha pele ao tirar seu pau todo lambuzado de dentro de mim, melando o alto das minhas coxas.

— Agora que está tudo bem, precisamos brincar mais. — Me ajeitei e, possessivamente, ao deitar ao meu lado, me trouxe para perto, passando o braço por baixo da minha nuca, me colocando deitada sobre seu ombro. — Vou te levar para um fim de semana delicioso. — Sem deixá-lo perceber sorri, gostando da ideia. Mas acho que estava tão cansada que não me levantei nem para me limpar e acabei adormecida nos braços dele.



Acordei com o barulho do chuveiro, me vendo na cama sozinha.

Não demorou muito e Marco desligava o chuveiro vindo com a toalha branca ao redor da baixa cintura, envolvendo o quadril bem traçado, deixando os chifres do touro em sua pele à mostra. A visão era bela, digna de páginas de revista de modelos gostosos. Todo seu corpo tinha os músculos exatamente definidos e no lugar certo. Quantas vezes, deitada com a cabeça no seu peito, tracei os quadrantes da sua barriga e os contei. Essa era a vantagem do nosso acordo de casamento. Poderia contemplá-lo e dizer que era só desejo, mas confesso que Marco despertava em mim várias

emoções, inclusive a de ontem, quando fez questão de me incluir no seu mundo. Sua atitude de voltar e me levar junto com ele e mostrar que me queria naquele momento, foi muito importante, me fazendo sentir como parte de algo. Porém, para que tudo ainda continuasse assim, precisava dar um passo no qual estava muito insegura em contar-lhe.

Romano nesses dias em que Don Valentino esteve preso, me importunou ao extremo, além das ameaças que me fazia por não falar com detalhes o que estava acontecendo. Até pensei em falar com Marco sobre isso, mas as coisas estavam tão loucas e apreensivas para ele que tentei resolver à minha maneira. Afinal, meu irmão não tinha mais o monopólio da minha vida.

— Bom dia! — Me disse ao notar que estava acordada olhando para onde estava.

— Bom dia! Acho que dormi muito — respondi me justificando por simplesmente dormir após o sexo sem falar nada. Geralmente, uma gracinha, uma fala ou outra trocávamos todas as vezes, diferente do que foi.

— Percebi, até roncou.

— Mentiroso! — Marco gargalhou deliciosamente caminhando, ajoelhado sobre a cama, até mim. A toalha escorregou quando passou com seu corpo a sobrepor o meu.

— Já disse que não minto, mas foi bonitinho, loira. — Já estava completamente em cima de mim quando disse e baixou seu rosto próximo do meu, raspando seus lábios. Sorriu. Outra particularidade que me atraía nele, era a forma como seus lábios abriam quando sorria, mostrando toda dentição perfeita. Ele sempre se referiu sobre minha boca ser grande, mas a dele era também e, quando estava sorrindo calmo e descontraidamente, ela

tomava parte do seu rosto, deixando-o mais lindo e sensual. Eram poucas as vezes que isso acontecia, como agora e na Itália.

— Não me olha como se fosse te devorar, Leah...

— Não estou olhando assim, mas...

— Porque eu vou — completou minha frase.

A decadência da sua possessão me atiçava, me deixando mais cheia de tesão. Esse pequeno momento simples e singelo já se esvaía e trazia de volta o predador de olhos verdes, que me fitava como uma presa.

— Mas antes vou tomar um banho — disse ao tentar sair de baixo do seu corpo, porém ele me travou mais forçando, com o joelho, o meio das minhas para se abrir.

— Não dá, assim vou me atrasar.

— Então se atrase. — Fazendo força, o empurrei antes de conseguir morder meus lábios. — Preciso de um banho, dormi toda melada.

— Não posso mesmo. Então vai tomar banho, sua falsa freira, que fica me atiçando. — Se jogou ao meu lado.

— Para de me chamar assim. — Em tom de brincadeira pedi, quando me enrolei no lençol e me pus a sair da cama.

— Mas você é, veja só, se enrolou no lençol na minha frente. Já sei do seu corpo e conheço cada curva que sua boceta faz, querida.

— Vai se trocar para não se atrasar. — Sorri, jogando um dos ombros descontraidamente, ao me adiantar, saindo rápido do seu alcance.

Olhar para trás e vê-lo cruzar os braços atrás da sua cabeça foi tão especial e diferente do que vivemos nesses meses. Fodemos muito e cada

vez mais eu queria mais, mas tudo estava acontecendo tão estranho, que agora já não sabia mais o que estava sentindo. Só tinha certeza, que acordar todas as manhãs sentindo seu delicioso cheiro era maravilhoso e isso estava me deixando com os pensamentos todos bagunçados.

CAPÍTULO 38

MARCO

Que porra foi essa que aconteceu entre nós?

Fiquei tempos depois sentindo a respiração pesada dela chocar contra minha pele. Pensei e relembrei de olhos fechados, pesando em como Leah era incrível sexualmente. Ela era tão natural, que a forma como fechou suas pequenas mãos ao redor do meu pescoço ativou em mim o modo mais obscuro dos meus desejos. Me levando a deixá-la livre, me dominando como um escravo dos seus atos.

Nunca neguei que o prazer da *asfixiofilia* era minha predileção, mas nunca, nem Louise ou outra mulher foi tão instintiva ao agir como a loira fez. Repartindo e descobrindo partes do nosso sexo, que só uma pessoa

sabia. Foi como naquele dia, que o animal preso dentro de mim rugiu, mas dessa vez ela o deixou domado em suas mãos. A sua mercê completa, rendido e sob seus pés.

A figura de Leah segurando meu pescoço, olhando intensamente, sugando meu domínio próprio, drenando-o para si, não saía da minha mente. Apesar dos pesares, tê-la só para mim, todas as noites dormindo agarrada ao meu corpo estava sendo diferente do que queria para minha vida. Talvez esse casamento estivesse saindo mais que uma excelente encomenda. Leah tinha uma boceta incrível, além de ser boa de cama. Por isso, quando a deixei adormecida na cama fui para o chuveiro sozinho, pensando que, talvez, se as coisas ficassem assim, poderíamos até manter esse acordo por um tempo maior e só reafirmou o que pensei quando voltei para o quarto e vislumbrei seu corpo nu, enrolado no lençol rose de seda pura. Os cabelos loiros revoltos e os olhos inchados de sono.

Era linda, a definição exata de pura tentação. A perdição do meu desejo lascivo e decadente. Mas, para tudo que está bem, nem sempre continua como esperamos e comigo não poderia ser diferente.

Abaixei a guarda com ela ao deixá-la entrar e se juntar à fera, que agora se apossou e não sairia de perto tão cedo. Entretanto, se soubesse que voltar logo em seguida, minutos depois que saí para minha reunião, resultaria na virada de página — de tudo que senti pela manhã —, não teria deixado Leah fazer parte da minha metade secreta.

Depois de esperá-la sair do banho e tomar café ao seu lado, saí para me encontrar logo pela manhã com Giovani. Porém, precisei voltar. Acabei me esquecendo de alguns papéis importantes. E, infelizmente, pude escutar com detalhes a conversa dela com a empregada.

Parei antes de entrar no cômodo e me encostei na parede.

— Adam disse que quer o restante ainda hoje.

— Consuelo, não consigo tirar uma quantia assim dessa maneira, preciso que tenham paciência.

— Se ele tiver que esperar já disse que vai cobrar mais.

— Não vou dar mais nada além do que combinei! — A voz de Leah era firme, mas senti o medo vibrar de longe e me mantive à espreita, parado, escutando.

O que seria que ela tinha que dar?

— O que acha do senhor Valentino saber que foi uma armação sua para sair do seu irmão e se casar com ele?

— Consuelo, não vou explicar de novo, que não era para ser Marco naquelas gravações.

Desgraçada...

— Será que ele vai gostar de saber que você arrumou uma cilada para ele ao contratar alguém para flagrá-la com uma pessoa e espalhar o escândalo? — Não precisou de muito para entender o que estava se passando ali dentro.

— Consuelo, eu confiei em você. Já disse que era para ser outra pessoa e que seu primo só está se aproveitando. Eu vou pagar, mas preciso de mais tempo, só isso. — Leah se desesperou.

— Adam já lhe deu tempo demais. Você conseguiu o que queria, agora é hora de acertar o combinado. Quem teve o benefício em tudo foi você...

Respirei fundo, escutando e compreendendo tudo de um jeito que não queria.

Leah estava sendo chantageada e estava pagando para esse tal de Adam e a funcionária estava cobrando, mas isso não seria um problema para mim e, muito menos, a primeira vez que a via nessa situação. O que pesou foi o que fez...

— O que foi combinado? — perguntei ao não me controlar e aparecer no campo de visão das duas.

A raiva por saber que fui envolvido em uma teia de mentiras me atingiu e não pensei em mais nada. Entrei no quarto, pegando-as de surpresa, com minha ira crescendo. Logo agora que estava me abrindo e deixando alguém entrar.

— Me digam o que foi combinado. — Já sabia do que se tratava, mas perguntei de novo quando as duas mulheres me olharam assustadas.

Consuelo ficou muda e tentou passar por mim, mas a impedi me colocando entre a porta antes que fugisse dali.

— Você não vai a lugar algum. — A barrei.

Meus olhos voaram para a loira ainda vestida de roupão de cetim rosa, que agora me devolvia o olhar, se condenando ao deixar as lágrimas descerem silenciosas por seu rosto.

— Quem vai me responder primeiro? — perguntei, adiantando um passo à frente, fechando a porta logo atrás de mim.

— Marco... — Leah disse meu nome com os lábios tremendo.

Estava pálida como se eu fosse um fantasma ali na sua frente.

— Fica quieta... — sibilei sentindo uma raiva absoluta e crescente. — Consuelo, você está demitida. — Não era minha casa e muito menos minha funcionária, mas nunca admiti falta de lealdade ao meu redor. —

Pode ir à empresa da minha família que eu vou fazer o acerto de todos seus direitos trabalhistas e, se fizer qualquer coisa contra, vou levá-la aos tribunais junto com esse tal de Adam, e fazer com que peguem alguns anos atrás das grades por ameaças e coação. Saia daqui agora!

A mulher abriu a boca, mas viu que seria perda de tempo e se foi deixando Leah e eu sozinhos, de frente um para o outro.

— Desembucha tudo, Leah. — Jamais esperei que poderia ter sido engando de tal forma. Acreditei na dor que vi em seus olhos e nos lábios cortados quando tudo aconteceu, mas nunca pensei que tudo seria uma armação ardilosa dela. Por isso, minha raiva era crescente e estava me segurando para não cometer nada pior. Sempre odiei mentiras e essa foi a primeira coisa que pedi que não fizesse. Me sentia como se Leah enfiasse a faca e cravasse nas minhas costas. Ainda mais porque não queria estar aqui e, se estava, era por ela. Para ajudá-la. Porém, a falsa freira agiu como uma cobra, sorrateira e silenciosa ao forjar tudo, me dando o bote sem me deixar preparado.

— Marco, eu posso explicar...

— Explicar o quê, Leah? — respirei fundo e engoli em seco, sentindo a saliva pesar e amargar o doce sabor que tive hoje de manhã ao sentir que estava sendo enganado.

— Não é como está pensando... — Me mantive sério, me segurando para não chacoalhá-la. Precisava entender e, talvez, quem saiba, tudo isso não tenha sido um engano.

— Não? Me diga então por que estavam te chantageando. Ouvi claro meu nome ser citado e a armação que manipulou para estar aqui.

— Por favor. Não foi assim...

— Foi como, Leah? — balancei a cabeça, colocando as mãos dentro do bolso. A rodeei, olhando seu rosto vermelho, observando seus olhos intensificar a cor das íris ao extravasar as lágrimas que escorriam como goteiras pelas bochechas.

As peças se juntavam em minha mente e não precisava de mais explicações. O olhar desesperado já confirmava tudo.

— Você armou para mim, Leah?

— Não!

— Por que então queriam dinheiro de você?

Leah ficou muda me encarando e perdi a paciência quando negou com a cabeça, recusando a se explicar.

— FALA LOGO! — gritei ao aproximar do seu rosto depressa, como um animal cheio de ódio, louco para devorar o predador que o ameaçava.

Ela soluçou e se encolheu amedrontada.

— Porque quando retornei de São Francisco no dia do aniversário de Bella eu tinha um prazo aqui. Tinha que terminar com Travis porque Romano exigiu que eu me envolvesse com Tedy.

— Essa história de novo não. Caí uma vez, querida, não caio de novo não.

— Estou falando a verdade, por favor acredite.

— Não. Já é a segunda vez que mente e esconde as coisas de mim, Leah. Não dá...

— Eu paguei alguém para me flagrar com Travis, mas saí com você, só que achei que não tinha dado certo quando Consuelo não o achou no outro dia, naquele dia que Travis veio aqui e quis me cobrar o contrato.

— Não conseguiu com o *merdinha* do corretor, então me usou como isca para se safar do seu irmão. Parabéns, você sabe muito bem se fazer de santa, escondendo a mentirosa e vil que é. Agora quem vai dar um jeito de me safar de você sou eu. Você e seu irmão se merecem, duas cobras. Mas sabe o que faço com cobra, Leah? — Fiquei tão próximo do seu rosto, encostando minha testa na lateral do seu rosto, deixando minha boca muito perto do seu ouvido. — Eu a deixo morrer sozinha, se envenenando com o próprio veneno.

— Marco, por favor — implorou.

Leah virou o rosto, prendendo seu olhar no meu, porém só o que meus olhos viam era a mentira estampada no choro falso. Não conseguia ver nada mais que essa armação suja.

— Não acredito em uma lágrima sua. Se mandei Consuelo sair daqui é porque me comprometia também, mas você merece ter esses tipos de pessoas ao seu redor. Nem uma boceta vale essa sua sujeira.

— Não queria prejudicá-lo.

— Falsa e mentirosa!

— Me perdoa, não queria forçar você a nada. — Por mais que seu apelo fosse em um tom sincero, não conseguia sentir mais aquela sensação

boa que estava sentindo ao vê-la sorrir, quando entrava nas minhas brincadeiras ou se rendendo comigo dentro do seu corpo. Por mim poderia morrer pedindo perdão que toda a confiança que estava tendo nela se foi e não tinha mais volta...

Frustrado, não só por tudo estar acontecendo logo agora, mas por ter sido enganado enquanto agi de boa-fé, na tentativa de ajudá-la. Deixei-a ali sozinha, saindo daquela cobertura, precisava ficar longe para pensar e colocar minha cabeça em ordem, antes de me encontrar com qualquer pessoa.

Juro que se soubesse que Leah fosse tão ardilosa quanto seu irmão, jamais teria insistido em tê-la e, o pior agora, estar ligado legalmente por um papel com ela. Foi minha sentença por ter sido cego e não desconfiar de nada. Precisava cumprir até o término, entretanto, não mais do jeito que seria. Daqui por diante, voltaria a minha vida, pouco me importando se tínhamos um papel ou mais se teríamos um novo escândalo envolvendo nós dois. E que se foda todos também, agora pesaria só em mim.

CAPÍTULO 39

LEAH

Quando o vi parado na porta, todo meu corpo estremeceu com certeza que escutou tudo e, provavelmente, não teria uma explicação que mudasse tudo isso.

Não sou nenhuma vítima, mas achei que poderia resolver sem que alguém soubesse de tudo e da forma como aconteceu... Mais uma vez errei o cálculo e não acertei o alvo. Logo agora que tudo ia bem, que estava me sentindo parte da sua vida. Chorei e pedi perdão. Nada do que falasse mudaria o fato que estava ali, agora nos separando antes do término do nosso acordo, o que me deixava vulnerável de novo e, o pior, sentindo meu coração se fechar todo.

Fiquei calada enquanto observava seus olhos de rapina se escurecerem de raiva e ódio, confirmando que tudo entre nós dois teve um começo, meio e um fim muito rápido, sem chances de consertar. Sei que seria por um determinado tempo, mas depois da noite e da manhã que

tivemos, quando me olhou sorrindo, imaginei que teríamos algo a mais. Parecia que esse seria o melhor tempo entre nós dois e que poderia durar até mais do que planejamos. Que ficaria livre, tendo-o por perto, me protegendo, sendo minha companhia, meu amante e meu amigo.

A única coisa boa que me deu o sabor de paz, foi vê-lo excomungar Consuelo da minha vida, não dando oportunidade para que ela e Adam tentasse algo contra mim. Contudo, confesso que, se pudesse voltar atrás e contar tudo desde o começo, teria feito, só para poder consertar as coisas e ainda tê-lo por perto. Infelizmente, isso não seria possível, e tive certeza assim que vi o reflexo do terno escuro saindo do quarto. Me deixando sozinha, mostrando que tudo acabou, agora era esperar qual decisão tomaria. Me levando a crer que meu fim seria voltar a ficar nas mãos de Romano.

Talvez fosse essa minha punição por agir pela emoção e quebrar essa relação doida. Tínhamos um tesão mútuo, eu o desejava e, só de olhá-lo, me sentia completamente rendida. Sempre fora assim desde aquele dia no banheiro. Era só Marco se aproximar para eu esquecer de tudo e me conectar a ele nessa atração absurda. Porém precisava respeitar seu espaço, mesmo que isso criasse um buraco ainda maior entre nós dois. Sei que não seria mais a mesma coisa. Poderia me preparar para o momento que chegaria e me pediria uma anulação ou uma separação legal.

Acertei como estava prevendo.

Sim... Marco não brincou e começou a me punir, me dando seu silêncio e sumindo por três dias. Quando retornou e não falou comigo pensei que teria vindo buscar suas coisas, mas simplesmente passou por mim — dentro da minha própria casa — e me ignorou.

Não o procurei, deixaria sua raiva passar e depois tentaria conversar, mas após ser ignorada pesei mais ainda minhas atitudes em procurá-lo. Por isso, resolvi me manter como estava: ali sentada na cama, com as costas apoiada no respaldar de *capitonê*, observando, como quem não quer nada, o que ele estava fazendo. De início, fingi que não o vi, assim como fez comigo. Não por pirraça, mas por respeitar o seu momento. Sei que estava certo e tentei entender como se sentia, contudo, se achei que em algum momento ele voltaria e falaria comigo, me enganei. Marco só me provou que faria tudo ao contrário, ao continuar me ignorando. O diabo de olhos verdes simplesmente, atravessou a entrada do *closet* e saiu de lá trocado, depois de quase uma hora. Me segurando, tentei evitar olhá-lo, mas não consegui e o encarei no exato momento em que me olhava firme com seu olhar de rapina.

Toda aquela situação densa, que nos rodeava ainda estava ali, pesando e mantendo-se imóvel. Nada dela ir logo para tentarmos ajeitar as coisas.

Foram três dias que não parei de pensar em diversas hipóteses para conseguir melhorar toda essa situação, mas nada veio à mente, me deixando ainda mais no escuro, sem saber o que fazer. As únicas coisas que me vinham a todo momento, eram suas palavras, quando se referiu a mim como uma cobra peçonhenta. Ainda me doía lembrar, sei que mereci e, por mais que quisesse expurgar suas palavras, seus olhos ainda me diziam isso ao ficar ali, parado próximo à porta me encarando por poucos minutos.

De onde estava, sustentei seu olhar e, por vergonha, baixei a cabeça logo depois, fraca e condenada, não conseguindo suportar a forma como ainda me encarava, me condenando. Quando ergui o rosto novamente para olhá-lo, não o vi mais. Ele saiu sorrateiro sem falar nada.

Para onde será que ele foi?

Mesmo sentindo o impulso de correr pelo *duplex*, atrás dele, me contive e me mantive no lugar em que estava, quieta. Era melhor esperar quando retornasse. E esperei por uma semana, entrando nesse ciclo, onde Marco chegava, tomava banho, se trocava e não voltava mais. Assim foram todos os dias.

— Como estão as coisas? — Eleonora, sentada a minha frente perguntou.

Ontem, logo depois que Marco fez sua rotina e seu passeio pelo meu apartamento, esfregando na minha cara que, da mesma forma que era intenso para o sexo, também era implacável para uma correção recebi a ligação dela. Sendo direta como sempre: ao me dizer que já estava sabendo de tudo e que queria muito almoçar comigo.

— Do mesmo jeito, Léo — respondi sem entusiasmo algum.

— Todos eles, Leah, são complicadíssimos. Não tem um dos Valentino que não tem seus dramas — disse, levando até a boca o peixe preso pelo *hashi*, todo embebido de *shoyu*.

— Sabe que grávidas não podem comer peixe cru.

— Estou com vontade e você está que nem Robert. Não queiram me deixar paranoica. Amo os dois, mas quero muito me alimentar com coisas das quais tenho vontade, e o médico disse que uma vez ou outra não vai fazer mal. Peixe é vitamina, loira. — Léo me apelidou assim como Marco costumava me chamar.

— Robert está perdido se for outra mulher.

— Imagine só — deu de ombros rindo. — O urso branco vai ficar louco. — Rimos. — Agora, Leah. Vamos voltar ao assunto do nosso almoço e não tente mais me distrair.

— Está bem.

— Marco está puto. Nem Robert que sempre conversou aberto com ele conseguiu que ele se acalmasse.

— Léo, em momento algum queria prejudicar ninguém, quando paguei o cara era só para tirar uma foto beijando e nem era para ser Marco. Jamais passou pela minha cabeça que ele conseguiria gravar nós 4 juntos.

— É o que dá confiar em qualquer pessoa. Mas já passou, não tem como você fazer diferente e voltar atrás. Sei que deve estar se sentindo péssima, mas conhecendo Marco, acho que vai ser difícil te perdoar. Provavelmente ele deve estar tentando pensar em algo para anular o casamento de vocês dois.

— Eu também acho. E já estou me preparando para voltar a ficar nas mãos do meu irmão. — Eleonora segurou minha mão por cima da mesa em sinal de conforto.

— Sabe que pode contar comigo, vamos dar um jeito, vou ver com Rob o que ele pode fazer para você não ter que voltar.

— Não sei, faz uma semana que penso e repenso e, cada vez mais, não consigo achar uma solução plausível, já perdi a esperança e sinto muito por ter envolvido Marco assim, só queria que ele acreditasse nisso.

— Liga para ele, tenta, Leah.

— Não! Você mesma disse que ele não vai, é atirar a isca para o peixe errado. Só estou esperando a decisão dele e acatar.

— Sim, de todos os Valentino ele é o mais obstinado. Diferente de Giovani. Que me fez atravessar o país com um papel falso de separação para deixar Bella com ciúmes. Luca sempre fez bagunça para os três limparem, Raf acho o mais centrado, mas Marco é o implacável, sempre analisou muito antes de agir para não cometer erros.

— É o que sinto. Sinto saudades do tempo que estava indo tudo bem. — Tentei sorrir e segurei o choro que apareceu do nada, querendo sair.

— Você gosta dele?

— Não sei, só sei que sinto falta, não do sexo, Léo, mas de estar perto e me sentir segura.

— Você está apaixonada por ele.

— Não chega ser paixão. Mas gosto dele.

— É paixão.

— Não acho que seja, mas enfim... agora é hora de seguir em frente.

— Ainda acho que tem muito para acontecer e Rob também. — A morena disse, mastigando uma grande porção do salmão.

Terminamos o almoço, falamos sobre a sua gravidez e como estava se sentindo e até me assustei quando Léo, por último, disse que achou que eu substituiria Louise. Mas como não entrou em detalhes e não mencionou mais nada, preferi não ser invasiva, porém, o nome dessa mulher martelou e replicou durante o restante do dia na minha cabeça.

Quem seria Louise? Só poderia ser alguma mulher do seu passado. Fiquei tentada a saber quem era e o que foi em sua vida.



Pelo oitavo dia consecutivo já tinha decorado sua rotina: Marco chegaria e iria direto para o banho. Contudo, dessa vez, pedi que a recepção da portaria me avisasse assim que o carro dele entrasse na garagem. E foi no horário que costumava vir, quando me informaram que seu carro havia entrado no subsolo do prédio. Já sabendo o que faria, corri para o banheiro e fui tomar banho na sua frente. Como pensei, ele veio direto para o banheiro e me encontrou sob a água quente em meio a nuvem de vapor.

Sei que estava ali, o vi pelo canto dos olhos. Porém, fingindo que não o tinha visto ainda continuei a me ensaboar, como se ele não estivesse na entrada me olhando.

Não era para ser erótico, mas o peso do seu olhar me fez escorregar minhas mãos cheias de espuma e massagear, espalhando-as pelo meu corpo. Subi desde meu ventre, lentamente, circulando meus seios com o creme do sabonete líquido até meu pescoço, quando impensadamente fechei minhas mãos ao redor e esfreguei com prazer, semicerrando as pálpebras superiores, aspirando o toque perfumado.

A sua imagem flutuou diante dos meus olhos fechados. Passei a imaginar que eram suas mãos que me enforcava e que estava ao mesmo tempo dentro de mim. Joguei minha cabeça para trás, ficando com o corpo sob a cascata de água quente. Me deixei levar, apertando mais meu pescoço, mas não cheguei a sentir aquela pressão dos dedos se fecharem e me tirarem

o ar, só senti quando meus olhos pesaram e vi tudo rodar, vendo o borrão dele logo em seguida ao meu lado, me pegando no colo antes que eu caísse.

Todo meu corpo pesou e não consegui me segurar, mas sabia que estava segura em seus braços quando cedi e desmaiei por completo. Quando retornei, ainda com a imagem toda desfocada, o vi com seu rosto sobre o meu e um cheiro forte me atingindo, me causando ânsia.

— Que cheiro é esse? — perguntei quando senti a ponta do meu nariz ser molhada pelo doce cheiro forte de um perfume.

— É perfume. — Sua voz bradou tão próxima que aos poucos ela junto com sua fisionomia tomavam forma.

— O que aconteceu? — tentei levantar, mas ainda me sentia zozza e sem tônus algum nos músculos para me sustentarem pelos cotovelos.

— Você estava tomando banho e desmaiou. — Se afastou quando consegui, por fim, focar seu rosto próximo ao meu.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer, não ia te deixar cair com tudo no chão.

— Mesmo assim, obrigada — tentei novamente levantar e notei que estava sem roupa alguma.

— A trouxe do banheiro direto para sua cama.

— Estou melhor, vou terminar meu banho e me trocar, obrigada. — Depois de ter vencido toda polidez em que nos tratávamos, ele retornou ainda mais distante.

— Não é uma boa ideia, Leah. Você estava desmaiando quando cheguei — disse, afirmando que havia chegado bem no momento em que eu estava passando mal... mentiroso! Eu o vi ali antes, mas agora não era uma

boa hora para contradizê-lo, precisava ser esperta e, por isso, só assenti fingindo que acreditava.

— Preciso, ao menos, me vestir então.

— Ok!

Fui tentar deixar a cama e senti que ainda não conseguia firmar minhas pernas e, quando olhei por cima dos ombros, logo para trás, notei a força como tentava desviar seu olhar.

— Vou ajudá-la e levá-la no hospital. Você não está bem. — Marco, sem me dar oportunidade de argumentar que não era nada e que não tinha a necessidade de ir ao médico, rodeou a cama e parou ao meu lado, oferecendo sua mão. Não recusei a ajuda e fomos até o *closet*. Mesmo ainda mantendo a distância do que estava acontecendo entre nós, não deixou de me segurar com cuidado quando vestia qualquer roupa que achava pela frente.

Trocada, terminei de escovar o cabelo, penteando os fios e os deixando molhados ao dizer que estava pronta.

CAPÍTULO 40

MARCO

Que raiva dessa mulher! Ela me fazia sentir inconstante e com constantes variações de humor. Ainda não conseguia achar uma lógica para meu desespero para ter armado esse flagra e me sentia com ódio. Não tinha uma metade de mim que via seu ato como algo bom. Leah simplesmente envolveu pessoas que não tinham nada a ver e foi totalmente egoísta pensando só em si. E o pior, que me dava mais raiva, era quando contemplava seu belo rosto e tudo em mim se ligava, desejando-a ainda mais. Como um completo idiota.

Todas as noites fiz questão de aparecer em seu apartamento, usando o subterfúgio de me trocar, mas na verdade era para ver se ela estava bem e as coisas dentro dos conformes. Ainda me importava, mas não queria deixar transparecer que só vinha para saber dela.

E não... Não estava exagerando nem um pouco. Deixei bem claro que não tolerava mentiras, que isso era a primeira coisa na minha lista de

condições em que eu mais odiava. Então, não tem essa, Leah quase vacilou na primeira vez. Deixei passar batido, mas dessa não. Ainda ficava louco de ódio só de pensar que fui envolvido em seu jogo ardiloso e que agora estávamos casados por causa da sua armação. Não tinha tesão algum que me faria mudar de ideia da forma que estava agindo. Nunca fiz segredo sobre não querer em hipótese alguma estar nessa posição, se o fiz, foi para ajudá-la. Todavia, Leah não pensou assim, quando escondeu de mim que havia pago a espécie de um *paparazzi* para nos fotografar.

— *Léo, pare de defendê-la, Leah ferrou com tudo e pronto. Vou dar um jeito de cair fora. Prático e rápido. E se quer saber, pouco me importa o que ela sente. Agora, se não se importar, minha delícia gravidinha, vou desligar e me arrumar para sair* — despedi-me, não dando oportunidade para Eleonora sair em defesa de Leah.

As duas almoçaram hoje e, pelo visto, fui o assunto delas e, mesmo que a morena saísse em prol da loira, não tinha volta, estava decidido que me separaria daqui uns meses. Daria um jeito dela não voltar aos abusos do irmão. Que por mais ódio que estivesse sentindo, não a devolveria para a situação que estava antes.

Infelizmente ou felizmente, o sentimento de proteção, que nutri por ela cresceu em mim, não queria que ninguém encostasse nela. Por mais idiota que fosse da minha parte, as mulheres com quem passo mais tempo, acabo tendo esse carinho e amizade, o que não difere dela, mesmo me ludibriando como fez. Agora, abaixar a cabeça e aceitar que a falsa moralista — gostosa e com a boceta de mel — me passou para trás, era outro detalhe que não deixaria passar batido.

Leah merecia de mim — depois da mentira — que eu lhe virasse as costas e entrasse com o pedido de anulação, mas o animal, idiota e babão

ainda sentia falta dela, sem mencionar o meu senso de moral e zelo, que me segurava em toda essa *merda* que me meti por querer bancar o salvador. Seria só por mais alguns meses, que a loira quente como o inferno ainda seria minha esposa. Admiti para mim, mesmo com raiva, que ainda tinha um tesão enorme na cretina. O bicho-papão sentia falta das noites e do sexo, despretensioso, que se moldava ajustando-se perfeitamente ao meu padrão. Porém, em breve, teria que conviver e voltar a ser o velho Marco Valentino de sempre.

Contudo, estava levando de boa, mas não dava para mim, a não ser por essa mistura de decisões que cada hora se alternavam. Ora querendo enforcá-la e dizer tudo, ora fodê-la até deixá-la assada, mas o melhor a ser feito era o que estava fazendo: deixando claro, que estava com muita raiva e que não tolerava mentiras, e que ela teve a oportunidade de me contar tudo depois que mentiu para mim no dia do casamento. Por isso me afastaria aos poucos até chegar ao ponto, de que terei a certeza de que ficará bem e o *bicho-papão* não sentirá mais sua falta. Portanto, até tudo isso se desenrolar ainda faço minha nova rotina.

De praxe, depois de estacionar na garagem subterrânea, peguei o elevador e subi até a cobertura. Dentro da caixa metálica, minha cabeça girava em torno de tudo o que aconteceu ainda. Com tantos problemas familiares, ainda tinha mais esse, e o pior, pela primeira vez: desde quando tive minha primeira vez no sexo fiquei uma semana de castidade por causa dela. Não estava a fim de trepar com ninguém a não ser com ela. Sem nenhum sentimento, mas Leah foi a única que conseguiu me saciar, ainda mais depois da última vez que seu corpo leu o meu em harmonia, como sistemas interligados. A ordinária mentirosa me deixou viciado no seu cheiro e nela toda. A excitação que sentia por ela era do mesmo jeito quando meu corpo exigia que eu fosse até meu quarto do prazer me aliviar.

Mediante a essa tara desesperadora precisava demais procurar o alívio que seu corpo me dava. Decidi que assim que saísse daqui e me certificasse que estava tudo bem iria até meu apartamento. Porém, quando entrei no quarto não a vi como em todas as noites, sentada ou deitada, com a TV ligada ou uma revista aberta em suas mãos, mas ouvi o barulho do chuveiro e o cheiro vaporizado do seu sabonete marcando todo o cômodo. Ciente da onde estava segui para lá, parando na porta do banheiro ao vislumbrar seu corpo molhado, cheio de espuma. A desgraçada conseguia ainda me despertar e me deixar fodidamente duro e louco para fodê-la depois de ter me ferrado completamente.

Seu jeito e a maneira como se ensaboava era sensual e convidativa, que me atiçava muito ao ver suas pequenas mãos deslizarem lentamente por cada curva do seu corpo. O que me deixava em uma luta interna, lutando com o monstro que habitava em mim, que gladiava para me fazer ir até lá e trepar sob a água quente. A fera me deixava insano e cego, ainda mais com o tempo de privação em que me encontrava. Atento e excitado me deixei levar pelo instinto de tê-la e estava indo quando vi seu corpo cambalear e amolecer, me dando tempo apenas de correr e segurá-la, pouco me importando se estava me molhando.

Leah escorregou e caiu nos meus braços.

Naquele momento esqueci toda situação tensa entre nós e me preocupei com o que havia acontecido. Por minutos a chamei até que me lembrei de oferecer um cheiro forte e, mais que depressa, me vi cheirando vários de seus perfumes até encontrar o mais enjoativo, só para esfregar em seu nariz e ver se o que diz a lenda é verdade: de que cheiros fortes acordava alguém que desmaiou.

E deu certo! Mas ainda assim, depois do breve diálogo, notei que ainda não estava bem e resolvi que seria melhor levá-la ao médico, mesmo que fosse um exagero meu. Dentre toda essa confusão em que estávamos, coloquei de lado e optei por me certificar que estaria bem. Se algo de errado estivesse acontecendo não teria como deixá-la ali e continuar mantendo distância, como estava fazendo nos últimos dias.

Ainda bem que não precisei insistir e ajudei-a, desde se trocar até escovar os cabelos, levando-a para o hospital em seguida.

Dentro do consultório me mantive em pé encostado na parede enquanto Leah, sentada a frente do médico, relatava o que estava sentindo e o que havia comido mais cedo. Observando-os acabei me lembrando, após ouvi-la, que comeu comida japonesa hoje, e também que em Nápoles ela havia passado mal após comer frutos do mar durante o voo.

— Doutor, teve um episódio onde ela comeu frutos do mar e passou muito mal, acabou vomitando e sentindo muita fraqueza. — A encarei quando me olhou por cima dos ombros, após eu lembrar do episódio da viagem da nossa lua de mel.

— Vamos fazer alguns exames, pode ser alérgica, o que duvido, pois não tem marcas de reação a crustáceos, mas pode ser uma leve intoxicação.

— Sim, doutor. — Sua voz baixa concordou.

Ali mesmo o médico chamou uma equipe, que coletou o sangue de Leah e pediu que aguardássemos um pouco até o resultado sair. O médico que lhe atendia também deixou o consultório para atender uma emergência, mas nos orientou que deveríamos esperar no consultório em que estávamos.

Em silêncio, ficamos até a mesma mulher, vestida de branco, retornar com os resultados impressos e sem nos falar nada deixou as folhas

sobre a mesa, mas antes de sair, parou na porta do consultório e sorriu para mim.

— Parabéns... — Sem entendê-la estreitei o olhar procurando entender o que foi isso e só me dei conta do que era, quando olhei para Leah e a vi fragilizada quieta deitada na maca desde o momento em que colheram seu sangue para examiná-lo.

PORRA! IMPOSSÍVEL!

PORRA!

NÃO SERIA POSSÍVEL MAIS ESSA...

O médico de meia idade retornou depois de um tempo, o mesmo tempo em que minha cabeça girava buscando suposições para não ser o que estava pensando. Ele folheava os exames e riscava, checando cada resultado.

— Bom... seus exames estão ótimos e creio que teve uma queda súbita de pressão. Você me disse que estava no banho quente? — Ele aproximou-se de Leah que afirmou balançando a cabeça. — Pois bem...

— Só um banho quente pode fazer ter uma queda de pressão tão brusca assim, a ponto dela desmaiar? — Não me contive e interrompi, ao perguntar, querendo me certificar que o que estava pensando era absurdo. Por isso precisava ter certeza.

— Sim, mas claro, que no caso dela...

— No caso dela por quê? — perguntei, me aproximando dos dois, mantendo meu olhar preso em Leah, que me devolvia de forma resabiada. — Me responde, doutor. — Não desviei mais meus olhos dos seus, nem mesmo quando pressionei o homem a me responder.

— Porque ela está grávida... é normal nessa condição a pressão cair de uma vez. — Trinquei os dentes antes de apertá-los, pensando na possibilidade de ter sido eu a desmaiar e agora estar vivendo meu maior medo dentro do meu subconsciente.

A palavra grávida ecoou diversas vezes antes de me cegar, me deixando completamente cego, sem conseguir enxergar qualquer cor ou movimento a minha frente. O que sentia era só a pressão com que cerrava os dentes, sendo tomado pela ira.

— Senhor Valentino! — A voz do médico me chamava e quando tudo novamente tomou forma, contemplei os olhos de Leah cheio de lágrimas, exatamente igual da última vez que a desmascarei.

— Não é possível isso, doutor. Estou tomando pílulas há mais de um mês. Estou no meu segundo ciclo ininterrupto com elas. — Leah, chorosa, indagou.

— Então... seu marido mencionou que passou mal cerca de uns 30 dias a mais... e que vomitou. Nesse caso acabou que a senhora não ingeriu a medicação corretamente e pode ter interrompido a eficácia do anticoncepcional. — Ele respondeu naturalmente e isso foi o ápice da minha raiva e, sem pensar em nada, a fitei mais uma vez, sentindo mais raiva ainda do que ela acabava de aprontar.

Impossível a pílula falhar... Leah, com certeza, armou mais essa e, o pior, agora com um filho meu no meio, para me amarrar e não me separar dela.

Irado com ela, desviei meu olhar e dei as costas, deixando-a sozinha ali com o médico na sala. Saí para o corredor e me coloquei a andar para sair dali, contendo a vontade de socar alguma coisa. Leah não poderia ter

feito isso. Agora, mais que nunca, minha raiva por suas mentiras e armações eram maiores e não conseguiria voltar lá e fingir que estava tudo bem.

Que porra... não queria ter filhos. Sempre deixei bem claro a ela ou qualquer outra mulher. Até minha família já estavam cientes de que não eram para contar comigo para ter um casamento e crianças. Sempre me mantive convicto de que preferia a solteirice ao ter que desempenhar o papel de pai de família. E logo agora mais essa para digerir. Me sentia como um completo idiota ao ser enredado duas vezes quando alcancei a calçada na frente do hospital, procurando qualquer lugar quieto, longe do olhar gatuno dela e da voz rouca do médico, dizendo que Leah estava grávida.

Mas que caralho! Logo essa agora.

A desgraçada com cara de anjo armou mais uma.

CAPÍTULO 47

LEAH

Agora tudo estava perdido por completo.

Sei que Marco estava pensando que armei essa gravidez para lhe prender nesse casamento. Foi impossível não ver a raiva ali em seus olhos, refletindo-a intensamente. A maneira como agiu, me abandonando sozinha com o médico só reafirmou o quanto estava descontente com o que aconteceu.

O doido saiu, nos dando as costas sem falar nada, mas não era só ele ali surpreso. A notícia também me pegou sem saber o que fazer.

— Senhora Valentino, vai precisar procurar uma ginecologista para começar os primeiros atendimentos gestacionais. Acredito que hoje precisará descansar e ter paciência porque creio que a notícia foi um baque para seu marido. — Tentei menear a cabeça e sorrir, mas estava um tanto nervosa com a notícia, que nada me fazia conseguir manter uma fachada de que estava tudo bem.

— Sim, senhor.

— Com certeza o ginecologista vai indicar que comece a tomar as vitaminas, aconselho que procure um especialista, comece o quanto antes e faça também uma ultrassonografia.

— Obrigada, doutor. — Segurei sua mão e o papel do resultado onde confirmava que estava grávida.

Caminhei pelos corredores do hospital sem saber definir o que estava realmente sentindo. Era como se ainda não sentisse que tudo o que estava acontecendo fosse real. De um modo superficial, a palavra gravidez rodava na minha mente, se misturando com todas as probabilidades possíveis e impossíveis sobre o surto em que Marco daria. Ele já me achava uma mentirosa, com toda certeza agora diria que aprontei para ele mais uma vez. Nunca o vi da maneira como ficou, estático e sem falar nada, deixando transparecer sua reação ao ouvir que seria pai. Diferente do calculista e estrategista que era.

Marco sempre fora centrado e dono do pedaço, ele e seu magnetismo sedutor deixava qualquer situação tranquila, era como se ele fosse uma máquina lógica e, que tudo que acontecia a sua volta tinha uma sequência racional do que faria, mas não hoje. Vi sua pupila saltitar em desespero em resposta à notícia. E entendia completamente sua reação. Nós dois não éramos um casal qualquer, estávamos unidos por atração, um combinado e só. O mesmo que nos unia por um fino fio.

— Eu não consigo acreditar que armou mais essa para mim, Leah...

— Marco disse parando ao meu lado todo descabelado.

Tinha alcançado a calçada do hospital e estava à procura de um táxi quando percebi que não fazia a mínima ideia de onde ele estaria. Tive

vontade de chorar ali mesmo ao me ver sozinha no meio da tempestade. Compreendo que toda essa situação é diferente ainda mais no momento em que estávamos passando. Querendo ou não, a notícia caiu como uma bomba, me deixando com poucas saídas.

Respirei fundo e engoli em seco para lhe responder com paciência e tentar mostrar que jamais armaria uma gravidez para segurá-lo.

— Marco, por favor, eu não fiz nada do que está pensando — verbalizei em minha defesa.

— Não acredito. Que porra Leah! Por que? — Ele alterou o tom de voz e, pela primeira vez, o vi perder a postura fatal e fria.

— Eu não fiz nada. Quer você acredite ou não. Eu não faria uma coisa dessas.

— Mas pagou alguém para filmar você trepando por aí.

— Porque fiz algo assim não quer dizer que engravidaria de um homem que não gosta de mim para segurá-lo. Qual é, Marco? — Tudo tinha um limite e, por mais razões e motivos que ele tinha para acreditar que não falava a verdade, não o deixaria me acusar de engravidar por querer.

— Qual é, você! Sabia que era por um tempo. Estava te ajudando e você vem e ferra tudo de novo. — Marco girava para os lados, esfregava o rosto e se descabelava.

— Eu ferrei?

— Sim... você. Estava indo tudo bem, precisava enfiar suas mentiras e uma criança da qual nunca planejei no meio...

— Não enfiei nada. Quem quis foder sem camisinha foi você. Eu fiz o que me pediu, tomei as malditas pílulas. Agora, porque elas não

funcionaram quer me culpar?

— Você foi ardilosa uma vez, acredito que engravidou de propósito.

— Você é um doente. Se quer saber, me deixa, anda logo, e pede essa maldita anulação.

— Não tem o direito de sentir raiva, o único enganado aqui sou eu. Vamos embora, não vou ficar aqui discutindo com você no meio da rua.

— Pode ir para onde vai todas as noites que vou embora de táxi. Obrigada por ter me trazido, mas posso voltar sozinha, tenho dinheiro e sei muito bem o endereço.

— Sem dramas, Leah. Agora não é hora de se fazer de santa, já sei como se porta. Vai comigo assim como veio e vamos ter uma conversa bem séria. Sem essa de se sentir a vítima. — Marco agarrou em minha mão e me puxou na direção onde tinha estacionado seu carro.

Não falamos mais nada, mas conseguia perceber a musculatura da sua mandíbula bem traçada se contraindo toda. Marco prensava os dentes e chegava a rangê-los. Creio que deva estar pensando em opções de sair dessa. Todo esse tempo que compartilhávamos a cama e alguns momentos, já sabia muito bem que era astuto e cheio de planos traçados para tudo. Era imbatível quando precisava agir. Sempre fora mais racional do que emocional, a não ser nos momentos em que transávamos, que era viril, sedutor e apaixonante. Queria muito ser como ele e saber dividir toda essa carga da forma como fazia no sexo. Não se envolvendo, mas ao mesmo tempo, deixando tudo aos seus pés.

Marco sempre foi um caçador nato, viril, sedutor e estrategista, mas também era uma deliciosa companhia; gentil e compreensível. Essa sua mistura de frio e quente era o que me envolvia e me deixava desesperada

para estar em sua cama de novo. Todavia, sei que agora seria o último lugar que voltaria.

— Porra, Leah, não consigo me conformar que fez isso — disse assim que entrou logo atrás de mim dentro da cobertura.

— Juro que vou me abster de ficar discutindo sobre isso. Não fiz nada disso. Se quiser me culpar por pagar alguém para flagrar o que nem era para ser com você, tudo bem. Agora gerar uma criança com uma pessoa que nem gosta de mim seria cruel da minha parte não com você, querido, mas sim com um inocente.

— Eu não quero ter filhos.

— E eu não queria ter nenhum com você. — Minhas palavras me acertaram em cheio, até mais do que esperava, me fazendo sentir a realidade nua e crua e, agora totalmente dura.

Sei que não poderia esperar fogos de artifício vindos dele, mas também ficar me falando tudo isso assim de um jeito para que me fizesse sentir culpa, não dava.

Por fim, perdi a paciência.

— Se troca, toma seu banho e vá foder qualquer vadia por aí. Vou terminar de tomar meu banho e descansar, por que até agora, por mais que não acredite em mim, não me conformo que fui engravidar de você. Ainda mais sabendo que teria um fim e meu filho não teria um pai presente. — Virei, dando-lhe as costas de novo, e caminhei na direção da escada.

— De quanto tempo está grávida? — Segurei no primeiro pilar de inox do corrimão da escada e virei o rosto para olhá-lo, achando inusitado seu interesse repentino por detalhes.

— Não sei, o médico não disse nada, mas se for contar desde que viajamos, estou grávida de um mês.

— Está dentro do tempo legal para o aborto. — Estagnei no lugar, sem saber como reagir diante da forma fria e insensível que disse.

— Está ficando doido? Não vou fazer nenhum aborto. — Senti toda minha raiva crescer e quando dei por mim estava avançando, indo para cima dele.

Uma coisa era ele se rebelar e ficar puto com a notícia, a outra era achar uma solução absurda para consertarmos tudo. Jamais faria um aborto. Por mais que não foi planejado e desejado, isso ia contra o que acreditava. Sei que vai existir mulheres que querem e tem seus motivos e concepções, até mesmo não tem como seguir adiante devido a condições financeiras, e não as julgo. Jamais apontaria meu dedo, mas aqui, entre Marco e eu, não havia lógica nenhuma para tirar uma vida.

— Não vou fazer um aborto, não.

— Leah, entenda uma coisa. Eu não quero filhos e só me casei com você para ajudá-la. Não seremos uma família: papai, mamãe e filhinho. Entenda isso.

— Nunca pedi nada a você, se fez foi porque quis. E, querido, vá se acostumando que nada, nem Romano vai ser capaz de me fazer um aborto. Não o desejei, pois sempre soube que teria um fim entre nós, mas isso não é motivo para eu rejeitar um filho. Então entenda uma coisa, Marco Valentino: não vou e não quero. Se quiser, pode fingir que não é seu. Simples. — Por fim não consegui me controlar e, assim que terminei de dizer tudo, o deixei sozinho e subi para meu quarto.



MARCO

Subi logo atrás dela, perseguindo-a até o seu quarto, louco de raiva.

Sim, estava fodidamente puto com ela. E ainda não conseguia acreditar em sua inocência e, por mais que fosse julgado, eu preferia não ter um filho do que ser um pai medíocre como o que tive.

Sempre pensei que uma criança, independente da circunstância que a cercava, deveria ter alguém que a amasse incondicionalmente e não um desgraçado que recebe esse título e quer a todo custo provar que pai é o que castiga. Sempre disse a Luca para deixar tudo que o velho Valentino tinha feito para trás, principalmente com nós dois. Mas nunca deixei de ter lembranças que só alimentavam a ideia de nunca ter filhos.

Assim como meu irmão mais novo, não escapei de ser torturado psicologicamente, quando o via com suas amantes, trepando com elas e as tratando como lixo, traindo minha mãe. Ele me fazia ver e exigia que ficasse excitado quando o visse fodendo uma mulher. Por mais absurdo que fosse para um garoto de 13 anos, eu sentia e gostava, mas depois que ele via como eu ficava, me chamava de pau pequeno, que não conseguiria foder uma mulher e dar prazer, me humilhando a ponto de fazer as mulheres com quem trepava rirem de mim. Contudo, nunca desisti de ser o melhor.

Felizmente, não fui fruto do meio e sei o quanto o sexo me fez provar que não seria o que disse sobre mim quando ainda era novo. Antes de morrer, dei um jeito de fazer chegar a ele como eu conseguia tratar uma mulher e fazê-la gozar. Parte desse meu desejo compulsivo pelo sexo é por querer ser o melhor, já que nunca conseguiria chegar a ser como seu primogênito. Ao menos, provei que era melhor até que ele ao dar prazer a uma mulher.

Nunca tive um pai para me dar referência do que era ser um, então não tinha lógica e muito menos preparo para me tornar. Não queria ser igual ao velho cretino que chamei de pai por toda minha vida. Não nutri rancores, apenas segui em frente e me tornaria diferente do que ele foi para nós. E isso incluía não ter filhos. Filho é ter que ser referência, dedicar-se integralmente e ter compromisso e não queria nem um pouco nada disso para mim. Aliás, sempre tive aflição ao pensar em que seria pai. A não ser por uma vez quando Louise expressou o desejo de ser mãe, dias antes de tudo acontecer. Até pensei em alguns planos para um dia ter um único filho com ela. Mas agora, como havia morrido e a ideia de ser pai não era do meu agrado, deixei de lado e planejei toda minha vida para não ter nenhum.

— Você não entende. Uma criança precisa de amor, de uma família, de planos que a conduza e faça ser uma boa pessoa. Eu e você não somos uma família. — Sei que poderia ser duro o que dizia, mas precisava fazer Leah entender o quanto seria complicado.

— Marco, por favor, some da minha frente. Não venha nem tomar banho mais. Só some. Não preciso de você para ter um bebê.

— Leah... — respirei fundo tentando me realocar para o centro do meu domínio. — Tudo bem... faça como quiser, se precisar de algo só me ligue. — Conseguindo meu autocontrole de volta, resolvi acatar momentaneamente. Agora não seria uma melhor hora para rebater e mostrar

que essa gravidez não era bem-vinda. Como me pediu para ir e deixá-la, fui até o *closet*, onde minhas coisas estavam e peguei uma muda de roupas. A deixei pensar que estava fazendo como queria, amanhã bem cedo estaria de volta e conversaríamos mais calmos.

Tudo mudaria, mostraria para ela o quanto essa criança poderia ser infeliz se tivesse a mim como seu pai.

CAPÍTULO 42

MARCO

Mudou de ideia? Que nada...

Voltei pela manhã e quando cheguei Leah estava no terraço tomando café e torceu o nariz assim que me viu.

— Bom dia! — cumprimentei-a, me sentando a sua frente.

— O que faz aqui? Não disse para eu ligar se precisasse? Não estou precisando de nada, Marco. — Leah foi direta e distante, diferente da mulher educada e controlada. Até o tom da sua voz não era o mesmo.

— Vim saber como está?

— Grávida, querido.

— Leah, podemos ser sensatos e conversarmos de forma pacífica?

— Marco, pensei muito e mal dormi. Estou com uma enxaqueca terrível e não vou mudar de opinião. Não vou fazer um aborto.

— Tem razão — concordei, chamando sua atenção, desmanchando sua defensiva.

Lutar agora seria perder o controle da situação. Precisava tê-la de novo no controle para nada dar errado.

— Preciso que entenda meu lado, Leah. Não estou preparado e fui pego de surpresa. Não consigo acreditar que demos uma bobeira dessa ao confiar em um remédio. — Depois que fui para casa de minha mãe fiquei pensando e pesquisei sobre o que aconteceu e, vi o quanto era comum. Que não foi armação dela, mas estava com tanta raiva por ter sido enganado anteriormente, que me apeguei a este ponto, só para eu poder usar como justificativa por não ter gostado da notícia.

— Marco... — suspirou e desarmou-se toda. — Eu entendo e não armei nada. Sei que estava nervoso, mas não precisamos ir ao extremo nessa situação. Não era para ter acontecido e aconteceu, não planejei nada disso. Assim como você, também acho que não estou preparada, mas não chega a ser motivo para fazer um aborto.

— Olha, Leah, eu não desejo e nem me vejo como pai, então ainda é difícil digerir toda essa situação.

— Eu entendo. Se quiser pedir a anulação, Marco, pode pedir. Léo comentou que isso é uma possibilidade que tem passado na sua cabeça constantemente.

— Sim, mas muda muitas coisas agora, não acha?

— Sim e não. O fato é que já íamos mesmo nos separar um dia, agora só terá alguém que vai nos deixar ligados para o resto da vida.

— Podemos rever tudo isso depois, agora confesso que não tenho cabeça para pensar em como vamos fazer. Preciso replanejar tudo. — De

uma coisa que estava convicto é que ainda Leah poderia mudar de ideia.

Acabei retornando para o apartamento, mas para o quarto ao lado do seu. Combinamos que as coisas já estavam estranhas e complicadas ao extremo, para termos que explicar às pessoas o que estava acontecendo. Ainda manteríamos as aparências. Tudo mudou, menos a vontade constante que sentia de invadir seu quarto e deitar em sua cama e fodê-la a noite inteira, mas estava me segurando, não conseguia me aproximar sem levantar o fato de que estava grávida, porém já não estava conseguindo controlar minha compulsão sexual e, como quem não quer nada, visitei meu apartamento quando Luca e Mell estavam fora, precisava aliviar a tensão e os dias que tive uma castidade forçada.

Não que fosse imposta. Longe disso. Mas não me senti bem em sair e foder alguém sabendo que minhas últimas trepadas resultaram em um filho do qual não queria. E, por mais que não desse o braço a torcer, depois de estar com ela, as mulheres pareciam insossas. Sem falar que ainda estávamos nesse barco prestes a virar.

Leah e eu não tocávamos mais no assunto, mas era nítido como ele estava construindo essa barreira entre nós e, das últimas vezes que conversamos, pedi que não falasse com ninguém ainda. Tive que aceitar que ela não faria um aborto e respeitei sua vontade, mas precisava de tempo para conseguir assimilar tudo.

— O que está acontecendo? — Giovani entrava em sua sala e batia firme em meus ombros.

— Nada — respondi tentando transparecer maior naturalidade possível.

— Deve estar sobrecarregado.

De fato, estava um pouco. Tive que pensar em como resolver mais problemas nesses últimos meses do que em toda minha vida. Primeiro, foi a reviravolta e meu casamento com Leah, depois veio todo o processo envolvendo Giovani, teve os dois usurpadores que tentaram me pressionar afirmando ter mais material para me expor, além da filmagem no clube aquele dia. Nunca fui de ameaçar e de intimidar ninguém na base da força, mas me vi sem opções ao exercer o método passado da máfia, mandando dar uma surra pesada neles e os fazerem se calar na base do medo. Foi à gota d'água. Estava com a cabeça a mil pelos piores dos meus problemas e ainda tive que resolver com esses dois seres imundos.

Precisava me replanejar, colocando tudo dentro dos conformes logo ou ficaria louco.

— Tive com Robert e... — Estava pronto para me posicionar sobre a condução do inquérito, sobre a acusação quando meu celular tocou me impedindo de continuar. Ia desligar quando vi seu nome no visor acusando. Mais que depressa atendi.

Leah nunca me ligou depois que descobrimos sobre a gravidez e, se estava agora, era porque algo grave aconteceu.

— Aconteceu algo? — pedi com a mão por uma pausa a Giovani e me levantei indo para um canto da sala.

— *Romano está morto! Desculpa te ligar, mas não sabia com quem falar.* — Leah estava chorando ao me dar a notícia.

— Tudo bem. Se acalma.

— *Me ligaram agora mesmo de um hospital, dizendo que ele sofreu um acidente. Estou muito nervosa e não sei o que fazer.* — Leah intercalava cada palavra entre soluços e fungadas.

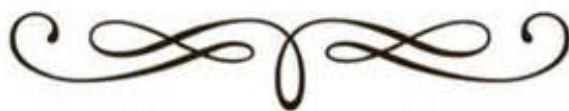
Imagino que, por mais que o irmão fosse um carrasco, ela deveria estar nervosa e ainda mais por estar grávida, me vi desesperado e preocupado para ir até ela.

— Se arrume, vou pedir para providenciarem um avião e vou te buscar — orientei e concluí o que faríamos.

— *Está bem.*

— Agora fica calma e para de chorar, você não... — Não completei a frase, entalando em mim a aceitação e o fato que estava preocupado com ela e com o bebê. Além de que, tinha Giovani me olhando intrigado e não seria assim que ficariam sabendo que serei pai.

Comuniquei a ele o motivo para interrompermos nossa reunião, avisando que ele acabava de perder um Don de sua casa que, nesse caso, o meu cunhado e que estava indo ao encontro de minha esposa. Giovani pediu por mais detalhes, mas ainda sabia pouco e tudo era vago. O informei que assim que tivesse mais alguma notícia que o colocaria a par.



LEAH

Sem saber para quem ligar ou com quem falar, quando dei por mim estava fazendo no automático ao ligar para ele. O que foi bom, mesmo que tínhamos um problema entre nós, sua cordialidade em colocar o problema de lado e me ajudar, em algo que não tinha nada a ver conosco, me deixou mais calma.

Não demorou muito e Marco chegou e, tomada pela emoção, o abracei e fui bem acolhida em meio ao seu abraço. Por mais ressentida que estivesse com ele, ainda sim, precisava do conforto de alguém.

— Me fala o que aconteceu. — Nos afastamos e ficamos nos olhando enquanto deslizava a ponta do dedo enxugando as poucas lágrimas que desciam, tudo o oposto do que estava vivenciando até hoje, quando saiu pela manhã mal me dando um bom dia.

— Romano está morto! — falar em voz alta sobre meu irmão não estar mais entre nós me fazia sentir um misto de emoções e sensações. Algumas eram de alívio e outras era por saber que não tinha mais nenhum Canttaneo vivo além de mim. Sei que meu maior desejo era me ver longe dele, mas isso não apagava o fato de que éramos do mesmo sangue e da mesma família.

— Vamos voltar até a sede e de lá vamos para São Francisco — concordei, deixando de lado as diferenças que estávamos vivendo e o acompanhei.



A notícia sobre o acidente que Romano estava envolvido já havia se espalhado por toda mídia e, na porta de onde morava, estava cheio de fotógrafos. Quem não iria querer saber de mais detalhes? Afinal, não é todos os dias que morre o presidente de uma grande empresa de softwares de telecomunicações e futuro genro do prefeito de São Francisco.

Descobrimos que Romano estava fora da cidade e voltava tarde da noite dirigindo quando perdeu os freios e bateu em uma curva, chocando-se contra um poste. Não só ele morreu, mas o segurança que o acompanhava também.

— Leah, meus sentimentos. — Bella e Giovani chegavam à recepção do velório após o enterro e me cumprimentavam, me abraçando. — O que precisar de nós estaremos à disposição.

— Obrigada. — Estava de frente para eles quando Marco chegou e afagou meu ombro, cumprimentando também o irmão e a cunhada.

Marco por dois dias permaneceu ao meu lado, me ajudando com toda a parte burocrática. Ao menos ele estava ali, mas todas as vezes que olhava para o homem e pai do meu filho eu não o via presente, sentia que estava distante por mais cuidadoso que demonstrou ser comigo nesse momento. Sei que essa merda toda de gravidez apagou a fogueira que queimava em nós. Não éramos mais os mesmos. Infelizmente, tudo em pouco tempo estava mudando, não revirado, apenas um pouco desorganizado.

— Preciso falar com você a sós. — Me disse após ficarmos só nós dois novamente.

Estávamos na porta recepcionando as pessoas que chegavam.

— Sim — assenti, sentindo-me sonolenta e cansada. O enterro havia sido mais cedo e não via a hora das pessoas irem embora, a maioria eram da máfia, todos camuflados por suas posições e diplomas de fachada.

Fomos para o escritório onde Romano, depois do falecimento de meu pai, passou a usar.

— Chegou à apuração da perícia e concluiu-se que foi premeditado. Cortaram os freios do carro do seu irmão, Leah. — Marco esperou que entrasse e trancou a porta.

— Está me dizendo que Romano foi assassinado.

— Sim! Recebi antes do enterro e pedi a segurança da casa que fizessem uma apuração das câmeras de quem poderia ser e viram esse homem próximo à garagem. Ele foi um dos homens do seu pai. — Aproximei quando me estendeu a foto e vi quem era.

Sim, era um dos seguranças, o mesmo que transei na casa de máquinas na piscina e quase morreu de tanto apanhar.

— Conhece? — titubeei ao responder à pergunta.

Não queria dizer quem era, mas estava em dúvida tendo tantos sentimentos ao mesmo tempo. Entretanto algo dentro de mim pedida para contar quem era.

— Vou entregar para polícia o que consegui.

— Não... Ele só é uma vítima de Romano. Deixa como está e diz que não quero saber de nada. — Marco estreitou o olhar e se aproximou, vindo até mim, me olhando desconfiado.

— O que você tem a ver com a morte do seu irmão?

— Nada! Só transei com ele uma vez e Romano mandou bater muito nele, quebrando as pernas, além de ter feito a esposa saber da traição. O coitado acabou perdendo tudo.

— Só, Leah?

— Sim! — balancei a cabeça lhe devolvendo a foto.

Marco ficou parado balançando e segurando o papel fotográfico pela ponta.

— Não estou mentindo — reafirmei após ver o brilho de dúvidas em seus olhos.

— Acredito em você, loira. Mas está me pedindo para deixar o suspeito da morte de Romano para lá.

— Sim. Todos tiveram uma dose de crueldade e não acho que devemos condenar alguém que sofreu na mão de Romano.

— Leah, ser passiva assim a colocará na lista de suspeitas. Ao menos já entregue o culpado e se isente disso nesse momento.

— Deixe a polícia fazer o serviço deles sozinhos, Marco. Só quero paz.

— Tudo bem! — Ele guardou a foto no bolso. — Jogo fora quando retornarmos para Nova Iorque. — Sorri concordando.

— Marco, se quiser voltar para Nova Iorque pode ir, pretendo ficar um tempo por aqui...



MARCO

Sério o que acabava de ouvir da sua boca?

— Que porra é essa agora, Leah?

— Nada, só não quero ficar te importunando com coisas minhas. —
Ela disse me olhando como se quisesse passar veracidade.

Imagino que deve estar sofrendo, mas não a ponto de me expulsar assim do nada. Algo estava errado e, por mais que acreditava nas palavras dela, de que não tinha nada a ver com a morte do irmão, algo não batia com os fatos.

— Não vou. Você não vai ficar sozinha aqui.

— Marco, não tem Romano mais, então não tem porque mantermos o acordo.

— Leah, o que você está dizendo? — Não consegui entender muito bem, mas sabia exatamente o que ela estava fazendo.

— Estávamos casados por causa dele e agora ele está morto. Não vejo o porquê de mantermos mais essa união. — Neguei com a cabeça, não acreditando que ela estava sendo tão prática e fria dessa maneira. Como eu seria...

— Por que isso agora?

— Porque vai ser assim. — Leah foi direta e neguei para mim mesmo que estava sendo dispensado por ela. Porém, não ficaria implorando, pedindo por nada.

— Você está grávida.

— De um filho que você não quer.

— Não me venha com essa agora. Não vai me chutar como um copo descartável jogado na rua, Leah. — Me aproximei mais e segurei em seu braço. — Vai voltar comigo independente do que aconteceu. Depois veremos como vai ficar, mas não vai achando que as coisas serão do seu jeito.

E não seriam mesmo...

As coisas não funcionam assim como um adeus, pronto e acabou. Até seria se ela não estivesse grávida e, por mais que eu não desejasse tudo que estava acontecendo, não ficaria inerte e nem a deixaria de lado.

— Marco, por favor.

— Por favor digo eu, não vai ser assim, vamos resolver uma coisa de cada vez. Vamos voltar hoje para Nova Iorque. O fato de não querer ser pai não interfere nessa decisão.

Completamente oposto do que pensei que seria, Leah acabava de me mostrar que agora, ela poderia se virar sozinha. Só não pensou, que por mais que não quisesse ser pai não a deixaria por aí. Ao menos o tempo da gestação estaria por perto, dando-lhe assistência, depois que a criança nascesse poderíamos optar por cada um seguir por si. Já estava pensando

nesse acordo, mas todas as vezes que tentei falar, algo dentro de mim me segurava e ia tardando. Me deixando distante de tomar uma decisão.

Gostava de Leah de um modo que não envolvia sentimentos, mas também não era vazio. Tinha ainda por ela uma atração doida. Porém, ter com ela um laço eterno e uma história, me fez abrir caixas da minha vida que nunca foram abertas e quando mal cheguei a abri-las ela me vinha com essa.

— Eu não quero mais.

— Não é você quem decide isso — contra argumentei.

— E também não é você.

— O que você quer agora? — perguntei me sentindo usado.

— Quero o que você tanto queria... se ver livre de mim.

— Nunca disse isso.

— Não, mas sempre deixou bem claro que não quer esse filho.

— O fato de não querer ser pai, corresponde a não querer com ninguém, Leah.

— Então já temos a solução... Marco... não podemos adiar o inevitável.

— Quer ter mesmo essa conversa?

— Sim.

— Então me fala o que você quer?

— Me separar de você. — Leah foi tão direta que só concordei com a cabeça. Se acha que ficaria aqui implorando estava enganada.

— Tudo bem, assim que a criança nascer assinamos os papéis. —
Por sua reação, não foi bem o que ela esperava, mas estava tão puto de raiva que decidi à minha maneira. Se era o que ela queria, assim seria, mas do meu jeito e não do dela.

— Virei uma vez por semana ver como estão as coisas e não vamos falar nada a ninguém. Quando ele nascer vamos ver que caminho tomar. —
Frustrado comigo por não saber distinguir e ter um plano sobre o que realmente queria a deixei ali e dei-lhe as costas.

Por mais inevitável que fosse, ainda tínhamos um elo nos ligando e, agora, nesse momento que queria estrangulá-la de raiva, não seria uma boa conversar. Já estava confuso o suficiente comigo mesmo para debater como seria nossa vida.

CAPÍTULO 43

MARCO

Fui embora sem olhar para trás, porém estava voltando toda semana para saber como ela estava. Acabei dando uma desculpa esfarrapada para responder o porquê de Leah ter ficado em São Francisco e eu aqui, já que em menos de uma hora estava lá. Giovani me rodeava e perguntava isso todos os dias. Na verdade, era eu quem não estava preparado para contar ainda que Leah estava grávida e eu não queria ser pai e que, queria se separar de mim.

Sei que todo nosso distanciamento se dava por minhas opções. Pode parecer frio e distante, mas nunca quis ter um filho e continuo ainda pensando nisso, mas a iminência de que seria agora que os perderia me deixou cheio de receios e medos. Confundindo tudo em mim.

Sempre pensei que para você ser o melhor que pode em tudo você precisa de exemplos, os quais eu não tinha nem por referências por isso ser um bom pai nunca seria para mim.

— Pelo amor de Deus, tirem isso de mim. — Estava em frente à mesa de Andrea quando escutei os gritos de Giovanni e parei a mão no ar, antes de jogar as folhas e sair correndo diante da negativa da secretária e entrar na sala dele.

— Giovanni, eu vou te matar. — Bella estava acompanhada de mais dois homens enormes, ao lado de meu irmão, que estava esparramado no sofá de couro, sem camisa e com eletrodos em seu abdômen. Ele tentava arrancar, mas minha cunhada segurava seu pulso.

— Bella, eu vou morrer de tanta dor. — Estaquei no lugar, observando a cena. Giovanni estava num tom de vermelho quase para o roxo, rogando para sua mulher parar o que estava fazendo.

Curioso e sem entender nada, cheguei mais perto e observei uma pequena mesa ao lado, onde um dos homens segurava um controle. Um detalhe que só percebi ao analisar mais a situação, os dois homens deveriam ser enfermeiros, pois vestiam branco.

— Para com isso agora. — Giovanni implorava.

— Pode aumentar. — E Bella pedia para continuarem a sessão que mais parecia de tortura.

— Não de novo não! — Ele gritou.

— O que está acontecendo? — perguntei, tentando ficar a par. O pior não foi só eu que apareci, Luca também chegou, entrando e ficando ao meu lado olhando. Rindo muito para variar.

— Essa doida vai me matar de tanta dor. — Giovanni sibilou entredentes.

— Vai aguentar até o final. Vai sentir a mesma dor que eu, só para aprender a não mentir. — Ela se justificou.

— O que está acontecendo? — Luca esbarrava em meu ombro e me perguntava com seu tom debochado um tanto curioso quanto eu.

— Não faço ideia... — não terminei a frase tendo minha atenção no urro que Giovanni deu ao ligarem o dispositivo de novo.

— Vai mentir para mim? — Bella pouco se importou com a plateia.

— Eu não menti.

— Como não... Estou grávida de quem, Giovanni? — Meu irmão riu de nervoso e novamente ligaram o aparelho e ele começou a dar escândalo, gritando de dor.

— Amor, me perdoa.

— Eu sabia que ia dar merda Giovanni não fazer a vasectomia. — Luca irrompeu com o comentário e começou a rir. Se não fosse pelo fato de estar vivendo um dilema parecido, também estaria rindo da situação ali.

— Perdoar? Por que foi fazer isso comigo de novo? — Bella sentou em seu colo e passou de uma mulher furiosa a uma que chorava e esmurrava o peito do marido.

— Tive medo, mas amor da minha vida, estou feliz por saber que teremos mais um bebê.

— Eu não, Giovanni. Quero te matar, mas não posso deixar meus filhos sem um pai. O que seria deles?

Ainda nos mantínhamos como público da revelação que Giovanni e Bella teriam mais um filho, o que me fez ser acertado em cheio. Eu seria pai e em momento algum pensei em como seria a vida do meu filho, sendo que

eu já o estava rejeitando. Provavelmente, seria um de merda como foi o meu.

— Vamos dar um jeito, carinho. — Bella se aconchegou no meio dos braços de Giovanni.

Agarrado a sua esposa, meu irmão gesticulou para que saíssemos e os deixassem a sós. Era o momento deles; acabavam de descobrir a notícia de que seriam pais de novo.

— Me arrependo de não ter estado lá quando a Mell ficou grávida de Josh. Imagino o quanto estive sozinha. — Olhei pelo canto dos olhos, estranhando uma posição inesperada de Luca. O que me fez mais ainda repensar a maneira como estava agindo. Queria sentir esse arrependimento que Luca, que até ele, sentia. Mas me lembrei que surtei e até hoje surto quando penso que agora faltam menos de seis meses para a criança nascer.

Sim... contava as semanas, pois a cada vez que ia em São Francisco eu via as mudanças em Leah, não tão visíveis, mas para mim, que sabia de cor e salteado todas as curvas do seu corpo, se tornavam aparentes. Além disso, era miúda e o tamanho dos seios já deixava à vista de que estava mudando. Entretanto, há mais de duas semanas que não a vejo. Ela me pediu para não ir mais, que me ligaria caso precisasse de algo. Estávamos discutindo muito. Na sua frente vivia me desestabilizando e saindo do meu domínio próprio. Por mais que éramos práticos e entendíamos toda nossa situação, estava difícil mostrar a ela os meus motivos.

— Queria voltar no tempo e ter te escutado naquele dia do hospital. — A voz de Luca novamente invadiu meus pensamentos, me mostrando que quando o conselho é para os outros é tão fácil, mas quando é com você as coisas parecem impossíveis de se resolverem.

— Não tem mais, aproveite sua família. Você está feliz e quer muito isso.

— Claro, quero mais filhos.

— Achei que não fosse querer nunca. Não depois dos seus traumas com o...

— Pode falar dele. Não sou como ele, irmão, aprendi que ele não vai definir quem eu sou.

— Fico feliz que pensa assim. — Pela primeira vez me vi na posição de Luca e apertei seu ombro afagando. Queria poder pensar como ele e não me sentir um merda ao ter que enfrentar meu maior pesadelo, de ter um filho e o pior, sem ter panejado tudo isso.

— Aprendi na terapia. E Josh todos os dias me mostra que sou um excelente pai, mesmo com toda a merda que fiz. — Gesticulei e tentei sorrir.

Cada um venceu suas barreiras, por que eu não?

— Vou hoje no apartamento — disse, sem saber o porquê de avisar, mas estava com a cabeça a mil e me vi precisando aliviar a tensão.

Estava tentando me divertir há dias, mas em todos os momentos a loira selvagem invadia e me vinha à mente, me fazendo desistir de caçar e procurar alguém para ocupar seu lugar. Ele a queria muito ainda, me deixando completamente perdido e confuso. Sei que era só uma fase ruim e que logo passaria. O animal não poderia me controlar assim.

— Pode ir, o apartamento é seu. — Luca respondeu e me deixou ali. Ainda esperaria por Giovani precisava falar com ele.

— Giovani disse que pode entrar, Marco. — Depois de um tempo o esperando Andrea me informou, me tirando do transe.

Entrei na sala no mesmo tempo que Bella e os homens saíram passando por mim.

— O que foi isso? Bella está grávida? — perguntei apontando por cima dos ombros para os que acabaram de sair.

— Sim, descobriu hoje pela manhã.

— Cara, você não fazer a vasectomia era arrumar outro filho na certa.

— Acredita que ela os contratou para me colocar nesse aparelho para sentir as dores da contração? Porra, não é que dói muito? — A cena era engraçada, mas minha cabeça girava em torno do mesmo dilema que vivia. Porém, para mim era muito mais complicado.

— Bella vai te matar.

— Ela está mais calma agora. Disse que estaríamos juntos mais uma vez. Dessa vez, ela disse que se eu não operar vai me largar.

— Vocês são doidos.

— Amo meus filhos, é um amor redobrado — ouvindo o que dizia apenas balancei a cabeça.

— Não sei nem como opinar, Bella não queria mais filhos.

— Sim, mas sei que vai amar como ama Any e Giovani.

— Mas você não perguntou se ela queria também, simplesmente decidi sozinho. Não tiro a razão dela. — Fui ríspido. Falava para ele como se estivesse questionando Leah.

— O que está acontecendo com você? — Giovani estreitou o olhar, achando estranho a forma como falei com ele.

— Leah está grávida — disse e soltei, pela primeira vez agindo de forma sem ser racional. Apenas queria dividir com alguém e aliviar o peso que carregava comigo.

— Marco, você está me dizendo que vai ser pai também, meu irmão? — Giovani terminava de abotoar os punhos da camisa e vinha até mim feliz.

— Não, estou mentindo — retruquei, me irritando com seu espanto.
— Leah está grávida. Que ódio dessa situação! Não quero esse filho!

— Calma aí, está me dizendo que sua esposa está grávida e você não quer o filho? Qual casal não quer ter um filho?

— Eu. Não casei com Leah por amor e muito menos para constituir uma família. E você sabe muito bem disso.

— Do que está me falando?

— Que não quero esse filho, nunca quis ser pai. Se quisesse já tinha me casado antes.

— Trepar com a mãe do seu filho você quis, e agora está dizendo que não quer a criança? — Pela primeira vez vi Giovani me olhar sério, de modo inquisitório. — Leah é sua esposa... Agora sei por que voltou a dormir no apêndice.

— As coisas não estão bem. Estou perdendo a cabeça.

— De todos nós, você sempre foi o centrado, e por que um filho faria você perder a cabeça?

— Porque não quero ser pai. Não sei ser um, nunca tive uma referência — confessei e fui até o sofá onde Giovani estava sendo torturado por Bella mais cedo e sentei, deixando minha cabeça pender, apoiada pelas minhas mãos.

Esfreguei meu cabelo, revoltando os fios a saírem do lugar certo.

— Não sei o que fazer. Ela está no terceiro mês e toda vez que nos vemos discutimos. Nunca tive nada parecido com alguém. Tenho um tesão do caralho nela ainda, até queria ficar casado por mais tempo. Porém, agora veio essa criança no meio, o irmão dela morreu, tudo virou uma confusão sem fim. Preciso ter foco, tem seu processo que está sugando todo o tempo. Não tive um momento sequer para pensar no que fazer. Nem foder estou conseguindo esses tempos.

— O que vai fazer? — Giovani me perguntou sem pressões e senti que estava tão perdido em mim mesmo que não conseguia pensar em nada. Sem tentativa alguma de avaliações.

Gostava da presença de Leah e, depois de muito anos, me vi sentindo falta de alguém. Ela era perfeita para mim e, assumir isso, estava sendo mais complicado do que possa parecer, até mais que a vinda da criança em si.

Toda essa situação me fazia ver que estava perdendo quem realmente eu era...

— Está com medo de quê? Marco, você vai ser pai. Desde quando ser pai vem com manual de instrução? Eu mesmo estou aqui tremendo todo ao pensar que vamos começar mais uma vez a esperar por outro bebê.

— É diferente, Giovani, você teve algo que não tivemos. Não temos referência alguma de como um filho deve ser criado. Só somos aquilo que

aprendemos e, se tem uma coisa que não aprendemos, é ser um bom pai.

— Não fala assim, Marco, de todos nós você é o racional, o espetacular, vai se sair um ótimo pai. Vai logo arrumar um plano para tudo isso.

O problema não era só esse. Agora tinham mais outros que se enrolaram no meio, me deixando sem pensar em como sair de todos eles.

— Leah não quer mais nada comigo. Disse que vai seguir sozinha e que posso arrumar toda a papelada da separação ou entrar com um pedido de anulação.

— Você gosta dela?

— Não sei, só amei uma mulher na vida e o que vem me assustando é que quando estou com ela Louise se torna uma sombra do meu passado.

— Louise morreu a muito tempo Marco.

— Sim... eu sei disso.

— Marco, pode até parecer meloso o que vou dizer. Você e Leah tem algo que os comunica só de se olharem. Bella disse que quando estavam se pegando escondido que sentiu a vibração dos dois, mas que Leah fingiu tão bem que ela acabou despistando.

— Preciso me reorganizar e pensar no que fazer.

— Meu irmão, você vai ser pai. — Giovanni me puxou e me fez ficar de pé para me abraçar, mostrando-se entusiasmado mais que eu, isso logo depois de sofrer dores na mão da sua mulher nervosa.

— Só não fala para ninguém ainda. — Giovanni confirmou que guardaria meu segredo. Ainda era cedo para contar para alguém, na verdade, ainda era cedo para eu mesmo aceitar o inevitável...

CAPÍTULO 44

LEAH

Não esperei que fosse ser tomada pelo sentimento de abandono quando o vi me deixar e sair pela porta, acatando minha vontade. Mas, o que aprendi sobre Marco, é que ele não agia por emoção, a única vez que o vi quase perder todo seu equilíbrio foi quando descobriu que eu estava grávida. Sei que racionalizaria toda a situação e voltaria a me procurar daqui um tempo. Era assim que funcionava com ele, e creio que dessa vez não será diferente.

Respirei fundo, sentindo todo meu corpo e minha ansiedade avançar, me tomando. Quis chorar, mas me segurei. Ainda tinha toda uma recepção para manter-me controlada. Era hora de manter minha postura e tentar sorrir, sem pensar que Marco se foi.

Ajeitei o vestido rodado preto e voltei para a sala, onde todos que vieram prestar a última homenagem para Romano.



O dia foi longo e quando chegou à noite, andei pelos corredores daquela casa sentindo que mais nada fazia sentido e que, ao expulsar Marco da minha vida fui impulsiva de novo. Porém, ainda estava ressentida com o fato dele só me querer ali por pena e agora por causa de um filho que ele não queria. Precisava ser forte e mostrar que não precisava dele. Mesmo que ele esteja sendo mais aberto do que antes. Contudo não era mais sobre mim, e sim, sobre a criança em meu ventre.

Ele vinha uma vez por semana, assim como disse que faria, mas foram no máximo quatro semanas isso. Dentro de um mês pedi que não viesse mais, a cada vinda sua discutíamos muito e isso estava me deixando pior do que já estava. Queria ter momentos de paz e, com Marco Valentino rondando, não seria possível. Não é porque gerava uma vida dentro de mim com ele que seu magnetismo e sua aura sedutora não me envolvia. Agora, mais do que nunca, por causa dos hormônios, minha boceta chegava a deixar minhas calcinhas molhadas quando estava por perto. E sei que seria questão de tempo para dar uma brecha e estar de novo trepando. Por isso, era melhor ele lá e eu cá. Já estávamos fodidamente complicados para deixar o sexo complicar mais ainda. Por causa da minha opção discutimos muito. Marco não aceitou muito bem. Acho que, por ser controlador, não aceitava bem minhas decisões.

Um mês se passou...

Achei que fosse voltar depois que o mandei não vir mais, mas nada dele aparecer. Assim me fez acreditar. Marco foi tão sagaz que não me atentei quando Casey e Eleonora passaram a me ligarem todos os dias. Na ausência e na solidão, acabei me abrindo diferente do que sempre fiz com qualquer pessoa e confidenciei coisas a mais, mas só me dei conta que era ele por trás quando vi que seu silêncio estava demais. Ele armou para que ficasse sabendo do meu dia e tudo mais. O que não fazia correlação a nada e me deixava sem entender os porquês. Por mais que fosse um exímio estrategista nada se encaixava com uma pessoa que se mantinha fria e distante querer saber tanto de mim.

Sei que tinha voltado com sua vida de antes e, por mais que sempre soubesse sobre seu apetite sexual e que uma hora ou outra voltaria a sua rotina, algo me cutucou, como se fosse uma picada insistente, o que me deixou bastante incomodada. Léo me contou que Robert havia mencionado sobre Marco estar andando por aí sozinho pelos clubes e que jantou com Casey e Mike outra noite dessas. Embora quando Casey conversou comigo não mencionou nada. O que foi bastante estranho, me deixando novamente no escuro.

“Queridíssima, quem o deixou foi você, então não tente encanar.”

Disse para mim mesma ao terminar de retocar minha maquiagem de frente ao pequeno espelho do lavabo da antessala de Don Valentino.

Quando cheguei ao prédio, senti-me eufórica, com aquela agitação revirando meu estômago. Imaginando que poderia vê-lo, porém, fui desapontada ao saber que ele não estava quando a secretária dele disse a Luca, que apareceu e, sem me ver, perguntou sobre o irmão.

— Senhora, Don Valentino já foi liberado da conferência e vai atendê-la — escutei a batida na porta e a voz da secretária me informando.

— Obrigada, já estou saindo.

Terminei e lavei minhas mãos antes de deixar o minúsculo banheiro e, quando abri a porta, vi Marco de costas para onde estava. Ele deixava alguma coisa na mesa da mulher e, como se fosse atraído pela minha presença, se virou.

— Oi! — adiantei e disse quando senti seu olhar de águia me fitando diretamente em minha barriga.

— Oi! — Ele respondeu e sorriu, me fazendo esquecer que naquele momento ele era o pai do meu filho. Marco era aquele homem sedutor, que sempre me envolvia e me atraía como uma caça direto na armadilha.

Marchou na minha direção, vindo até mim, com seus olhos ainda me medindo de cima a baixo.

— Como está? — perguntou ao ficar bem próximo.

— Estou bem! — respondi tentando manter a aparência cética.

Meu corpo inteiro formigou ansiando ser tocada por ele.

— Está linda! — Sua boca linda traçou um sorriso que me fez molhar inteira, mas me lembrei o porquê estávamos separados e me mantive séria.

— Vim para a reunião com seu irmão.

— É, eu sei, já redigi toda documentação sobre o clã Canttaneo. Vai almoçar onde? — respirei fundo, me perdendo no traço da sua boca. Tantas lembranças retornaram e descobri que queria tanto Marco, mas que meu

orgulho me impedia de dizer que sentia sua falta. Ainda as palavras e a forma como fingia aceitar nosso filho me doía muito.

— Vou voltar para São Francisco.

— Leah, as coisas não precisam ser assim.

— Marco, preciso de tempo.

— Não vamos discutir... vamos almoçar e conversarmos um pouco.

— Não posso.

— Giovani já sabe — estagnei no lugar com sua confissão.

— O que ele sabe?

— Sobre você estar grávida. — A maneira distante como me disse me encheu de raiva. Me senti como se eu precisasse ficar na defensiva por ter que pedir permissões para falar sobre minha gravidez com alguém. Deixar seu irmão a par da nossa situação só me mostrava que Marco ainda não aceitava o fato de que eu e ele teríamos um filho.

— Não preciso da opinião de ninguém, Marco. Não sou propriedade da Camorra. — Ele estreitou o olhar e balançou sua cabeça.

— Do que está falando? Não disse que era propriedade de ninguém, só contei que meu irmão estava sabendo, caso você queira falar com Bella. Não é uma permissão. — Seu tom foi pesado e duro, me mostrando que estava muito na defensiva ainda.

— Não vou baixar mais a cabeça para ninguém e muito menos me condicionar a receber migalhas, Marco.

— Ninguém está pedindo isso, Leah. Creio que esteja interpretando tudo errado.

— Não estou não, só estou colocando como as coisas serão daqui para frente.

— Não cabe a você decidir isso sozinha.

— A não ser que eu não tenha nada com você. — Acho que o provoquei até o seu limite. Entretanto a raiva que crescia em mim não era só por nossa situação complicada, era mais por descobrir que não escolhi ficar grávida. E tanto quanto ele, queria que fosse tudo diferente, ao invés de estar apaixonada e ser mãe do seu filho.

Não tinha planos de ser mãe assim, por mais que tivesse vontade de ser um dia, embora, gostaria muito que fosse com ele, mas vi que meu desejo era que não fosse só com alguém que meu coração pertencesse e sim com quem fosse acariciar minha barriga todas as noites e sentir-se feliz por esse momento.

Nesse último mês não só a fome sexual por ele me consumiu, mas o desejo de estar perto e ser retribuída. Será que era pedir demais que Marco fosse simples e não me visse só como uma pessoa que alimentava sua fome de sexo?

Queria sim, viver como um casal normal — coisa que nunca fomos —. No fundo sempre soube que me envolver com o diabo de olhos verdes seria me condicionar a gostar de quem não gosta de mim. Ao contrário do que pensei; que ele poderia mudar se talvez ficássemos longe, contudo, não surtiu efeito algum. Ele ainda se mantinha na sua pose metódica, me irritando completamente com essa sua pompa cheia de planos.

— Não vamos conversar essas coisas aqui. Resolva o que tem que resolver com Giovani e vamos almoçar juntos. — Esse seu tom pedante me

dava vontade de esmurrá-lo. Gostava sim quando estávamos trepando e era impetuoso, mas não agora, quando achava que era o dono da razão.

Não respondi, lhe dei as costas quando a secretária de Don Valentino me chamou novamente, esperando que entrasse na sala de seu chefe.

Estava aqui hoje para decidir se ia querer assumir a cadeira da minha família, mas optei por não. Queria interromper esse ciclo. Abri mão do meu direito após assinar todos os trâmites legais. Precisava de ter paz para conseguir ver como as coisas ficariam na minha empresa.

A metade que era de Romano agora passou a ser minha, por herança direta. Com isso tomei a decisão de fragmentar e vender porções menores das ações a grupos interessados. Retendo ainda mais da metade, ficando o restante majoritariamente em minhas mãos. Com os novos acionistas, formamos um comitê e um conselho, que optaram por nomearmos um CEO para dirigir a empresa.

Fiz mais algumas mudanças em minha vida.

Coloquei a casa onde cresci à venda. Não queria viver naquele mausoléu e, quanto aos homens que faziam minha segurança, fiquei com os mais antigos e os outros, na declaração que assinei para Don Valentino, abri mão para o novo Don, que passaria a cuidar do nosso clã. Deixando tudo no seu devido lugar. De uma coisa o silêncio de Marco valeu a pena: aprendi a me virar sozinha e fazer decisões essenciais, não estando sob a influência sexual de ninguém.

Agora, tudo que girasse ao redor da minha vida precisaria estar coesa ao meu estado. A única coisa que faltava resolver era minha situação com ele, então, acabei acatando e depois da reunião fomos almoçar.

— Leah! — escutei uma mulher me chamar em voz alta e, reconhecendo sua voz virei, dando de cara com Robert e Eleonora.

— Amor meu, minha loira preferida. Como é bom te ver, não é a mesma coisa que por telefone. — A abracei notando o pequeno volume da sua barriga.

— Está tão linda! — Robert me envolvia deliciosamente em um abraço.

— Obrigada.

Marco, Robert e Léo também se cumprimentaram. Os dois estavam saindo quando chegamos e não pudemos nem ao menos conversar mais, mas reparei que Marco se sentia aliviado.

— Não queria seus amigos conosco hoje? — perguntei enquanto sentava-me a sua frente na mesa reservada para mim e ele.

— Não, Leah. Precisamos conversar. — Seu olhar segurou o meu mais do que queria.

Marco tinha dessas, ele conseguia te envolver de modo cativo até mesmo quando sentia raiva dele.

— Marco, já não resolvemos tudo? Agora só precisamos nos separar.

— É isso mesmo que quer? — Sua pergunta curta e objetiva me fez parar e pensar se, de fato, eu queria mesmo.

Falar para mim mesma que era isso que eu queria estava sendo fácil, mas afirmar com convicção para ele não estava sendo tão fácil assim.

— Você está grávida e por mais... eu...

— Marco! Por favor... — O interrompi, mas também não conclui o que queria falar para ele, ao sentir todo meu ventre explodir em uma dor única e rápida.

Levei a mão no meio das minhas pernas ao sentir todo o visco que melava a junção das coxas. Me assustei. O tecido da minha saia branca agora assumia a tonalidade de vermelho escuro, abrindo a mancha. Com as pontas do dedo de sangue bati sobre a toalha branca sujando-a no mesmo momento que senti novamente aquela dor me tomar, parecendo que repartiria meu útero em dois.

— Marco... — olhei para ele e não me contive ao ver seu olhar de espanto. Comecei a chorar. — Estou sangrando.

CAPÍTULO 45

MARCO

Fui tomado por um medo antigo e não me importei se o restaurante era caro ou se estava cheio de pessoas nos olhando. O que vi: foram seus olhos estatelarem assustados, o mover dos seus lábios e o sussurro dizendo que estava sangrando. Sem pensar, agindo em desespero tomei uma única atitude ao pegá-la nos braços e tirá-la dali.

Nessa ânsia de sair dali e correr para um hospital acabei derrubando as coisas que estavam sob a mesa onde estávamos. Contudo, pouco me importei com os olhares na nossa direção.

A ajeitei nos braços, acomodando-a melhor e fui em direção a saída sem pedir licença para quem estivesse na minha frente. Nossa sorte é que os garçons vendo minha agitação entendeu a gravidade da situação e foi na frente abrindo caminho para que eu a carregasse até o carro.

O sangramento foi tão intenso, que o sangue que escorria por suas pernas manchou toda a saia do seu vestido. Parando um pouco agora ao

estar em meus braços. Leah se agarrava mais ainda em meu pescoço e escondia a cabeça em meu pescoço, abafando seu choro e soluços.

— Vou te levar para o hospital — disse, buscando a porta da saída. Acho que uma boa alma, foi na frente e acabou pedindo um táxi. Deixaria meu carro ali e, depois, mandaria buscar. Minha prioridade agora era ela.

— Estou sentindo muita dor.

— Calma que vai dar tudo certo. — Claro que não daria. Diante da enxurrada de sangue sabia que Leah estava sofrendo um aborto.

Independente dos meus pensamentos acerca de tudo que nos envolvia, não pensei que poderia ocorrer algo assim. E claro, que me sentia incapaz por não poder fazer nada. Apenas de ter forças para carregá-la até dentro do táxi, que nos esperava com a porta de trás aberta.

Com certa dificuldade, consegui entrar sem soltá-la, mantendo-a em meus braços.

— Levo-os para qual hospital, senhor? — O taxista perguntou antes de sair.

— O mais perto daqui — respondi e tentei nos acomodar melhor.

Leah me olhou, levantando os cílios pesados de lágrimas e, naquele momento, senti tantas coisas ao ver o desespero refletindo nas íris mais verdes ainda. Me deu vontade de apertá-la mais dentro dos meus braços e fazer toda dor, todo o soluço e choro cessar.

— Fica tranquila.

— O bebê? — A pergunta foi tão vazia e ao mesmo tempo tão cheia de significados que não fui imune a dor da resposta que dentro de mim já era certa.

Em todas as nossas conversas sempre disse não estar preparado para ser pai, por diversos motivos, mas o que nunca disse é que um dia quis tantas coisas simples da vida com uma mulher que morreu ao meu lado, e que a morte me tirou o restante que o velho havia deixado, e era por isso que não consegui oferecer o que poderia ter dado a ela se fosse uma pessoa inteira. Queria muito deixar o animal se misturar e contar tudo, mas fui invadido por um medo maior ainda: o de perdê-la e, por isso, me mantendo ainda dentro da fachada, ergui-me firme como o aço e sólido como uma rocha.

— Vai ficar tudo bem.

— Não, eu sei que não. Dói muito. — A voz pesou pelo choro e pela perda. Tanto eu quanto ela sabíamos que era inevitável e, nesse momento, tudo que estava entre nós se ia. Além de estar sangrando, seu corpo se contorcia e ela gemia pela dor que relatou estar sentindo.

Não faço ideia alguma, mas creio que o taxista foi tão rápido que quando percebi estávamos diante da entrada da emergência, ele saindo do carro já gritando por socorro.

A mantive apertada e aninhada em mim até chegarem com uma maca e a colocarem em cima. Leah me olhava frágil e desolada, enquanto a empurravam para dentro comigo ao seu lado, segurando sua mão.

Nunca fui de ser afável nesses momentos, mas sei que não tinha mais ninguém além dos empregados que ela assinava o cheque no fim do mês. Bem ou mal, eu ainda era seu marido e estava aqui ao seu lado em nome de tudo que nos ligou. Esquecendo da minha tara por ela, deixando o afeto sair do lugar que deveria ter saído antes.

— Senhor, precisamos que faça a ficha hospitalar dela. — A mulher que empurrava a cama com Leah pediu que eu me separasse dela ali.

Deixando de seguir para onde levavam, me dirigi todo sujo para a recepção do hospital para preencher os dados de Leah. Sua bolsa tinha ficado comigo e, despretensiosamente, para pegar um documento seu abri a pequena caixa e me deparei não só com um porta documentos, mas uma foto de ultrassonografia. Antes de pegar o que era necessário, tirei a pequena imagem e em meio ao borrão de traçados tive a certeza do que era.

Tudo em mim disparou, acelerando de uma forma que não consegui decifrar. Era um diagrama com suas combinações, que fechava e abria certas áreas, antes nunca abertas. Me doeu, senti o peso da perda me queimar de novo. Eu era um hipócrita com todas as letras possíveis. Não conseguia desgrudar meus olhos da imagem em preto e branco. Era o meu filho preso ali que, provavelmente, não existia mais.

Nunca, em toda minha vida, tive ressentimentos e remorsos por algo que fiz, mas fui tomado por essas duas sensações, que me sufocaram enquanto não conseguia desviar meu olhar da imagem. Me resenti comigo mesmo por ter tratado a gravidez de Leah de forma vazia e fria. Mesmo ainda mantendo minha convicção de que seria um péssimo pai. Embora não fui imune ao sentir que eu tinha algo de mim dentro de uma mulher. E que, em questão, era a mesma que estava me tirando o sono e começava a me fazer falta.

— Senhor, por favor, os documentos da sua esposa. — A mulher por trás do balcão, usando óculos redondo maior que seu rosto, pediu com impaciência.

Guardei a imagem da ultrassonografia de volta na pequena bolsa e peguei o documento de Leah, passando os olhos e vendo que não tinha um

Canttaneo depois e, sim, meu sobrenome. Como não fui ágil, a atendente ainda sem paciência, passou por cima do balcão e tirou da minha mão.

— Obrigada, senhor. Agora pode esperar que eu o chamo para assinar os papéis assim que a internação estiver pronta. — Inerte e ainda com os pensamentos girando assenti com a cabeça e me afastei, sentando-se nas cadeiras dispersas ao lado do balcão da recepção. Retirei novamente a pequena imagem da sua bolsa e fiquei o tempo todo olhando, tentando digerir o misto emocional que me envolveu.

Não demorou muito para me chamarem. Aflito e ansioso perguntei aonde ela estava. Me informaram que Leah havia sido levada às pressas para o centro cirúrgico para conter a hemorragia.

Ao invés de avisar a alguém da minha família, a primeira pessoa que pensei e liguei, nesse momento, foi em Robert. Estava me sentindo estranhamente inquieto e sem saber o que fazer e como agir. Leah estava sendo uma montanha russa constante na minha vida ultimamente e por isso precisava de alguém que não me condenasse e sim me apoiasse.

— Marco, e Leah, como está? — Estava sentado e de cabeça baixa quando Robert aproximou, todo impecável.

— Ainda não sei. Me mandaram esperar aqui. — Me levantei e, pela segunda vez no dia de hoje, o cumprimentei.

— E o bebê?

— Acho que perdeu, estou aqui sem notícias — respondi sua pergunta pensando em como Leah estaria e se, de fato, havia perdido o bebê.

— Marco, nunca te vi abatido assim... — parei de prestar atenção no que Robert falava quando avistei um médico vindo em nossa direção e

supus que seria alguma notícia dela. E foi... o homem baixo de óculos e roupas azuis, com uma touca descartável na cabeça, veio até mim.

— Você é Marco Valentino?

— Sim — mostrei ao médico que era eu ao levantar a mão e me aproximar mais dele.

— Desculpa, mas sua esposa perdeu o bebê. Acabamos de fazer uma curetagem e, daqui a pouco, estará indo para o quarto. Creio que amanhã mesmo ela tenha alta.



LEAH

Ao mesmo tempo que me senti acalentada por Marco me senti vazia também. O tempo em que me carregava em seus braços para o hospital só tinha vontade de chorar. Tantas coisas aconteceram nos últimos meses. Estávamos casados, Romano morreu, tive que me reinventar para conseguir administrar as coisas e agora meu bebê não existia mais.

Esse ser pequenininho que veio no susto, mas que já estava amando muito, ainda mais depois de vê-lo na ultrassonografia.

Foi o melhor momento nesses últimos meses; ao assistir o pequeno ponto em formação dentro do meu corpo. Os batimentos cardíacos acelerados foram tão prazerosos de escutar que tudo em mim mudou e me senti preenchida por novas emoções que antes não existia. Mesmo que envolvesse Marco e meu corpo correspondesse a ele e seu magnetismo absurdo nada foi tão maravilhoso quanto o que meu bebê trouxe em tão pouco tempo, porém agora deixava de existir.

Quando cheguei ao quarto chorei muito, me sentindo sozinha de novo e por toda noite foi assim. Mesmo antes com Romano vivo e meu pai, sempre fui por mim. E agora estava da mesma forma, sem tudo e todos.

Pedi a administração do hospital que indicassem alguém para dormir comigo e não quis vê-lo. Minha raiva e meu sentimento de tristeza eram muito maiores, do que ter que aceitar o fato, que agora Marco e eu não tínhamos nada entre nós dois. Sem culpa nenhuma, pedi que falassem com ele para ir para casa, que ficaria bem, mas foi inevitável no momento em que arrumava minhas coisas para ir embora. Eu o vi parado na porta do quarto me olhando.

— Vim te buscar para irmos embora. — Sua voz saiu pesada.

— Marco, por favor, preciso de um tempo, quero ficar sozinha. Já providenciei tudo e vou para São Francisco. Sozinha! — Por mais que seu olhar caído e preocupado me dissesse que não estava feliz como pensei que estaria, não quis dar-lhe outra oportunidade. Neste momento, o que me dissesse só pareceria vago, hipócrita e raso.

— Leah... — Ele caminhou e parou, deixando o espaço da cama entre nós, me olhando com os olhos pesados e vermelhos.

— Não quero conversar, não quero te ouvir. Acabou, Marco. Agora não temos mais nada, nem Romano e, muito menos, um filho. — Cada palavra que dizia o tirando da minha vida era como se estivesse rasgando uma foto de um ex-namorado em vários pedaços. Era por partes que tudo se ia. Era mais que necessário neste momento.

— Me deixa ao menos te levar embora. — Sua voz sempre controlada e sua postura muito calculada, nesse momento, era o que me irritava. Sei que não queria o filho, mas manter uma hipocrisia de que se importava não combinava com ele. Até titubeei, mas me mantive firme na minha decisão.

— Acabou. Não quero falar, não quero te ver por enquanto. Por favor, não force, pelo menos hoje me deixa em paz e não faça como quer e, sim, como eu quero. — Seus olhos, por mais que eu achasse que estava sendo cínico, me diziam muito mais do que realmente pensava ao seu respeito. Marco, de fato, estava mais calado e não partiu para cima como um caçador. Controlando-se e mantendo-se quieto.

Sei que esse seu jeito de ser era a maneira racional como agia.

— Providencie os papéis e nos vemos só no dia. — Me mantive convicta de que era isso que queria. Ao menos era o meu desejo nesse momento.

— Tudo bem, loira. — Ele tentou sorrir concordando comigo sem se impor, deixando os ombros sempre altivos caírem rendidos. E me dando as costas, Marco abaixou a cabeça; enfiou as mãos no bolso e se foi.

Mais uma pessoa que se ia e me despedaçava em várias partes de uma vez só.

Queria muito que nada disso tivesse acontecendo. Só queria voltar para aquela madrugada, onde seu sorriso brincava na minha boca e seus olhos me fazia sua presa. Queria escutar o som da sua voz gemendo rouco quando estava prestes a gozar. Ou mesmo, quando me fodia contra a parede ou em um beco escuro como foi em Nápoles. Queria aquele Marco de volta, não esse que me mostrou o seu lado mais cruel e egoísta. Não é à toa que Léo me disse uma vez que todos eram complicados demais. Com certeza, o meu diabo de olhos verdes era o pior. Frio, sedutor e implacável. Mesmo assim, me vi completamente apaixonada por ele e seria melhor ter um coração partido do que um consolado por piedade. Marco não era homem de amar intensamente uma mulher, exceto a tal Louise. Ele só estava tentando ser o protetor que sempre fora, nada mais que um consolo do qual eu queria mais que isso.

E se foi, quando perdi o bebê, minha única esperança de que ele seria diferente e, no fim, nos enxergaria como a luz no fim do túnel.

CAPÍTULO 46

MARCO

MESES DEPOIS

As suas palavras pesadas e duras refletiram no modo que agiria com ela daqui para frente. Respeitei tudo que queria, fiz da maneira como pediu e Robert montou toda a peça da minha separação.

Assim como nós dois fomos do fogo ao gelo, tudo que vivemos foi da mesma forma e agora chegava a um ponto final. Sei que a magoei e queria muito falar que sentia por tudo que passou, mas não seria hipócrita. Não queria ter filhos e no início fiquei muito puto com tudo, até sugestionei que fizesse um aborto, porém, com o passar dos dias, vi a crueldade com

que lidei no início, me senti frio e parei de pensar nessa possibilidade. Me fazendo apenas aceitar o inevitável, e tudo se tornou ainda mais fácil no dia em que contei para Giovani, foi como se saísse uma tonelada de cima de mim. Mas não deu tempo de contar para ela que estava disposto a tentar, mesmo que não sentisse nem um pouco que seria um bom pai. Leah acabou passando mal, vindo a perder o bebê.

Em momento algum desejei vê-la da maneira que a vi quando soltou minha mão e a levaram. Jamais quis que passasse por isso. Sentia muito e, naquela manhã no hospital, queria muito falar que poderíamos tentar para ela, porém não tive a oportunidade e acabei deixando de lado.

Contudo, meu corpo ainda sentia a falta do molejo e do jogo sedutor que seu olhar e seu jeito tinham sobre meus desejos. Foi sempre assim, essa mistura de detalhes que nos envolvia e nos tornavam únicos.

— Leu tudo com atenção? — assenti jogando os papéis sobre sua mesa. — Até agora não me conformo que vão mesmo se separar — concluiu Robert.

— Tinha um tempo que, tanto eu quanto ela, sabíamos disso. — Desde a perda do bebê havia se passado três meses e não nos falávamos, não tínhamos contato algum. Seria a primeira vez que a veria em meses. Ela viria ao escritório para assinar a procuração que dava a Robert licença para advogar em uma separação consensual por nós dois e nos encontraríamos aqui.

— Doutor Lewis, com licença, mas a senhora Valentino já chegou. — A secretária de Robert bateu e entrou na porta nos avisando que Leah estava ali.

— Deixe-a entrar. — Me ajeitei na cadeira giratória e girei no exato momento que a vi. Trinquei os dentes encontrando seu olhar.

Leah estava de preto, com um dos seus vestidos caros, que se ajustava ao seu corpo pequeno e curvilíneo. Na mesma hora, esqueci que estávamos ali para assinar uma separação e não para uma foda.

Tudo em mim, minha libido, meus desejos e minha imaginação não pararam ao fixar no seu caminhar, observando o gingado do seu quadril estreito e bem curvado para os lados. Excitado, tentei adivinhar em pensamentos o que estaria vestindo por baixo. Se era uma das calcinhas sem fundo, que safadamente usava, ou as de renda que abraçava perfeitamente a bundinha empinada.

A comi com os olhos e não fiz questão alguma de disfarçar o quanto ainda era enredado por esse jogo de sedução que me atraía como um louco. Seu cheiro me atingiu em cheio e me veio à tona lembranças de como era marcante em sua pele macia.

Engoli em seco sentindo meu pau crescer dentro da calça. A cretina sorriu e se esticou toda para abraçar Robert, me olhando pelos cantos dos olhos. Aquele perfume oriental, de mel e canela me tomou, me deixando ensandecido, não só eu, mas a fera que não deu o ar da graça — hibernando por meses —, vindo só agora dar sinal de vida. O bicho se espreguiçou e se atçou diante da sua presença, bem quando aquele feromônio me tomou ao ficar mais perto.

Antes de me cumprimentar, Leah se contorceu toda demoradamente dentro do abraço apertado de Robert.

— Oi, Marco! — disse ao olhar para o lado quando se soltou de Robert.

— Oi, loira! — tentei ser natural e sem frescuras.

Muito tempo... foram meses que não sei o que era estar dentro do seu corpo e meu desejo era de estar. Não deixei de querer e desejar Leah mesmo depois que me colocou para fora da sua vida. Mas o que ela não sabia era que eu a queria e a deixaria pensar que dessa vez quem ganhou o jogo foi ela. Igual no xadrez, quando você está quase perdendo sua rainha para o oponente e, de repente, aparece um bispo e torna o xeque-mate a seu favor.

— Porra, não acredito que estou fazendo parte disso. Juro que se continuarem a se olharem assim rasgo toda papelada. — Robert proferiu ao apontar o dedo para nós dois.

Leah apertou os lábios contendo o sorriso, desviando seu olhar do meu.

— Pode continuar Robert. E Léo, cadê ela? — Leah sentou na ponta da cadeira ao meu lado, posicionando-se de lado, para assinar o papel que meu amigo colocava a sua frente.

— Teve que sair, resolver umas coisas para Giovani.

— Queria vê-la. Deve estar linda com aquele barrigão.

— Está e ainda esses dias estava perguntando de você. — Leah acabou se distanciando não só de mim, mas dos meus amigos que haviam-na acolhido.

— Avise-a que estou voltando a morar em Nova Iorque e que vamos nos ver mais vezes. — Tive a certeza de que Leah passou a jogar comigo desde quando atravessou aquela porta. Ainda mais agora me deixando a par dos seus passos.

— Ela vai ficar feliz.

— Só isso? — Leah foi incisiva ao encerrar qualquer assunto ao perguntar se precisava assinar em mais algum lugar. Eu já tinha assinado antes de chegar e fiquei quieto na minha, observando, analisando todo seu corpo.

— Só. Quando marcarem a audiência vou informar aos dois e precisarão assinar diante do juiz. — Ela se levantou e, atento aos seus movimentos, a acompanhei e não perdi a oportunidade de aproximar-me e despedir-me, abraçando-a, beijando a lateral do seu ouvido de propósito.

— Tem certeza? Precisamos ainda conversar. — Não sei por que fiz a pergunta, mas senti a necessidade de ter certeza de que ela não me queria mais e todo um frio de medo percorreu minha espinha quando assentiu, confirmando que queria se separar de mim. Agindo por proteção, me vi afundando minhas mãos na sua nuca, trazendo para perto, deixando seu ouvido na altura da minha boca.

— Já disse que acabou e que não temos mais nada para falar. A não ser que um dia nos encontraremos por mera casualidade, aí quem sabe?

— Não brinca comigo, Leah. Estou fazendo tudo que quer, mas se prepare porque ainda vou fodê-la de todas as formas que eu quiser e você em todas vai implorar para que não pare e nem que saia mais de perto de você. Então, corra para o mais longe quando eu te encontrar fora daqui, não vou dar tempo para arrependimentos mais — sussurrei a ameaça e suguei o ar próximo da sua orelha antes de soltá-la.

— Vai esperando, Valentino. — Leah tentou manter uma postura, da qual sabia muito bem que era só fachada. Se controlando em sua pose

recatada, empinou o rosto e logo alargou os lindos lábios pintados de vermelho em um sorriso cordial.

Que vontade absurda de agir por impulso e tomá-la ali, mas me controlei. Ainda teria tempo para agir como planejei.

— Nos vemos depois. Marco e Robert, até. — Se despediu e nos deu as costas. Como se não tivesse acontecido nada entre nós e muito menos termos acabado de assinar a papelada para dar entrada na nossa separação, saiu.

A desejei ainda mais, ultrapassando essa louca atração sexual.

— Está apaixonado por ela e por que está se separando? — Robert com sua pergunta me tirou do devaneio, que estava tendo com Leah em mim, me beijando com sua bocona farta, riscando-me todo de vermelho com o batom que cobria seus lábios, indo até meu pau e o marcando inteiro com a tintura carmesim.

O animal em mim, se movimentou e pediu para sair, mas ainda não era a hora certa.

— Porque ela é minha e porque tenho algum tempo até assinar os papéis em definitivo — respondi com olhar preso ainda na porta por onde ela acabava de sair.

— Você é doido, Valentino. Só o vi assim uma vez na vida. Quando queria se casar com Lou...

— Ela não é Louise — interrompi e verbalizei antes dele me lembrar de toda a história.

Aprendi nesses meses que precisava deixar o fantasma dela descansar em paz e que Leah é a minha Louise viva.

— E o que você vai fazer para ter Leah de volta?

— O mesmo que fiz antes...



LEAH

Deixei a velha Leah de lado. Aquela que tinha um irmão louco e abusivo morto para ser a dona do seu próprio nariz. Que foderia com quem queria sem ter que armar ou ficar com medo de escândalos.

Coloquei um vestido novo que comprei, só para ir até o escritório de Robert assinar a entrada para a separação. Sabia que Marco estaria lá e, por isso, me arrumei em especial para a ocasião. O que não esperava de mim mesma, após tanto me chatear com suas palavras e, por último, a perda do bebê, foi sentir aquele arrepio que seu olhar me causava, aquele que me deixava presa e irracional, me ligando de novo. Me sentia como uma bandida e traidora de mim mesmo, se vendendo por tão pouco. Meu corpo inteiro reagia com a sua voz cálida e sedutora. Entretanto, a questão em si, não era tudo que senti, era quem me estava chamando: meu dono, Marco Valentino, em carne e osso.

Marco era um maldito sádico que brincava com minha submissão. Ele conseguia me envolver com seu magnetismo e com sua promessa,

reafirmando que ainda nos encontraríamos e me vi apegada totalmente a essa deliciosa ameaça com a boceta toda melada, começando a contar os dias para que ela chegasse logo.

Meses depois que perdi o bebê me mantive só, sentindo as perdas recentes, isolada, andando por alguns lugares, cheguei a viajar e procurar manter o equilíbrio dentro de mim. Tudo sugestão da minha terapeuta. Procurei me abster do sexo, o que foi difícil. Outra parte do meu tratamento que ainda está em um processo — que digamos —, que não faço questão alguma de me esforçar. Por isso, toda célula do meu corpo gritava por Marco Valentino. Descobri que minha libido se tornava submissa da aura sexual que ele exalava com intensidade. Definitivamente eu pertencia a ele.

Meses longe foi essencial para conseguir lê-lo como de fato era. Prático e frio, bastante sedutor. Não o recriminei mais a partir do dia que recebi o telefonema de Bella querendo saber como estava. A cunhada me contou coisas das quais me chocaram. Sobre fatos do seu passado e poucos detalhes de uma mulher do qual ele amou muito. Imagino que era a tal Louise. Mas só me disse o que sabia, sem muitos detalhes.

Marco não era uma pessoa muito de se abrir, tampouco saía por aí contando o que fez ou fazia, eu mesma, meses ao seu lado só consegui saber o pouco do que ele permitia. Ao mesmo tempo que era sincero e direto, era fechado e intrigante. Acabei compreendendo todos seus traumas e sua natureza, assim como eu, ele se cobria de uma carcaça que nunca existiu, só para não mostrar quem de fato era.

Eu gostava dele com tudo que sentia de bom dentro de mim. Mas se fosse para tê-lo só para nos retroalimentar sexualmente eu não queria. Queria um homem ardente cheio de amor. Até entendo que jamais Marco me daria isso, porém precisava tentar.

Muitas mulheres me chamariam de idiota por causa de tudo que aconteceu e por eu ainda o desejar com essa fome absurda que tenho por ele, mas o que adianta remoer o passado e ficar presa nele? Alimentar algo que infelizmente não vai voltar atrás? E, sim, eu gosto dele com todos seus defeitos e traumas. Se estou assinando essa papelada toda é por respeitar que todos pensam de um jeito e, eu, por ser igual a muitas mulheres por aí e gostar desse tipo de amor bandido, não me faria de rogada.

Sempre é assim: gostar de alguém que não vai te corresponder e pisar na bola sempre. Porém, ninguém é perfeito e todos somos cheios de defeitos. Não podemos exigir do outro a perfeição enquanto nós mesmos não somos perfeitos.

Não pensem que vou me rastejar a ponto de ficar a sua mercê. Estou viva e um dia todo esse amor vai passar e estarei de volta, viva e confiante. Agora sou dona de mim e posso viver livre. Contudo, precisava tentar e deixá-lo ir, se voltar é por que de fato temos mais que tesão um no outro.

Dessa vez, lhe dar as costas não foi tão doloroso. Sei que nos esbarraríamos muito por aí, talvez foi por isso que não senti que seria um adeus. Quem sabe as coisas seriam diferentes do esperado. Por isso tratei só de agir conforme a velha Leah, com um toque da nova. E agi: me escondendo dentro de uma das outras facetas que tinha, semelhante às mesmas que sempre esconderam o que realmente eu queria e era.

Agora era esperar. O lance já foi dado, já que para ele sempre seria tudo milimetricamente calculado.



Saí da sala de Robert de cabeça e ombros erguidos, lembrando de como me olhou e da sua voz trincada me ameaçando. Sorri mais uma vez, aquele sorriso bobo, alcançando a calçada do prédio, onde funcionava a empresa advocatícia do seu amigo. Coloquei meus óculos escuros antes de entrar no carro a minha espera. Eu era Leah Valentino, a ainda esposa do ex-solteirão invicto, Marco Valentino.

Mas havia um detalhe aí, que só eu sabia: jogaria o seu jogo tão bem jogado, que na hora exata eu o viraria. Se não conseguisse tudo bem, vida que segue...

Seria tão simples e descomplicado, que nada dessa competição seria necessária se ele dissesse que nosso compromisso não era mais por casualidade e, muito menos, por proteção. Também não esperaria que fizesse uma declaração de amor, bastava se desculpar e mostrar que existe algo a mais entre nós dois do que tesão.

CAPÍTULO 47

MARCO

12 ANOS ANTES

— Gatinha, você anda muito ousada. — Agarrei em seu corpo, buscando sua boca pequena, se apossando dela junto a minha.

— Quem mandou me ensinar? Agora eu quero mais. — Me disse toda dengosa, ao roçar seu corpo no meu.

— Te amo demais, minha Lou — repeti o que tanto disse para ela nesse último ano sem me cansar de dizer que a amava muito, pois era o que sentia.

Era minha metade em tudo.

Eu e Louise éramos da mesma turma da faculdade de direito em Harvard, estávamos juntos há mais de um ano e tudo na morena de olhos escuros como duas ônix era o encaixe perfeito para mim. Éramos a combinação perfeita de tudo. Mesmos gostos, mesmos desejos, mesmas manias. Tudo nos ligava a uma forma avassaladora. Eu a amava e sentia que ela me devolvia na mesma intensidade. Era a parceira ideal e faltava só mais um ano para nos formar, quando a pediria em casamento. Já dividíamos o apartamento junto com Robert. Tínhamos nossa vida e sabia de tudo um do outro. Louise só não sabia muito sobre os negócios da minha família, mas era ciente de todos os meus gostos sexuais. E acabei buscando por mais para sempre estarmos nessa sintonia perfeita. Foi quando em uma busca, descobri o sexo pela falta de ar. A matéria dizia sobre você ter um orgasmo potencializado e procurei saber mais. Chegando a ler relatos sobre a verdadeira e única experiência por um único prazer.

A primeira vez que fiz, estava sozinho. Louise tinha saído com algumas amigas e, tentado a experimentar, usei um saco plástico, que revesti toda minha cabeça me sufocando. Me masturbava enquanto todo o ar começava a faltar dentro do saco plástico. Gozei e foi poderoso o arquejo que senti do meu corpo ao produzir em mim uma potência absurda. Meu corpo vibrou, meu pau parecia que ia explodir, tive ondas de arrepios duas vezes mais das quais tinha quando gozava ao transar. Foi delicioso e meu corpo pediu por mais, fazendo algo dentro de mim nascer, uma força que começou a cada dia requerer mais desse prazer. Me obrigando a praticar mais vezes, o sexo com minha linda namorada não tinha mais a força que sempre teve. Foi quando Louise percebeu que eu estava mais distante, até que um dia me questionou, ao sentir meu afastamento.

Naquela época, eu me abria em tudo para ela e Robert. Acabei contando e mencionando as sensações que sentia. Jamais passou por minha cabeça que isso despertaria nela a curiosidade de conhecer, mas foi o oposto, isso só a incitou e acabei ensinando como fazia. De início, praticamos algumas vezes, porém, o vício aumentou e passamos a deitar lado a lado todas as noites. Aprendemos que tínhamos o tempo e a maneira correta de se fazer. Usávamos ainda o maldito saco plástico. Robert nos chamava de lunáticos. Ele nunca foi a favor e sempre teve medo de experimentar, preferindo assim ficar nas suas orgias constantes. Mas eu Lou, éramos cúmplices e fazíamos isso dando um toque a mais em nossa vida de casal. Entretanto, naquela noite, como viciados que se drogam juntos, deitei ao seu lado, logo após beijar cada centímetro do seu corpo e dizer o quanto a amava. Envolvemos nossas cabeças dentro do saco plástico e nos masturbamos.

Eu gozei, alucinado, louco, dando o que comer ao animal de estimação que estava crescendo. Foi inédito sentir cada vez mais me faltar o ar, e dei uma apagada, recobrando logo em seguida, voltando do torpor que meu corpo ainda sacolejava. Rasguei o saco respirando de volta, mas quando virei sorridente para o lado a vi imóvel com o plástico em seu rosto, vedando qualquer orifício por onde respiraria. Sua mão ainda continuava sobre a púbis. Foi uma cena de horror, e me adiantei rasgando o plástico primeiramente, mas quando juntei seu rosto para chamá-la ela estava com as pupilas dilatadas e paradas. Toquei seu pescoço procurando sentir a artéria palpitar de novo, mas nada. Desesperado, fiz respiração boca a boca, jogando todo ar que poderia injetar em seus pulmões, mas nada adiantou. Sem saber o que fazer, liguei para a emergência. Não fui racional e agi achando que seria a melhor opção e que a trariam de volta, mas não conseguiram-na trazer a vida. Meus olhos ardiam, essa foi a única

vez que chorei em toda minha vida. Quando me olharam e negaram com a cabeça.

Robert ficou parado atrás de mim e me chamou antes, me levando para longe do corpo sem vida sobre minha cama. Saí do quarto sentindo os flashes da perícia pipocarem nas minhas costas.

— Marco, sei que não é hora para isso, mas vão pensar na possibilidade de assassinato.

— Jamais eu a mataria. Eu a amo. — Chorei como uma criança desolada pela perda de um brinquedo adorado.

Foi como Robert sugestionou, passei horas sendo ouvido e precisei contar como praticávamos a asfixiofilia. Graças ao escritório Lewis de advogados do pai de Robert, tudo foi contido e nem mesmo minha família ficou a par do que aconteceu. Os exames forenses foram conclusos e me livrou de uma culpa a mais do que carreguei por todos esses anos. Me sentia culpado por deixar chegar a esse ponto, o que me fez trancar e blindar qualquer sentimento. Perdi Louise para o prazer sem limites.

Foram tantos planos junto, que de agora em diante seria só eu e minha vida. As fudas seriam só casualidades, não teriam relacionamentos e sentimentos. Havia morrido para qualquer amor.



DIAS ATUAIS

Passei anos depois da morte de Louise, remoendo e cheguei até parar de praticar. Mas como minha vida é um conglomerado de coisas, me vi de boceta em boceta, não conseguindo o que a *asfixiofilia* me proporcionava. Por fim, me rendi e acalmei o monstro dentro de mim assim, que rugia e uivava em silvos apelativos, pedindo para ser liberto. Acabei cedendo e retornei a praticar quando as coisas apertavam.

Não era com frequência e aprendi a ser cuidadoso e a estar sozinho nesses momentos, por isso, procurei alguém que fizesse algo que me deixasse em paz e em segurança para estar com o animal feroz e solto, sem causar estrago, entretanto, tentava ao máximo me segurar e só extravasava quando chegava no meu limite.

Quem nunca praticou não sabe o quanto é delicioso sentir o resvalar dos hormônios correndo dentro das suas veias, do seu pau inchar e vibrar quando o ar falta e te leva a se afogar em delírios de prazer enquanto jorra seu gozo.

Porém, depois da loira foga e selvagem, minha necessidade de estar naquele pequeno espaço, me condenando a um vício, se tornou menor. A vontade que tinha de ir ao meu quarto do prazer foi indo embora, tornando minhas visitas esporádicas. Leah tinha um jeito de me levar ao limite e de sentir as mesmas vibrações e o prazer que as *asfixiofilia* me

proporcionava, dando ao bicho em mim o alimento necessário para descansar e esperar quando tudo retornava. Nem mesmo Louise conseguiu domar a fera como a falsa freira safada havia conseguido. As duas tiveram coisas e momentos parecidos em minha vida, mas a saciedade do prazer só minha loira safada me deu.

Contemplei mais uma vez as cordas penduradas, o painel desligado e a bola maciça caída sobre a cama e tive uma única certeza, de que queria sair desse ciclo vicioso que sempre me manteve. Estava na hora de deixar tudo para trás e consertar algumas coisas perdidas entre um passado curto e o presente. Entre elas colocar Leah no lugar que deveria estar: na minha cama, retornando como minha esposa.

Senti sua falta a minha maneira.

Senti falta de tê-la ali comigo.

Menti o que realmente sentia, mas ainda precisava ser quem eu era e manter minha essência acima de tudo. Por isso, arquitetei a maneira como faria para tudo voltar a ser como antes ou até melhor com nós dois.

Primeiro, deixaria ela pensar que estava se vendo livre de mim. Tivemos o percalço da gravidez, sei que ainda deveria estar chateada comigo por não saber lidar com o fato de ter um filho. O que ela não sabia é que guardei a imagem da ultrassonografia como uma lembrança de que o velho tinha que ficar para trás, dando entrada para o novo se chegar. Louise sempre seria minha Lou, mas Leah agora era o presente, que precisa urgentemente se tornar meu futuro.

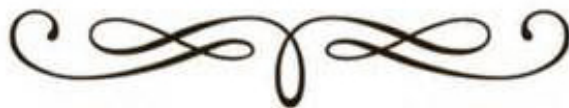
Confesso que estraguei tudo, e poderíamos ainda estar juntos, mas só me dei conta que estava envolvido pela loira de olhos verdes com pose de casta, quando ela me mandou ir embora da sua vida naquele hospital.

Refletindo e esfregando na minha cara toda mágoa que a fiz passar por toda essa situação absurda que nos envolvi, por querer fazer as coisas do meu jeito. E sem saber como agir, sendo tudo novo e diferente, com essa montanha russa de sentimentos, procurei encontrar o meu eu em tudo isso...

Acabei encontrando, mas vi que faltava algo: Ela!

Confesso que sempre pensei em sexo, mas os meses em que passamos um ao lado do outro, ostentando uma fachada nossa, percebi que a queria mantendo esse teatro e que poderíamos sim, manter toda a carcaça, mas nos alimentando de todo o sentimento que nascia. Precisava trazê-la de volta e colocar dentro da minha armadilha e lá falaria tudo que sinto. Enquanto isso, a deixaria fazer tudo do seu jeito, ainda precisava estudá-la melhor e ver se realmente só estava se escondendo ou se de fato estava apaixonada por mim.

A veria dentro de umas semanas, manteria minha promessa de pé: de que a foderia de todas as maneiras. A teria de volta antes mesmo de assinarmos a maldita separação. Era uma promessa para mim e não para ela.



LEAH

— Não, Mike, não tem volta — respondi ao moreno alto e lindo, de cavanhaque ralo e cabelos bem penteados para trás, que estava deitado a minha frente abraçado com sua esposa.

Estava eu, Mike e Casey deitados nus na enorme cama deles depois de fodermos entre os três.

Fui convidada para jantar essa noite com eles, que lutavam em prol de Marco, porém, acabou rolando e me convidaram para brincar e passar a noite na cama deles. Quando me convidaram, disse que só iria se Marco não fosse. Ele não era nada meu mais, apenas tínhamos um papel que ainda mantinha um elo entre nós, mesmo estando apaixonada por ele. O que fiz ao pedir que ele não estivesse presente era induzir que contassem que passei a noite com seus amigos. Assim, apostei que fariam. Foi proposital estar na cama com os dois. Sei que contariam para o amigo deles.

— Leah, pensa bem. Marco sempre foi calado e distante, mas é uma pessoa incrível. — Foi a vez de Casey pronunciar, enrolada em seu marido depois que fizemos nosso *ménage à trois*.

— Já pensei e repensei. Para que ficar nessa relação que só existe desejo? Quero mais, Cá — disse o que senti, me abrindo. Queria que fosse com ele, tudo que agora poderia ser: leve e livre.

No fim de tudo, analisei e senti que eu o queria, mas não ficaria com alguém que só ficava pelo sexo. Sim, depois de Marco, eu queria mais, queria viver livre ao lado de alguém que me satisfizesse e topasse todas minhas loucuras sexuais. Não tóxico, como foi meu primeiro casamento com Maison. Queria coisas que o diabo de olhos verdes e de sorriso sedutor não poderia me dar, ou melhor, não queria me dar... Amor!

Não era uma crítica a ele, era uma constatação de que Marco Valentino era uma águia solitária, com seu jeito calculista e que sempre seria assim. Por isso, nunca extingui a possibilidade de que pudesse estar em sua cama de novo, mas quando chegasse esse momento ele teria que lutar muito e se esforçar, pois não facilitaria.

Meu jogo era tocar conforme a música. Se tiver com ele vai ser a realização dos meus sonhos, mas se não tiver... vamos nos encontrar e só. Cada um vivendo sua vida, e eu me curando de um amor não correspondido.

— Só acho que poderiam conversar e tentar dar uma chance aos dois.

— Marco não ama nem ele mesmo se for ver. Não posso viver com alguém que hoje te chama de querida e amanhã te vira as costas com a maior tranquilidade.

— Está dizendo isso pelo fato do bebê? — Mike inquiriu.

— Não, isso foi fechado lá atrás. — E tinha mesmo. Saltei por cima, enterrando esse detalhe dolorido. Marco poderia não querer, mas esteve presente enquanto precisei, eu que não o quis mais por perto naquele momento.

— A química dos dois consome quem estiver por perto, não acho que ainda tem um fim. — Dei de ombros, remexendo meu corpo nu sobre o lençol da cama deles quando Mike concluiu.

Não apostaria nenhuma ficha em mim, mas de uma coisa tinha certeza, que demoraria outro homem me incendiar, somente com a forma de olhar como ele fazia ao me traçar e comer com as jades — ora turquesas,

ora turmalinas —, me tornando sua prisioneira. Como uma cobra enfeitiçando sua presa só com poder que emanava do seu olhar.

CAPÍTULO 48

MARCO

DIAS DEPOIS

Estávamos reunidos na casa de minha mãe após o enterro, sentindo ainda todo o peso pela perda. Não esperava revê-la tão cedo, ainda mais em um momento como esse. Achei que só a veria na semana seguinte, quando teríamos uma reunião da fundação. Ali seria meu pontapé inicial para começar a plantar de novo a semente, mas fui surpreendido ao vê-la no velório, na casa onde cresci. E não preparei nada para abordá-la.

Leah foi um a um da família e cumprimentou todos com o ar de condolências.

Sim... um de nós se foi e estávamos não só recuperando do susto e da maneira que foi. Sofrendo com a notícia repentina. E minha loira se mostrou tão pronta e o quanto ainda era parte ativa de nós, dos Valentino, sendo educada, prontificando-se e se mantendo ao nosso lado diante da morte dela...

— Oi! — Ela estava em um canto com um copo na mão, observando a janela aberta que dava para a piscina e os apêndices ao seu redor quando me aproximei.

Estava linda, dentro do comportado conjunto de saia e blusa todos na cor preta. Eu a varri com meu olhar, medindo-a nos mínimos detalhes. Não sabia ainda como lidar com a combustão de sensações que meu corpo reproduzia ao vê-la e ao sentir seu perfume, que me envolvia e me tragava com fome.

— Oi. Meus sentimentos. — Sua voz saiu leve como gostava, quando notou minha aproximação. Meus olhos paravam em cada detalhe absorvendo tudo que exalava de si.

Como a queria de volta!

— Obrigado por ter vindo — respondi ainda formal.

— Não a conheci bem, mas não poderia deixar de vir neste momento. — Filha da mãe... esse seu jeito comportado e pausado ferrava com meu psicológico. — Vocês foram presentes quando Romano morreu. Sendo uma linda família para mim.

— Ainda somos casados, Leah. Você ainda é uma Valentino.

— Sim, mas não estamos juntos, Marco. — Segurei-me, freando qualquer ímpeto de falar para ela que a faria de novo minha e que dessa vez seria diferente.

— Esteve com Mike e Casey essa semana? — mudei de assunto, deixando-a inteirada sobre estar sabendo de seus passos. Não que isso me incomodava. Essa tara sexual que tinha por ela só aumentava e agindo livre assim, só mostrava que não estava morta, como fez se passar depois que perdeu o bebê.

Era dessa sua faceta que me sentia preso, era a nua e crua Leah por quem estava apaixonado. Só não permitiria ninguém saber disso por enquanto. Robert e Mike desconfiavam e perguntavam, mas nunca respondi diretamente, mantendo ainda seguro comigo até tê-la de volta.

— Estive, algum problema? — Me perguntou após traçar e umedecer seus lábios com a ponta da língua.

Sei que agora era inapropriado para uma conversa dessas, mas meu corpo correspondeu às imagens que pipocaram em minha mente. Lembranças de quando mamava em meu pau com essa boca divina. Não imaginei os três fodendo, mas do seu corpo lânguido depois de treparmos só eu e ela. Foi inevitável não me excitar, há meses a gata selvagem saiu da minha vida e achei que poderia conviver numa boa sem ela, mas acho que estava completamente errado.

— Claro que não, poderia só ter me convidado. Seria um grande prazer estar com vocês — acrescentei de modo debochado, tentando ocultar o ciúme que senti por deixar outro homem tocar seu corpo longe de mim. Por mais que esse homem fosse um dos meus melhores amigos. Ainda assim, sentia como se fosse só minha e que eu deveria permitir quem a foderia.

— Tem certos momentos que muita gente envolvida na situação acaba se tornando excesso. — Jogou. A filha da mãe sabia como bater certo no ponto em que me deixaria frustrado e puto da vida.

— Quer dizer que na cama que te botei não tem mais espaço para mim? — Procurei fixar meus olhos nos seus, aguçando minha vontade de puxá-la e lembrá-la de que teria que ser sempre eu.

— Quem está concluindo isso é você. — Com aquele ar presunçoso de quem não está nem aí me respondeu. Jogando a clavícula esbelta no ar.

— Agora vai ser assim, loira? Vai me deixar de fora? Só preciso te lembrar de uma coisinha... continuamos casados. — Na mesma hora que vi sua cara de espanto ao ver minha mão esquerda balançar, mostrando a aliança dourada no dedo anelar em frente ao seu rosto, sorri vitorioso, adicionando um ponto a mais na minha coluna de pontuação.

— Para quem não queria nada disso agora tem usado deste artifício como ponte para me encurralar? — Leah mordeu bem a isca ao deixar seu tom subir e mostrar-se levemente irritada, estreitando seu olhar e mordendo seu lábio inferior.

— Estou só se lhe dando tempo — jogaria mais iscas. — Pode fugir o quanto quiser. Espero só ter sido bom para vocês três o quanto é entre nós dois. Ainda não terminamos — lembrei a ameaça que fiz e que quando chegasse a hora eu terminaria de cumprir minha promessa.

— Não tenho medo, já te conheço muito bem, querido. — Leah empinou seu lindo rosto delicado e sua boca tão oferecida e impertinente, que minha vontade de mordê-la só cresceu.

— Se me conhece, sabe muito bem que vou cumprir. — Me aproximei do seu ouvido e sussurrei, aspirando seu cheiro delicioso.

Demorando mais tempo ao esfregar a ponta do meu nariz, assoprando levemente seu pescoço.

— Marco... — A danada encurvou o pescoço se esquivando do efeito que causei nela. Era nítido a forma como reagiu.

— Ainda não conversamos nada, te dei um tempo, mas o relógio está fazendo a contagem regressiva. Prepare-se!

— Acabou. Não temos nada para falar. — Leah foi enfática sem me dar chances de argumentar.

— Você que pensa, loira.

— Podemos quebrar toda a formalidade e se preferir não dirigir a palavra até o dia da audiência, por mim tudo bem... — Trinquei os dentes, não gostando da forma como agia sem sentimento algum, diferente das pupilas que cobriam as íris verdes, que diziam ao contrário. — Preciso ir... — Leah afastou sorrindo, fitando diretamente minha boca, com um largo sorriso pecaminoso e sedutor. Aquele que deixava seus lábios mostrarem o tamanho exato da sua boca.

— Aproveita e foge. — Cruzei os braços mostrando que não iria atrás dela dessa vez, mas deixando bem claro que numa próxima vez eu iria.

Não queria assumir, mas fiquei que nem um idiota me corroendo de ciúmes por Leah ter visitado Mike e Casey sem mim, não por que queria estar entre eles, mas por ela ter estado com outra pessoa além de mim.

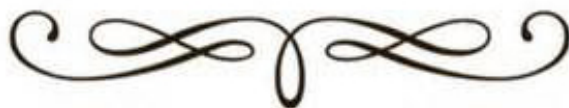
— Discutiram? — Luca aproximou tocando em meu ombro, olhando para o rumo onde Leah ia.

— Não.

— Cara, eu achei que eu fosse complicado, mas você está saindo sob encomenda, Marco Valentino.

— Vá se ferrar, Luca — retruquei bastante irritado, tirando a mão que tocou e esqueceu de tirar do meu ombro.

Estava contrariado, puto, com raiva de mim, por tudo que estava me fazendo sentir, além do ciúme que sentia dela. Sei que errei feio, mas não tive a oportunidade de falar e achei melhor traçar uma outra estratégia, mas estava esgotado e fodidamente desesperado para tê-la comigo que nada ainda me vinha a mente.



LEAH

Não poderia desapontar os Valentino, precisei ir até o velório. Eles estavam desolados e fiquei sabendo, pois Luca me ligou e informou. O que me deixou com raiva, pois precisou seu irmão me ligar e contar a fatídica morte que teve na família.

Essa sua ausência só me deixava com mais raiva. Não adiantava gostar de alguém se esse alguém insiste em ser frio e distante. Te colocando ao longe, evitando você. Precisava era dar um jeito de me amar mais ao invés de ficar aqui esperando ele aparecer. Na noite retrasada, estive com

Mike e Casey que insistem que devo dar uma oportunidade a ele. Mas como? Se depois de tudo que aconteceu ele não teve coragem de vir atrás? Isso era sinal de que não queria mais.

Marco tinha que ser riscado, o mais rápido, da minha vida.

O pior é que quando o encontrei no velório e ficamos mais afastados nos falando e seu nariz tocou minha pele, me cheirando como sua caça, fui ao inferno e queimei todas as células possíveis do meu corpo, só por me permitir ficar tão perto e querer que não só me cheirasse, mas que me tomasse com posse como sempre fez. Quase fiz uma loucura em o agarrar ali.

Esse impulso que sentia por ele me deixou com muita raiva de mim mesma. Deveria estar respeitando a dor da família Valentino nesse momento, ao invés de querer puxar Marco até um canto e pedir que me fodesse.

Tola, burra e idiota, ainda não seriam adjetivos suficientes para exemplificar como meu corpo ficou depois de tê-lo tão perto. Aquela aura densa de atração que sempre me envolveu estava ali, mais presente do que nunca, me tragando como um pequeno peixe que luta para não ser puxado pelas correntezas de um rio. Marco só me provou que tudo para ele acaba no sexo, que jamais vai deixar alguém entrar e fazer parte desse seu mundo incompreendido.

Com custo, querendo ficar perto, me afastei, indo para longe da sua presença, ficando junto de uma das suas cunhadas.

Para todos os lados que olhava, eu o via me cercar com seu olhar de rapina, cuidando de saber em cada canto que estaria. Me sentindo acuada e pressionada, quase não conseguindo sustentar minha pose, preferi ir

embora. Durante o restante do tempo seguinte, o evitei. Tentei ser forte e provar para mim que tudo acabou, mesmo que me ameaçasse por puro prazer do seu ego.

Talvez algumas pessoas não mudam. Só carregam cicatrizes e sobrevivem por sua trajetória, escondendo as feridas mal curadas por debaixo das roupas.

Decidida, deixei a mansão dos Valentino querendo o mais rápido tentar esquecer e seguir em frente. Durante os próximos dias me incumbi de não pensar em Marco, mas toda vez que estava perto de alguém que nos unia de um modo tudo vinha forte e arrasador.

Confesso que dentro de mim ainda surtia uma pitada de esperança de que, depois de tudo, da intensidade em que vivemos, ele viria, conversaria e me pediria desculpa, mas infelizmente era só minha ilusão bandida que queria seu final feliz. E vendo que os dias passavam e nada dele se manifestar, evitei qualquer contato, até com Bella, na fundação e pedi a Robert uma certa urgência, queria ver e provar para mim que, no final das contas, Marco não viria atrás e deveria seguir em frente.

CAPÍTULO 49

MARCO

Leah avisou a Bella que remarcaria a reunião e fui avisado de última hora, o que me deixou puto da vida. Ela estava correndo e, o pior não foi saber que só fazia isso para me evitar mais foi saber por Robert que Leah pediu que conseguisse uma audiência consensual mais rápida. Me dando pouco tempo.

— Porra, Robert. Você é meu amigo ou o dela?

— *Claro que sou seu amigo.*

— Não parece. Por que foi obedecer a ela e adiantar essa merda de audiência?

— *Ela pediu! O que quer que eu faça, Marco? Vá até ela e diga que está louco por ela.* — Robert pelo telefone argumentou sobre o pedido de Leah.

— Você só tinha que segurar a data.

— *Os dois são meus clientes. Para de ser teimoso, Marco, e age como uma pessoa normal.*

— Não ferra, Robert. Vou fazer do meu jeito.

— *Marco, meu amor...* — Creio que a nossa ligação estava no viva-voz, pois Eleonora entrava na conversa, tomando a vez do marido de falar. — *É tão simples dizer... eu gosto de você, ou eu quero você. Por que vocês Valentino, precisam complicar tudo quando precisam ir atrás da mulher que ama?*

— Você anda uma grávida muito emocional. Seja mais racional, minha gata.

— *Queria muito te entender, sabia? Está assim por que? Isso era uma coisa que poderiam ter resolvido antes.*

— Léo, Leah não quis conversar comigo em nenhum momento, não vou ficar rastejando e indo atrás, vou aproveitar as situações e vão ser nelas que vou trazer ela de volta para minha vida.

— *Está tanto aproveitando as ocasiões que se encontram, e chegou no limite que Leah não quer mais.*

— Léo, não vou me justificar e as coisas vão ser do meu jeito. Só tenta desmarcar a maldita audiência. É simples. — Desliguei o telefone irritado, não dando ouvidos a nenhum dos dois.

Estava puto por me avisarem em cima da hora e, mais ainda, com Leah que estava me levando ao limite. Já tinha tudo acertado e as coisas precisariam ser como planejei. Não dava para ser amanhã, eu precisava dos quinze dias ainda que tinha para a antiga data da audiência.

Era tão simples Robert ter negado logo de cara, mas o *filho da puta* foi fazer uma graça para a loira perversa. O pior é que me deixava com poucas saídas.

Precisava agir rápido.

Toquei, colocando a digital na frente do celular, desbloqueando a tela e acionei pelo comando de voz a agenda e a ligação que precisava.

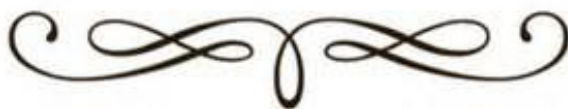
— *Pois não, Marco.* — Fabrízio atendeu no primeiro toque.

— Preciso que descubra onde Leah vai estar essa noite, arrume um jeito. Preciso só dessa informação.

— *Pode deixar que assim que a tiver retorno a ligação.*

Ainda bem que ainda tinha a opção de deixar alguém em sua cola, vigiando seus passos e, depois que encerrei a ligação, fui para casa me arrumar. E já estava pronto quando, um pouco mais tarde, Fabrízio retornou me dando detalhes de onde a loira descarada estaria.

Ela sairia essa noite, a abusada e safada estaria indo ao meu território, mas com quem eu não fazia ideia alguma, só estava confiante que as coisas conspiraram ao meu favor. O que me fez sorrir e sentir toda a gana, liberando o animal da sua jaula. Deixando-o livre e agir por si só, me controlando ao invés de ser o contrário. Há meses o prendo deixando para soltá-lo na hora exata. Essa noite Leah experimentaria que não se deve jogar em jogo no qual só existe um campeão.





Toda frustração que estava sentindo me fez agir por impulso quando liguei para Robert, pedindo que apressassem a audiência. Marco me deu a impressão errada de que pudesse sentir algo a mais do que só um tesão primata. Que só aumentou nos dias que se fez ausente. Achei que fosse vir atrás depois do velório, mas só mostrou para mim confirmando que o velho sempre seria o velho.

Sei que no início era só atração que eu sentia por ele. Quando algo diferente começou a estar nos unindo, aconteceu tudo, revirando nossa vida. Ainda era tão fresco aquela madrugada, de meses atrás, quando estava em mim e seus olhos brilhavam diferentes, mostrando a sutileza com que estava sendo, mas tudo desmoronou na manhã seguinte e desde então não consigo me achar.

Tinha todos os motivos do mundo para odiá-lo, mas conseguia entender sua natureza dura e premeditada. E acreditei fielmente que, no fundo, tinha algo que o faria mudar de ideia, mas não teve, e fui assombrada por essa sensação, que me tomou com tanta intensidade, contudo, resolvi deixar de lado esse jogo de querer fazê-lo vir até mim. Aceitei que Marco Valentino nunca se apaixonaria por ninguém. Até cheguei alimentar a esperança de que ele enxergaria que sentia algo por mim, mas percebi que pensando assim só estava me iludindo. Era óbvio que não poderia esperar sentimentalismo algum vindo dele.

O pior era que nem mesmo sei de onde tirei que ele poderia gostar de mim de um modo diferente. Não que me amasse, mas que sentisse algo a mais que tesão.

É duro admitir para si mesma que o homem do qual você ama não sente nada mais do que atração e desejo. Por isso, precisava seguir e entender que muitos não vão estar abertos para o amor. Nesse caso, Marco Valentino não era capaz de amar ninguém e confesso que penso que nem ele mesmo sabe disso. Estava fazendo o certo e virando a página do meu livro, tentando reescrever uma linda história e que não teria um príncipe encantado no final dela.

Dei um tempo a ele e esse mesmo tempo chegou ao fim.

Decidida a retomar minha vida sem precisar prestar minhas contas para ninguém, me arrumei, colocando um vestido novo, todo decotado, com uma fenda longa nas costas inteira. Procuraria me divertir a noite inteira, mascarando não só a Leah, mas o coração dela. Se conseguia manter uma fachada, não seria diferente com meu órgão idiota e burro.

Antes de descer do carro diante do clube onde Marco me trouxe uma vez, ajeitei meu cabelo solto com as mãos e descí, saltando daquele automóvel, convicta que Marco ficaria no passado. Me muni de toda coragem e entrei no prédio, mostrando ao atendente um pequeno cartão.

Andei pelo corredor até atingir as portas dos elevadores fazendo um grande balanço em minha vida.

Eu era livre, não teria ninguém nessa noite para confabular e me ameaçar. Romano estava morto, mas ainda aquela calejada Leah de vinte e cinco anos estava viva e era dona do seu próprio nariz e dinheiro. E, amanhã, não seria mais a esposa de Marco Valentino. A única coisa presa

em mim seria meu coração, que logo eu trataria de dar um jeito para ele se recuperar.

A caixa metálica, revestida por espelhos se pôs a mover e me encostei ao fundo abrindo e apoiando os braços nas barras ali, flexionando uma das minhas pernas, contra a parede. Tombei a cabeça para trás, revivendo de olhos fechados como e o porquê estava aqui. Meu corpo tremeu, sentindo e relembrando seu toque. Precisava sentir alguém me tocando como suas mãos me pegavam e me apertavam.

— Está sonhando com o quê, Loira? — respondi mentalmente para ele que não estava pensando em nada quando vi sua voz brotar em minha mente.

Não me dei conta que o elevador tinha parado e alguém entrava, na verdade não me dei ao luxo de reparar ao meu redor, só queria sentir a liberdade que sempre quis e que Marco me dava. Me mantive ainda de olhos fechados, aproveitando toda alucinação do meu cérebro.

— Está sonhando com o quê, Loira? — abri os olhos e o vi no reflexo do teto, ao escutar sua voz me questionando pela segunda vez.

Era ele encarnado, lindo, sorrindo debochadamente e, ao mesmo tempo, sedutoramente. Pisquei várias vezes, pensando estar alucinando, mas só estávamos nós dois ali.

— O que faz aqui? Está me seguindo? — perguntei voltando a me posicionar melhor, ficando frente a frente. Marco não se moveu e manteve-se com as mãos no bolso.

Tentei segurar a emoção que senti ao vê-lo ali.

— Se eu disser que estou vai fazer o quê?

— Por que está fazendo isso? Está despeitado porque amanhã vamos nos separar?

— Não... — esperei que fosse responder que sim e senti uma pontada certa de decepção.

Que idiota da minha parte em achar que ele teria vindo se declarar!

— Justo hoje tinha que vir aqui? Ou vai querer me ver foder a noite inteira? — Perdi a paciência...

Marco e esse seu jeito: doido e doentio por autocontrole me deixava com raiva de mim mesma. Por que ficar aqui ainda esperando? Por que ter esperado? Quando era tão simples e ele poderia ter ido, ou mesmo ter ligado. Mas não... fica nesse jogo, como se a vida fosse um enorme tabuleiro e eu sua peça e, ele, o jogador que planeja cada jogada para não dar nada errado.

Que sadismo que era esse? Já não basta tudo que aconteceu? O pior foi que sempre deixamos bem claro que seria assim, quando chegasse no fim tudo acabaria. Era para ter se encerrado naquela manhã, quando descobriu sobre Adam, mas foi protelando, prorrogando o inevitável. Agora estávamos aqui, como dois lunáticos em uma queda de braço.

— Por que, Marco? Quer conversar, é isso? — O inquiri, abrindo a caixa que ficou para trás. A mesma que eu não quis mexer.

Puxei todo o ar dentro de mim, procurando entender essa louca confusão que sentia e que precisávamos resolver.

Tentei entender. Tudo me levou a crer que era assim que seria, mas seus olhos e sua mudez tinham tantos significados que criava na minha cabeça; era como um *looping* de coisas que se acumulavam virando uma verdadeira bagunça.

— Quis conversar antes com você. Lá atrás... — Rendida a reviver tudo, tomei a iniciativa de travar o elevador no andar em que estávamos.

— Fale o que quer?

— Leah... — Marco encurtou o espaço entre nós e rodeou minha cintura me puxando.

Olhei séria para ele. Porém acabei me perdendo por breves momentos na intensidade do seu olhar, esperando que ele se manifestasse e não ficasse ali parado só me olhando.

— Eu sei que era só por um tempo e que não existia promessas para *um* “felizes para sempre”. Estamos livres um do outro, Marco. Amanhã é só assinar a separação que nossas vidas voltarão a ser do jeito que era antes.

— Leah... esqueça tudo e vamos ter só essa, nossa última noite. — Fui envolvida pelo tom baixo, com seu rosto chegando próximo ao meu, sendo estreitada dentro dos seus braços, contra seu delicioso corpo bem traçado. Gemi derrotada, sendo enredada e massacrada por sua presença e pela forma baixa que me pediu. Não consegui me mover e permiti que sua boca roçasse minha pele, em meus lábios e, por fim, encostasse e me beijasse.

Não queria ser tão fácil assim...

CAPÍTULO 50

MARCO

Depois que Fabrício me informou onde Leah iria essa noite, não quis saber como descobriu, só de encontrá-la e tirá-la de lá, sem deixar que outro homem encostasse sua mão nela.

Tentei chegar antes e estacionei meu carro de onde conseguiria vigiar a entrada e ficar atento quando ela chegasse. Entraria logo em seguida e hoje teríamos nossa conversa. Tentei ser passivo, deixando-a até para ver onde ia.

Sei que era esse o nosso combinado, mas dentro de mim tudo mudou, quando percebi que sua companhia me fazia bem, que ela preenchia um lado meu e só constatei quando me tirou da sua vida.

Não deixaria que se separasse de mim, não antes de conversarmos. Sei que precisava pedir perdão e explicar minhas razões.

Primeiro, nunca pensei que acharia novamente alguém que me completasse como Louise completou, mas Leah fez muito mais. A loira,

com seu jeito, cheio de protocolos, me fez ver que cada um tem sua essência. Minha lindinha chegou sem pretensões, não respondendo a nenhuma exigência da minha lista. Veio de mansinho com seu jeito sedutor e envolvente me colocando na sua cama, no lugar que mais gosto de estar com ela.

Nossa paixão veio do sexo, dessa atração louca que sinto por ela. Se ela não quisesse mais eu respeitaria, mas tinha só uma noite agora para mostrar para ela que poderíamos ainda tentar, mesmo depois de tanta confusão e do nosso filho perdido.

Queria poder dizer o quanto senti por aquele dia. Que me doeu ver a dor dentro dos seus olhos, mesmo que possa parecer frio e distante depois do que pedi que fizesse. Só queria consertar tudo e dizer o quanto a quero do meu lado.

E agora era essa...

Observei atentamente quando chegou e desceu lindamente em cima dos saltos prata, dentro do vestido justo e curto azul marinho. Acompanhei pelo espelho retrovisor cada movimento seu até vê-la sumir do meu alcance. Esperei segundos para descer do carro e segui-la de longe. Vigiei a porta, seguindo-a. Leah estava tão inerte que não viu que não havia apertado o andar que iria quando apertei do lado de fora, acionando a abertura das portas. A encontrei distraída olhando para o alto e, antes que me notasse, vasculhei seu corpo com os olhos, varrendo cada centímetro da sua presença ali.

Respirei fundo antes de chamar sua atenção. Anos envolvendo-me nesse jogo de sedução não me ensinou a jogar com a mulher que amo. Era um empurrão de impulsos para fazer o que sentia e não o que pensava.

Leah me olhou e me questionou quando por duas vezes perguntei.

Arrependido, me vi desejando voltar no tempo e fazer tudo diferente. A vida inteira tentei ser controlado e agir como o planejado, mas nada do que planejei estava saindo como queria. Desde esse momento em que a trouxe para mim e deixei minha boca reconhecer o caminho que já havia feito diversas vezes. A tomei, lento, sentindo cada respiração sua bater contra meu rosto.

Pedi que esquecesse e que me desse ao menos uma última noite quando aceitou me escutar, mas nesse momento não queria falar nada, só queria matar a saudade de tê-la tão perto, dos seus lábios se moldando ao meu.

Sem controle algum capturei seus lábios, colando-os nos meus, enquanto minha boca molhava a sua, envolvendo-a para dentro, entregando-a para minha língua, dando-a e aprisionando de uma vez. Deixei o animal sair e tomar tudo, mente e corpo.

— Que saudade dessa boca, loira — sussurrei após soltar seus lábios deixando-os molhados sobre os meus ainda. — Leah, passei meses querendo te dizer tantas coisas, mas não consigo agora. Só penso em tê-la de novo. Me dê essa noite, se amanhã ainda quiser se separar, a deixarei em paz.

Segurando em sua cintura, a apertei enquanto seu rosto balançava dizendo que sim.



LEAH

Por que eu, estupidamente achei que Marco se declararia ali? Não sei, mas o que sei, é que quando senti seu toque, tudo em mim foi ao chão e não queria saber de nada só de senti-lo e estar em meio aos seus braços.

Todo ressentimento e espera poderia esperar por uma noite.

Envolvi minha mão no ralo cabelo da sua nuca, não dizendo e agindo. Do que adiantava se tudo em mim queria e precisava disso. Achei que seria forte e me manteria firme, mas me vi envolvida, não querendo sair dali. Apertando mais meu corpo contra o seu. Senti seu pau inchado pulsar o volume contra meu ventre, fazendo molhar toda minha minúscula calcinha e períneo. Suas mãos apertavam minha cintura, me levando para si. Gememos e o abracei mais forte, me deixando ir, entretanto, por um momento, me lembrei de que me entregar, mesmo que por uma noite seria vacilar. Marco precisava de fazer alguns reparos dos quais demonstrou não querer e não sei de onde reuni tanta força para afastá-lo, ao empurrá-lo para longe, espalmando as mãos em seus ombros. Se não o fizesse, me conheço, e sei que estaríamos trepando em alguns minutos ali dentro.

— Não. As coisas não são assim, Marco. Quero coisas das quais não será em uma despedida que me dará. — Ele ainda apertava minha cintura, impedindo que me afastasse dele.

— Leah... Vamos então conversar... — Fechei os olhos respirando fundo, já sentindo falta da sua boca na minha.

— Marco, depois de tudo não temos o que conversar. Entendo que tudo era uma parceria minha e sua, menti, depois teve a gravidez...

— Eu sinto muito. — Ele me interrompeu, mas respirei fundo mantendo a coragem para deixar ir.

— Não sente. Não ligou, manda Casey, Mike, Robert e Eleonora me ligar. Não é a mesma coisa. Sei que não queria o bebê, mas não me ligar, não se esforçar para estar lá...

— Leah, foi você que não me quis.

— Desde quando você é passivo assim? Que aceita tudo calado?

— Porque me vi em uma situação que nunca pensei que fosse passar, não tinha planejado nada. Nunca quis filhos e não sabia como lidar. Achei que lhe dando um tempo tudo se resolveria, que conversaríamos e veríamos como tudo ficaria. Leah, você mentiu para mim, tínhamos só um acordo. — Nunca o vi perdido assim, porém, quando tentou se justificar jogando uma culpa em mim, vi que por mais que queria estar com ele fodendo nesse momento, sentindo toda a vibração que só ele fazia meu corpo ter, eu não passava de sexo e tesão.

— Não dá. A gente se vê amanhã, Marco. — Eu precisava de mais do que isso. Se for para trepar com alguém eu o guardaria em uma caixa e deixaria a fachada de Leah sair por aí, suprimindo a compulsão.

— Que porra é essa agora, Leah?

Foder qualquer um fode, não quero ser mais casual na vida dele, se não for para ser por completo melhor que não tenhamos mais nada e, assim, apago qualquer esperança.

Segurei em seus pulsos e o forcei a me soltar, enquanto seus olhos pesavam nos meus e não dizia nada. Alcancei o botão e tornei a acionar não só o movimento do elevador como também apertei para voltarmos ao térreo.

— Eu não quero mais ficar com você, Marco. Amanhã assinaremos nossa separação e acabou. Já conversamos. Sem ameaças sexuais, sem nada. — Me afastei tomando a maior e mais dura decisão da minha vida.

Tem pessoas que não mudam e Marco é uma delas.

Minha noite mal começou em uma fuga de esperança e terminou com a realidade escancarada.

Dando-lhe as costas o deixei dentro da caixa do elevador quando as portas foram abertas, revelando o hall do prédio.



MARCO

A vi saltar para longe e não tive reação de correr. Achei que tudo ficaria bem quando seu corpo se moldou ao meu.

O que fiz de errado? Nada saiu como havia planejado e não tinha um plano B para isso.

Planejei me encontrar com ela em meio as pessoas, envolvê-la e jogar o delicioso jogo da sedução, mas, diante do seu corpo que tanto senti saudades, me vi querendo-o mais que tudo. Sua boca quando tocou a minha, foi uma releitura de como meu corpo gostava de estar com ela, mas tudo que eu fiz e a maneira como consegui, ter as coisas dela um dia, acabou sendo tão diferente agora, que não consegui dizer que gostava dela.

Seu olhar me pedindo por coisas que não sabia como organizá-las ainda me deixava sem saber como agir.

Quando tomei coragem para ir atrás já não a vi, mas recebi uma mensagem sua.

Não venha atrás, amanhã acabamos com tudo isso. – Leah

Planejei tudo tão diferente. Transariamos por toda noite, eu a lembraria de como éramos perfeitos juntos. Mostraria o benefício de ainda ficarmos casados, mas não sei que bicho a mordeu. Talvez não tinha o mesmo sentimento que eu. Essa merda de sempre nos mostrar por trás do que os outros querem ver, me deixou completamente no escuro. Quem não queria agora era ela.

A deixei ir.

Mais uma vez...

CAPÍTULO 57

MARCO

— Você é meu amigo, mas o cara mais teimoso que conheço. — Robert tagarelava, sentado ao meu lado no banco do passageiro. Estávamos indo para a maldita audiência.

— Eu tentei falar com ela ontem, mas chega na hora algo sai fora e a loira corre e se fecha de novo. Não consigo mais enxergar aquele desejo. Leah aprendeu a camuflá-lo, me deixando sem um norte para segui-lo. Não tinha como traçar um plano assim no escuro. — Desliguei o carro e saí, sem me manter por muito tempo no olhar escrutinador de Robert.

— Marco, já pensou que na vida nem tudo é um plano? Precisa parar de tudo traçar e montar um esquema para agir, só chegue e aja.

— Não consigo ser assim. Preciso ter tudo certo e planejado para não acontecer nada mais como a morte de Lou na minha vida.

— Pare de se martirizar. Não foi você mesmo quem me disse que a deixou no passado? — Nos colocamos a andar, subindo a escadaria do

fórum de Nova Iorque.

— E deixei, mas não posso vacilar de novo. Assim como aprendi a gostar de Leah posso deixar e aprender a me refazer.

— Está fazendo isso por ego.

— Não... — Não concluí a frase e tirei os óculos ao vê-la ao longe vindo em nossa direção.

— Leah! Boa tarde, querida. — Robert a cumprimentou e não consegui me mover, vendo-a ali.

— Oi, Marco.

— Leah!

— Vamos que estamos atrasados e juro que não quero saber de mais nada dos dois. Porra, vocês estão piores que Giovani e Bella.

Deixei que ficassem um passo a minha frente e fui me recordando durante o restante do caminho até o gabinete onde seria realizado nossa audiência. Me lembrei de quando eu mesmo aconselhei Giovani a propor o divórcio a Bella, para estimulá-la, mas no meu caso todas as minhas estratégias não deram certas e estava aqui, cadente de saber por onde recorrer.

Eu queria Leah, queria minha loira safada de volta.

Entramos na sala e tomamos nossos lugares, um na frente do outro, pesando nossos olhares. Robert sentou ao seu lado enquanto eu procurava nela um resquício, de que mostrasse qualquer oportunidade que eu a teria depois de hoje, mas se tinha alguém que conseguia se passar fria, distante e inerte a situação na frente dos outros, essa era ela.

— Boa tarde, senhores. — Nos levantamos quando o juiz, junto do seu escrivão entrou. Cumprimentamos os dois. Só nos tornamos a sentar quando a autoridade máxima dali sentou.

— Audiência de separação consensual de número 23455987, da corte de Nova Iorque, pedida pela senhora Valentino.

O homem dizia de forma lenta para que o outro homem transcrevesse a ata processual.

— Ambos de comum acordo, pedem a separação consensual de corpos e judicial?

Leah afirmou a cabeça respondendo por nós dois.

— A cônjuge retornará a usar o nome de solteira Leah Canttaneo. Sobre os bens do casal tem o pacto pré-nupcial que será levado em conta enquanto, se houver partilha.

— Sim, meritíssimo. Está anexado ao pedido. — Robert informou ao juiz que abriu a pasta retirando o pedido logo após ajeitar o pequeno óculos de grau na ponta do seu nariz.

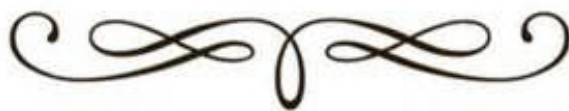
— Posso saber se tem alguma queixa a ser feita a respeito do Senhor Valentino, senhora? — A pergunta de praxe foi direcionada primeiramente a Leah, que negou com a cabeça. Ela, desde que nos cumprimentou lá fora, passou a evitar olhar para mim.

— Não, senhor.

— E o senhor, senhor Valentino. Tem alguma queixa de sua esposa?

— Não, meritíssimo — respondi, prendendo meu olhar ao seu. Não tinha mesmo. Leah era perfeita, era extraordinária na cama, uma excelente companhia.

Depois de proferir mais algumas informações para colocar no ato pediu que imprimisse e nos deu para assinar.



LEAH

Senti meu corpo ficar gelado e uma vontade enorme de chorar.

Marco estava excepcionalmente mais lindo ainda dentro do seu terno azul, de corte moderno. Usava seus óculos de sol que cobria a cor dos intrigantes olhos que me fascinava. Eu o vi ao longe e me aproximei mantendo minha postura régia. Sem deixar transparecer o que sentia.

Ontem, quando cheguei sozinha na enorme cobertura, foi péssimo. Revivi as lembranças de como tínhamos uma química incrível e, isso só me fez lamentar por não termos mais nada. Eu queria mais dele... queria que Marco estivesse apaixonado. E o fato dele não estar na mesma sintonia que a minha, me deixava com muita raiva de mim mesma, por ter sido fraca e quase ter cedido de novo.

Foram alguns meses que nos conectava pela necessidade de ter um ao outro, de sentirmos e termos nosso prazer mutuamente. O tesão virou paixão que, só descobri, quando o quis para pai do meu filho. E vi que jamais teria isso dele. Por fim, tentei jogar seu jogo com a esperança de sair

vitoriosa, mas me dei mal quando senti que não seria do jeito que queria. Agora estávamos aqui, finalizando o que sempre foi um plano, mais um dos seus planejamentos traçados, executados e finalizados com louvor.

Olhava de relance, capturando seu olhar preso em mim, enquanto o juiz proferia suas palavras em alto e bom tom e nos fazia as perguntas finais. Já tinha passado por isso uma vez e sabia como funcionava. Ele perguntava, o escrivão transcrevia e imprimia e, depois, assinávamos e estávamos um livre do outro, prontos para retornarmos as nossas vidas de antes.

— Leah... — Robert me chamou baixo, ficando bem próximo do meu ouvido. — Assine. — O loiro, lindo e melhor amigo de Marco, nosso advogado, deixou o papel a minha frente.

— Ah sim... — Meio aérea, peguei a caneta que me ofereceu e assinei onde indicava o local em que deveria fazer.

Foi a vez de Marco.

Ele sorriu, aquele sorriso que me derrubava e me fazia sentir todo meu líquido me inundar. Aquele mesmo que fazia quando prometia e me exigia coisas das quais eu era incapaz de negar. Por segundos me perdi, encarando-o, pensando no que estava tramando, mas perdemos o contato visual quando abaixou a cabeça e passou a assinar o papel.

— Prontinho, meritíssimo. — Marco voltou a folha anterior sobrepujando a que tinha assinado, concretizando o fim do nosso casamento. — Se me permite, Vossa Excelência, peço para me retirar e o doutor Lewis depois leva para mim a cópia da audiência.

O homem assentiu dando permissão a Marco para sair e, sem me olhar, saiu sorridente fechando os botões de seu terno. Me deixando para

trás.

O que eu esperava, né?!

Que ele viria me dar um abraço de consolo depois?

Engoli em seco, sentindo meu rosto esquentar com vontade de cair em prantos ali. Não sei se seria forte o suficiente para segurar o choro. Eu quis assim também, não adiantava mais nada agora.

Eu voltava a ser Leah Canttaneo...

— Mas que confusão é essa? — O juiz levantou as folhas e chacoalhou-as no ar. Seu tom era de irritação.

Robert, com permissão de aproximar-se, retirou as folhas da mão dele, expressou suas condolências e começou a rir antes de me mostrar.

Na linha que era para estar escrito e assinado por Marco estava:

“Desculpa, loira. Mas não é hoje que vai se ver livre de mim. Ainda não terminamos nosso plano, você e eu para sempre, ou até enquanto durar!”

— Meritíssimo, nos perdoe, mas meu cliente, pelo visto, voltou atrás. — Robert se desculpou e me mantive cataplética, segurando o papel, sentindo meus lábios abrirem um sorriso ao reler várias vezes o que ele havia escrito.

Fugindo de qualquer protocolo, sem pedir permissão ou me desculpar, me vi desvestindo qualquer postura educada ao sair da sala e ir à sua procura.

Andei pelos corredores procurando-o, mas não o achei e imaginei que poderia ter voltado para seu carro. Tentei andar o mais depressa possível. Amaldiçoei o corte desta saia que me impedia também de ir mais

rápido, mas, assim que ganhei as grandes portas, do alto da escadaria do fórum o achei, encostado na lataria do seu carro. Estava com os braços cruzados na altura do peito, usando os óculos escuros.

Conforme me aproximava, conseguia ver seu sorriso debochado e sedutor que tanto gostava em seu rosto. Marco não se moveu e manteve-se assim até eu alcançá-lo e parar a sua frente.

— Por que?

— Por que? — repetiu minha pergunta, desencostando parte do seu corpo do carro. Se esticando, me alcançou e me puxou para o vão das suas pernas. O solavanco me pegou desprevenida e, para me equilibrar, espalmei minhas mãos em seu peito e empinei o rosto tentando ver atrás das lentes escuras.

— Marco...

— Leah... fica quieta agora. — Ele tirou os óculos com uma das mãos, mantendo a outra na curvatura do meu flanco, me aprisionando ali. — Por que? Vou te responder uma única vez... Odeio não conseguir lê-la e planejar como vou agir, quando você se entoca nessa pose de falsa moralista. Pronto!

Abri a boca, mas seu olhar parou e sinalizou que ainda ele falaria mais.

— Porque não planejei nada disso, planejei te foder muito a noite passada e fazê-la enxergar que podíamos tentar. Quero te pedir desculpas por não ter planejado nosso filho e ter surtado daquele jeito. — Mordi os lábios segurando as lágrimas e o sorriso de felicidade até ele terminar de falar. — Porque não tínhamos planejado ele, mas planejei ficar casado com você até todo esse sentimento que sinto passar. Era assim que combinamos,

não era? — Balancei a cabeça, confirmando, vendo o sorriso que tanto me arrasava ali, presente naquela boca que tanto me deixa doida para ser engolida por ela. — E tenho que te falar uma coisa: esse plano vai ser para sempre, porque te amo, minha loira safada. — Terminou de falar e não me deu a oportunidade de retrucar, travando minha nuca com a mão e conduzindo-a na direção da sua boca.

Marco, me envolveu deslizando seus lábios vorazes, engolindo minha boca, em um beijo esfomeado, carregado de significados e promessas, ou melhor, como ele gostava de lidar: cheio de planejamentos.

— Pelo visto vou ter que ir embora de táxi? — Sorrimos um no lábio do outro antes de virar a cabeça e ver Robert segurando sua pasta nos olhando.

— Vai... E amanhã vamos jantar na sua casa. — Marco respondeu. — Não quero que chame Mike e Casey, ainda preciso tratar um assunto com ele por foder minha esposa sem minha permissão.

— Marco... — Olhei para cima para repreendê-lo, mas abusadamente segurei meus lábios entre seus dedos, apertando-os ao fechar, me impedindo de contra argumentar.

— Xi... Você é minha, loira. Estou ainda muito puto de ciúmes com isso. — Sorri após soltar minha boca.

— Foi só uma vez.

— Poderia ter sido várias. Você é meu plano mais perfeito. Te amo, minha lindinha. — Não vimos se Robert havia ido embora, minha atenção voltou a ser só sua.

— É só um plano? — perguntei.

— Sim... Leah, você é meu plano para toda minha vida.

— Também te amo, Marco Valentino.

— Quero te levar para a cobertura e te foder a noite inteira, loira. Te fazer gozar várias vezes comigo enterrado em você. Estou com tantas saudades! Ainda mais depois de ontem que estava tão gostosa dentro daquele vestido. — Esse seu jeito decadente e sacana de falar combinava exatamente com o Marco que sempre conheci e que me fez ser louca por ele.

— Então faça, Valentino. — Me abraçou forte, mais ainda, juntando nossos corpos, me pescando pela boca em um beijo forte, cheio de sentimentos antes não existentes.

CAPÍTULO 52

MARCO

Entendi que meu plano sempre foi ela, que não deveria ser cheio de artimanhas para fazê-la ceder. Mas sempre vou ter esse lado que gosta de analisar, pensar e agir, arquitetando como tudo tem que ser. Era isso que nos unia. Essa artimanha de ser tudo de um jeito organizado e prático. Não contava que no meio, da forma como planejei, eu e meu monstro iríamos no ver rendidos pela loira gostosa. Éramos completos em tudo, desde a forma decadente em que trepávamos até o sentimento que cresceu em nós dois, unidos pelo sexo que virou amor.

Depois de me fartar na boca da loira, encostado no carro como um casal de adolescentes a levei para sua cobertura e desde a entrada até a sua cama fui beijando-a, dando um jeito de tirar sua roupa o mais rápido que pude. Foram meses procurando o que só ela tinha.

— Vadia demais de ir na audiência para se separar do seu marido vestindo uma calcinha dessas. Ia dar para quem? Sua safada. — Estapeei a

bunda branquinha e empinada ganhando uma risada rouca e debochada. A almofada branca ficou com o vergão vermelho dos meus dedos, me enchendo mais de tesão.

— Quem sabe... poderia ter pedido para me foder dentro do banheiro do fórum. — Ela era cheia de artimanhas; deliciosamente sensual. Ainda mais quando era sensual e se completava com uma linda lingerie, deixando-a mais sofisticada.

Leah usava um conjunto preto transparente, deixando seus mamilos à mostra, marcando a cor rosada na auréola redonda. A calcinha era mínima, um fio preso por um triângulo de tule, deixando a bocetinha depilada aparecer pela transparência e a fina tira atrás se perdia no vão da sua deliciosa bunda. Meu pau já estava babado, esperando as pequenas mãos ágeis dela liberá-lo.

Quem estava gostando era a fera, que deixei sair de uma vez por todas de sua coleira, deixando-o vir e tomar o que tanto queria.

Gemi, quando minha cueca e calça foram puxados para fora e meu falo grosso pulou ereto e direto na pequena mão da minha loira safada.

— Sem planos, só uma esperança. — Leah respondeu após resfolegar sua mão, descobrindo toda pele da extensão dura, indo até o talo. Fazendo como gostava, lento ao voltar e parar na cabeça bulbosa, cheia de pré-semên. A filha da mãe sabia do quanto gostava quando encaixava sua unha comprida na entrada da uretra.

Urrei e mordi seu lábio, puxando sua boca para a minha, com uma fome absurda, louco para a me fartar em seu corpo maravilhoso.

— Vou te foder muito, sua cretina. — Retirei o restante da roupa que ainda eu vestia e depois fiz o mesmo para o conjunto de calcinha e sutiã

que usava. Jogando tudo ao chão.

A peguei no colo, após me esfregar em seu corpo e sentir sua pele sedosa, que tanto me enfeitiçava. Pelo visto, hoje ela foi para nossa despedida preparada, pois o cheiro oriental que tanto gostava de sentir em seu corpo estava ali. Esfreguei meu nariz por toda a curva do seu pescoço e colo, aspirando e me inebriando do perfume erótico que sempre usava.

A loira fogosa, com suas pernas ao redor da minha cintura, se esfregava, raspando sua boceta molhada no meu púbis, enquanto meu pau resfolegava logo abaixo, sentindo pingar o creme que escorria da sua vagina.

— Sua falsa freira do caralho, esfrega mais. Que boceta quente — disse, mantendo minha boca pressionada aos seus lábios fartos, que se alargavam.

— Venha me foder logo, Valentino, e para de me atiçar.

— Está muito impaciente, minha linda. Mas... — Me ajeitei e deixei a cabeça bulbosa agora se encher e molhar fechando o canal vaginal. Leah mantinha-se agarrada com pernas e braços ao meu redor quando segurei a lateral do quadril e remexi deixando só a cabeça do meu pau entrar. Sem pressa, fechei meus olhos, me deliciando ao começar me enfiar no meu lugar preferido em seu corpo.

Ela toda era meu prazer completo e a trouxe mais ainda de pé, empalando-a até o talo. O verde dos seus olhos cintilou, faiscando ao me envolver. Estava todo dentro do seu corpo, sentindo as paredes da sua vagina quente e molhada me apertar ao me engolir, me estrangulando deliciosamente com suas contrações. Foi um conjunto dessa pequena porção nossa que me fez ficar ali, parado, com ela no meu colo, todo

enterrado em sua boceta, olhando em seus olhos, tentando ler o significado de cada coisa que eles tentavam me dizer. Embora só conseguia sentir o alívio que foi, ao saber que meus planos com ela ainda seriam os mesmos e agora perpétuos.

Deixando de existir aquele animal, misturei o céu e o inferno que habitavam dentro de mim, me unificando em um só para sempre com a fera, que foi domada por ela. Leah tornou-se sua dona e o teria para sempre rendido aos seus pés.

— Porra, estou fodidamente apaixonado por você, loira — quebrei o gelo.

— Eu também, meu diabo de olhos verdes — declarou e tragando novamente sua boca a beijei sem pudor, sentindo o esfregaço que conseguia fazer com sua bocetinha gostosa, tentando remexer entalada pelo meu *cacete*.

Carreguei-a até a cama e, sem sair do seu corpo, deitei-a sobre o colchão. Ainda bem que Leah era delicada e bem menor que eu, isso me possibilitava mexer com seu corpo como uma boneca e fazer dele minha diversão predileta.

Sem deixar de olhar em seus olhos sustentei meu corpo sobre o seu, me mantendo entre suas pernas com as mãos apoiadas na maciez abaixo de nós.

Antes de embalar meu quadril saindo e voltando, me aconcheguei e entrelacei meus dedos nos seus, segurando suas mãos ao lado do seu rosto ao deixar meu corpo cair e minha boca ir direto na sua. Brinquei com seu lábio inferior, chupando-o e mordendo-o.



LEAH

Em toda minha vida, nunca me senti em plenitude total como desde o momento que Marco confessou me amar. Tão diferente do que deveria ser. Compartilhávamos, desde o início, essa atração absurda de fodermos, mas não esse carinho, esse sentimento gostoso, que, além de me aquecer, me preenchia.

Confesso que eu queria muito que ele voltasse atrás, como voltou, mas não esperava esse sentimento ser tão absoluto e envolvente por parte dele. Marco sempre fora o homem mais misterioso e interessante, ao mesmo tempo que mostrava ser aberto, ele era cheio de planejamentos. A forma como sempre arquitetou tudo foi o que me envolveu nesse tempo em que mantivemos um casamento, mas acho que a maior fachada não era para os outros e, sim, para nós mesmos.

— Que cheiro, que pele e que boceta, loira! Estava com tantas saudades. — Marco embalava seu corpo lento, investindo todo seu pau até ficar púbis com púbis, me abrindo, me comendo com a ondulação perfeita das suas investidas.

Conforme nos beijávamos, ele aumentava o ritmo chegando a ser absurdo esse tesão que me deixava doida.

Montando em mim como um garanhão, seu corpo se movimentava estocando duro e forte enquanto me beijava, intercalando com gemidos e urros dentro da minha boca. Eu o queria tanto que apertava o quanto podia, contraindo toda a vulva ao redor do falo grosso que tanto gostava.

Ele estava muito carinhoso, mas não durou muito para sua natureza bruta e feroz vir e me pegar de jeito. Sua boca agora não me dava beijos, ela me mordida e sua língua buscava cada ponto da minha pele, deslizando cálida e voraz até meus seios. Marco mamou, sugando minhas mamas com uma voracidade desatinada, estocando forte e duro ao mesmo tempo.

— Ah... Marco! — Arfei, quando senti todo meu corpo reverberar, se arrepiando, deixando cada pelo em mim em pé. — Vou gozar...

— Goza no pau do seu marido, minha loira safada. Me dá sua porra deliciosa, molha a cabeça dele que estou doido para esporrar todo dentro de você. — Decadente como sempre, Marco agitou com mais velocidade me jogando em gozo enquanto sentia nossos líquidos me inundar tudo de uma vez. Meu ventre contraía na mesma sincronia que os últimos espasmos do seu pau, jorrando os últimos goles de sua semente.

Ainda duro, mexendo involuntariamente ao se contrair dentro de mim, tremendo, o diabo de olhos verdes se ergueu e me encarou antes de sorrir sem pretensões futuras. Todo espontâneo e lindo. Correspondi e ergui o pescoço e cabeça para beijar sua boca tão linda.

Foi assim por toda noite... Banho e cama. Uma mistura de lugares e posições nos consumiu em puro sexo. Era decadente e ao mesmo tempo carregado de significados e sentimentos. Nossa rotina agora eram nossos planos arquitetados por ele. Nunca vi um homem ser do gelo ao fogo em todos os sentidos, mas Marco era muito mais... era o céu e o inferno ao mesmo tempo.



MARCO

UMA SEMANA DEPOIS

— Vivi trinta anos para ver isso. — Luca com suas expressões bizarras batia no meu ombro zombando.

Trouxe Leah para conhecer a cobertura e o quarto do prazer. Inclusive, a danada gostou do que ficou sabendo. Nessa semana que passamos a viver verdadeiramente como um casal, nos abrimos e descobrimos coisas um do outro. Minha loira sacana tinha compulsão sexual e fazia tratamento, o que ela nunca achou como eficácia e revelou que seu melhor tratamento era fodermos. Após sua revelação, acabei contando aquela parte do meu passado que só Robert sabia. Tive que falar quem era Louise, após me questionar sem ciúmes e foi como abrir a caixa de pandora. Acabei contando tudo e que também praticava *asfixiofilia*

compulsiva, mas, que quando entrou na minha vida, ela substituiu esse desejo desenfreado que tinha por esse tipo de prazer. Mas acho que abri minha boca demais. Pois agora ela estava curiosa para conhecer meu quarto. O que não tinha problema nenhum, mas o empecilho eram os moradores do meu apartamento. Por isso, prometi que daria um jeito de levá-la até lá para fazer um tour rápido pelo meu quarto e o que ele escondia.

— Luca, quando vai crescer? — perguntei e derrubei um gole da cerveja, deitando o gargalho nos lábios enquanto observava Leah brincar com Josh, me encantando mais em saber que ela comigo agora não tinha poses e nem máscaras.

— Calma, irmão. Todos ainda não conseguem acreditar que se manteve casado. Que não se separou e fez um teatro no fórum.

— Porra! Robert, depois que Léo engravidou, não fode e fica por aí fofocando.

— Ele contou na reunião que você se declarou no papel da separação.

— Sim. Eu queria a loira e precisava impressionar.

Leah virou o rosto e me pegou no flagra, olhando na sua direção. Ela sorriu tão deliciosamente que não só pensei em sacanagem, mas como estava tão linda ali naquela pose. E foi vendo-a feliz, com seu olhar brilhando, que tracei um plano...

Epilogo

LEAH

MESES DEPOIS

— Já conferiu se todos os banheiros estão vazios? Não vou querer nenhuma loira me vendo através do espelho. — Marco disse, vindo como um animal feroz, me prensando contra o mármore gelado daquele banheiro.

— A loira vai estar olhando olho no olho enquanto soca firme todo seu pau grosso e gostoso na boceta dela.

— Que boca mais depravada, senhora Valentino! — O riso traçado, com aquele ar sedutor e diabólico estava ali.

Assim como o diabo de olhos verdes, planejei esse dia meses atrás quando Giovani mencionou em um jantar que faria uma festa de aniversário para Bella. E foi delicioso ver seus olhos se estreitarem quando me aproximei do seu ouvido, sentado perto de seus irmãos e suas cunhadas, e disse:

— *Me come no banheiro, te espero lá.*

Não teve preço que pagasse, ao ver como me encarava, me deixando mais excitada ao ver o sorriso em seus lábios e na boca gostosa.

Marco se esfregou em mim, rápido e decrepito, mostrando o quanto seu pau estava grosso e inchado, todo apertado dentro da calça de alfaiataria. Me vi tão luxuriosa ao não repetir a forma como foi, mas fazendo diferente.

— Achei que aprovasse esse comportamento meu. — Ri, brincando com o jogo de palavras e com a luxúria em seus olhos.

Levei minhas mãos em sua cintura e puxei seu quadril pela fivela do cinto. Desafivelei mantendo meu olhar no seu.

— Vai fazer o quê, loira?

— Vou te chupar e depois vai me comer, Valentino.

— Porra, Leah, só de pensar você mamando em mim já fico louco para gozar nessa sua boca gostosa.

— Então vamos fazer do jeito que quer... — Abaixei após tirar o falo grosso, livrando-o através da fenda do zíper. Salivei ao vê-lo, imponente, ladeado por veias grossas, com a cabeça grande e lustrosa de

líquido, melando-o. Estava tão quente e cheio que minha boca só encheu mais de água, doida para chupá-lo. De joelhos caí e abocanhei, escorregando a rigidez salgada de pré-semên para dentro da minha cavidade oral, deixando ir até o fim. Marco me ajudou segurando meu cabelo.

Olhei para cima e encontrei seu olhar de rapina semicerrado em mim, enquanto minha boca o engolia por inteiro. Brinquei prensando meus lábios, movimentando e chupando a glândula grande. Bruscamente fodeu minha boca ao enrolar sua mão em um tufo do meu cabelo. Arreganhei meus lábios ao máximo que podia para receber as investidas em minha boca. Sentia a pulsação aproximando o gozo, mas fui surpreendida por suas mãos me agarrarem e me tirarem dali, me virando de costas, me deixando de frente para o espelho. Unindo-se a mim, Marco puxou o tecido do meu vestido e enrolou a renda na minha cintura deixando minha bunda de fora. Nossos olhares se encontraram pelo reflexo do espelho, enquanto voltava a se afundar em outra parte do meu corpo.

— Não está apertando sua barriga na pia, loira? — Neguei com a cabeça a pergunta preocupada.

— Fica tranquilo! Não vai machucar o bebê, Marco.

Mais uma que ele aprontou.

Marco deu um jeito para eu ficar grávida me pegando desprevenida e não ele. Estava já entrando no segundo mês de gestação quando comecei com enjoos. Ele foi tão premeditado que dessa vez quem surtou fui eu.

Fiquei puta por ter sido ludibriada, quando me contou que me confundiu jogando algumas pílulas fora para atrapalhar meu ciclo. Ele foi tão cínico quando um dia fiquei me perguntando se naquele dia havia tomado. Por várias vezes pegava a cartela e me questionava se tinha feito o

uso no dia. Geralmente, eram em dias que nossas agendas eram cheias e ele, para me convencer, mentia dizendo que até me viu tomando. O que resultou em uma gravidez. Me pegando despreparada para reviver esse pequeno plano em nossas vidas. Quando fiquei sabendo tive tanto medo de contar para ele, mas no dia que o rodeei esperando o melhor momento para contar, o diabo de olhos verdes, soltou de cara que sabia que eu estava grávida.

Chorei e fiquei muito brava. Com receio de passar por tudo de novo, não só em relação a um aborto espontâneo, mas com nós dois. Contudo, para me tranquilizar, Marco foi tão sóbrio e cheio de senso, ao me sentar em seu colo e me acalmar, contando a mim a outra parte da sua história de como não tinha referência alguma como ser pai e confessou o medo que tinha de não ser bom o suficiente e acabar errando. Assim como ele, eu também não tive referência de como ser mãe, sendo que perdi a minha muito cedo e as mulheres que passavam na cama de meu pai eram prostitutas ou mulheres quase da minha idade. E foi a minha vez de aquietá-lo e fiquei toda derretida quando me disse que estava vencendo essa parte da sua vida quando me viu brincar com seu sobrinho e que desejou me ver daquela maneira todos os dias.

Agora estávamos fodendo deliciosamente, nos conectando de novo como da primeira vez. Nos olhando, nos vendo um ao outro.

— Por que está sorrindo assim? — Marco entrou em mim e pousou seu queixo sobre meu ombro, me encarando através do espelho.

— Porque te amo e que quero que me foda logo.

— Ah... loira... sua *exibicionista* do caralho. — Se afundou e remexeu tão deliciosamente sussurrando ao morder meu pescoço.

Fodemos no banheiro e saímos como se nada tivesse acontecido. Brincávamos deliciosamente com essa compulsão sexual e ainda mantínhamos a mesma forma de querer um ao outro.

7 MESES DEPOIS

— Loira... deixa ele mais um pouco aqui... — Me pediu falando tão baixo, envolvendo sua mão na curvatura de Jeremy, que estava todo encolhido sobre o tórax nu, trabalhado e musculoso. O pequeno presente em nossa vida ressonava tão tranquilo.

— Você o está acostumando mal — repreendi, mas o entendi.

Para quem não queria filhos, Marco se mostrou estar caído e rendido pelo filho de dois meses. Jeremy nasceu, nos pegando de surpresa, precisando ficar seus primeiros dias na UTI. Ele acabou broncoaspirando água no momento da cesária e precisou de um aporte a mais de oxigênio.

Nunca vi Marco ficar desesperado e perder o centro do seu auto equilíbrio. Ele não dormiu, não comeu, ficou até mais preocupado que eu e só vi a luz e o brilho voltar em seus olhos quando o médico disse, que nosso bebezinho poderia ir para o quarto. Desde então, ele todas as noites quando chega, toma um banho, pega Jeremy, coloca sobre seu peito e o faz dormir. Tudo traçado e rotineiro, muito bem planejado.

— Eu também te amo, loira, agora vai se preparar que vou te levar para brincar naquela banheira enorme.

Outra coisa que em nossa vida mudou, foi a mudança para sua cobertura, Luca e Mellaine se mudaram para a casa nova. Ainda estava me acostumando com o covil do meu diabo de olhos verdes. O quarto do prazer foi desativado, mas montamos um local especial, quando fôssemos receber nossos amigos.

Mike e Marco demoraram se acertar. Outro detalhe que descobri sobre meu lindo marido. Ele não policiou mais a sua possessão sobre mim. Antes de engravidar, andamos por alguns clubes e me colocou algumas regras. Minha boca e meu gozo era só dele. Podíamos fazer a troca, mas no fim eu acabava gozando nos braços dele e ele alimentando sua fera comigo.

Um outro detalhe: há uma semana recebemos o convite, somos membros ativos de Apple Privê. Caim e Apple nos convidaram depois de um encontro só nós quatro, e desde então, entramos para o círculo de mais um casal, mas ainda assim prefiro estar com Marco todas as noites e dias.

— Também te amo. Estarei te esperando na banheira...

Fim que nada...

Spoiler Raf

A forma como eu via o seu sorriso de lado, tão inocente me atiçava mais.

Ela brincava com os meninos, jorrando água neles, enquanto eles faziam o mesmo com ela. Estava toda molhada, deixando marcar os pequenos seios no algodão branco. Minha boca secou e respirei pesado ao me atentar aos mamilos intumescidos.

Eles riam e eu os observava não tirando os olhos da loira que me tomou como um furacão.

Ainda estava tudo fora do lugar, uma bagunça completa que prometi a mim mesmo reorganizar, mas fui assaltado por essa sensação que seu olhar travesso atravessava a distância e me acertava em cheio. Mesmo brincando com James e Ralf, seus olhos de um verde claro, me fitava pelos cantos. Sua boca vermelha destacando no rosto alvo, me deixava mais louco de tesão que um dia fiquei. Ela estava com toda a roupa grudada no seu

pequeno corpo delicioso. Me lembrei da noite passada, quando acordei na madrugada e a vi na cozinha, de costas para mim, deixando a penugem loira escapar do coque no alto da cabeça e cair pela nuca tatuada. Ela tinha pequenas estrelinhas tatuadas, variando os tamanhos em um trio. Tracei-as em pensamentos naquele momento com a ponta da língua. Tudo nela sempre me agradou. E saber que sua boceta era quente como seu espírito só me deixava fodido e excitado, renovando em mim o homem que a duras provas da vida foi levando embora.

Ela me viu e encarou, deixando seus olhos relembrar como foi bom trepar sobre o balcão da cozinha. Tão decadente, destoando do seu jeito angelical.

Foi um ato diferente do que vivi, seu corpo com a pequena camisola se agarrando nele me levou a reviver coisas que jamais pensei vivenciar de novo.

Meu pau inflou, enchendo de sangue ao escutar sua voz mais baixa, convidativa. Meus olhos miravam suas curvas e as coxas branquinhas de fora. A diabinha, era o misto de tentação de anjo com o inferno, conseguindo envolver cada um de um jeito diferente.

Seus seios pequenos que cabem certos, todo dentro da minha boca, estavam excitados. Tentei me segurar, prometendo a mim mesmo que não a tocaria mais. Entretanto, senti o choque que foi, quando segurei em sua mão ao me entregar o pote de pasta de amendoim. E tudo foi para o espaço junto com a razão e todo autocontrole quando percebi o seu rebolar sobre a banqueta, sentando de pernas abertas, acomodando-se sobre o tampo de madeira. Engoli em seco enquanto preparava um sanduíche para mim, tentando me manter inerte, mas não estava conseguindo. Meus nervos estavam concentrados só no tesão que sentia naquele momento.

Ela tomava leite e brincava com a língua, limpando o bigode branco da bebida que surgiu no lábio superior.

Linda e perfeita. Muito tentadora.

Estava louco querendo sentir aquele arrepio, mas não podia. Contudo fiquei cego e agi irracionalmente, ao vê-la se remexer, esfregando sua bocetinha no banco. Me convidando com seu olhar de ingenuidade. Que só vim confirmar depois: que de ingênua ela não tinha nada. Mas quando percebi que havia sido enredado já estava beijando-a, segurando seu rosto dentro das minhas mãos e me enterrando dentro do seu corpo receptivo e delicioso.

Outras Obras

Duque por contrato

<https://amzn.to/2RCHhvT>

De Chanel de Valentino – Os Mafiosos 1

<https://amzn.to/33qdSdM>

Don Valentino – Os Mafiosos 2

<https://amzn.to/3hvuCFt>

Nata dos Valentino

<https://amzn.to/3mkjMph>

Luca Valentino – Os Mafiosos 3

<https://amzn.to/3kd0C2M>

Gypsy

<https://amzn.to/3kgTYse>

Só nós entre nós dois

<https://amzn.to/3kaTHqI>

O apostador

<https://amzn.to/3mjzKjA>

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por tudo em minha vida, pelas pessoas que saem e que chegam com sua permissão. Quero agradecer muito as minhas Betas e amigas; Mah Meireles, Filó Bonavita, Andrea Almendra, Tamara Borges, Lu Sobrinho, Kênia Drak, Charlene Beserra e a minha mais que amiga, minha irmã Silmara Izidoro. As palavras hoje seriam poucas para exaltar com exatidão o que tenho por vocês. Também quero agradecer a todos que estão do meu lado: Meu esposo, filha, aos meus pais e a minha pequena família. As amigas que torcem por mim. Muito obrigada mesmo. E em especial a você principalmente, leitora, que passou por aqui e tem acompanhado desde o primeiro livro da Saga dos Mafiosos. Não poderia de deixar de agradecer também a Anathiele e as parceiras do IG que tanto ajudam a levar meu trabalho por aí com suas resenhas:

@pageandbook,

@priscila_minhaleitura,

@delivrosumpouco,

@livros_eoutrosvicios,

@rossanenomundodoslivros,

@cafepipocaechocolate,

@um_capitulo,

@vicio_literario,

@charlenebeserra,
@contandoeuconto,
@leiturasdalary,
@nati_livrosderomance,
@leiturasdachriss,
@cantinhodolivro,
@nossomundo,
@nanaaraujo5,
@resenhasdamarinho,
@livro.pamor
@letture

Agora quero mais que agradecer a todas as Mafiosas da Stê, que convivem comigo todos os dias pelo whats, escutando minhas loucuras, minhas tpm's e minhas conquistas. Obrigadas minhas mafiosas que amo.

- Mah
- Lidianne
- Ângela
- Charlene
- Cleuza
- Daisy Capistrano
- Elisa
- Flávia
- Iris
- Jessika
- Leila
- Liris
- Andrea
- Carol
- Fernanda
- Glaucia
- Jessica Giraldes
- Joyce

- Rejiane
- Regilane
- Witoria
- Gleice
- Maiara
- Naty (minha natyriga)
- Neyla
- Pamêla
- Pam
- Paola
- Renata
- Rose
- Thais
- Tamara
- Valdirene
- Marllene (minha moranguinho gringa)
- Arianã
- Roberta
- Dani Taboarda
- Danny
- Taty Santos
- Rubi Vieira
- Alcyone
- Gleice
- Jessica
- Karina
- Rose
- Jessica
- Kenia
- Filó
- Luciana

Sobre a autora

Poderia vir aqui, dizer minha idade, dentre outras coisas, mas vou falar um pouquinho de como comecei. Quando tinha 18 anos trabalhava como diagramadora e arte finalista em um jornal local aqui na minha cidade, Poços de Caldas – MG, e queria muito cursar direito ou jornalismo, e talvez Publicidade e Marketing, porém, fui cursar enfermagem. Formei, fiz pós graduação e especializações na área, trabalhei em um hospital alguns anos e cheguei até lecionar para curso técnico de enfermagem, entretanto, não era o que queria. Larguei tudo, fiz curso de cabelereiro, maquiagem, fui vender roupa, depois criei minha marca de semijoias, tive uma equipe enorme de vendas, cresci como empresária, mas ainda faltava algo, não era realizada e com um salário muito bom em 2018 joguei tudo para o alto para dar vida, vida a frases e parágrafos e só o que posso dizer é que amo e a cada dia sou mais apaixonada por essa minha nova profissão. Hoje, aos meus 35 anos, libiana geniosa, mãe e esposa posso dizer que sou completamente realizada e graças a vocês. Vocês são simplesmente a fagulha da minha realização profissional. Obrigada! Agora se quer me

conhecer um pouco mais acessem minhas redes sociais e também no grupo Mafiosas pelo whatsapp.

www.facebook.com/stephaniade.castro

www.instagram.com/stephaniadecastroautora

<https://chat.whatsapp.com/FVI2RX6uZ3h7WU2Jv62jFU>

obrigada e até dezembro

[1] Asfixiofilia: (variadamente chamado asphyxiophilia , hipoxifilia ou jogo controle da respiração) é a restrição intencional de oxigênio para o cérebro, para efeitos de excitação sexual . O termo asfixia auto-erótica é utilizado quando o ato é feito por uma pessoa para si próprio.

[2] Algodão Pima: Produzido no Peru, a fibra é mais macia que a do egípcio e também com cordas fibrais mais longas.

[3] Pet Play: Prática de BDSM que usa como fetiche pessoas vestidas de animais para submeterem-nas a uma humilhação. Alguns desfilam com o parceiro preso a uma coleira e corrente, mostrando que são domesticados.

[4] Emeregildo Zenga: Marca famosa de ternos masculinos.

[5] Parafilias: Nomeclatura designada a quem sofre de compulsão sexual, seja ela qual for e da forma diferente que procuram para ter prazer.

[6] Voyer: Pessoas que se excitam em ver outras pessoas tendo relações sexuais.

[7] Exibicionista: Pessoas que gostam de ter relações sexuais em locais públicos.

[8] Crista Iliaca: Onde forma o V masculino, a ponta dos ossos dos quadris.

[9] Faquir: indivíduo que publicamente se submete a jejuns rigorosos e a duras provas de sofrimento físico sem dar sinais de sensibilidade. Ex: Como engolir uma espada.

[10] Praxiteles ([Atenas](#), c. 395 a.C. – 330 a.C.), foi um dos mais famosos [escultores](#) da [Grécia Antiga](#). Seno o escutor da estátua de Afrodite de Cnido.